Pascal

Os Pensadores

Pascal

"A ciência das coisas exteriores não me consolará da ignorância da moral, em tempo de aflição; mas a ciência dos costumes me consolará sempre da ignorância das ciências exteriores."

"Nossa natureza está no movimento; o inteiro repouso é a morte."

"Não há nada tão conforme à razão como a retratação da razão."

"O coração tem suas razões, que a razão não conhece."

"O pensamento faz a grandeza do homem."

"O homem não passa de um caniço, o mais fraco da natureza, mas é um caniço pensante. Não é preciso que o universo inteiro se arme para esmagá-lo: um vapor, uma gota de água, bastam para matá-lo. Mas, mesmo que o universo o esmagasse, o homem seria ainda mais nobre do que quem o mata, porque sabe que morre e a vantagem que o universo tem sobre ele; o universo desconhece tudo isso."

"Como os sonhos são todos diferentes e se diversificam, o que se vê neles afeta-nos bem menos do que o que se vê em vigília, por causa da continuidade, que não é, contudo, tão contínua e igual que não mude também, mas menos bruscamente, se não raramente, como quando se vigia; e então se diz: 'Parece-me que sonho', pois a vida é um sonho um pouco menos inconstante."

PASCAL: *Pensamentos*

Os Pensadores

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP

P279p
3.ed.

Pascal, Blaise, 1623-1662.
Pensamentos / Blaise Pascal ; introdução e notas de Ch.-M. des Granges ; tradução de Sérgio Milliet. — 3. ed. — São Paulo : Abril Cultural, 1984.

(Os pensadores)

Inclui vida e obra do autor e A vida de Pascal, escrita por Mme. Périer, sua irmã.

1. Filosofia francesa 2. Pascal, Blaise, 1623-1662 I. Des Granges, Charles Marc, 1861-1944. II. Milliet, Sérgio, 1898-1966. III. Périer, Gilberte Pascal, 1620-1687. IV. Título. V. Série.

83-1880

CDD-194

Índices para catálogo sistemático:
1. Filosofia francesa 194
2. Filósofos franceses : Biografia e obra 194
3. França : Filosofia 194

BLAISE PASCAL

PENSAMENTOS

Introdução e notas de **Ch.-M. des Granges**
A Vida de Pascal escrita por **Mme. Périer**, sua irmã
Tradução de **Sérgio Milliet**

1984
EDITOR: **VICTOR CIVITA**

Título original:
Pensées

© Copyright desta edição, Abril S.A. Cultural,
São Paulo, 1973. — 2.ª edição, 1979. 3.ª edição, 1984

Tradução publicada sob licença de
Difel Difusão Editorial S.A., São Paulo.

Direitos exclusivos sobre "Pascal — Vida e Obra",
Abril S.A. Cultural, São Paulo.

PASCAL

VIDA E OBRA

Consultoria de **Marilena de Souza Chauí**

Nascido em Clermont-Ferrand, a 19 de junho de 1623, Blaise Pascal era filho de Étienne Pascal, presidente da Corte de Apelação, e de Antoinette Bégon. Segundo sua irmã e biógrafa, Gilberte Périer, Pascal revelou desde cedo um espírito extraordinário, não só pelas respostas que dava a certas questões, mas sobretudo pelas questões que ele próprio levantava a respeito da natureza das coisas. Tendo perdido a mãe aos três anos de idade e sendo o único filho do sexo masculino, o pai apegou-se muito a ele e encarregou-se de sua instrução, nunca o enviando a colégios. Mesmo quando, em 1631, a família Pascal mudou-se para Paris, a educação de Blaise permaneceu ao encargo do pai. A irmã Gilberte escreverá mais tarde: "A máxima dessa educação consistia em manter a criança acima das tarefas que lhe eram impostas; por esse motivo só deixou que aprendesse latim aos doze anos, para que aprendesse com maior facilidade. Durante esse intervalo não o deixou ocioso, pois o ocupava com todas as coisas de que o julgava capaz. Mostrava-lhe de um modo geral o que eram as línguas; ensinou-lhe como haviam sido reduzidas as gramáticas sob certas regras, que tais regras tinham exceções assinaladas com cuidado, e que por esses meios todas as línguas haviam podido ser comunicadas de um país para outro. Essa idéia geral esclarecia-lhe o espírito e fazia-o compreender o motivo das regras da gramática, de sorte que quando veio a aprendê-las sabia o que fazia e dedicava-se aos aspectos que lhe exigiam maior dedicação".

Além das línguas, Étienne Pascal ensinava outras coisas ao filho: dava-lhe rudimentos sobre as leis da natureza e sobre as técnicas humanas. Tudo isso aguçava ainda mais a curiosidade do menino, que queria saber a razão de todas as coisas e não se satisfazia diante de explicações incompletas ou superficiais. Diante de uma explicação insuficiente, passava a pesquisar por conta própria até encontrar uma resposta satisfatória e quando se defrontava com um problema, não o largava até resolvê-lo plenamente. Aos onze anos, suas experiências sobre os sons levaram-no a escrever um pequeno tratado, considerado muito bom para sua idade.

Étienne Pascal era matemático e sua casa era muito freqüentada por geômetras. Como queria que Blaise estudasse línguas e, sabendo

como a matemática é apaixonante e absorvente, evitou por muito tempo que o filho a conhecesse, prometendo-lhe que a ensinaria quando ele já soubesse grego e latim. Essa precaução serviu apenas para aumentar a curiosidade de Blaise, que passou a se divertir com as figuras geométricas que o pai lhe havia mostrado. Procurava traçá-las corretamente; depois passou a buscar as proporções entre elas e, afinal, depois de propor axiomas relativos às figuras, dedicou-se a fazer demonstrações exatas. Com isso chegou até a 32.ª proposição do livro I de Euclides. Estarrecido, o pai verificou que o filho descobrira sozinho a matemática. A partir de então, Blaise recebeu os livros dos *Elementos* de Euclides e pôde dedicar-se à vontade ao estudo da geometria. Os avanços foram rápidos: aos dezesseis anos escreveu o *Tratado Sobre as Cônicas*, que, no entanto, por sua própria vontade, não foi impresso na época.

Entre a ciência e a religião

Não apenas na matemática revelou-se o gênio precoce de Pascal. Nas demais ciências realizou surpreendentes progressos e aos dezenove anos inventou a *máquina aritmética*, que permitia que se fizesse qualquer operação sem lápis nem papel, sem que se soubesse qualquer regra de aritmética, mas com segurança infalível. O invento de Pascal foi considerado uma verdadeira revolução, pois transformava uma máquina em ciência, ciência que reside inteiramente no espírito. A construção da máquina foi, todavia, muito complicada e Pascal levou dois anos trabalhando com os artesãos. Essa fadiga comprometeu definitivamente sua saúde, que se tornou muito frágil daí por diante.

Aos 23 anos, tendo tomado conhecimento da experiência de Torricelli (1608-1647) referente à pressão atmosférica, realizou uma outra denominada "a experiência do vácuo", provando que os efeitos comumentes atribuídos ao vácuo eram, na verdade, resultantes do peso do ar. Mais tarde — a partir de 1652 —, Pascal passou a se interessar pelos problemas matemáticos relacionados com os jogos de dados. As pesquisas que fez a esse respeito conduziram-no à formulação do cálculo das probabilidades, que ele denominou *Aleae Geometria (Geometria do Acaso)*. O chamado Triângulo de Pascal foi um dos resultados dessas pesquisas sobre jogos de azar: trata-se de uma tabela numérica que, entre outras propriedades, permite calcular as combinações possíveis de *m* objetos agrupados *n* a *n*.

Um dos últimos trabalhos científicos de Pascal nesse período é o *Tratado Sobre as Potências Numéricas*, em que aborda a questão dos "infinitamente pequenos". A essa questão voltará mais uma vez em 1658, num derradeiro estudo científico sobre a área da ciclóide, curva descrita por um ponto da circunferência que rola sem deslizar sobre uma reta. O método aplicado por Pascal para estabelecer essa área abriu caminho à descoberta, mais tarde, do cálculo integral, realizada por Leibniz (1646-1716) e Newton (1642-1727).

Em Ruão, para onde se havia mudado a família Pascal, Blaise conheceu Jacques Forton, senhor de Saint-Ange-Montcard, com quem teve as primeiras discussões a respeito da Bíblia, dos dogmas da Igre-

ja Católica e da teologia em geral. Blaise e outros jovens, seus amigos, logo consideraram Saint-Ange-Montcard um herético pernicioso. Começa então a fase apologética da obra de Pascal, quando ele se une aos jansenistas de Port-Royal, sob a influência de sua irmã, Jacqueline Pascal, que havia entrado para o convento. Segundo o relato de Gilberte, Jacqueline conseguiu persuadir o irmão de que "a salvação devia ser preferível a todas as coisas e que era um erro atentar para um bem passageiro do corpo quando se tratava do bem eterno da alma". Pascal tinha então trinta anos, quando "resolveu desistir dos compromissos sociais. Começou mudando de bairro e, para melhor romper com seus hábitos, foi morar no campo, onde tanto fez para abandonar o mundo que o mundo afinal o abandonou".

Assim, depois do período em que procurou a verdade científica e a glória humana no domínio da natureza e da razão, Pascal dirigiu seu interesse para as questões da Igreja e da Revelação, acalentando o projeto de reunir a sociedade laica e a cristã e de combater a corrupção que teria sido causada pela evolução dos últimos séculos. Nesse período escreve o *Memorial*, obra mística, e os trabalhos de cunho apologético *Colóquios com o Senhor de Saci Sobre Epicteto e Montaigne* e as *Provinciais*.

Na verdade, Pascal foi decisivamente marcado por um acontecimento, que determinou a mudança de sua trajetória espiritual: o "milagre do Santo Espinho". O fato é narrado pela irmã de Pascal, Gilberte Périer: "Foi por esse tempo que aprouve a Deus curar minha filha de uma fístula lacrimal que a afligia há três anos e meio. Essa fístula era maligna e os maiores cirurgiões de Paris a consideravam incurável; e enfim Deus permitiu que ela se curasse tocando o Santo Espinho que existe em Port-Royal, e esse milagre foi atestado por vários cirurgiões e médicos, e reconhecido pelo juízo solene da Igreja". A cura de sua sobrinha e afilhada repercutiu profundamente em Pascal: "... ele ficou emocionado com o milagre porque nele Deus era glorificado e porque ocorria num tempo em que a fé da maioria era medíocre. A alegria que experimentou foi tão grande que se sentiu completamente penetrado por ela, e, como seu espírito ocupava-se de tudo com muita reflexão, esse milagre foi a ocasião para que nele se produzissem muitos pensamentos importantes sobre milagres em geral".

As análises sobre o milagre são fundamentais no pensamento de Pascal, pois determinam o centro de todas as suas reflexões religiosas e filosóficas: a figura de Cristo, mediador entre o finito (as criaturas) e o infinito (Deus criador). Em função de Cristo, Pascal estabelece a verdadeira relação entre os dois Testamentos: o Antigo revelaria a justiça de Deus, perante a qual todos os homens seriam culpados pela transmissão do pecado original; o Novo revelaria a misericórdia de Deus, que o leva a descer entre os homens por intermédio de seu Filho, cujo sacrifício infunde a graça santificante no coração dos homens e os redime. A idéia central de Pascal sobre o problema religioso é, portanto, a de que sem Cristo o homem está no vício e na miséria; com Cristo, está na felicidade, na virtude e na luz.

A figura de Cristo permite ainda a Pascal distinguir os pagãos, os judeus e os cristãos: os pagãos (isto é, os filósofos) seriam aqueles que acreditam num Deus que é simplesmente o autor das verdades geométricas e da ordem dos elementos; os judeus seriam os que acre-

ditam num Deus que exerce sua providência sobre a vida e os bens dos homens a fim de dar-lhes uma seqüência de anos felizes; já os cristãos seriam os que crêem num Deus de amor e de consolação, que faz com que eles sintam interiormente a miséria em que vivem e a infinita misericórdia de quem os criou. Somente aquele que chega ao fundo da miséria e da indignidade e que sabe que essa é a natureza humana poderá sentir a necessidade do mediador (Cristo), chegando por intermédio dele a conhecer o verdadeiro Deus, pois só o mediador poderia reparar a miséria do homem.

Jansenismo e monarquia absoluta

Com o intuito de reformular globalmente a vida cristã, o holandês Cornélio Jansênio (1585-1638) deu início a um movimento que abalou a Igreja Católica durante os séculos XVII e XVIII. Descontente com o exagerado racionalismo dos teólogos escolásticos, Jansênio — doutor em teologia pela Universidade de Louvain e bispo de Ypres — uniu-se a Jean Duvergier de Hauranne, futuro abade de Saint-Cyran, que também pretendia o retorno do catolicismo à disciplina e à moral religiosa dos primórdios do cristianismo. Os jansenistas dedicaram-se particularmente à discussão do problema da graça, buscando nas obras de Santo Agostinho (354-430) elementos que permitissem conciliar as teses dos partidários da Reforma com a doutrina católica.

Jansênio em sua obra *Augustinus* declarava que a razão filosófica era "a mãe de todas as heresias". Baseando em Santo Agostinho sua doutrina do dúplice amor, sustentava que Adão, antes de pecar, era livre; pelo pecado perdeu a liberdade e tornou-se escravo da concupiscência, que o arrastou para o mal. Em conseqüência disso, o homem não pode deixar de pecar, a não ser que intervenha a caridade (amor celeste), que o orienta infalivelmente para o bem. Submetidos à lei férrea desse dúplice amor, os seres humanos tornaram-se escravos da Terra ou do Céu, arrastados para a condenação ou para a salvação. Desse modo, independentemente das ações que cometa, o homem estaria predestinado para o céu ou para o inferno.

O jansenismo expandiu-se principalmente na França, graças à atuação do abade de Saint-Cyran e de Antoine Arnauld (1612-1694), que, juntamente com outros intelectuais, instalaram-se em Port-Royal. Ali o jansenismo assumiu forma ascética e polêmica, apresentando-se como um verdadeiro cisma, que logo foi atingido pelos anátemas do papa.

Era uma época de profundas transformações políticas na França. A monarquia, em sua evolução, passava de monarquia temperada do antigo regime (caracterizada pela primazia da realeza sobre os senhores, graças ao apoio do Terceiro Estado, do corpo de legistas, de administradores e de oficiais) à monarquia absoluta, na qual as atribuições dos oficiais e das cortes são transferidas para o corpo de comissários do rei. Os iniciadores do movimento jansenista na França — Saint-Cyran, Arnaud d'Andilly, Antoine Le Maître — pertenciam à nobreza togada e em especial a um grupo desses nobres que esperavam passar à condição de comissários do rei. É a ideologia que vai diversificar o interior desse grupo apresenta como núcleo a afirmação da im-

possibilidade radical de se realizar uma vida válida neste mundo; isso leva homens e mulheres não apenas a abandonar a vida mundana, no sentido corrente do termo, mas a abandonar toda e qualquer função social.

Antes do início do movimento, os mais destacados integrantes do grupo de Port-Royal eram amigos e companheiros do cardeal Richelieu, embora dele discordassem quanto a alguns pontos importantes: preconizavam uma aliança com a Espanha católica e luta mortal contra os huguenotes, que estivessem dentro ou fora do país.

Até 1637, a oposição entre o grupo e Richelieu não consistia em indagar se a vida cristã era ou não compatível com a política, mas sim qual era a política cristã. A vitória de Richelieu desencadeou a ruptura com o grupo e um de seus membros (Saint-Cyran) permaneceu, durante dez anos, na prisão do castelo de Vincennes. A partir de então é que nasce o jansenismo propriamente dito: afirmação de que é impossível para o verdadeiro cristão e para o verdadeiro eclesiástico participar da vida política e social. A vanguarda jansenista era constituída por advogados e suas famílias, que se incompatibilizaram com a política de Richelieu; os simpatizantes do movimento eram, em geral, oficiais, advogados e membros das cortes supremas, desgostosos com o poder dos comissários do rei, que passaram a exercer as antigas funções dos oficiais e das cortes. Deve-se notar que o pai de Pascal era membro da Corte Suprema de Clermont-Ferrand.

A oposição dos jansenistas constituía apenas uma das modalidades de oposição que se fazia, na época, à monarquia e que contará com maior número de adeptos depois da Fronda (sublevação contra o primeiro-ministro Mazarin, que se estendeu de Paris às províncias, de 1648 a 1652). Mas o jansenismo apresentou duas vertentes: uma preconizava o retiro completo, a segunda optava pela militância religiosa. Esta última é que terá maior sucesso depois da Fronda e é ela que prossegue, no século XVIII, a luta contra a monarquia absoluta. Pascal participa de ambas as correntes, em momentos diversos de sua vida.

Da militância ao recolhimento

O jansenismo podia propor uma atitude abstencionista em relação à política porque estava constituído por pessoas que pertenciam a um grupo social cuja base econômica dependia diretamente do Estado. Enquanto nobreza togada, os oficiais, os membros das Cortes dependiam economicamente do Estado, embora, ideologicamente, dele se afastassem e a ele se opusessem. A situação dos jansenistas é, assim, paradoxal: exprime o descontentamento em face da monarquia absoluta, sem, contudo, poder desejar sua destruição ou sua transformação radical. Os jansenistas são trágicos porque vivem uma situação trágica — e por isso afirmam tragicamente a vaidade essencial do mundo e a salvação pelo retiro e pela solidão.

O centro da trajetória espiritual de Pascal reside no seu encontro com o jansenismo, que lhe permitiu exprimir melhor sua sede de absoluto e de transcendência. A vocação religiosa de Pascal encontra no jansenismo o solo favorável para sua expansão. O "milagre do

Santo Espinho" reforçou-lhe a tendência mística e a certeza de que "há alguma coisa acima daquilo que chamamos natureza" — como escreve sua irmã Gilberte. Até o encontro com o jansenismo havia na vida de Pascal uma contradição entre a primazia atribuída, em princípio, à religião, e a realidade prática de uma vida consagrada ao mundo. Esse encontro permite a Pascal estabelecer o acordo entre a consciência e a vida, através da militância religiosa que procura o triunfo da verdade (ciência) na Igreja e o triunfo da fé (religião) na sociedade laica. Esse acordo, porém, não se manterá. Todavia, será ainda entre os jansenistas que Pascal chegará à conclusão de que é importante retirar-se definitivamente do mundo e até mesmo da militância religiosa. Pascal transita, assim, entre as duas atitudes que já existiam entre os próprios jansenistas: da militância (Arnauld, Nicole) passa ao retiro (Barcos, Jacqueline Pascal). À fase apologética das *Provinciais* segue-se então a fase dos *Pensamentos*.

Essa mudança é determinada pela condenação do jansenismo pelo papa Alexandre VI. Pascal acaba submetendo-se ao poder papal — e isso significa que a militância religiosa não mais pode ser efetuada. Nessa terceira fase de sua vida, Pascal volta a dedicar-se à ciência (estudos sobre a ciclóide e sobre a roleta, seguidos de discussões com vários sábios da época), mas seus escritos religiosos perdem o tom apologético para se tornarem trágicos. Os *Pensamentos* revelam ser os escritos de um homem a quem "o silêncio eterno dos espaços infinitos apavora".

Na fase final de sua vida e de sua obra, Pascal exprime uma única certeza: a de que a única verdadeira grandeza do homem reside na consciência de seus limites e de suas fraquezas. "Pascal descobre a tragédia", escreve Lucien Goldmann, "a incerteza radical e certa, o paradoxo, a recusa intramundana do mundo e o apelo de Deus. E é estendendo o paradoxo até o próprio Deus — que para o homem é certo e incerto, presente e ausente, esperança e risco — que Pascal pôde escrever os *Pensamentos* e abrir um capítulo novo na história do pensamento filosófico."

Pascal morreu a 29 de agosto de 1662, à uma hora da madrugada. Tinha 39 anos de idade.

O século do Grande Racionalismo

O filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) denomina o século XVII de "século do Grande Racionalismo", e explica: "Momento privilegiado em que o conhecimento da natureza e da metafísica acreditaram encontrar um fundamento comum". O Grande Racionalismo buscou a harmonia do finito com o infinito: da natureza e de Deus, do homem e de Deus; buscou a harmonia do exterior e do interior, isto é, da alma e do corpo; buscou os fundamentos de tudo o que existe num plano visível e num plano invisível; acreditou no poder teórico e prático da razão, em sua capacidade para produzir o conhecimento verdadeiro das coisas e para dominar tecnicamente a natureza. A possibilidade dessas harmonias, dessas investigações e desse domínio fundam-se naquilo que é o "segredo do Grande Racionalismo": a admissão do infinito atual, isto é, de um ser atualmente

infinito, ou infinitamente infinito, produtor de si mesmo, das coisas e das verdades, e que é denominado Deus.

O século XVII representa a vitória do racionalismo filosófico e de seu corolário, o mecanicismo científico, contra a filosofia e a física aristotélico-tomista que preponderaram na Idade Média, e contra a filosofia animista que reinara durante o Renascimento. No período iniciado no século XVI, que se prolonga através do XVII, ocorre uma verdadeira revolução espiritual, que já foi chamada de "crise da consciência européia". O desenvolvimento de uma nova cosmologia substitui o mundo geocêntrico dos gregos e o mundo antropomórfico da Idade Média pelo universo descentrado da astronomia moderna. Ao mesmo tempo, como assinalam alguns historiadores, a "ciência contemplativa" foi substituída pela "ciência ativa" — o que fez com que o homem se transformasse de espectador em possuidor e senhor da natureza. No lugar da preocupação com o "outro mundo" (típica da mentalidade religiosa que predominou na Idade Média) colocou-se o interesse por este mundo, enquanto a imagem do universo como um organismo regido por uma finalidade foi substituída pela explicação causal e mecanicista.

Todos esses aspectos seriam, porém, segundo A. Koyré, "expressões concomitantes de um processo mais profundo e mais grave, em vista do qual o homem perdeu seu lugar no mundo, ou, mais exatamente, perdeu o próprio mundo que formava o quadro de sua existência e o objeto de seu saber, e precisou transformar e substituir não somente suas concepções fundamentais, mas as próprias estruturas de seu pensamento. (...) As mudanças produzidas no século XVII podem ser reduzidas a dois elementos principais, estreitamente ligados entre si: a destruição do cosmo e a geometrização do espaço".

A destruição do cosmo significa a destruição do mundo enquanto concebido como um todo finito e bem ordenado, no qual a estrutura espacial encarnava uma hierarquia de graus de valor e de perfeição, indo da matéria corruptível ao espírito eterno e puro. Nessa hierarquia, a Terra, pesada e opaca, ocupa o centro da região sublunar, mutável, corruptível e situada abaixo das "esferas celestes", dos astros imponderáveis, incorruptíveis e luminosos. O cosmo — mundo ordenado e fechado, provido de limites definidos — é então substituído por um universo infinito, que não mais comporta hierarquia natural e que se apresenta unido apenas pela identidade das leis que o regem em todas as suas partes componentes.

Dessa nova visão do universo decorre, como corolário, a geometrização do espaço. A concepção aristotélica do espaço era qualitativa e diferenciava os "lugares naturais" (o centro da Terra era o lugar natural dos corpos pesados, que por isso cairiam; o ar era o lugar natural dos corpos leves, que por isso subiriam, etc.). Essa concepção é substituída pela do espaço homogêneo da geometria euclidiana, onde todos os lugares são equivalentes. A geometrização do espaço, decorrência das leis físicas da queda livre e da gravitação, expulsou do pensamento científico as noções de valor, de perfeição, de hierarquia, de finalismo, estabelecendo o divórcio entre o mundo neutro dos fatos governados pelas relações de causa e efeito e o mundo dos valores.

A infinitização do espaço será vista por Pascal de maneira muito

peculiar. Por um lado, elaborará a famosa alternativa dos dois infinitos — em grandeza e em pequenez —, e, de outro lado, sentir-se-á apavorado perante o silêncio glacial dos espaços infinitos. Pascal extrai as conseqüências humanas da revolução científica de sua época. Sua preocupação será a de saber onde colocar o homem finito no universo infinito. Trágica será sua resposta.

Uma ciência da ordem e da medida

Característica marcante do século XVII é a busca do método que permita a constituição de legítimo e seguro conhecimento. Várias propostas são feitas por diversos pensadores: Francis Bacon escreve o *Novum Organum;* Descartes, o *Discurso do Método* e as *Regras para a Direção do Espírito;* Espinosa, o *Tratado da Reforma da Inteligência;* Malebranche, a *Procura da Verdade;* os jansenistas de Port-Royal, a *Arte de Pensar;* e Leibniz dedica ao assunto vários e importantes opúsculos.

Essa generalizada preocupação com o método é explicada pela ruptura dos pensadores com toda autoridade preestabelecida em matéria de conhecimento. Tal ruptura exigiu que os pensadores encontrassem apoio para suas idéias, independentemente da tradição e das opiniões correntes. O método surge, assim, como garantia para um pensamento verdadeiro; por isso, sua procura torna-se urgente e imprescindível. A novidade trazida pelo século XVII não pretende valer apenas porque é novidade, mas porque é verdadeira. E só será verdadeira se for encontrada graças a um método que conduza eficaz e firmemente a razão.

Para o racionalismo do século XVII, o método é fundamentalmente sinônimo de *regra* e de *ordem:* o método deve fornecer o conjunto de regras que permitam ao pensamento ordenar numa "cadeia de razões" todas as idéias. O modelo do método é o procedimento dedutivo da geometria: lugar privilegiado da aplicação do método, a matemática passa então a servir de modelo para os outros ramos do saber. Não que se aplicasse a matemática à filosofia ou à tecnologia: o que se aplica é o procedimento dedutivo, pois o encadeamento ordenado da geometria é que serve de padrão básico para outras áreas do conhecimento.

O método é então entendido como um instrumento da razão — e esta é a "luz natural" que pode conhecer tudo o que estiver a seu alcance, diferindo da "luz sobrenatural", isto é, da fé. Mas os pensadores da época estabelecem diferentemente as fronteiras entre essas duas "luzes": para Descartes (1596-1650), a razão humana pode conhecer a verdade, mas encontra certos limites intransponíveis; no interior de seus limites a razão encontra certeza completa; para além desses limites o conhecimento seria revelado por Deus e objeto da fé; razão e fé teriam cada qual uma certeza que lhe é própria. Em Espinosa (1632-1677), a fé é totalmente eliminada, sendo colocada junto às formas imperfeitas de conhecimento; a razão humana, embora limitada, pode conhecer mesmo aquilo que antes se atribuía à fé; o que não pode ser conhecido pela razão é obscuro, absurdo, contraditório ou falso. Já para Pascal a razão só conhece se for iluminada pela fé: a "luz

natural é impotente mesmo para conhecer as verdades naturais se não for sustentada pela fé". Pascal permanece, portanto, desconfiado quanto aos poderes da razão.

Sob a inspiração da matemática, o racionalismo do século XVII projeta construir uma ciência universal da ordem e da medida, uma *mathesis universalis* que transforma a análise num método de aplicação universal. Desde Descartes, a análise aparece como procedimento capaz de produzir um conhecimento novo, referindo o desconhecido que se procura ao já conhecido. E, nesse sentido, a análise, que é o método, subordina-se à noção de ordem. A matemática serve de exemplo: a progressão aritmética e geométrica consistem essencialmente numa série de termos ordenados de tal maneira, que *dessa ordem* decorre a determinação do termo seguinte pelo termo precedente. A ordem permite não apenas colocar cada termo em seu lugar, como também e sobretudo determinar — pelo próprio lugar que deve ocupar — o valor de outro termo desconhecido. Assim, a ordem oferece uma realidade na qual os vínculos das partes são determinados internamente, de sorte que a ordenação é inerente aos termos ordenados. Por isso mesmo, a ordem permite a comparação entre termos conhecidos para determinar um outro desconhecido. E, para o racionalismo do século XVII, essa ordem é tanto a ordem da própria realidade quanto a ordem dos conhecimentos sobre a realidade.

Mas, se conhecer é referir o desconhecido ao já conhecido, é necessário supor que esses dois termos tenham a mesma medida, isto é, sejam da mesma natureza. A medida é, portanto, o critério da homogeneidade e da diferença entre os seres. Assim, a medida do corpo seria a extensão, enquanto a da alma seria o pensamento. Esse dualismo, que provém de Descartes, leva à conclusão de que o conhecimento do corpo não pode ser alcançado mediante o conhecimento da alma, e o da alma não pode ser feito por meio do conhecimento do corpo. Um corpo só permitiria conhecer outro corpo, como o estudo de uma figura geométrica, e uma idéia pode levar ao conhecimento de outra idéia. Por outro lado, torna-se impossível conhecer uma realidade por intermédio de outra que lhe é heterogênea, isto é, que não possui a mesma medida.

A questão da medida coloca um dos principais problemas propostos à meditação dos racionalistas do século XVII: o das relações entre corpo e alma. Sob a influência do jansenismo, esse problema se aguça em Pascal. O sacrifício ascético do corpo é por ele considerado uma condição para a salvação da alma. Mas como essa relação é possível se o corpo e a alma são incomensuráveis?

Racionalismo e consciência trágica

Cruzam-se em Pascal duas histórias: a do racionalismo e a do jansenismo, a ciência e a apologética. No prefácio ao *Tratado do Vácuo*, ele define a história das ciências como progressão e a da teologia como transmissão. Os conhecimentos que dependem da razão aperfeiçoam-se com o tempo — é por isso os modernos conheceriam mais e melhor a física do que os antigos. As verdades da fé, ao contrário, seriam fundadas na autoridade e na memória; assim, numa ques-

tão como a da graça, torna-se necessário averiguar o que pensaram São Paulo ou Santo Agostinho. Essa posição conduz Pascal à crítica ao conservadorismo de seu século: combate os físicos que apelam para a autoridade dos antigos e os teólogos que pretendem inventar "verdades" novas. A escolástica, de um lado, e os jesuítas, de outro, suscitam em Pascal — como em todos os grandes pensadores da época — uma atitude permanentemente polêmica.

E, no entanto, a visão pascalina é uma visão trágica, que não se concilia com o racionalismo expansionista típico de seu tempo. Cartesiano pelo método, Pascal é um anticartesiano resoluto pelas idéias.

A física, ao destruir o cosmo e geometrizar o espaço, construiu a imagem de um universo infinito; a filosofia, por sua vez, propôs um método cuja garantia seria a própria correção do ato de pensar. Com isso elas destruíram duas noções medievais: a de *mundo* e a de *comunidade*. Em seu lugar surgiram a de *espaço infinito* e a de *indivíduo racional*. O mundo, de um lado, não apresenta mais hierarquia, enquanto o conhecimento, de outro lado, tem de encontrar em si mesmo o seu fundamento. Essas duas inovações liberam, no plano social, as idéias de liberdade, de igualdade, de justiça, mas, sobretudo, a de isolamento ou de auto-suficiência individual. Trata-se, na verdade, de uma característica do Terceiro Estado — como se designava, na época, a parte não privilegiada da nação francesa (as duas ordens privilegiadas da sociedade eram a nobreza e o clero, enquanto essa terceira ordem era constituída por burgueses, artesãos, operários e camponeses). Explica Lucien Goldmann: "Em vez de uma sociedade hierarquizada, na qual cada homem possuiria seu lugar próprio, diferente de todo outro homem, segundo o ofício ou a categoria social, e onde cada um julgava o valor de seu lugar comparando-o com o dos demais, o Terceiro Estado desenvolveu progressivamente indivíduos isolados, livres e iguais, três condições inerentes às relações de troca entre vendedores e compradores". Nesse isolamento é que Pascal enfrenta os espaços infinitos, o infinito em grandeza e o infinito em pequenez.

O mecanismo e o racionalismo esvaziaram a noção de mundo físico e de comunidade humana e explicaram a natureza e a sociedade através de leis naturais; com isso, esvaziaram também os problemas do bem e do mal e a necessidade de o homem encontrar um apoio exterior a ele. Deus, não mais podendo falar aos homens por intermédio do mundo, abandonou-o, escondeu-se. O "Deus dos filósofos" apresenta-se apenas como uma hipótese, um artifício para provar, como em Descartes, a existência do mundo: é um puro conceito teórico. Opondo-se a essa concepção generalizada em seu século, o jansenista Pascal desenvolve uma *consciência trágica:* reconhece tudo o que havia de precioso e de definitivo no novo conhecimento científico e, simultaneamente, recusa-se radicalmente a considerar este mundo como a única perspectiva para o homem. Considera a razão como um fator importante da vida humana, um fator de que o homem pode se orgulhar; mas ela não seria *todo* o homem, nem deve e nem pode ser suficiente para a sua vida, mesmo no plano da investigação científica. Por isso Pascal retorna ao que o racionalismo havia abandonado: à moral e à religião — esta no sentido amplo de fé num conjunto de valores transcendentes ao indivíduo. Mas essa volta não significa a

recriação da noção antiga de comunidade: a moral e a fé pascalinas são a moral e a fé do homem solitário, do homem perdido em busca de apoio. O individualismo marca Pascal como marcou os outros racionalistas, só que para estes o indivíduo constituía uma fortaleza racional, enquanto para Pascal ele seria um abismo de miséria e de fraqueza.

A consciência trágica faz de Pascal um filósofo do paradoxo: afirma que a verdade é sempre a reunião dos contrários e que o homem é um ser paradoxal, ao mesmo tempo grande e pequeno, fraco e forte. Grande e forte porque nunca abandona a exigência de uma verdade e de um bem puros, sem mistura com o falso e com o mal. Pequeno e fraco porque jamais pode chegar a um conhecimento ou produzir uma ação que alcance plenamente esses valores. O pensamento de Pascal é trágico justamente porque assume esse "tudo ou nada", que proíbe o abandono da busca dos valores e, no entanto, proíbe qualquer ilusão quanto aos resultados alcançados pelo esforço humano.

Para o racionalismo clássico tudo o que existe e tudo o que o home conhece têm uma causa ou uma razão que deve ser encontrada; a totalidade das coisas e a totalidade das idéias teriam, portanto, um fundamento real e indubitável. Haveria um ponto fixo, a partir do qual as coisas passam a existir: Deus. Haveria também um ponto fixo a partir do qual as idéias passam a ter existência: o sujeito racional. Para Pascal, todavia, é impossível encontrar o ponto fixo das coisas e das idéias, embora "ardamos de desejo de encontrar uma base constante e um ponto seguro". Para exprimir sua visão de um universo e de um homem marcados pelo dilaceramento e pelo paradoxo, Pascal utiliza a imagem dos dois infinitos e a do círculo cujo centro está em toda parte, enquanto a circunferência não está em nenhuma. A essas imagens acrescenta uma terceira: a da balança cujos braços são infinitos e pendem incessantemente para um e para outro lado, sendo impossível fixá-la ou equilibrá-la. E se a ordem consistisse justamente nesse desequilíbrio permanente da balança? "A oposição faz aparecer a ordem e a ordem faz aparecer a oposição", afirma Pascal. A ordem seria, assim, circular e os braços da balança só se encontrariam no infinito. O ponto de encontro dos braços da balança e o centro do círculo infinito não estariam situados nem na natureza (física), nem na natureza humana (razão), mas em Jesus Cristo. Para Pascal, a física e a filosofia deveriam desembocar na fé, pois o ponto fixo não seria nem físico nem metafísico, mas religioso.

As razões do coração

Ao contrário de Descartes, que busca *um método* universal, Pascal fala em *métodos:* para cada problema preciso deve-se elaborar o método preciso para resolvê-lo. Haveria, assim, tantos métodos quantos os problemas a resolver. A particularidade da questão exige a particularidade do instrumento capaz de resolvê-la, e esse renovado esforço de invenção é que caracterizaria o matemático, cujo talento residiria justamente em descobrir as noções e os princípios úteis à resolução dos diferentes problemas. O descobrimento das relações entre

as figuras não dependeria, portanto, de um método "democraticamente" comunicável a todos (como em Descartes), mas de certo talento, de certo espírito que muito poucos possuem: o espírito geométrico.

Mas o espírito de geometria não constitui, para Pascal, a totalidade do espírito científico. Quando se faz experiência em física, verifica-se que na determinação de cada fenômeno entra grande número de princípios. Na física deve imperar, portanto, outro tipo de espírito: o espírito de justeza. Todavia, há casos em que o cientista não trabalha, nem pode trabalhar, com princípios. Então — como no caso do estudo do vácuo —, nem o espírito de geometria, nem o de justeza são úteis: é imprescindível adotar o método experimental.

Cada um dos métodos revela, segundo Pascal, uma direção e um dom do espírito. Pascal não os descreve, não especula sobre eles e nem lhes dá regras: pratica-os, porém, com entusiasmo. Sua idéia fundamental é a do ajustamento do espírito ao domínio dos objetivos de que se ocupa. Assim, um espírito que é "correto" num domínio poderá tornar-se "falso e insuportável" noutro.

O tipo peculiar de espírito do homem comum é um talento que nada tem a ver com os raciocínios e as observações dos cientistas. O homem comum sente mais do que raciocina. Ele pensa, mas pensa espontaneamente, naturalmente, tacitamente. Está dotado de um espírito muito diferente do geométrico: o espírito de finura, que consiste principalmente em "ver a coisa de uma só vez e não por progresso do raciocínio". Trata-se do espírito intuitivo, que apreende num só lance.

Pascal separa aquilo que Descartes unira: a unidade do método. Entretanto, de outro ponto de vista, compara e aproxima, pois considerando, embora, que o valor de um "espírito" consiste em sua aptidão para resolver os problemas de seu próprio domínio, pondera que estimá-lo apenas por esse valor é julgar somente como especialista. Além disso, acha Pascal, é necessário também julgar o que aquele "espírito" vale para o homem como homem. E novamente aqui Descartes e Pascal se separam: para o primeiro todas as ciências servem para fortificar o juízo porque seriam uma inteligência única a utilizar um único método; para Pascal a especialidade prevalece e para que um espírito seja fecundo é preciso que seja exclusivo em seu domínio. Afirma: "É raro que os geômetras tenham finura e é raro que os dotados de finura sejam geômetras".

Desse modo, segundo Pascal, somente a religião teria resposta no que tange à vida humana. Aqui o espírito de geometria nada pode fazer. Mas, assim como em geometria e em física cada problema exige que se encontre uma solução que lhe é peculiar, recorrendo não aos próprios dados dos problemas, mas a certas relações exteriores a eles e, todavia, capazes de resolver a questão, também no problema do homem a solução deve ser particular e não é fornecida pelos próprios dados da existência humana, e sim por algo exterior a ela e que, no entanto, seria o único capaz de justificar a humanidade: Jesus Cristo. Embora venha de fora do humano e seja ininteligível para os critérios humanos, só a religião seria capaz de esclarecer o mistério do homem.

Pascal tem horror aos princípios considerados válidos para tudo e para todos. Detesta tanto a casuística dos jesuítas quanto a filosofia

de um dos seus discípulos, Descartes, as quais através de princípios universais afinal não explicam nada. Os princípios poderiam ser universais se e somente se o homem pudesse alcançar os primeiros princípios de tudo o que existe — mas a natureza humana não tem essa força. Nos *Pensamentos* Pascal escreve: "O homem é, na natureza, nada com relação ao infinito, tudo com respeito ao nada: um meio entre o nada e o tudo". Eis por que o homem pode conhecer alguma coisa de si e dos outros seres, mas não deve esperar conhecer o princípio e o fim deles e de si próprio.

Como usar, então, certos conhecimentos como *princípios* para outros? Qual a faculdade que permite ao homem fazer isso? Pascal diz que é o "coração". Mas não se trata dos sentimentos, pois, ao contrário, as paixões impedem o homem de se conhecer e de se salvar; trata-se de um tipo peculiar de inteligência, que Pascal opõe à razão dos racionalistas. A razão é o conhecimento discursivo, demonstrativo, que funciona extraindo conclusões de certas premissas dadas. O coração, essa forma singular de inteligência, seria, ao contrário, o conhecimento imediato e intuitivo dos princípios. Assim, seria o coração que alcança os axiomas da geometria, ou que Jesus Cristo é o mediador entre o finito e o infinito: o coração é a intuição dos princípios indemonstráveis. Ao dizer que "o coração tem razões que a razão desconhece", Pascal não está afirmando que os sentimentos e a inteligência se opõem. Está mostrando que há no homem duas maneiras de conhecer: o conhecimento intuitivo e imediato de uma verdade (p. ex., que o espaço tem três dimensões) e o conhecimento discursivo ou mediato de uma realidade (p. ex., que a quarta proporcional é encontrada pela operação com os outros três elementos dados). A fé seria um conhecimento do coração — e por isso Pascal critica os filósofos que pretendem demonstrar ou desacreditar as verdades da fé por meio da razão, que nada tem a ver com ela, do mesmo modo que o espírito de geometria nada tem a ver com o de finura. O Deus dos filósofos não é o Deus da fé: não é Deus.

O Deus irremediavelmente escondido

As *Provinciais* foram escritas por Pascal na fase em que, militante, defende a concepção jansenista da graça, do milagre, da razão e da fé. Já no período final de sua vida, a partir de março de 1657, é marcado pela submissão exterior aos poderes políticos e eclesiásticos, embora interiormente os recuse através do recurso ao paradoxo, à tragédia e a Deus. Nessa fase — que é a dos *Pensamentos* —, Pascal aproxima-se da posição dos jansenistas do retiro completo, da visão trágica da vaidade do mundo e dos homens. Os jansenistas das duas tendências tinham em comum o postulado do Deus escondido, isto é, da distância insuperável entre Deus e o homem. Mas os militantes e o Pascal das *Provinciais* acreditavam que Deus deu ao homem os meios de conhecer as verdades essenciais por meio da luz natural e das Escrituras, e se algumas vezes o homem as ignora é por uma depravação da vontade e por viver fora dos quadros da Igreja. Já os jansenistas trágicos e o Pascal dos *Pensamentos* acreditam que a incerteza recobre tudo e que a vida cristã é um misto de esperança e tre-

mor. Deus se esconde irremediavelmente e não há Graça que o torne manifesto ao homem. Deus tendo abandonado o mundo e a Igreja, o homem só pode ser um miserável pecador. No terceiro período de sua vida, Pascal vive assim o paradoxo de ter de se submeter ao poder monárquico e eclesiástico, e de dedicar-se aos trabalhos científicos, ao mesmo tempo que admite a incerteza radical de tudo. Assume então o paradoxo jansenista do "pecador justo", do homem que vive simultaneamente na recusa e na aceitação do mundo. Desse modo é que se deve compreender a famosa "aposta" que aparece nos *Pensamentos:* já que não se pode provar nem que Deus existe, nem que Deus não existe, já que não se pode provar que haverá ou não salvação eterna — só se pode apostar. Mas ao apostar, deve-se levar em conta as perdas e os ganhos; assim, se se aposta que Deus não existe, e se ele existir, está-se perdido; se se aposta que Deus existe, e ele não existir, nada acontece. Deve-se então apostar na existência de Deus, pois a condição humana é risco, perigo de fracasso e esperança de vitória: o homem sente que Deus existe quando experimenta cruelmente sua ausência.

O Pascal apologeta não lê as Escrituras para demonstrá-las, mas para mostrar que somente nelas existe aquela religião que corresponde completamente às necessidades do homem. A única prova das verdades religiosas é, para ele, a revelação, e Deus — fonte dessa revelação — é a única autoridade. Por isso os *Pensamentos* partem de verdades reveladas referentes ao destino sobrenatural do homem e à mediação de Cristo. Se as provas aqui fossem como as geométricas, a apologética seria inútil, pois as provas religiosas — milagres e profecias — são inúteis para o incrédulo. Nelas Deus se revela ocultando-se, e, por isso, só a fé as alcança. E a fé depende da graça, não do raciocínio. Dirigindo-se ao incrédulo, é necessário empregar provas, mostrar que a religião cristã é a única que pode levar o homem a compreender a si mesmo. Mas as provas não são provas da verdade religiosa, mas um estímulo para que o incrédulo venha a crer.

Para Pascal, o ponto de partida para se subir à fé é o autoconhecimento. Os estóicos e Descartes teriam, portanto, entrevisto uma parte da verdadeira natureza humana. Montaigne (1533-1592) também teria tido razão ao apontar a fraqueza e a debilidade do homem, do homem sempre enganado por sua imaginação, volúvel e escravo da opinião pública, sujeito às doenças e à morte. Mas isso seria também apenas uma parte da natureza humana. Esta, para Pascal, é a unidade paradoxal e trágica daquelas duas verdades contrárias. O homem é uma incoerência e essa incoerência é trágica, porque não se oferece ao próprio homem como um quadro que ele pode contemplar com indiferença: ao contrário, diz respeito ao que ele tem de mais íntimo e profundo. A incoerência do homem retira de sua moral e de sua ciência todo apoio e toda a segurança, deixando-o desesperado e descentrado. O homem é essa "glória e escória do universo", que não sabe de onde veio e nem para onde irá. Em si mesmo o homem encontra seu próprio eu miserável e cujo sentido só poderá ser encontrado referindo-o ao seu destino sobrenatural revelado pelo cristianismo: sua grandeza vem de sua origem divina, sua esperança de salvação é sustentada pela redenção de Jesus Cristo, sem a qual o conhecimento de Deus seria inútil para o homem.

O Deus das Escrituras, ao contrário do Deus dos filósofos, não é uma idéia da razão: o homem o perde e o reencontra, pode sentir sua existência ao sentir sua ausência. Encontrá-lo não significa sentir uma satisfação intelectual, à semelhança da que o matemático experimenta ao resolver um problema difícil: encontrá-lo é mudar de vida, é esquecer tudo, menos o próprio Deus.

A apologética pascalina começa, portanto, provocando uma tomada de consciência da contradição irredutível que definiria uma vida humana. Estabelece, de saída, uma exigência de lucidez: o homem não pode nem deve fugir de si mesmo, inventar desculpas para suas fraquezas e glórias para suas grandezas, nem inventar razões filosóficas para justificar o que ele é. Em seguida, a apologia consiste em decifrar os dois Testamentos e a história da Igreja, enunciando os motivos para se crer no drama da queda e da redenção, que explicaria a antinomia da condição humana. Não se trata de provar a fé, mas de estimular sua vinda. Mesmo porque não é possível transformar a natureza humana: só o mistério da Graça pode realizar essa transformação e isso depende de Deus. A tarefa do apologeta não pode, portanto, ser demonstrativa, mas apenas persuasiva. Eis por que Pascal não emprega a arte de demonstrar, mas a de persuadir, que é a que se ajusta à disposição do ouvinte e que "consiste tanto em agradá-lo como em convencê-lo, pois os homens se governam mais por capricho do que pela razão".

Cronologia

1623 — *Nascimento de Pascal, em Clermont-Ferrand, a 19 de junho.*
1631 — *O pai de Pascal instala-se em Paris com os filhos.*
1635 — *Manifestação de precocidade do gênio científico de Pascal, que descobre sozinho as primeiras 32 proposições de Euclides.*
1638 — *A família Pascal retira-se para a província de Auvergne.*
1639 — *Pascal inventa a máquina de calcular.*
1640 — *Impressão do* Ensaio Sobre as Cônicas, *primeira obra de Pascal.*
1645 — *Publicação da* Carta Dedicatória a Monsenhor Chanceler Acerca da Nova Máquina (Aritmética) Inventada pelo Senhor Blaise Pascal.
1646 — *Pascal converte-se ao jansenismo; repete, em Ruão, as experiências de Torricelli sobre o vácuo.*
1647 — *Pascal encontra-se com Descartes; publica as* Novas Experiências Sobre o Vácuo *e redige o* Prefácio para um Tratado do Vácuo.
1648 — *Pascal escreve, em latim, a* Generatio Conisectionum; *faz experiências sobre pressão atmosférica na torre de Saint-Jacques, em Paris; redige a* Descrição da Grande Experiência do Equilíbrio dos Licores.
1651 — *Morre o pai de Pascal a 24 de setembro.*
1653 — *Pascal redige o* Tratado do Equilíbrio dos Licores *e* Tratado da Gravidade da Massa de Ar.
1655 — *Pascal redige o* Colóquio de Pascal com o Senhor de Saci Sobre Epicteto e Montaigne.
1656 — Condenação de Antoine Arnauld pela Sorbonne; *Pascal entra na polêmica e publica a primeira* Provincial.

1657 — *As autoridades religiosas põem as* Provinciais *de Pascal no Index.*
1658 — *Pascal redige a* Primeira Carta Circular Relativa à Ciclóide.
1659/1660 — *Pascal escreve a* Oração para o Bom Uso das Doenças *e* Discursos Sobre a Condição dos Grandes.
1662 — *Pascal obtém patente para exploração de uma empresa de transportes coletivos; morre a 19 de agosto.*
1670 — *Primeira edição dos* Pensamentos *de Pascal.*

Bibliografia

PASCAL: *Pensamentos,* trad. Sérgio Milliet; *Les Provinciales,* in *Oeuvres Complètes,* Éditions du Seuil, Paris, 1963.
GOLDMANN, LUCIEN: *Le Dieu Caché,* Ed. Gallimard, Paris, 1955.
PÉRIER, GILBERTE: *La Vie de M. Pascal, Écrite par Mme. Périer, sa Soeur,* in *Pascal, Oeuvres Complètes,* Ed. du Seuil, Paris, 1963.
GANDILLAC, MAURICE: *Pascal, l'Homme et l'Oeuvre,* Ed. Minuit, Paris, 1957.
KOYRÉ, ALEXANDRE: *Du Monde Clos à l'Univers Infini,* Presses Universitaires de France, Paris.
BRUNSCHWICG, LÉON: *Spinoza et ses Contemporains,* Presses Universitaires de France, Paris, 4.ª ed., 1951.
SERRES, MICHEL: *La Philosophie de Leibniz et ses Modèles Mathématiques,* Ed. P. U. F., Paris, 1968.
GUÉROULT, MARTIAL: *Descartes selon l'Ordre des Raisons,* Ed. Aubier, Paris, 1953.
FOUCAULT, MICHEL: *Les Mots et les Choses,* Ed. Gallimard, Paris, 1966.
GOUHIER, HENRI: *Pascal,* introdução a *Pascal, Oeuvres Complètes,* Ed. du Seuil, Paris, 1963.
GRANGER, G. GASTON: *La Raison,* Ed. P. U. F., Paris, 1958.
GRANGER, G. GASTON: Introdução às *Obras Escolhidas de Descartes,* Ed. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1962.
HUSSERL, EDMOND: *Philosophie Première,* Ed. P. U. F., Paris, 1970.
MERLEAU-PONTY, MAURICE: *Partout et Nulle Part,* in *Eloge de la Philosophie,* Ed. Gallimard, Paris, 1960.
LEFÈBVRE, HENRI: *Pascal,* Les Éditions Nagel, Paris, 1954.

PENSAMENTOS

Introdução e notas de **Ch. M. des Granges**
A Vida de Pascal escrita por **Mme Perier**, sua irmã

Tradução de **Sérgio Milliet**

INTRODUÇÃO

I

Pascal escreveu As Provinciais *em 1655 e 1657. Mas desde 1654, época de sua* segunda conversão, *meditava sobre uma* Apologia da Religião Cristã. *Com efeito, durante os dois anos precedentes, período "mundano" de sua vida, freqüentou, com o Duque de Roannez e o Cavaleiro de Méré, uma sociedade em que a "libertinagem de espírito" estava muito em moda. Tendo permanecido profundamente cristão, e já conquistado pelo jansenismo, Pascal verificou com surpresa, e em seguida com dor, que boa parte dessas "pessoas de bem", vivamente interessadas em questões científicas, e junto às quais seu crédito de sábio era ponderável, mostrava, por sectarismo e friamente, absoluta impermeabilidade ao sentimento religioso. O livro de cabeceira dessas pessoas era Montaigne, que se tornara, com ou sem razão, o patrono de todos os céticos. E o argumento mais forte que opunham à fé era o de não ser ela suscetível de "demonstração".*

Se datarmos de 1655 o Colóquio de Pascal com o Senhor de Saci sobre Epicteto e Montaigne, *veremos que, já ao entrar para Port-Royal, antes mesmo de ter escrito a* Primeira Provincial, *Pascal encarava de maneira precisa uma discussão com os "libertinos" e delimitava nitidamente o terreno em que tinha a intenção de se confinar a fim de combatê-los, por assim dizer, em campo fechado. Dessa época devem datar algumas das notas concisas que deixou sobre a* ordem, as razões do coração que a razão desconhece, o espírito de finura oposto ao espírito de geometria *e talvez sobre a* aposta.

Mas foi, sem dúvida, principalmente depois de terminar As Provinciais *que se entregou inteiramente à preparação da grande obra. Infelizmente, seu estado de saúde não lhe permitia trabalhar nisso senão de maneira intermitente e descosida: todos sabem que seus últimos anos de vida foram uma lenta agonia. Nos poucos momentos que lhe deixava o sofrimento, Pascal rabiscava algumas linhas sobre o primeiro pedaço de papel que lhe caía nas mãos; às vezes, mesmo, somente podia ditar.*

Entretanto, numa conferência feita "na presença e a pedido de várias pessoas de alta posição e suas amigas", ele expusera o plano geral de sua Apologia *(cf. Pensamentos 416 e 430 precedidos de E. P.-R. —* em Port-Royal). *Essa conferência foi realizada entre 1657 e 1659.*

Por isso, quando se acharam, em 1662, diante das notas deixadas pelo defunto, não hesitaram os herdeiros de Pascal em reconhecer o material da Apologia. *Mandaram-no desde logo copiar por alguém de Port-Royal habituado*

àquela caligrafia quase indecifrável. Depois pensaram no partido que poderiam tirar dos preciosos fragmentos. Em 1666 haviam solicitado um "privilégio" para a sua publicação; entretanto, a obra não aparecia e até 1669 eles se viram impedidos de levar a cabo seu intuito por motivos de toda espécie. Deveriam contentar-se com mandar imprimir o conjunto, escrupulosamente, sem nada cortar nem modificar? Ou tentariam, como sugeria Roannez, a reconstituição do plano exposto por Pascal em sua conferência, preenchendo as lacunas de argumentação e redação? Ou, enfim, optariam por um termo médio, dando ao público unicamente os trechos já revistos definitivamente por Pascal, com uma seleção discreta e prudentemente corrigida dos pensamentos inacabados? Confiaram a uma comissão (compreendendo Arnauld, Nicole, o Sr. de Tréville, o Sr. du Bois, o Sr. Filleau de la Chaise e o Sr. de Brienne) a tarefa de pronunciar-se a respeito dos diversos projetos, e essa comissão manifestou-se a favor da reconstituição desejada por Roannez. Mas a irmã de Pascal, Gilberte Périer, opôs-se-lhe energicamente. Se não pôde obter que se imprimisse com exatidão todo o manuscrito, a ela devemos seguramente a edição de 1670, a que chama, até hoje, "edição de Port-Royal". Seu filho Etienne escreveu o prefácio dessa edição, expondo com muita clareza o plano da Apologia. *Mas esse plano não foi observado na própria disposição do texto que se intitulou* Pensamentos do Sr. Pascal sobre a Religião e Outros Assuntos.

Mme Périer havia preparado uma Vida de Pascal *que devia figurar na edição. Essa* Vida *só foi publicada em 1684, na Holanda, e juntada às edições francesas a partir da quinta (1687). Era, com efeito, necessário evitar a todo preço reacender as querelas teológicas a que a paz da Igreja pusera fim em 1668. Essa obra de Pascal, autor de* As Provinciais, *não devia revelar nenhum vestígio de "jansenismo". A* Vida, *em que eram lembradas as relações entre Pascal e Port-Royal, podia, em 1670, comprometer o êxito dos* Pensamentos. *E foi também esse o ponto de vista que perfilharam mui habilmente os primeiros editores, atenuando, corrigindo, suprimindo... A tal ponto que nesse primeiro estado foram os* Pensamentos *considerados obra de perfeita ortodoxia católica e que Arnauld não encontrou dificuldade em fazer aprovar o livro por vários bispos e doutores em teologia. "Os amigos de Pascal", escreve Brunschvicg, "acreditaram de boa-fé trabalhar pela memória de Pascal, adaptando os* Pensamentos *à nova situação de Port-Royal, fazendo de um livro escrito no ardor da luta contra o partido dos jesuítas uma obra de edificação, inspiradora de calma e recolhimento, digna de servir de profissão e como de centro à Igreja reconciliada e unificada."*

Por outro lado, acreditaram ter, não o direito, mas o dever de dar alguns retoques ao estilo, apagar certas luzes demasiado brilhantes, completar frases exageradamente elípticas, etc. Não os julguemos pelo nosso atual respeito aos textos originais, nem pelo nosso gosto. Eles pensaram no que podia chocar ou desnortear seus contemporâneos; estavam persuadidos de que o próprio Pascal não teria deixado subsistir, em redação definitiva, as ousadias de expressão ou de sintaxe nas quais nos comprazemos hoje em descobrir o que seu gênio teve de mais espontâneo.

A edição de 1670 compreende trinta e dois títulos. Começa pelo trecho contra os ateus; *seguem-se* As Marcas da Verdadeira Religião; O Pecado Original; A Regra da Aposta; A Corrupção do Homem; *os trechos sobre* Os Judeus, Moi-

sés, Jesus... *Do* Título XXI *ao* Título XXVI *a análise da* Grandeza *e da* Fraqueza do Homem; *a seguir, os pensamentos sobre os milagres e, sob os títulos de* Pensamentos Cristãos, Pensamentos Morais, Pensamentos Diversos, *uma parte do que os editores não tinham podido introduzir nos títulos precedentes. Como se vê, não se trata de um plano e sim, quando muito, de uma classificação de pensamentos análogos, sem nenhuma linha de encadeamento lógico.*

II

Essa edição, assim compreendida, foi utilizada por todos os leitores de Pascal, de 1670 a 1776. Nesta última data, Condorcet publicava uma nova edição em que, embora declarando seu respeito por Pascal, alterava o espírito dos Pensamentos. *Se Port-Royal extirpara da obra o jansenismo, ou o mascarara, Condorcet punha em relevo os argumentos acerca da impotência da razão, da incerteza necessária da religião, das dificuldades de interpretação das profecias e milagres... Em suma, surgiu, assim, graças à habilidade dessa manobra "filosófica", um Pascal "cético" que se impôs, durante cerca de cem anos, à imaginação superexcitada dos românticos, a princípio, e ao racionalismo da escola positivista, depois. Condorcet juntou à sua edição as* Observações sobre os Pensamentos, *que Voltaire publicara em 1734 em apêndice às* Cartas Inglesas. *E esse mesmo Voltaire fez imprimir em Genebra o* Pascal *de Condorcet juntamente com novas* Observações *(1778).*

No ano de 1779 saiu a edição do Abade Bossut. Este, preocupado sobretudo em dar ao público todas as obras de Pascal, e em arrancar ao esquecimento certos opúsculos científicos, não procurou distribuir os pensamentos em obediência à ordem sugerida por Etienne Périer. Estabeleceu somente duas seções: Pensamentos Relacionados com a Filosofia, a Moral e as Letras *e* Pensamentos Imediatamente Relativos à Religião, *com capítulos de* Pensamentos Diversos. *Essa ordem pareceu desde então impor-se aos editores, salvo algumas exceções (edição Frantin, Dijon, 1835).*

Através dessas revisões todas e desses comentários, ninguém se voltava para o texto propriamente dito de Pascal. Nenhum dos editores pensava no manuscrito original que cochilava na Biblioteca Real. Foi somente em 1842 que Victor Cousin, em comunicação lida na Academia Francesa, assinalou com certa indignação tão culposa indiferença; e dava exemplos tão impressionantes das alterações verificáveis no texto dos Pensamentos *e da necessidade de recorrer ao manuscrito que, dois anos mais tarde, pôde o público ler finalmente o texto autêntico dos* Pensamentos *na edição de Prosper Faugère. A partir dessa data (1844), melhorias, devidas a leituras mais atentas do manuscrito e das cópias, foram sem cessar introduzidas no texto, em particular por E. Havet (1851), Molinier (1877-79) e G. Michaut (1896). Por outro lado, buscou-se dispor os* Pensamentos *segundo o método apologético de Pascal, e a edição de Rocher (1873) é a tentativa mais interessante anterior à de L. Brunschvicg.*

Esse último, publicando a reprodução em fototipia do manuscrito de Blaise Pascal, e em seguida sua edição clássica de Pensamentos e Opúsculos *e ainda, na*

coleção Grandes Escritores da França *(Hachette)*, os Pensamentos *em três volumes — resolveu, realmente, e por muito tempo, tanto a questão do texto como a do plano e a do comentário. Graças a essas obras, temos a certeza de poder ler, segundo o desejo de Cousin, "todo Pascal e somente Pascal".*

III

Duas dificuldades se apresentam quando se procura reconstituir o plano *organizado por Etienne Périer no prefácio de 1670, e dessas duas dificuldades a mais séria é a de estabelecer as etapas sucessivas da demonstração apologética. Efetivamente, Périer e Filleau de la Chaise deixaram-nos as grandes linhas dessa apologia. Sabemos muito bem a que espécie de leitores se dirigia Pascal, como formulava o problema do destino humano, com que argumentos contava para forçar os mais indiferentes à procura e à solução do problema, que provas morais, históricas, teológicas desejava enumerar... Mas a verdadeira dificuldade começa no momento em que se quer introduzir este ou aquele fragmento nas seções estabelecidas. Pode-se sempre temer, não sem dúvida em relação à maior parte dos pensamentos, mas em relação a um número muito grande, não adivinhar o lugar exato. De resto, no estado em que Pascal deixou a* Apologia, *saberia ele próprio que uso faria de todas essas reflexões, algumas das quais deviam ser eliminadas e outras mudar de forma e de contexto? E se Pascal pudesse ver as edições de seus* Pensamentos, *não se espantaria em deparar com muitos trechos que encarava como anotações quase algébricas de uma idéia, de uma objeção, de uma réplica, sem pensar ainda em localizá-las ou em lhes avaliar o alcance? Não estimaria supérflua ou desastrada a publicação de certas linhas inacabadas ou em aparência contraditórias? Não protestaria contra esse "desempacotamento integral" dos menores rabiscos escapados de sua mão febril? Creio, antes, que se sentiria infinitamente comovido com o cuidado devoto que tiveram tantos críticos a fim de reunir, decifrar, classificar, comentar suas notas. Se morreu lamentando não ter terminado essa* Apologia, *meditada durante dez anos (e em meio a que sofrimentos!), esse livro de caridade em que, como Jesus, "pensava em nós na sua agonia" e com o qual esperava induzir tantos incrédulos a "buscar e encontrar" a fé, julgaria sem dúvida que seus esforços não foram vãos, porquanto, há mais de duzentos anos, os homens vêm cercando de respeito e admiração esse manuscrito quase ilegível, e recomeçando sem cessar, com uma perseverança que nada desanima, a decifrar-lhe ao mesmo tempo a caligrafia e o sentido. Talvez, mesmo, visse uma intenção da Providência no fato de a morte o ter impedido de terminar o livro.* Uma Apologia da Religião Cristã, *apresentando-se, sob esse título, como obra dogmática e edificante, teria atingido menor número de leitores. Os libertinos e livres-pensadores, a quem Pascal o destinava, teriam hesitado em abri-lo ou tê-lo-iam sistematicamente esquecido. E, por outro lado, o espírito jansenista acentuar-se-ia nele a ponto de ser a* Apologia *considerada pelos católicos um livro de polêmica, legitimamente suspeito aos ortodoxos.* Os Pensamentos, *ao contrário, não podem ser suspeitos a nenhum leitor. Para uns é um livro de fé; para outros, um livro em que uma alma humana se revela com maior naturalidade e verdade do que alhures; para todos, uma obra-prima sem igual na língua francesa.*

Sejamos, pois, reconhecidos, como o seria Pascal, a todos os que, com resultados diversos, tentaram reconstituir a obra interrompida pela morte. E, embora confessando que jamais possuiremos uma classificação definitiva dos Pensamentos, *digamos que nos parece ter Brunschvicg realizado a edição de há muito esperada. E, a não ser que a encaremos com espírito partidário ou de contradição, será preciso decidir-nos pela adoção deste texto e dessa ordem.*

Para estabelecer as catorze seções em que consegue distribuir todos os fragmentos deixados por Pascal, Brunschvicg baseou-se nos princípios seguintes: "É necessário considerar que a Apologia *de Pascal devia compreender três momentos que ele teria sem dúvida reunido e fundido: primeiramente, seguindo o método que denominava* art d'agréer *e que se adapta à perversão da vontade, apela para o interesse do homem e pretende convencê-lo de que a religião é* agradável: *a seguir, volta-se para a inteligência e, confrontando as explicações parciais do filósofo com a verdade total que só o cristianismo detém, demonstra que a religião é* razoável; *enfim, para penetrar o ser inteiro da verdade do cristianismo, mostra-lhe a realidade manifestando-se desde a origem do mundo pela Lei dos Judeus, pelas Profecias, pela Encarnação, pelos Milagres, realidade perpétua, permamente, atual pois, e que vem atestar de novo o milagre do santo espinho, o* relâmpago, *que evidencia subitamente a presença muito próxima do* Deus oculto".

No plano assim reconstituído, cada pensamento *encontra seu lugar lógico; e este ou aquele fragmento que se afigurava obscuro, e mesmo enigmático, adquire um* sentido relativo; *é explicado por tudo o que o cerca.*

E se quisermos aludir à epígrafe que os editores de Port-Royal haviam colocado no volume de 1670, Pendent opera interrupta, *não será mais, como na gravura que explicava a frase latina, a um caos de pedras... Temos agora um "edifício", inacabado por certo, mas reconstituído com tanta arte quanta verossimilhança por um "arquiteto inteligente".*

CH.-M. DES GRANGES

N.B. — A ordenação dos *Pensamentos* de Pascal, que é seguida nesta edição e que já se tornou clássica, se deve a Brunschvicg. Cada pensamento traz a numeração da edição dos *Grands Écrivains*. Os pensamentos, cuja numeração vem precedida por um asterisco, não foram escritos pela mão de Pascal, porém ditados por ele. As palavras ou frases entre colchetes foram riscadas pelo autor, conservando-se, todavia, no texto editado.

As notas, numeradas em rodapé, não constituem um comentário filosófico ou teológico; precisam exclusivamente certos pontos de bibliografia, biografia e história, e dão a tradução das principais citações latinas. Além das notas da edição francesa *Classiques Garnier*, que não são acompanhadas de indicação especial, a presente edição inclui esclarecimentos do tradutor (N. do T.), do Prof. Vítor Ramos (N. do E.), responsável pela edição anterior (Difusão Européia do Livro), e notas desta edição.

A Vida de Pascal

Escrita por Mme Périer, sua irmã[1]

Meu irmão nasceu em Clermont, a 19 de junho de 1623[2]. Meu pai, presidente da Cour des Aides, chamava-se Etienne Pascal e minha mãe Antoinette Bégon. Logo que meu irmão chegou à idade em que lhe puderam falar, deu mostra de um espírito extraordinário pelas suas réplicas bem oportunas, porém ainda mais pelas perguntas que fazia sobre a natureza das coisas, surpreendendo a todos. Esse início cheio de belas esperanças jamais se desmentiu, pois, na medida em que crescia, aumentava a força de seu raciocínio, de modo que se mantinha sempre muito acima de sua idade.

Entretanto, minha mãe já falecera em 1626, tendo meu irmão apenas três anos. Meu pai, vendo-se só, dedicou-se mais fortemente ao cuidado da família e, como não possuía outro filho, a qualidade de filho único e as grandes marcas de espírito, que observava na criança, inspiraram-lhe tamanha afeição pelo menino que nunca se decidiu a encarregar alguém de sua educação e resolveu instruí-lo ele próprio, como o fez efetivamente, não tendo conhecido meu irmão nenhum outro mestre.

Em 1631 meu pai mudou-se para Paris, levando-nos todos. Meu irmão, que tinha então oito anos, muito aproveitou dessa decisão de meu pai, pois este não houvera podido cuidar dele de igual modo na província, onde o exercício de seu cargo e os companheiros que o freqüentavam amiudadamente o teriam desviado do propósito. Mas, como gozava em Paris de inteira liberdade, nisso se aplicou por inteiro e alcançou todo o êxito que pode alcançar o zelo de um pai tão inteligente e afetuoso. Sua principal máxima nessa educação era manter sempre o me-

[1] Esta *Vida de Pascal* destinava-se à edição chamada de Port-Royal (1670). Como se temesse que certos trechos fossem de molde a provocar polêmicas sobre o jansenismo de Pascal, os primeiros editores adiaram a sua publicação. Foi na Holanda que ela apareceu primeiramente (1684), de acordo com uma cópia pouco exata.

Nesse mesmo ano, Pierre Bayle, nas *Nouvelles de la République des Lettres* (dez., 1684) assim julgava a biografia: "Cem volumes de sermões não valem uma vida como essa e são menos capazes de desarmar os ímpios. . . Eles (os libertinos) não nos podem mais dizer que só os pequenos espíritos têm devoção, pois mostra-se-lhes uma das mais profundas em um dos maiores geômetras, dos mais sutis metafísicos e dos mais penetrantes espíritos que jamais houve no mundo. . . Bem andaram publicando o exemplo de tão grande virtude; é-nos necessário para impedir a prescrição do espírito do mundo contra o espírito do Evangelho. . ."

O texto que aqui damos é mais completo que o de 1684, cuja versão exata Gazier publicou na *Revue d'Histoire Littéraire* de outubro de 1898. É aquele cuja cópia Brunschvicg encontrou na Biblioteca Mazarine, entre os manuscritos legados por Faugère.

A irmã de Pascal, Gilberte, desposou Périer em 1641. Tendo nascido em 1620, morreu em 1687. Entre seus cinco filhos, dois têm a lembrança ligada a Pascal e aos *Pensamentos:* Etienne, que escreveu o prefácio tão judicioso da primeira edição, e Marguerite, a miraculada do Santo Espinho, falecida em 1733.

[2] O registro de batismo de Pascal é de 27 de junho de 1623, paróquia de Saint-Pierre de Clermont-Ferrand.

nino acima de sua tarefa. Foi por isso que não quis começar a ensinar-lhe o latim antes dos doze anos, a fim de fazê-lo mais tarde com maior facilidade.

Durante esse intervalo não o deixou sem fazer nada, pois o entretinha a respeito de tudo aquilo que julgava poder ser entendido por meu irmão. Mostrava-lhe de um modo geral em que consistiam as línguas, como as haviam submetido a certas regras de gramática, por que essas regras tinham exceções que se haviam registrado e como dessa forma se encontrara maneira de tornar todas as línguas comunicáveis de um país a outro. Essa idéia geral abria-lhe o espírito e levava-o a perceber a razão das regras gramaticais, de maneira que quando veio a aprendê-las soube por que o fazia e aplicou-se mais precisamente às coisas que exigiam maior aplicação.

Depois desses conhecimentos, deu-lhe meu pai outros. Falava-lhe amiúde dos efeitos extraordinários da natureza, como da pólvora e de outras coisas que surpreendem quando as consideramos. Meu irmão comprazia-se imenso nessas conversações, mas queria saber as razões de todas as coisas e como essas razões não são todas conhecidas, quando meu pai não lhas dizia ou dizia as que se alegam habitualmente e que são apenas confissões de ignorância, não se satisfazia com elas, pois teve sempre uma admirável nitidez de espírito no discernimento do falso, e pode-se dizer que, sempre e em todas as coisas, a verdade foi o único objetivo de sua mente, posto que nada o contentava jamais senão o conhecimento da verdade. Assim, desde a infância, só podia render-se ao que lhe parecia evidentemente verdadeiro; de modo que, quando não lhe forneciam uma razão válida, buscava-a ele próprio, e quando se interessava por alguma coisa não a abandonava enquanto não encontrasse uma razão capaz de satisfazê-lo.

De uma feita, tendo alguém, à mesa, batido sem pensar com uma faca num prato de porcelana, observou que isso provocava um som forte, mas que bastava pôr a mão em cima do prato para que o som parasse. Quis de imediato conhecer a causa do fenômeno e, como essa experiência o impeliu a fazer muitas outras sobre o som, tantas coisas observou que escreveu, com a idade de onze anos, um tratado a respeito, que todos consideraram muito bem raciocinado.

Seu gênio da geometria[3] *começou a aparecer quando ainda não completara doze anos, evidenciando-se num fato extraordinário que me parece dever ser contado pormenorizadamente.*

Meu pai era um sábio em matemáticas e discutia muitas vezes em casa com os entendidos nesta ciência que o visitavam amiúde. Mas, como desejava ensinar línguas a meu irmão e sabia que as matemáticas enchem e satisfazem plenamente o espírito, não quis que meu irmão delas tivesse conhecimento, receoso de que se tornasse negligente com o latim e as demais línguas em que pensava aperfeiçoá-lo. Por esse motivo, guardava todos os livros que tratavam da matéria, abstendo-se, em sua presença, de falar a respeito com os amigos.

Essa precaução não impediu, porém, que a curiosidade do menino se excitasse, de modo que pedia sempre a meu pai que lhe ensinasse a matemática. Meu pai recusava, prometendo fazê-lo como recompensa, logo que ele soubesse o latim e o grego.

Meu irmão, vendo tal resistência, perguntou um dia em que consistia essa ciência e de que tratava. Meu pai explicou-lhe de um modo geral que era um

[3] *Gênio* com o sentido de disposição natural.

meio de fazer figuras certas e encontrar as proporções que mantinham entre si. Ao mesmo tempo proibiu-lhe que tornasse a falar disso ou a nisso pensar. Mas esse espírito, que não podia confinar-se dentro de quaisquer limites, ao deparar com essa simples abertura — a de que a matemática fornecia o meio de fazer figuras infalivelmente certas —, pôs-se a sonhar com o resto e nas suas horas de recreação, estando sozinho em uma sala onde costumava brincar, pegava um carvão e desenhava nos ladrilhos, buscando o jeito de fazer um círculo perfeito, por exemplo, ou um triângulo cujos lados e ângulos fossem iguais, e outras coisas semelhantes. Descobria tudo e em seguida procurava as proporções das figuras entre si. Mas como não sabia sequer os nomes destas, em virtude do cuidado que tivera meu pai, viu-se forçado a criar ele próprio definições e ao círculo chamava uma argola, à linha uma barra, etc. Depois, das definições fez axiomas e finalmente demonstrações perfeitas. E, como nessas coisas vai-se de uma a outra, levou suas pesquisas tão longe que chegou à trigésima segunda proposição de Euclides[4] .

Quando estava nesse ponto, meu pai, sem pensar em nada, entrou no quarto, sem que meu irmão o ouvisse, porquanto estava inteiramente concentrado em suas pesquisas. Muito temeroso ficou o menino com a visita, por causa da proibição expressa de pensar naquelas coisas. Mas a surpresa de meu pai foi maior ainda em vê-lo no meio daquelas figuras e em ouvi-lo dizer, ao perguntar-lhe o que fazia, que procurava determinada coisa, que vinha a ser a trigésima segunda proposição de Euclides. Indagou meu pai como fora levado a pensar naquilo e ele respondeu que fora por ter achado outra coisa, e, repetindo meu pai a pergunta, enunciou outra demonstração que fizera, e, enfim, retrocedendo e explicando sempre por argolas e barras, chegou a suas definições e seus axiomas[5] .

Meu pai ficou tão apavorado com a grandeza e a força desse gênio que, sem dizer palavra, saiu e foi ter com M. Le Pailleur[6] *, seu amigo íntimo e grande erudito também. Aí chegando, ficou imóvel como um homem intensamente comovido, e o Sr. Le Pailleur, vendo-o assim e vendo igualmente que chorava, tomou-se de receio, pedindo-lhe que não mais ocultasse a causa de tanta tristeza. Disse-lhe meu pai: "Não choro de aflição, mas de alegria; sabeis o cuidado que tive em evitar a meu filho o conhecimento da geometria, de medo que isso o desviasse dos outros estudos; entretanto, vede o que fez". Mostrou então o que encontrara e pelo qual se poderia dizer, até certo ponto, que o menino inventara a matemática.*

O Sr. Le Pailleur não ficou menos surpreendido do que meu pai e disse-lhe que não achava justo deter mais tempo um tal espírito, escondendo-lhe esse conhecimento; que era preciso deixá-lo ver os livros sem mais o proibir.

Meu pai, concordando com essa opinião, deu a meu irmão os livros de

[4] A soma dos ângulos de um triângulo é igual a dois ângulos retos.

[5] Brunschvicg corrige o que há de pouco verossímil nessa invenção da geometria, por uma criança de doze anos, com esta citação tirada das *Historiettes* de Tallemant des Réaux (188-189): "O presidente Pascal teve um filho que demonstrou desde a infância inclinação para as matemáticas. Seu pai proibiu lhe dedicar-se a essa ciência antes de ter aprendido o latim e o grego. A criança já aos doze ou treze anos lia, porém, Euclides às escondidas e fazia proposições. O pai descobriu algumas e, mandando chamar o filho, indagou: 'Que é isso?' Ao que respondeu o filho, todo trêmulo: 'Só me diverti com isso nos dias de folga'. 'Entendes bem essa proposição?' 'Sim, meu pai.' 'E onde a aprendeste?' 'Em Euclides, cujos dez primeiros livros eu li.' 'E quando os leste?' 'O primeiro numa tarde, e os demais em menos tempo, proporcionalmente.' Observe-se que é preciso pelo menos dez meses para bem os entender".

[6] Le Pailleur, adido à casa da Marechala de Thémines, não era um sábio profissional. Mas seus contemporâneos citavam no amiúde, como um amador avisado, em relações com os mais ilustres matemáticos e físicos de seu tempo, Roberval, Mersenne, Carcavi, etc. (Cf. Brunschvicg, I, 115.)

Euclides para que os lesse nos momentos de folga. Ele os leu e entendeu sozinho sem ter jamais necessidade de explicação, e, enquanto os lia, compunha e progredia tanto que freqüentava regularmente as conferências semanais, onde se reuniam todos os sábios de Paris para comunicar seus trabalhos ou examinar os dos outros[7].

Meu irmão aí se achava à vontade, tanto na crítica como na produção, pois era um dos que propunham mais vezes coisas novas. Aí vinham ter também proposições enviadas da Alemanha e outros países estrangeiros e todos ouviam sua opinião com o mesmo interesse que demonstravam pelas outras, porque ele tinha tanta clarividência que lhe acontecia às vezes descobrir erros que os outros não haviam percebido.

Entretanto, não empregava nesses estudos de geometria senão suas horas de recreação, pois aprendia latim pelos métodos que meu pai elaborara expressamente para ele. Mas como encontrava naquela ciência a verdade, que tão ardorosamente procurava, sentia-se tão satisfeito que nela punha todo o seu espírito, e assim progredia tão rapidamente que com a idade de dezesseis anos escreveu um tratado dos cones, o qual foi considerado a tal ponto excelente que afirmavam nada ter havido igual desde Arquimedes.

Todos esses sábios eram de opinião que se imprimisse desde logo o tratado, porque diziam que, embora se tratasse de uma obra que seria sempre admirável, imprimindo-a no momento em que seu autor não alcançara ainda dezesseis anos, a circunstância muito acrescentaria à sua beleza. Mas meu irmão, que jamais teve a paixão da celebridade, não lhes deu ouvidos e a obra nunca foi impressa.

Entrementes, continuava a aprender o latim e o grego, e, além disso, durante ou após a refeição, meu pai se entretinha com ele, ora sobre a lógica, ora sobre a física e outras partes da filosofia e foi tudo o que aprendeu, não tendo freqüentado um colégio nem tido outro mestre, nem para isso, nem para o resto.

Meu pai sentia grande prazer, como é de imaginar, com os progressos de meu irmão em todos os ramos do conhecimento, mas não percebia que todas essas grandes e contínuas aplicações do espírito em tão tenra idade pudessem perturbar-lhe a saúde. Efetivamente, esta começou a alterar-se ao atingir ele a idade de dezoito anos. Mas como o mal-estar que então sentia não era muito sério, não o impedia de continuar suas ocupações habituais, de modo que foi então, na idade de dezenove anos, que inventou a máquina aritmética, com a qual não somente se faz toda espécie de operações sem pena nem tentos como ainda sem qualquer regra aritmética e com segurança infalível[8].

Essa obra foi considerada coisa inédita na natureza, pois reduzia-se à máquina uma ciência que reside toda no espírito, e encontrava-se o meio de fazer todas as operações com inteira segurança sem apelar para o raciocínio. Esse trabalho cansou-o muito, não pela idéia nem pelo mecanismo[9], *que descobriu sem esforço, mas para fazer com que os operários compreendessem essas coisas todas; e por isso gastou dois anos para pô-la perfeita como é hoje.*

[7] O Padre Mersenne reunia em sua casa Descartes, Hobbes, Roberval, Fermat, Desargues. Essas reuniões prosseguiram mais tarde nas residências de Montmort e Thévenot.

[8] Em 1650 Pascal ofereceu uma de suas máquinas à Rainha Cristina, da Suécia. O exemplar que possui o Conservatório de Artes e Ofícios de Paris parece ser apenas uma imitação da "pascalina". (Cf. Brunschvicg, I, p. 293 e II, pp. 22-34.)

[9] *Mouvement* no original. (N. do T.)

Todavia, tal fadiga e a delicadeza de sua saúde, há alguns anos atingida, trouxeram-lhe males que não mais o deixaram, a ponto de nos ter dito às vezes que desde a idade de dezoito anos não passara um dia sem sofrer. Entretanto, o mal-estar não era sempre de igual violência e, logo que descansava um pouco, seu espírito o impelia de imediato a procurar algo novo.

Foi nesse tempo, com a idade de vinte e três anos, que, tendo visto a experiência de Torricelli, inventou e executou em seguida as demais experiências que se denominaram "do vácuo", que provam claramente que todos os efeitos até então atribuídos ao horror ao vácuo eram causados pelo peso do ar.

Essa ocupação foi a última a que dedicou seu espírito científico; e, embora tenha inventado depois a roleta, isso não contradiz o que afirmo, pois a descobriu sem nela pensar e de maneira que mostra muito bem não se ter aplicado, como farei ver adiante.

Imediatamente após essas experiências[10] *e quando não tinha ainda vinte e quatro anos, tendo-lhe a Providência divina dado a oportunidade de ler escritos devotos, Deus o iluminou de tal maneira com essa leitura que ele compreendeu perfeitamente que a religião cristã nos obriga a viver tão-somente para Deus e a não ter outro objetivo senão Deus. E essa verdade lhe pareceu tão evidente, tão necessária e tão útil que terminou todas as suas pesquisas, renunciando a todos os demais conhecimentos, a fim de se dedicar somente à única coisa que Jesus Cristo considera necessária.*

Fora até então preservado, por uma proteção toda particular de Deus, de todos os vícios da mocidade e, o que é mais estranho ainda em um espírito dessa têmpera e desse caráter, jamais se vira tentado pela libertinagem em relação à religião, limitando sempre sua curiosidade às coisas naturais. E disse-me várias vezes que juntava mais essa gratidão às demais que devia a meu pai, o qual, tendo ele próprio grande respeito pela religião, o inspirara desde criança dando-lhe por máxima que tudo o que é objeto da fé não o pode ser da razão e nem a esta submetido.

Essas máximas, que lhe eram amiúde repetidas por meu pai, por quem tinha muita estima e em quem percebia grande erudição acompanhada por um raciocínio límpido e forte, impressionaram-no tanto que nunca se comovia com os discursos dos libertinos, quaisquer que fossem. E, embora muito jovem, encarava-os como indivíduos que obedecem ao falso princípio de que a razão humana está acima de tudo, e que não conhecem a natureza da fé. Assim, esse grande espírito, tão vasto e cheio de curiosidade, que buscava com tanto cuidado a razão e a causa de tudo, conduzia-se como uma criança em matéria de religião e essa simplicidade dominou-o durante a vida inteira. De maneira que, desde o momento em que resolveu só estudar a religião, não se aplicou nunca às questões curiosas da teologia e sim em empregar toda a força de sua mente no conhecimento e na prática da perfeição da moral cristã, à qual consagrou todo o talento que Deus lhe deu, nada mais fazendo todo o resto da sua vida do que meditar dia e noite sobre a lei divina.

Mas, conquanto não tivesse estudado particularmente a escolástica, não ignorava as decisões da Igreja contra as heresias inventadas pela sutileza do espí-

[10] Mme Périer parece querer dizer que a atividade científica de Pascal foi sustada com sua conversão ao jansenismo em 1646; ora, pelo contrário, Pascal nunca se ocupou tanto de ciência como de 1647 a 1654.

rito, e contra esses devaneios é que mais se animava. E já nessa ocasião Deus lhe deu azo para revelar o zelo que tinha pela religião.

Estava então em Ruão, onde meu pai se empregara a serviço do rei, e aí havia também um homem que ensinava uma nova filosofia que atraía todos os curiosos[11]*. Meu irmão, instigado por dois rapazes seus amigos, lá foi ter, acompanhado por eles; surpreendeu-os o fato de esse homem, ao explicar os princípios da filosofia, tirar conclusões sobre pontos de fé contrários às decisões da Igreja.*

Provava com seus raciocínios que o corpo de Jesus Cristo não se formara com o sangue da Santa Virgem e sim com uma matéria criada expressamente para o caso; e assim outras coisas. Quiseram contraditá-lo mas ele sustentou com firmeza suas convicções. Em vista do que, tendo considerado o perigo que havia em deixar-lhe a liberdade de instruir a mocidade dentro desses erros, resolveram adverti-lo, ameaçando-o de denúncia caso resistisse.

Foi o que aconteceu, pois desprezou a advertência. Denunciaram-no ao Sr. du Bellay[12]*, que então desempenhava, em comissão do arcebispo, funções episcopais na diocese de Ruão. O Sr. du Bellay mandou chamar esse homem e, tendo-o interrogado, foi enganado por uma confissão de fé equívoca, escrita e assinada por quem pouco caso fazia da advertência dada pelos três rapazes. Entretanto, logo que viram essa confissão de fé, perceberam os jovens a sua falha, o que os levou a procurar em Gaillon o arcebispo de Ruão, o qual, examinando as coisas, julgou-as tão importantes que deu ordem a seu conselho, e expressamente ao Sr. du Bellay, de fazer que esse homem se retratasse quanto àquilo de que era acusado, e de nada receber dele senão através dos que o haviam denunciado. Assim se executou a ordem: o acusado compareceu ao conselho do arcebispo e renegou seus sentimentos, e pode-se dizer que o fez sinceramente, pois nunca demonstrou ressentimento contra os que haviam provocado a questão, o que induz a crer que possivelmente se tivesse enganado a si mesmo com as falsas conclusões que tivera de falsos princípios. É certo, de resto, que não havia nenhuma intenção de prejudicá-lo e sim, tão-somente, de esclarecê-lo e impedi-lo de seduzir os jovens incapazes de discernir o verdadeiro do falso em questões tão sutis.*

Assim esse caso terminou sem maiores complicações e meu irmão continuou a procurar, cada vez mais, os meios de agradar a Deus. Esse amor à perfeição cristã se inflamou de tal maneira, a partir de vinte e quatro anos, que se expandiu pela casa toda. Até mesmo meu pai, não se envergonhando de concordar com o filho, levou uma vida mais exata e a foi aperfeiçoando na prática contínua das virtudes, até sua morte mui cristã. E minha irmã, que tinha talentos de espírito extraordinários e gozava desde a infância de uma reputação a que chegam raramente as moças em idade bem mais avançada, ficou tão comovida com os discursos de meu irmão que resolveu renunciar às vantagens que tanto apreciara até então, a fim de se consagrar inteiramente a Deus.

Como tivesse muito espírito, quando Deus lhe iluminou o coração, compreendeu, como meu irmão, todas as coisas que ele dizia da santidade da religião cristã; e, não podendo suportar a imperfeição em que julgava encontrar-

[11] Trata-se de Jacques Forton, Frei Santo Ângelo, capuchinho. (Cf. Brurschvicg, *Pensées*, I, p. 350.)

[12] Camus, bispo de Belley (1582-1652). É por engano que Mme Périer escreve *du Bellay*. O arcebispo de Ruão era então François de Harlay.

se, fez-se religiosa em uma casa muito austera, em Port-Royal des Champs, aí falecendo aos trinta e seis anos apenas, após ter passado pelos cargos mais difíceis e se haver consumido em pouco tempo com um mérito que outros só adquirem em longos anos[13].

Meu irmão tinha vinte e quatro anos, seu males haviam aumentado, chegando ao ponto de não poder engolir mais líquido nenhum a não ser quente e em gotas. Mas como, ademais, sentia dores de cabeça insuportáveis, ardores intestinais e outros males, ordenaram-lhe os médicos que se purgasse, um dia sim um não, durante três meses, de modo que foi preciso que tomasse esses remédios como podia, isto é, aquecidos e gota a gota. Era um verdadeiro suplício, e os que se achavam perto dele horrorizavam-se só com vê-lo. Mas meu irmão não se queixava nunca e encarava a coisa como um benefício. Como não conhecia qualquer outra ciência senão a da virtude e sabia que se aperfeiçoava na enfermidade, com alegria executava todas as penitências; e, vendo nestas as vantagens do cristianismo, dizia não raro que antes os seus males o desviavam dos estudos e que ele sofria com isso, mas que um cristão se dava bem com tudo, particularmente com o sofrimento, porque nele se reconhecia Jesus Cristo crucificado, o qual deve ser toda a ciência do cristão e a única glória de sua vida.

Esses remédios e outros que lhe ministraram deram-lhe algum alívio mas não uma saúde perfeita; de sorte que os médicos pensaram que, para se restabelecer inteiramente, era necessário que renunciasse a toda ocupação do espírito e buscasse quanto pudesse ocasiões de se divertir com algo agradável: as conversações sociais em suma, pois não havia outros divertimentos que conviessem a meu irmão. Mas como podia um homem de sua espécie conformar-se com isso! Efetivamente custou muito a princípio, mas tanto insistiram que ele concordou em tratar da saúde. Persuadiram-no de que era um bem cujo cuidado agrada a Deus.

Foram os anos mais mal empregados de sua vida, pois embora pela misericórdia de Deus ele se visse preservado dos vícios, tratava-se, afinal, de um ar de sociedade bem diferente do clima do Evangelho. Deus, que exigia dele uma maior perfeição, não quis abandoná-lo mais tempo e serviu-se de minha irmã para retirá-lo do mundo, como antes se havia servido de meu irmão para tirar minha irmã da sociedade.

Desde que ela entrara para o convento, seu fervor aumentara dia a dia e todos os seus sentimentos recendiam a uma santidade absoluta; por isso não podia suportar que aquele a quem devia as graças de Deus não as possuísse também. E, como meu irmão a visse amiudadamente, ela lhe falava disso e o fez afinal com tanto entusiasmo que o persuadiu do que ele a persuadira antes, de retirar-se do mundo e das conversações sociais, as mais inocentes das quais não

[13] Jacqueline Pascal, nascida em 1625, foi uma espécie de menina-prodígio. Com oito anos fazia versos e não raro os improvisava com felicidade e singeleza.
Em 1638, quando se soube que a rainha ia, finalmente, dar um herdeiro à casa de França, Jacqueline compôs um soneto que recitou para a rainha.
Em fevereiro de 1639, com catorze anos, representou no Palais Royal diante de Richelieu, indo após a representação, na qual encantou a todos os espectadores, solicitar do cardeal a graça de seu pai. Nesse ano obteve um prêmio de poesia em Ruão, com estâncias sobre a Virgem e foi o grande Corneille quem improvisou um poema dirigido ao presidente do concurso para lhe agradecer o prêmio dado a Jacqueline. Mas em 1647 Jacqueline proclamou sua decisão de se tornar religiosa. O pai não quis consentir e, depois de sua morte, Blaise Pascal opôs-se durante muito tempo a tal resolução. Tornou-se finalmente religiosa de Port-Royal em 1652 com o nome de Irmã Santa Eufêmia, aí morrendo a 4 de outubro de 1661. (Vide *Jacqueline Pascal*, por Victor Cousin.)

passam de contínuas inutilidades, indignas da santidade do cristianismo a que somos todos chamados e cujo exemplo nos foi dado por Jesus Cristo.

A questão da saúde, que o preocupara antes, pareceu-lhe tão lamentável que se sentiu envergonhado. A luz da verdadeira sabedoria mostrou-lhe à evidência que a salvação devia ser preferível a todas as coisas e que era um erro atentar para um bem passageiro do corpo quando se tratava do bem eterno da alma.

Tinha trinta anos quando resolveu desistir destes novos compromissos sociais. Começou mudando de bairro, e, para melhor romper com seus hábitos, foi morar no campo, onde tanto fez para abandonar o mundo que o mundo, afinal, o abandonou.

Em suma, agia sempre em obediência a princípios, em todas as coisas. Feitos como eram, seu espírito e seu coração não podiam ter outra conduta. Por isso os princípios que se propôs em seu retiro foram as máximas sólidas da verdadeira devoção: a que consiste em renunciar a todos os prazeres e a que determina que se renuncie também a toda espécie de superfluidades.

Começou, antes de mais nada, a fim de entrar na prática da primeira máxima, a dispensar, como sempre fez, desde então, seus criados, na medida do possível. Fazia a cama ele próprio, jantava na cozinha, lavava a louça e só apelava para o seu pessoal quando era absolutamente inevitável.

Não lhe sendo possível abolir os sentidos, quando era forçado, por necessidade, a dar-lhes algum prazer, revelava habilidade extraordinária em desviar deles o espírito. Jamais o ouvimos elogiar as viandas que lhe serviam e, se porventura ocorria servirem-lhe algo mais delicado e lhe perguntavam se o achara bom, respondia simplesmente: "Deveriam avisar-me antes, pois agora já não me lembro e confesso que não prestei atenção". E quando alguém, segundo os costumes da sociedade, admirava a qualidade de algum prato, ele não o suportava; e a isso chamava ser sensual, ainda que se tratasse tão-somente das coisas mais comuns: porque era o sinal, dizia, de que comiam por prazer, o que era um mal; ou, pelo menos, que assim falavam uma linguagem semelhante à dos sensuais, o que não era conveniente para um cristão que nunca deve dizer algo que não tenha um ar de santidade. Não queria permitir que fizessem molhos ou ensopados, nem que lhe dessem laranja ou vinho, ou nada que excitasse o apetite, embora gostasse naturalmente dessas coisas. Determinara no início de seu retiro a quantidade de alimento necessária às exigências de seu estômago e desde então, por maior que fosse o apetite, não ultrapassava a medida; e, ainda que com repugnância, tinha de comer o que predeterminara.

Quando lhe perguntavam por que motivo o fazia, dizia que era preciso satisfazer o estômago e não o apetite.

Mas a mortificação dos sentidos não consistia apenas em cortar tudo o que lhe pudesse ser agradável, alimentação ou remédios. Tomou caldos durante quatro anos seguidos sem manifestar a menor repugnância. Bastava que lhe receitassem alguma coisa, tomava-a sem esforço, e, quando eu me espantava ao vê-lo engolir sem náusea certos remédios, zombava de mim e dizia que ele próprio não conseguia compreender como se podia manifestar repugnância ao tomar um remédio voluntariamente e depois de ser avisado de seu mau gosto. Só a violência e a surpresa deviam provocar tal reação. Será fácil observar adiante o cuidado que tinha em renunciar a toda espécie de prazeres em que se verificasse alguma satisfação do amor-próprio.

Não demonstrou menos cuidado em praticar a outra máxima que se propusera, a de renunciar a toda espécie de superfluidades, a qual decorria da primeira. Chegou aos poucos a não ter mais tapeçarias em seu quarto por não as julgar necessárias. E em verdade não era obrigado a tê-las por conveniência porque só o vinham ver pessoas a quem recomendava todos os sacrifícios e que, por conseguinte, não ficavam surpreendidas de ver que ele vivia do modo que aconselhava aos outros. Já vimos que se privara das visitas supérfluas e quis mesmo não receber mais ninguém.

Mas como procuramos sempre um tesouro, esteja onde estiver, e como Deus não permite que fique oculta uma luz feita para iluminar, certas pessoas de grande condição de espírito, que conhecera antes, iam procurá-lo em seu retiro e pedir-lhe conselhos; outras, que tinham dúvidas acerca de questões de fé, e conheciam suas luzes a respeito, a ele recorriam também, e umas e outras, algumas ainda vivas hoje, saíam mui contentes e afirmam ainda, em quaisquer oportunidades, deverem o bem que conhecem e praticam a seus esclarecimentos e orientação.

Embora não se entregasse à conversação a não ser por razões de caridade e se vigiasse muito a fim de nada perder do que buscava adquirir em seu retiro, não deixou de sofrer com isso e de recear que o amor-próprio o impelisse a tirar de tal comércio algum prazer; e sua regra consistia em não entrar em nenhum colóquio em que o prazer pudesse encontrar-se. Por outro lado, pensava não ter o direito de recusar a tais pessoas o socorro de que necessitavam. Era uma luta, portanto. Mas o espírito de mortificação, que é o próprio espírito de caridade que tudo acomoda, veio em seu auxílio inspirando-lhe colocar sobre a carne um cilício cheio de pontas, sempre que o avisavam da visita dessas pessoas. Assim fez e, quando alguma vaidade o invadia ou se sentia tomado pelo prazer da conversação, dava em si próprio cotoveladas para redobrar a violência das picadas e com isso recordar-se de seu dever. Tal prática lhe pareceu tão útil que dela usou também para prevenir-se contra a inatividade de que se viu vítima nos últimos anos de sua vida. Como nesse estado não podia ler nem escrever, era obrigado a nada fazer e a passear sem pensar no que quer que fosse. Temia com razão que essa falta de ocupação, raiz de todos os males, o desviasse de seus desígnios, e para se manter alerta incorporara, por assim dizer, esse inimigo voluntário que, picando-lhe o corpo, lhe excitava sem cessar o espírito ao fervor e lhe oferecia um meio de vitória certa. Mas tudo era tão secreto que nada sabíamos, e só o descobrimos depois de sua morte por alguém de grande virtude, que ele amava e a quem fora obrigado a dizê-lo por motivos particulares.

Todo o tempo em que a caridade não o tomava dessa maneira era empregado nas orações e na leitura das Sagradas Escrituras. Era como que o centro de seu coração, onde encontrava sua alegria e o sossego de seu retiro. É verdade que tinha um dom especial para apreciar ao máximo essas duas ocupações tão preciosas e santas. Podia-se mesmo dizer que para ele não eram diferentes, pois meditava sobre as Escrituras, orando. Dizia amiúde que as Sagradas Escrituras não eram uma ciência do espírito e sim do coração e que só eram inteligíveis aos que têm o coração reto, pois os outros não vêem nelas senão obscuridade; e que o véu que se estende sobre as Escrituras, quanto aos judeus, também se estende quanto aos maus cristãos; e que a caridade era não somente o objeto das Escrituras mas igualmente a porta. Ia além, e dizia ainda que a gente só se dispunha a

amar as Escrituras quando se odiava a si mesmo e amava a vida mortificada de Jesus Cristo. Era com essa disposição que lia as Sagradas Escrituras e que as sabia quase de cor, de modo que não podiam citá-las erroneamente, pois logo atalhava, positivo: "Não está nas Escrituras" ou "Está nas Escrituras" e assinalava com precisão o lugar e, em geral, tudo o que pudesse servir a uma inteligência perfeita de todas as verdades, tanto da fé como da moral.

Tinha um espírito tão admirável que embelezava tudo o que dizia e, embora tivesse aprendido muitas coisas nos livros, quando as digeria a seu modo elas pareciam diferentes, porque sabia enunciá-las da maneira como o deviam ser para entrarem na compreensão do homem.

Tinha naturalmente esse espírito extraordinário, mas criara regras de eloqüência particulares que aumentavam ainda seu talento. Não era o que se denomina belos pensamentos, os quais têm apenas um falso brilho e nada significam; nunca empregava palavras raras nem muitas expressões metafóricas, nada que fosse obscuro ou rude, imperativo, sutil ou supérfluo. Mas concebia a eloqüência com um modo de dizer as coisas de maneira a torná-las fácil e agradavelmente compreensíveis a todos, e achava que essa arte consistia em certas disposições que devem encontrar-se entre o espírito e o coração daqueles a quem se fala, por um lado, e os pensamentos e as expressões empregadas, mas que as proporções só se ajustam bem pela forma dada. Por isso estudara muito o coração do homem e seu espírito e conhecia-lhes perfeitamente todas as molas. Quando pensava alguma coisa, punha-se no lugar dos que a deviam compreender; e, examinando se as proporções estavam certas, via em seguida que forma era preciso dar-lhes, e não se satisfazia enquanto não visse claramente que um era feito para o outro, isto é, o que ele pensara para o espírito a que se dirigia, de modo que na prática fosse impossível ao interlocutor não aceitar esse pensamento com prazer. Não engrandecia o que era pequeno nem tornava pequeno o que era grande. Não lhe bastava que uma coisa parecesse bela, queria que se adequasse ao assunto, que nada tivesse de supérfluo e que nada lhe faltasse. Era, enfim, tão senhor de seu estilo que dizia tudo o que queria e seu discurso alcançava sempre o efeito desejado. É essa maneira de escrever ingênua, justa, agradável, forte e natural a um tempo, era-lhe tão peculiar que, logo que foram editadas as Cartas a um Provincial, *todos julgaram que eram dele, por mais que o houvesse escondido até a seus íntimos.*

Foi nessa época que aprouve a Deus curar minha filha de uma fístula lacrimal de que sofria há três anos e meio. Essa fístula era de tão mau aspecto que os mais hábeis cirurgiões de Paris a haviam julgado incurável. Finalmente Deus tomara a si o trabalho de curá-la pelo toque de um Santo Espinho existente em Port-Royal; esse milagre foi atestado por vários cirurgiões e médicos e confirmado por sentença solene da Igreja.

Minha filha era afilhada de meu irmão; mas ele ficou principalmente comovido com o milagre porque com ele via Deus glorificado e porque isso ocorria numa época em que a fé da maior parte das pessoas era medíocre. Sua alegria foi imensa; e, como seu espírito não se ocupava de nada sem muita reflexão, ocorreram-lhe, por ocasião desse milagre particular, muitos pensamentos importantes acerca dos milagres em geral, tanto do Antigo como do Novo Testamento. Se há milagres, há portanto algo acima do que denominamos natureza; a conseqüência está no bom senso: basta assegurarmo-nos da certeza e da verdade dos milagres.

Ora, há regras para isso, que se encontram também no bom senso, e essas regras se acham nos milagres do Antigo Testamento. Logo, esses milagres são verdadeiros. Logo, há algo acima da natureza.

Mas esses milagres têm ainda sinais de que são de Deus; e em especial os do Novo Testamento, porquanto quem os operava era o Messias que os homens deviam esperar. Logo, como os milagres tanto do Antigo como do Novo Testamento provam que há um Deus, os do Novo, em particular, provam que Jesus Cristo era o verdadeiro Messias.

Elucidava tudo com uma clareza admirável, e quando nós o ouvíamos falar e ele desenvolvia todas as circunstâncias do Antigo e do Novo Testamento em que se relatavam os milagres, tudo nos parecia claro. Não era possível negar a verdade desses milagres, nem as conseqüências que tirava como provas de Deus e do Messias, sem chocar princípios mais comuns sobre os quais assentamos as coisas que passam por indubitáveis. Recolheram-se alguns pensamentos seus a esse respeito, mas poucos, e eu me consideraria obrigada a estender-me mais a esse propósito, de acordo com o que ouvi dele, se um de seus amigos não nos houvesse dado uma dissertação sobre as obras de Moisés, em que tudo se acha admiravelmente elucidado e de maneira nada indigna de meu irmão[14].

Recomendo, pois, essa obra e acrescento somente, o que importa relatar aqui, que as diferentes reflexões, que meu irmão fez sobre os milagres, lhe trouxeram muitas luzes novas acerca da religião. Como todas as verdades são tiradas umas das outras, bastava que se houvesse aplicado numa para que as outras viessem aos magotes e se elucidassem em seu espírito de uma maneira que a ele próprio enlevava, como nos disse amiúde. E foi então que se sentiu tão irritado contra os ateus que, vendo nas luzes que recebera de Deus matéria para convencê-los e confundi-los irremediavelmente, dedicou-se a essa obra. E as partes que foram reunidas nos fazem lamentar que ele próprio não as tenha podido organizar e, juntamente com tudo o que poderia ainda acrescentar, compor um todo de grande beleza. Era certamente muito capaz de fazê-lo, mas Deus, que lhe dera o espírito necessário a tão grande desígnio, não lhe deu bastante saúde para terminá-lo.

Prètendia mostrar que a religião cristã oferecia tantas marcas de certeza quanto as coisas aceitas no mundo como indubitáveis. Não se valia para isso de provas metafísicas; não porque acreditasse serem desprezíveis, quando oportunas; mas dizia que se achavam demasiado afastadas do raciocínio humano habitual; que nem todos as entendiam e para os que as entendiam não valiam senão durante algum tempo: horas depois já as haviam olvidado e temiam ter-se enganado. Dizia também que essas provas só nos podem conduzir a um conhecimento especulativo de Deus, e que conhecer Deus, assim, era não o conhecer. Não queria tampouco servir-se dos raciocínios comuns tirados das obras da natureza; respeitava-os entretanto, porque eram consagrados pela Escritura Santa e razoáveis, mas pensava que não eram suficientemente adequados ao espírito e à disposição de coração daqueles que desejava convencer. Observava por experiência que, longe de vencê-los, nada era mais capaz de enfadá-los e tirar-lhes a esperança de descobrir a verdade do que pretender convencê-los com esses raciocínios, contra os quais já se tinham revoltado tantas vezes, que o endureci-

[14] Trata-se do *Discurso sobre as Provas dos Livros de Moisés*, de Filleau de la Chaise, publicado em 1672. (N. do E.)

mento de seu coração os tornara surdos à voz da natureza; e que, finalmente, viviam numa tal cegueira que dela não sairiam senão por Jesus Cristo, fora do qual toda comunicação com Deus nos é vedada, porquanto está escrito que só o Filho e aquele, a quem apraz ao Filho revelá-lo, conhecem o Pai.

A divindade dos cristãos não consiste apenas em um Deus simplesmente autor das verdades geométricas e da ordem dos elementos; essa é a parte dos pagãos. Ela não consiste em um Deus que exerce sua providência sobre a vida e os bens do homem a fim de dar-lhe uma seqüência de anos felizes; essa é a parte dos judeus. Mas o Deus de Abraão e de Jacó, o Deus dos cristãos é um Deus de amor e consolação; é um Deus que enche a alma e o coração dos que o possuem. É um Deus que lhes faz sentir interiormente sua miséria e sua infinita misericórdia; que se une no fundo de sua alma; que os enche de humildade, de fé, de confiança e amor; que os torna incapazes de um objetivo que não ele próprio. O Deus dos cristãos é um Deus que faz sentir à alma que ele é seu único bem; que todo repouso está nele e que ela não terá alegria senão em seu amor; e que a faz ao mesmo tempo detestar os obstáculos que a retêm e a impedem de amar com todas as suas forças. O amor-próprio e a concupiscência que a detêm são-lhe insuportáveis. E Deus faz-lhe perceber que ela tem esse fundo de amor-próprio que só ele pode curar.

Eis o que é conhecer Deus como cristão. Mas para conhecê-lo dessa maneira é preciso conhecer ao mesmo tempo a própria miséria e a própria indignidade e a necessidade que se tem de um mediador a fim de se aproximar de Deus para unir-se a ele. É preciso não separar esses conhecimentos porque, estando separados, não somente são inúteis mas nocivos. O conhecimento de Deus sem o da nossa miséria faz o orgulho. O da nossa miséria sem o de Jesus Cristo faz o desespero; mas o conhecimento de Jesus Cristo isenta-nos do orgulho e do desespero; porque nele encontramos Deus, único consolador de nossa miséria e único meio de repará-la.

Podemos conhecer Deus sem conhecer nossa miséria, ou nossa miséria sem conhecer Deus; ou, mesmo, Deus e nossa miséria, sem conhecer o meio de nos libertarmos das misérias que nos acabrunham. Mas não podemos conhecer Jesus Cristo sem conhecer ao mesmo tempo Deus e nossa miséria; porque ele não é simplesmente Deus, mas um Deus reparador de nossas misérias.

Assim, todos os que procuram Deus sem Jesus Cristo não encontram luz que os satisfaça, ou que lhes seja realmente útil; pois não chegam a conhecer que há um Deus, ou, se chegam, é inútil para eles porque se forma um meio de comunicação sem mediador com um Deus que conheceram sem mediador; de modo que caem no ateísmo e no deísmo, que são duas coisas quase igualmente repelidas pela religião.

É preciso, pois, esforçarmo-nos unicamente por conhecer Jesus Cristo, porque só por ele podemos pretender conhecer Deus de maneira útil. Ele é que é o verdadeiro Deus dos homens, dos miseráveis, dos pecadores. É o centro e objeto de tudo; e quem não o conhece nada conhece na ordem da natureza do mundo nem em si mesmo; porque não só conhecemos Deus apenas por Jesus Cristo mas ainda só nos conhecemos por ele.

Sem Jesus Cristo o homem permanecerá no vício e na miséria; com Jesus Cristo estará isento de vício e de miséria. Nele está toda a nossa felicidade, toda a nossa virtude, a nossa vida, a nossa luz, a nossa esperança; fora dele, só há ví-

cios, misérias, desespero, e não vemos senão obscuridade e confusão na natureza de Deus e na nossa.

Essas palavras são textuais de meu irmão, e pensei dever repeti-las aqui porque nos mostram admiravelmente bem o espírito de sua obra e que a maneira pela qual desejava realizá-la era sem dúvida capaz de impressionar o coração dos homens.

Um dos principais pontos de sua eloqüência consistia não só em nada dizer que não se entendesse mas ainda em dizer coisas que interessassem às pessoas com quem falava porque assim estava certo de que então o amor-próprio mesmo não deixaria de nos levar a nelas refletir. Demais, como a parte que tomamos nas coisas é de duas espécies (pois ou nos afligem ou nos consolam), acreditava que não se devia jamais afligir sem consolar. E bem combinar tudo era o segredo da eloqüência. Assim, nas provas que queria dar de Deus e da religião cristã, nada queria dizer que não estivesse ao alcance de todos aqueles a quem se destinavam e pelas quais não se interessasse o homem, ou sentindo em si mesmo as coisas que o faziam observar, boas ou más, ou vendo claramente que não podia tomar melhor partido, nem mais razoável, do que crer num Deus de que podemos gozar, e num mediador que, tendo vindo para que merecêssemos sua graça, começa a tornar-nos felizes, já nesta vida, pelas virtudes que nos inspira, muito mais do que o seríamos por tudo o que o mundo nos promete; e nos assegura de que o seremos perfeitamente no céu se o merecermos pelos meios que nos ofereceu e de que ele próprio deu o exemplo.

Mas, embora meu irmão estivesse persuadido de que tudo o que tinha assim a dizer sobre a religião seria muito claro e convincente, não acreditava que o devesse ser aos indiferentes, aos que, não encontrando em si mesmos luzes que os persuadissem, negligenciassem buscá-las alhures, principalmente na Igreja, de onde irradiam em maior número. Pois estabelecia estas duas verdades como certas: que Deus pôs marcas sensíveis, particularmente na Igreja, para se revelar aos que o procuram com sinceridade, e que, no entanto, as cobriu de tal maneira que não será percebido pelos que não o procuram de todo o coração.

Por isso, quando devia conferenciar com ateus, não começava nunca pela discussão, nem por estabelecer os princípios que tinha a propor; mas queria antes saber se buscavam a verdade de todo o coração; e agia com eles de acordo com isso, ou para ajudá-los a achar a luz que não tinham, se a buscavam sinceramente, ou para dispô-los a buscá-la e a fazer disso sua ocupação primeira, antes de os instruir, se quisessem que sua instrução lhes fosse útil.

Suas enfermidades impediram-no de trabalhar com mais afinco nesse desígnio. Tinha mais ou menos trinta e quatro anos quando iniciou essa tarefa. Dedicou um ano inteiro à sua preparação, na medida em que as demais ocupações lho permitiam, e isso consistia em anotar os diversos pensamentos que a propósito lhe ocorriam e no fim do ano, isto é, aos trinta e cinco e no quinto ano de seu retiro, recaiu doente de modo tão acabrunhador que nada mais pôde fazer durante os quatro anos que viveu ainda, se é que se pode chamar viver ao langor lamentável em que se manteve.

Não se pode pensar nessa obra sem uma aflição grande em ver que não se terminou a coisa mais bela e mais útil para o século em que estamos. Não ousaria dizer que não éramos dignos dela. Como quer que seja, Deus quis revelar pela amostra, por assim dizer, aquilo de que meu irmão era capaz pela grandeza de

espírito e os talentos que lhe dera; e, se uma tal obra pudesse ser realizada por outro, acreditaria que Deus desejara que tão grande bem não se obtivesse senão por meio de muitas preces novas.

Essa volta das enfermidades de meu irmão começou por uma dor de dente que lhe tirou inteiramente o sono. Mas que meios tem um espírito como o seu para ficar acordado sem pensar em nada? Eis por que nas suas insônias, de resto mui freqüentes e cansativas, vieram-lhe uma noite ao espírito alguns pensamentos sobre a roleta[15]. *Ao primeiro seguiu-se um segundo e a este um terceiro e, enfim, surgiram, uns dos outros, inúmeros pensamentos, os quais lhe mostraram uma demonstração da roleta com a qual ele próprio se surpreendeu. Mas como há muito renunciara a todas essas coisas, não pensou sequer em escrever; falou, entretanto, com uma pessoa a quem devia deferência e, tanto por respeito a seu mérito como pela afeição com que era honrada, essa pessoa teve com essa invenção uma idéia, toda à glória de Deus, sugerindo a meu irmão que escrevesse tudo o que lhe viera ao espírito e o mandasse imprimir.*

É incrível a precipitação com que pôs isso no papel. Não fazia senão escrever enquanto a mão obedecia e o tivera terminado em poucos dias; não copiava e dava as folhas na medida em que as fazia. Imprimiam também uma outra coisa dele, que fornecia igualmente à proporção que compunha, e assim entregava aos impressores duas coisas diferentes ao mesmo tempo. Não era demais para seu espírito; mas seu corpo não pôde resistir, pois foi este último abatimento que acabou de solapar inteiramente sua saúde e o reduziu a esse estado tão aflitivo a que já me referi e no qual não podia mais engolir.

Mas se suas enfermidades o tornaram incapaz de servir aos outros, não foram inúteis a ele mesmo, pois as suportava com tanta paciência que há razão de crer, e de se consolar com essa idéia, que Deus quis assim fazê-lo tal qual queria que aparecesse diante dele. Meu irmão não pensou, efetivamente, em mais nada e, tendo sempre diante dos olhos as duas máximas que se propusera (de renunciar a todos os prazeres e a todas as superfluidades), praticou-as ainda com mais fervor como se, premido pelo peso da caridade, sentisse que se aproximava do centro onde devia gozar o eterno repouso.

Mas não se pode conhecer melhor a disposição particular com que sofria esses novos males dos quatro últimos anos de sua vida do que por essa oração admirável que dele aprendemos e que compôs nessa época para pedir a Deus que lhe desse o bom uso das doenças. Não há como duvidar que tivesse tais coisas no coração, porquanto as tinha no espírito, e só as escreveu assim porque assim as praticou. Podemos mesmo assegurar que fomos testemunhas disso e que, se ninguém jamais escreveu melhor sobre o bom uso das doenças, ninguém jamais o praticou melhor para maior edificação de todos os que o viam.

Alguns anos antes, escrevera uma carta sobre a morte de meu pai, na qual se via que achava ser dever de um cristão olhar esta vida como um sacrifício e que os diversos acidentes que nos ocorrem só nos devem impressionar na medida em que interrompem ou efetivam esse sacrifício. Eis por que o estado de agonia a que se viu reduzido nos últimos anos de vida parecia-lhe o meio de cumprir esse sacrifício a terminar com a morte. Encarava esse langor com alegria e víamos diariamente que abençoava Deus com todas as forças da alma. Quando nos

[15] Sobre a roleta, cf. Strowsky, *Pascal*, III, 327. Ciclóide ou roleta, "curva gerada por um ponto fixo de uma circunferência que rola sem escorregar, sobre uma linha reta". (Cf. *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.)* (N. do T.)

falava da morte, que acreditava mais próxima do que se achava então, referia-se ao mesmo tempo a Jesus Cristo, e dizia que a morte, horrível sem Jesus, em Cristo é amável e santa; que é a alegria do fiel e que, em verdade, se fôssemos inocentes, o horror à morte seria razoável porque, sendo contra a ordem da natureza que o inocente seja punido, seria justo odiá-la quando viesse a separar uma alma santa de um corpo santo, mas que era justo amá-la porque separava uma alma santa de um corpo impuro; que fora justo odiá-la se rompesse a paz da alma e do corpo, mas não nessa hora em que acalma a dissensão irreconciliável de ambos, em que ela tira do corpo a liberdade infeliz de pecar, em que ela põe a alma na necessidade feliz de só poder louvar a Deus e estar com ele em união eterna. Que não se devia, entretanto, condenar o amor à vida que a natureza nos deu, porquanto o recebemos do próprio Deus, mas que se devia empregá-lo em relação à mesma vida, para a qual Deus no-lo deu; a uma vida inocente e bem-aventurada e não a um objeto contrário. Que Jesus amara sua vida porque ela era inocente, que temera a morte porque esta o atingia num corpo agradável a Deus, mas que não acontecendo o mesmo com nossa vida, que é uma vida de pecado, deveríamos ser levados a odiar uma vida contrária à de Jesus Cristo, a amar e não temer uma morte que, acabando em nós com uma vida de pecado e miséria, nos dá a liberdade de ir a Jesus Cristo ver Deus frente a frente, adorá-lo, abençoá-lo e amá-lo eternamente sem reserva.

Era por esses mesmos princípios que tinha tanto amor à penitência; pois dizia que era preciso punir um corpo de pecador, e puni-lo sem reserva, mediante uma penitência contínua, porque sem isso ele permanecia rebelde ao espírito e contraditando os sentimentos de salvação; mas, como não temos a coragem de nos punir a nós mesmos, devíamos agradecer a Deus quando lhe comprazia fazê-lo. Eis por que o abençoava sem cessar pelo sofrimento que lhe enviara e que meu irmão encarava como uma chama a queimar pouco a pouco os pecados no sacrifício cotidiano, preparando-o assim até que agradasse a Deus mandar-lhe a morte para consumar o sacrifício perfeito.

Sempre demonstrara tão grande amor à pobreza que a tinha continuamente presente: de modo que, logo que desejava empreender alguma coisa, ou que alguém lhe pedia conselho, o primeiro pensamento que lhe subia ao espírito era ver se nele a pobreza podia ser praticada; mas o amor a essa virtude aumentou tanto no fim de sua vida que eu nada mais podia fazer senão entretê-lo a respeito e ouvir o que a propósito estava sempre disposto a dizer.

Nunca recusou esmola a ninguém, embora pouco possuísse e a despesa que lhe cabia fazer por causa de suas enfermidades excedesse sua renda. E nunca a fez senão tirando-a do seu necessário. Mas, quando queriam lembrar-lho, em particular quando dava uma esmola considerável, mostrava-se aborrecido e nos dizia: "Observei que, por mais pobre que se seja, sempre se deixa alguma coisa ao morrer". Tão longe ia nessa senda que se viu forçado a se endividar para viver, a tomar emprestado a juros por ter dado aos pobres o que possuía e não querer recorrer aos amigos, porquanto tinha por princípio nunca se sentir importunado com as necessidades alheias mas recear sempre importunar os outros e os seus com as suas.

Logo que o negócio das carruagens[1 6] *se decidiu, ele me disse que desejava*

[1 6] A respeito, ver carta de Mme Périer a Arnauld de Pomponne, 21 de março de 1662 (Brunschvicg, X, p. 269).

pedir mil libras adiantado, a fim de enviá-las aos pobres de Blois e cercanias, então grandemente necessitados; e, como eu lhe observasse que o negócio ainda não estava inteiramente acertado, respondeu-me que não via grande inconveniente nisso porque, se aqueles com quem tratava perdessem, ele lhes daria seus próprios bens. Mas não queria esperar até o ano seguinte, porque a precisão dos pobres era urgentíssima. Entretanto, como as coisas não se fazem do dia para a noite, os pobres de Blois foram socorridos por outros meios e meu irmão só participou com sua boa vontade, a qual nos comprovava o que tantas vezes dissera, a saber, que só desejava ter meios para assistir os pobres, pois, já ao pensar que os poderia ter, os distribuía de antemão e antes mesmo de vê-los confirmados.

Não há como se espantar de que, quem tão bem conhecia Jesus Cristo, tanto amasse os pobres, e que o discípulo desse o próprio necessário, se tinha no coração o exemplo do Mestre que se dera a si próprio. Mas a máxima que se propusera de renunciar a todas as superfluidades constituía nele um alicerce para o amor à pobreza. Uma das coisas a cujo respeito mais ele se examinava, em relação a essa máxima, era acerca do exagero generalizado de querermos sempre sobressair em tudo, e que nos impele, particularmente nas coisas do mundo, a desejar as melhores, as mais belas, as mais cômodas. Eis por que não suportava que se quisesse empregar os melhores operários; forçava-nos a procurar os mais pobres e os mais honestos, a renunciar a essa excelência que não é imprescindível e também censurava fortemente que cuidássemos de nossas comodidades, de termos tudo a nosso lado, um quarto em que nada faltasse e outras coisas semelhantes que fazemos sem escrúpulos; porquanto, apoiando-se no espírito de pobreza que devem ter todos os cristãos, pensava que tudo o que a isso se opunha, embora autorizado pelos costumes, era sempre um excesso a que devíamos ter renunciado com o batismo. Proclamava às vezes: "Se tivesse o coração tão pobre quanto o espírito, seria muito feliz; pois estou admiravelmente persuadido do espírito de pobreza e certo de que a prática dessa virtude é um grande instrumento de salvação".

Todos esses discursos faziam-nos meditar e por vezes também nos induziam a buscar regras gerais que atendessem a todos os casos; e assim o propúnhamos, mas ele não o achava certo, e dizia que não éramos chamados a atender ao geral e sim ao particular; e acreditava que a maneira mais indicada de servir os pobres e agradar a Deus era servir os pobres pobremente, isto é, segundo suas posses, sem se preocupar com esses grandes objetivos que comportam essa excelência cuja procura censurava em tudo, tanto no espírito como na prática. Não porque achasse ruim a criação de hospitais, mas dizia que essas empresas estavam reservadas a certas pessoas escolhidas e quase visivelmente conduzidas por Deus; não era a vocação comum, como o é a assistência pessoal e cotidiana aos pobres.

Bem quisera que eu me dedicasse a auxiliar habitualmente os pobres e me impusesse essa tarefa como uma penitência. A isso me incitava cuidadosamente, e a aconselhá-lo a meus filhos. E, quando eu lhe observava que temia com isso desviar-me da assistência à família, dizia-me que era apenas falta de boa vontade e que, como há diversos graus na prática dessa virtude, pode-se achar tempo para praticá-la sem prejuízo das ocupações domésticas. A própria caridade nos diz como, e basta segui-la. Afirmava ainda que não havia necessidade de sinal particular para saber se éramos chamados a praticá-la, pois era a vocação natural de todos os cristãos, sendo suficiente saber das necessidades para nos empregarmos

na sua satisfação de acordo com os nossos meios, e que, quando se via no Evangelho que a simples omissão desse dever era causa de danação eterna, bastava tal pensamento para nos levar a despojar-nos de tudo e a dar-nos cem vezes, quando tínhamos fé. Dizia mais, que a freqüentação dos pobres era extremamente útil, porque vendo continuamente a miséria e vendo que às vezes carecem das coisas imprescindíveis, seria preciso sermos muito insensíveis para não nos privarmos voluntariamente das comodidades inúteis e dos ajustamentos supérfluos.

Eis uma parte das instruções que nos dava a fim de amarmos a pobreza, a qual tão grande lugar ocupava em seu coração. Não era menor sua pureza, pois tinha tal respeito por essa virtude que continuamente se precavia para não vê-la ferida, nem nele nem nos outros. É incrível como se mostrava exigente nesse ponto. Isso me incomodava mesmo a princípio, porque sempre tinha algo a censurar nas palavras que imaginávamos mais inocentes. Se eu dizia, por exemplo, por acaso, que vira uma bela mulher, logo me advertia de que nunca se devia mencionar semelhantes coisas diante dos lacaios e dos jovens porque não se sabia que pensamentos podiam excitar neles. Mas ouso dizer que não suportava sequer os carinhos que eu recebia de meus filhos; pretendia que isso só podia prejudicá-los e que se devia manifestar a ternura de outros modos. Custei muito a aceitar tal opinião, mas verifiquei mais tarde que nisso, como no resto, tinha razão, e observei, pela experiência, que fazia bem submetendo-me a tais idéias.

Tudo isso ocorria na vida doméstica, mas, cerca de três meses antes de sua morte, Deus quis dar-lhe uma oportunidade de fazer com que transparecesse seu zelo pela pureza. Como voltasse de Saint-Sulpice, onde fora assistir à Santa Missa, veio a seu encontro uma jovem de mais ou menos quinze anos e pediu-lhe uma esmola. De imediato ele pensou no perigo a que ela se expunha. Tendo sido informado de que era do campo, que seu pai morrera e que nesse mesmo dia sua mãe fora transportada para o hospital, de modo que a pobre menina sozinha não sabia o que fazer, pensou que Deus lha houvesse enviado e no mesmo instante conduziu-a ao seminário onde a confiou aos cuidados de um bom padre ao qual deu dinheiro, pedindo-lhe que procurasse algum emprego em que ela se achasse em segurança. E, para auxiliá-lo, disse-lhe que lhe mandaria no dia seguinte uma mulher para comprar roupas para a jovem e tudo o mais que fosse necessário a fim de empregá-la. Efetivamente enviou a mulher, a qual trabalhou tão dedicadamente com o bom padre que dentro em breve a moça se achava em condições honestas. Esse eclesiástico não conhecia o nome de meu irmão, e não pensou de início em perguntá-lo porque estava ocupado com a sorte da jovem; mas depois de colocá-la refletiu sobre essa ação que considerava bela e quis saber quem a praticara. Informou-se com a mulher, mas ela respondeu que lhe haviam dito para não o divulgar. "Obtenha a permissão", disse ele, "peço-lhe. Prometo-lhe que nada direi durante a vida dele, mas, se Deus permitir que ele morra antes de mim, terei grande consolo em proclamá-la; pois acho-a tão bela, tão digna de ser conhecida, que não poderei suportar que se mantenha incógnita." Nada obteve, porém, e viu assim que essa pessoa, que queria manter-se escondida, não era menos modesta do que caridosa e que, se zelava pela pureza dos outros, não zelava menos pela sua humildade.

Tinha extremada ternura por seus amigos e pelos que acreditava estarem com Deus; e pode-se dizer que, se ninguém se mostrou mais digno de amor, ninguém soube melhor amar nem melhor o fez. Mas sua ternura não era apenas um

efeito de temperamento, pois, embora seu coração sempre estivesse disposto a se enternecer sobre as necessidades dos amigos, só se enternecia, entretanto, dentro das regras do cristianismo que a razão e a fé lhe apresentavam. Por isso, não ia sua ternura até o apego e era isenta de particular alegria.

Não podia amar ninguém mais do que minha irmã e tinha razão; via-a amiúde e lhe falava de tudo sem reserva; dela recebia satisfação em tudo porque havia tal correspondência entre seus sentimentos que andavam sempre de acordo; e por certo seus corações eram tão-somente um e encontravam um no outro consolações, como só as compreendem os que experimentaram tal felicidade e sabem o que seja amar e ser amado, com confiança, sem nada que divida, sem nenhum temor.

Entretanto, por ocasião da morte de minha irmã, que precedeu a dele de dez meses, ao receber a notícia, limitou-se a dizer: "Deus nos permita morrer assim cristãmente". E depois não mais nos falou a não ser das graças que Deus outorgara a minha irmã durante a vida, das circunstâncias e do momento de sua morte; e, erguendo o coração ao céu onde acreditava que ela se achasse feliz, dizia transportado: "Felizes os que morrem e que, assim, morrem no seio do Senhor". E quando me via aflita (pois muito senti essa morte) ele sofria e me dizia que não estava certo e que não convinha ter tais sentimentos ante a morte dos justos, mas que devíamos, ao contrário, louvar a Deus por ter recompensado tão cedo os pequenos serviços a ele prestados.

Assim mostrava amar sem paixão e disso tivemos ainda uma prova quando da morte de meu pai, pelo qual tinha, sem dúvida, todos os sentimentos que deve ter um filho reconhecido por um pai afetuoso, pois vemos na carta que escreveu a esse respeito que, se a natureza foi atingida, a razão não demorou a se impor, e que, considerando o acontecimento à luz da fé, sua alma se enterneceu, não para chorar por perder o pai na terra, mas por contemplá-lo em Jesus Cristo que o chamara ao céu.

Distinguia duas espécies de ternura, uma sensível, outra razoável, confessando que a primeira era de pouca utilidade nos usos do mundo. Dizia, entretanto, que não havia mérito nela e que as pessoas de bem só devem apreciar a ternura razoável, a qual consistia em participar de tudo o que acontece a nossos amigos em detrimento de nosso próprio bem, de nossa comodidade, de nossa liberdade e até de nossa vida, em se tratando de alguém que o mereça; e que esse alguém o merece sempre, desde que se vise a servi-lo por causa de Deus, o que deve ser o único objetivo da ternura dos cristãos.

"Um coração é duro", dizia, "quando conhece os interesses do próximo e resiste à obrigação de participar; ao contrário, um coração é terno quando todos os interesses do próximo nele entram facilmente, por assim dizer, por todos os sentimentos que a razão exige que sintamos uns pelos outros em semelhantes encontros; que se alegra quando deve alegrar-se, que se aflige quando deve afligir-se." Mas acrescentava que a ternura só pode ser perfeita quando a razão é iluminada pela fé e nos faz agir dentro das regras da caridade. Por isso não estabelecia grande diferença entre a ternura e a caridade, nem entre esta e a amizade; apenas concebia que a amizade, pressupondo uma ligação mais estreita e esta uma aplicação mais particular, nos levava a resistir menos às necessidades dos amigos, as quais, por serem mais conhecidas, mais facilmente nos persuadem.

Eis de que modo concebia a ternura; era isto que ela provocava nele, sem

paixão nem alegria, porque, como a caridade não podia ter outro objetivo senão Deus, só a Deus podia ela apegar-se e em nada mais encontrava alegria; pois sabia que não há tempo a perder e que Deus, que tudo vê e julga, pedirá contas de tudo o que existe na nossa vida que não seja um passo a mais no único caminho permitido, que é o da perfeição.

Não somente não tinha paixão por ninguém como não queria tampouco que a tivessem por ele. Não me refiro a essas paixões criminosas ou perigosas, que são grosseiras e a cujo respeito ninguém se ilude, mas sim às amizades mais inocentes e cuja alegria faz a doçura das relações humanas. Era mesmo isso uma das coisas que mais evitava, impedindo-lhes o desenvolvimento desde que o sentisse possível. E como eu estava muito longe dessa perfeição e acreditava que jamais poderia exagerar os cuidados com um irmão que fazia a felicidade da família, não deixava nunca de me entregar a tudo o que lhe fosse útil e lhe testemunhasse a minha amizade em tudo o que eu pensava. Reconheço, enfim, que me apegava a ele e me alegrava com desobrigar-me de todos os cuidados, o que considerava um dever; mas ele não o julgava de igual modo, e como, ao que me parecia, não demonstrava bastante, exteriormente, seus próprios sentimentos, eu não me sentia satisfeita e ia de vez em quando abrir o coração com minha irmã e por pouco não me queixava. Minha irmã consolava-me na medida do possível, lembrando-se das oportunidades em que eu precisara de meu irmão e em que ele se devotara com tantas demonstrações de afeto que eu não devia ter qualquer dúvida de que muito me amava. Mas o mistério dessa reserva para comigo só me foi realmente explicado no dia de sua morte, quando uma pessoa das mais respeitáveis pela grandeza de seu espírito e de sua devoção, com quem tivera grandes diálogos acerca da virtude, me disse que meu irmão sempre apresentara como máxima fundamental de sua fé não admitir que o amassem com apego e que era um erro acerca do qual não se examinava suficientemente, erro de grandes decorrências e tanto mais temível quanto se nos afigurava não raro sem perigo.

Tivemos ainda depois de sua morte uma prova de que esse princípio estava bem formado em seu coração, pois, a fim de não o esquecer, escrevera-o pessoalmente num papelucho que encontramos com ele, e sabíamos que o lia sempre. Eis o que dizia: "É injusto que se apeguem a mim, ainda que o façam voluntariamente e com prazer. Enganaria aqueles em que fizesse nascer tal desejo, porque não sou nada e não tenho com que os satisfazer. Não estou próximo da morte? Assim o objeto de seu apego morrerá também. Da mesma forma que seria culpado se fizesse acreditar em uma falsidade, dela os persuadindo docemente, e com isso me agradando, seria culpado de me fazer amar e atrair as pessoas a mim, pois é preciso que dediquem sua vida e seus cuidados a apegar-se a Deus ou a procurá-lo".

Assim é que se instruía ele próprio e tão bem praticava suas instruções; assim é que eu me enganava julgando sua maneira de agir para comigo e atribuindo a uma carência de amizade o que era nele um aperfeiçoamento da caridade.

Mas se não queria que as criaturas hoje existentes e que não existirão talvez amanhã, e que são de resto muito pouco capazes de se fazerem mutuamente felizes, se apegassem umas às outras, era a fim de que se apegassem tão-somente a Deus; isso é, com efeito, o justo e não o podemos julgar de outro modo se pres-

tarmos seriamente atenção à coisa e se desejarmos seguir a verdadeira luz. Eis por que não há como se espantar de que, quem era tão esclarecido e tinha o coração tão bem ordenado, se houvesse proposto tão justas regras e as praticasse regularmente.

Não o fazia somente em relação a esse primeiro princípio que é o fundamento da moral cristã; zelava tanto pela ordem divina em todas as coisas desse princípio decorrentes que não suportava vê-la violada no que quer que fosse. É o que o tornava tão cheio de ardor a serviço do rei, a ponto de o levar a resistir a todos os apelos durante os motins de Paris e a considerar pretextos todas as razões dadas para justificar a rebelião; e dizia que em uma república como Veneza fora grande erro contribuir para estabelecer um rei e oprimir a liberdade dos povos a quem Deus a deu; mas que, num Estado no qual se achava estabelecido o poder real, não se podia violar o respeito que lhe era devido sem uma espécie de sacrilégio, porque o poder que Deus lhe outorgou era não apenas uma imagem, mas uma participação desse poder e a ele não havia como se opor sem se opor manifestamente à ordem de Deus; e que, ademais, sendo a guerra civil o maior mal que se possa cometer contra a caridade do próximo, nunca se exageraria demais esse erro; que os cristãos não nos haviam ensinado a revolta e sim a paciência, quando os príncipes não cumpriam seus deveres. Dizia comumente que tanto aborrecia esse pecado quanto assassinar ou roubar, e que, enfim, não havia nada mais contrário à sua natureza e que menos o tentasse, o que o levou a recusar consideráveis vantagens por não querer tomar parte nessas desordens.

São esses os sentimentos que demonstrava a serviço do rei; daí ser irreconciliável com aqueles que a tanto se opunham. E o que mostra que não era por temperamento nem devotamento à sua própria pessoa é que ele revelava admirável doçura para com os que o ofendiam pessoalmente, de modo que nunca distinguiu uns de outros e esquecia por completo o que apenas a si dizia respeito, a ponto de ser difícil lembrar-lho, fazendo-se necessário circunstanciar as coisas para que se recordasse. E, como se admirassem disso, dizia não raro: "Não vos espanteis; não é por virtude e sim por esquecimento real; não me lembro absolutamente". Entretanto, tinha tão excelente memória que afirmava freqüentemente nunca ter esquecido o que desejava reter. Mas era normal que as ofensas dirigidas tão-somente à sua pessoa não causassem grande impressão sobre uma grande alma como a sua, a qual só podia ser atingida pelas coisas atinentes à caridade, tudo o mais ficando como que fora dele, e não o interessando.

É verdade que nunca vi alma mais naturalmente superior a todas as manifestações[17] humanas da corrupção natural; e não era somente em relação às injúrias que se mostrava tão insensível; era-o igualmente no concernente a tudo o que fere os outros homens e os apaixona. Tinha seguramente uma grande alma, mas sem ambição, não desejando nem grandeza nem poder e considerando mesmo que tudo isso comporta mais miséria do que felicidade. Só aspirava aos bens para distribuí-los aos outros e seu prazer residia na razão, na ordem, na justiça, em tudo, enfim, capaz de alimentar a alma. E só muito pouco nas coisas dos sentidos.

Ele não deixava de ter defeito; mas tínhamos inteira liberdade para advertilo e ele aceitava as opiniões de seus amigos com grande humildade, quando jus-

[17] *Mouvements* no original. (N. do T.)

tas, e sempre com doçura, se o não eram. A extrema vivacidade de seu espírito tornava-o tão impaciente, por vezes, que se fazia difícil satisfazê-lo. Mas, logo que o advertiam ou que percebia ele próprio ter magoado alguém com sua impaciência, reparava incontinenti a falta mediante tão honesto comportamento que nunca perdeu a amizade de ninguém por esse motivo.

O amor-próprio dos outros não era perturbado pelo seu, e parecia mesmo não o ter, não falando nunca de si nem de nada que consigo se relacionasse; e sabe-se que ele queria que um homem de bem evitasse nomear-se e mesmo servir-se do eu. *O que costumava dizer a propósito era que a devoção cristã destrói o* eu *humano e que a civilidade humana o esconde e o suprime; concebia isso como regra e a praticava.*

Não incomodava tampouco as pessoas a respeito dos defeitos delas; mas, quando se dispunha a falar das coisas, falava sempre sem dissimulação, e, assim como não sabia o que era agradar com adulações, era incapaz de não dizer a verdade quando forçado a fazê-lo. Os que não o conheciam surpreendiam-se ao ouvi-lo nas conversações, porquanto parecia dominar os demais interlocutores, mas a causa estava nessa mesma vivacidade de espírito, e bastava alguém demorar-se em sua companhia para ver desde logo que ainda nisso havia algo amável e para, no fim, ficar tão satisfeito com sua maneira de falar quanto com as coisas que dizia.

De resto, sentia horror por qualquer espécie de mentira e os menores embustes eram-lhe insuportáveis, de modo que, sendo o seu espírito penetrante e justo e seu coração reto e sério, caracterizava-se sua conduta pela sinceridade e fidelidade.

Encontramos um bilhete de seu próprio punho em que se pinta, sem dúvida a fim de que, tendo continuamente diante dos olhos o caminho pelo qual Deus o conduzia, nunca pudesse dele afastar-se. Eis o que dizia esse bilhete: "Amo a pobreza porque Jesus Cristo a amou. Amo os bens porque me dão a possibilidade de assistir os miseráveis. Mantenho-me fiel a todos. Não faço mal a quem me faz mal, mas desejo-lhe uma condição igual à minha, em que não se recebe nem o bem nem o mal por parte dos homens. Tento ser sempre sincero, verdadeiro e fiel com todos e tenho uma ternura de coração por aqueles a quem Deus me uniu mais estreitamente; e, embora seja forte perante os homens, estou atento, em todas as ações, ao julgamento de Deus, a quem as dediquei todas. Eis meus sentimentos; e abençôo todos os dias meu Redentor que os pôs em mim e que, de um homem cheio de fraqueza, miséria, concupiscência, ambição e orgulho, fez um homem isento de todos esses males pela força de sua grandeza, à qual toda glória é devida e que não tem de mim senão miséria e erro".

Poder-se-ia sem dúvida acrescentar muita coisa a esse retrato se se desejasse acabá-lo até a perfeição; mas deixando a outros mais capazes o cuidado dos últimos retoques, função que só cabe aos mestres, direi apenas que esse homem tão grande em tudo era simples como uma criança no que concerne à devoção. Não somente não havia afetação ou hipocrisia em sua maneira de agir, mas ainda, assim como sabia elevar-se na penetração das mais altas virtudes, sabia baixar-se na prática das mais comuns que edificam a devoção. Todas as coisas eram grandes em seu coração quando serviam para honrar a Deus, e praticava-as como uma criança. Seu principal divertimento, particularmente nos últimos anos de vida, quando não pôde trabalhar, era visitar igrejas onde houvesse relíquias

expostas ou solenidades; e possuía um almanaque espiritual pelo qual se informava dos lugares em que se verificavam tais devoções e fazia tudo isso tão devotamente e tão simplesmente que os que o viam eram tomados de surpresa. E, entre outras, uma pessoa mui virtuosa e mui esclarecida explica-o com estas belas palavras: a graça de Deus se revela nos grandes espíritos pelas pequenas coisas e nos espíritos comuns pelas grandes.

Tinha predileção especial pelo ofício divino (isto é, as orações do Breviário) e sujeitava-se a dizê-lo quando o podia, e apreciava em particular as horas menores tiradas do Salmo 118, no qual tantas coisas admiráveis existem, que ele sentia sempre o desejo de tornar a recitá-las. Quando se entretinha com seus amigos a respeito da beleza do salmo, extasiava-se e contagiava a todos os seus interlocutores. Como lhe mandassem mensalmente um bilhete[18]*, como fazem em muitos lugares, lia-o e o recebia com respeito, não deixando de reler todos os dias a sentença. E assim ocorria com tudo o que se relacionasse com a devoção e pudesse edificá-lo.*

O cura de Saint Etienne[19]*, que o viu doente, admirava também essa simplicidade e dizia repetidamente: "É uma criança, humilde e submisso como uma criança". E, na véspera de sua morte, um eclesiástico, que era homem de muito saber e grande virtude, tendo ido vê-lo e ficado uma hora com ele, saiu tão edificado que me disse: "Consolai-vos, se Deus o chamar, tendes motivo para louvá-lo pelas graças que lhe outorgou. Morre na simplicidade da inocência. É uma coisa incomparável um espírito como o dele; desejaria de todo o coração estar em seu lugar, não há nada mais belo".*

Sua última enfermidade começou por um estranho aborrecimento dois meses antes de morrer. Meu irmão tinha em casa um indivíduo com toda a sua família e seus trens, que não lhe prestava nenhum serviço, mas que ele hospedava cuidadosamente como se lhe tivesse sido enviado pela providência de Deus. Um dos filhos dessa pessoa caiu doente com varíola, juntando-se assim dois doentes na casa: meu irmão e a criança. Era necessário que eu ficasse perto de meu irmão e, como havia perigo de ser contagiada pelo mau ar da variola, passando-a a meus filhos, deliberou-se afastar a criança, mas a caridade de meu irmão resolveu outra coisa; pois fez-lhe tomar a resolução de sair ele próprio de sua casa e vir para a minha. Já estava muito doente, mas dizia que havia menor perigo no transporte dele do que da criança, e assim veio, efetivamente, viver em minha casa[20]*.*

Esse ato de caridade fora precedido pelo perdão de uma ofensa muito sensível da parte de alguém que lhe devia grandes favores. Meu irmão fê-lo como de costume, sem o menor ressentimento, mas com doçura, acompanhada de tudo o que conquista uma pessoa. E foi, sem dúvida, por uma providência toda especial de Deus que ele teve nesses últimos tempos, quando se aprontava para aparecer diante do Senhor, a oportunidade de praticar essas duas ações misericordiosas que são marcas de predestinação no Evangelho, a fim de que, ao morrer, tivesse nelas o testemunho de que Deus lhe perdoara as faltas e lhe daria o reino que lhe preparara, pois lhe dera a graça de perdoar as faltas dos outros e de assisti-los, na necessidade, de tão bom grado.

[18] Imagem com uma máxima religiosa. (N. do T.)

[19] O Padre Beurrier.

[20] O casal Périer morava na Rua Fossés-Saint-Victor; Pascal, perto da Porta Saint-Michel.

Mas veremos que Deus o preparou para uma morte de verdadeiro predestinado, através de outras ações ainda não menos consoladoras. Três dias depois de estar em casa, foi atacado de violenta cólica que lhe tirava inteiramente o sono; mas, como tinha muita força de espírito e grande coragem, não deixava de se levantar todos os dias e de tomar ele próprio seus remédios sem aceitar nenhuma ajuda. Os médicos que o visitavam achavam-no gravemente enfermo, mas, como não tinha febre, acreditavam não haver perigo imediato. Meu irmão, porém, nada querendo arriscar, no quarto dia de cólica e antes mesmo de se acamar definitivamente, mandou buscar o cura de Saint-Etienne e confessou-se, não comungando logo, porém. E, vindo vê-lo amiudadamente o cura, meu irmão, em obediência à sua vigilância habitual, não perdia nenhuma oportunidade de se confessar de novo, mas nada nos dizia com receio de nos inquietar. Sentiu-se por vezes menos mal e aproveitou esses momentos para fazer seu testamento[21], *no qual não foram esquecidos os pobres e teve que se esforçar para não lhes dar mais do que deu. Disse-me que se o Sr. Périer estivesse em Paris, e o consentisse, houvera deixado tudo aos pobres.*

Não tinha afinal no espírito e no coração senão os pobres e dizia-me às vezes: "De onde vem que não tenha ainda feito nada pelos pobres, embora lhes tenha dedicado tanta afeição?" E, como lhe respondesse que era porque nunca possuíra bastante, atalhava: "Devia então dar-lhes o meu tempo e o meu trabalho; nisto falhei. E se os médicos dizem a verdade e Deus permitir minha cura, estou resolvido a não me ocupar de outra coisa, durante o resto de meus dias, que não seja o serviço dos pobres". Foi com esses sentimentos que Deus o chamou.

Sua paciência não era menor do que sua caridade, e os que o freqüentavam ficavam tão edificados que diziam que nunca haviam visto coisa semelhante. E quando às vezes lhe declaravam que tinham pena dele, respondia que não lastimava o estado em que se achava, que antes temia a cura, e, se lhe indagavam a razão, dizia: "É porque conheço os perigos da saúde e as vantagens da doença". E, como não pudéssemos deixar de nos apiedar, no auge de suas dores, observava: "Não vos apiedeis, a doença é o estado natural dos cristãos, porque nela nos achamos como deveríamos estar sempre, isto é, no sofrimento, na dor, na privação de todos os bens e prazeres dos sentidos, isentos de todas as paixões, sem ambição, sem avareza e na espera contínua da morte. Não é assim que os cristãos devem viver? E não é grande felicidade acharmo-nos necessariamente no estado em que nos devemos achar?" E via-se, com efeito, que amava este estado, o que poucas pessoas seriam capazes de fazer, porque não podia senão submeter-se humilde e tranqüilamente. Eis por que só nos pedia que rezássemos para que Deus lhe desse essa graça. É verdade que depois de ouvi-lo nada podíamos dizer-lhe e sentíamo-nos mesmo animados de igual modo, desejosos de sofrer e compreender que aquele era o estado em que deveriam sempre achar-se os cristãos.

Desejava ardentemente comungar, mas os médicos não o achavam bastante doente para receber o viático e não o queriam mandar chamar à noite para que comungasse em jejum, sem necessidade expressa. Entretanto, a cólica continuava. Receitaram-lhe águas e um alívio sobreveio durante alguns dias; mas no sexto dia dessas águas sentiu uma pesada tontura com forte dor de cabeça. Em-

[21] Ler o testamento de Pascal e os documentos relativos à sua doença em Brunschvicg, X, p. 295.

bora os médicos não estranhassem o acidente, que atribuíam tão-somente do vapor das águas, ele não deixou de se confessar e pediu insistentemente que o fizessem comungar, e que em nome de Deus achassem um meio de obviar aos inconvenientes alegados. Tanto insistiu que uma pessoa presente lhe disse não ser isso certo, que ele devia aceder aos sentimentos de seus amigos, que não tinha mais quase febre, e que julgasse ele próprio se era justo mandar vir o Santo Sacramento à sua casa quando se achava melhor, e se não era mais indicado esperar para comungar na igreja, onde havia esperança de que pudesse ir muito breve. Ele respondeu: "Não sentem o meu mal, enganam-se; minha dor de cabeça é uma coisa fora do comum". Entretanto, vendo tão grande oposição a seu desejo, não mais ousou falar. Mas disse-me: "Posto que não querem conceder-me essa graça, desejaria supri-la com um ato de caridade e, não podendo comungar com a cabeça, comungarei com os membros; para isso pensei em ter aqui um doente pobre a quem prestassem os mesmos serviços que prestam a mim. Porque me entristece e me confunde ser tão bem assistido enquanto um número infinito de pobres, bem mais doentes do que eu, carece das coisas necessárias. Que lhe arranjem uma enfermeira e que não haja nenhuma diferença entre nós dois. Isso diminuirá a tristeza que sinto por não carecer de nada, o que não posso suportar, a menos de ter o consolo de saber que há aqui um pobre igualmente bem tratado. Que o peçam, por favor, ao cura".

Comuniquei esse desejo imediatamente ao cura, o qual me respondeu que não tinha ninguém em estado de ser transportado; mas que daria a meu irmão, logo que sarasse, um meio de exercer a caridade, encarregando-o do sustento de um ancião durante o resto da vida, pois não duvidava de que meu irmão recuperasse a saúde.

Como visse que não podia ter um pobre em casa com ele, pediu-me para ser levado para os Incuráveis[22]*, pois tinha grande vontade de morrer no meio dos pobres. Disse-lhe que os médicos não achariam conveniente transportá-lo no estado em que se achava. Esta resposta afligiu-o sensivelmente e ele me fez prometer, ao menos, que se algum dia obtivesse alívio eu lhe daria esta satisfação.*

Não me coube, porém, resolver o problema. Sua dor de cabeça aumentou de tal modo que no auge do sofrimento pediu-me para tentar uma consulta, mas ao mesmo tempo disse-me com escrúpulo: "Receio que haja demasiado requinte neste pedido." Não deixei de fazê-lo, contudo. Os médicos receitaram-lhe caldos, assegurando-lhe sempre que não corria perigo e que a enxaqueca era devida aos vapores das águas. Entretanto, ele não acreditou jamais no que diziam. Solicitou-me um eclesiástico para passar a noite com ele e eu mesma o achei tão mal que dei ordens, sem nada lhe dizer, de prepararem os círios e tudo o que fosse preciso para que comungasse no dia seguinte pela manhã.

Esses preparativos não foram inúteis, e mais cedo do que pensávamos, pois mais ou menos à meia-noite foi tomado de violenta convulsão; ao terminar, pareceu-nos que estava morto. E sentíamos todos a tristeza de vê-lo morrer sem comungar, após ter solicitado tantas vezes, e tão insistentemente, essa graça. Mas Deus, que queria recompensar tão fervoroso e justo desejo, susteve, como por milagre, essa convulsão e devolveu-lhe a lucidez, como se estivesse em perfeita saúde. De maneira que, quando o padre entrou no quarto com Nosso

[22] Hospital da Rua de Sèvres, fundado em 1653 pelo Cardeal de La Rochefoucauld.

Senhor, exclamando: "Eis Aquele que tanto desejastes", tais palavras acabaram de acordá-lo e o padre aproximou-se para ministrar-lhe a comunhão. Fez um esforço, ergueu-se um pouco, sozinho, para recebê-la com mais respeito, e tendo-o interrogado o padre, segundo o costume, acerca dos principais mistérios da fé, a tudo respondeu devotamente: "Sim, senhor, creio nisso tudo de todo o coração". A seguir recebeu o Santo Viático e a Extrema-Unção tão comovidamente que vertia lágrimas. A tudo respondeu, agradecendo ao padre, e disse, quando este o abençou com o Santo Sacramento: "Que Deus não me abandone jamais", últimas palavras que pronunciou, pois, após a ação de graças, foi retomado pelas convulsões que não mais cessaram, não lhe deixando um instante de liberdade de espírito. Essas convulsões duraram até sua morte, vinte e quatro horas depois, isto é, a vinte e nove de agosto de mil seiscentos e sessenta e dois, à uma hora da madrugada, na idade de trinta e nove anos e dois meses[23].

[23] Pascal foi inumado na Igreja de Saint-Etienne-du-Mont.

PENSAMENTOS

ARTIGO I

Pensamentos sobre o espírito e sobre o estilo

*1 — *Diferença entre o espírito de geometria e o espírito de finura* — Num os princípios são palpáveis, mas afastados do uso comum; de maneira que, por falta de hábito, custa-nos virar a cabeça para esse lado: por pouco, porém, que nos viremos, vemos em cheio os princípios; e seria preciso ter o espírito inteiramente falso para raciocinar mal sobre princípios tão grandes que é quase impossível nos escaparem.

Mas, no espírito de finura, os princípios são de uso comum, aos olhos de todo mundo. Basta virar a cabeça, sem nenhum esforço; trata-se somente de ter boa vista, mas que seja boa, pois os princípios são tão sutis e em tão grande número que é quase impossível não nos escaparem alguns. Ora, a omissão de um princípio leva ao erro; assim, é preciso possuir a vista bem clara para ver todos os princípios e também o espírito justo para não raciocinar erroneamente sobre princípios conhecidos.

Todos os geômetras seriam, portanto, sutis se tivessem a vista boa, pois não raciocinam mal sobre princípios que conhecem; e os espíritos sutis seriam geômetras se pudessem volver a vista para os princípios desusados de geometria.

O que faz, portanto, que certos espíritos sutis não sejam geômetras é que eles não podem de todo voltar-se para os princípios da geometria; mas o que faz com que alguns geômetras não sejam sutis é que não vêem o que está em frente deles, e que, estando acostumados aos princípios nítidos e grosseiros da geometria e a só raciocinar depois de terem visto bem e bem manejado os seus princípios, perdem-se nas coisas da finura, onde os princípios não se deixam manejar de igual modo.

São apenas entrevistos; mais pressentidos do que vistos; é preciso um esforço infinito para torná-los sensíveis a quem não os sente por si próprios: são coisas de tal maneira delicadas e tão

numerosas que é necessário um sentido muito delicado e muito preciso para senti-las, e para julgar retamente e justamente de conformidade com esse sentimento, sem poder o mais das vezes demonstrá-las em ordem, como na geometria, porque não lhes possuímos do mesmo modo os princípios, e tentá-lo seria um não acabar mais. É preciso, num instante, ver a coisa num só golpe de vista, e não pela marcha do raciocínio, ao menos até certo grau. E, assim, é raro que os geômetras sejam sutis e que os sutis sejam geômetras, porque os geômetras querem tratar geometricamente essas coisas sutis e tornam-se ridículos, procurando começar pelas definições e em seguida pelos princípios, o que não é a maneira de proceder nessa espécie de raciocínio. Não quer isso dizer que o espírito não o faça; mas ele o faz tacitamente, naturalmente e sem arte, pois a expressão se adapta a todos os homens, e o sentimento só pertence a poucos homens.

Os espíritos sutis, ao contrário, acostumados a julgar com um só golpe de vista, ficam tão espantados — quando se lhes apresentam proposições das quais nada compreendem e cuja penetração exige anteriormente definições e princípios estéreis, que não estão acostumados a ver assim pormenorizados — que se afastam e se desgostam.

Mas os espíritos falsos não são nem sutis nem geômetras.

Os geômetras que são apenas geômetras têm o espírito reto, mas desde que se lhes expliquem bem todas as coisas por definições e princípios; de outra maneira, tornam-se falsos e insuportáveis, pois são retos somente em relação aos princípios bem esclarecidos.

E os sutis, que são apenas sutis, não podem ter a paciência de descer até os primeiros princípios das coisas especulativas e de imaginação, que nunca viram no mundo e que estão completamente fora de uso.

*2 — Diversas espécies de sentido reto; alguns em certa ordem de coisas, e não nas outras ordens, em que extravagam.

Uns tiram bem as conseqüências de poucos princípios, e isso é uma retidão de sentido.

Outros tiram bem as conseqüências das coisas em que há muitos princípios.

Por exemplo: uns compreendem bem os efeitos da água, no que há poucos princípios; mas as conseqüências são tão sutis que só uma extrema retidão de espírito pode conduzir a elas.

Talvez por isso, aqueles não seriam grandes geômetras, porque a geometria compreende grande número de princípios, e há espírito de uma natureza capaz de penetrar poucos princípios até o âmago e, de maneira

nenhuma, penetrar as coisas em que haja muitos princípios.

Há, pois, duas espécies de espíritos: uma, que penetra viva e profundamente as conseqüências dos princípios, e é no que consiste o espírito de retidão; outra, que compreende grande número de princípios sem os confundir, e é no que consiste o espírito de geometria.

Um é a força e a retidão de espírito. Outro é a amplitude de espírito. Ora, um pode muito bem encontrar-se sem o outro, podendo o espírito ser forte e estreito, e podendo ser também amplo e fraco.

3 — Os que estão acostumados a julgar pelo sentimento nada compreendem das coisas do raciocínio, pois querem logo chegar a perceber com um golpe de vista e não têm o hábito de procurar os princípios.

E os outros, pelo contrário, que estão habituados a raciocinar por princípios, nada compreendem das coisas do sentimento, procurando nelas princípios e não podendo vê-las de um golpe.

4 — *Geometria, finura* — A verdadeira eloqüência zomba da eloqüência, a verdadeira moral zomba da moral; quer dizer que a moral do juízo zomba da moral do espírito, que não tem regras. Pois é ao juízo que pertence o sentimento, como as ciências pertencem ao espírito. A finura é a parte do juízo, a geometria, a do espírito.

Zombar da filosofia é, em verdade, filosofar.

*5 — Os que julgam sem regras uma obra estão em relação aos outros como os que não têm relógios em relação aos demais. Um diz: "Já passaram duas horas", o outro: "Passaram apenas três quartos de hora". Olho o meu relógio, e digo a um: "Você está se aborrecendo", e a outro: "O tempo anda depressa para você, pois passou hora e meia". E zombo dos que dizem que o tempo custa a passar para mim, e que julgo pela imaginação: não sabem que julgo pelo meu relógio[1].

*6 — Assim como se estraga o espírito, estraga-se também o sentimento. Formam-se o espírito e o sentimento pelas conversas. Estragam-se o espírito e o sentimento pelas conversas.

Assim, as boas ou más conversas formam-no ou estragam-no. O mais importante de tudo está em escolher bem, para formá-lo e não estragá-lo; e não podemos fazer essa escolha, se já não o formamos, sem o estragar. E isso constitui um círculo, e bem-aventurados os que dele se evadem.

[1] Brunschvicg aponta um hábito de Pascal que ajuda a compreender este pensamento: o nosso autor "usava sempre um relógio preso ao pulso esquerdo", o que lhe permitia ver as horas sem que os outros percebessem. (N. do E.)

*7 — Na medida em que se tem mais espírito, acha-se que há mais homens originais. As pessoas comuns não encontram diferença entre os homens.

8 — Há quem ouça o sermão assim como ouve as vésperas.

*9 — Para repreender utilmente e mostrar a alguém que está errado, precisamos observar de que ponto de vista encara o assunto, porquanto, em geral, é verdadeiro para o observador, e então reconhecer sua verdade, mas descobrir-lhe o lado pelo qual é falso. Assim, satisfazemos à pessoa enganada, porque vê que não se equivocava mas deixava tão-somente de encarar a coisa de todos os ângulos possíveis; ninguém se aborrece por não ter visto tudo, porém ninguém quer estar equivocado; e talvez isso provenha do fato de não poder o homem ver tudo e de, naturalmente, não poder se enganar dentro do ângulo que escolheu; e isto porque as percepções dos sentidos são sempre verdadeiras.

*10 — O homem se convence, em geral, melhor com os argumentos que ele mesmo encontra do que com os que ocorrem ao espírito dos outros.

11 — Todos os grandes divertimentos são perigosos para a vida cristã; entre todos, porém, que o mundo inventou, nenhum mais temível do que a comédia. É uma representação tão natural e delicada das paixões, que as agita e as faz nascer em nosso coração. Principalmente a do amor, e sobretudo quando o representam muito casto e honesto. Pois quanto mais inocente parece às almas inocentes, mais suscetíveis ficam estas de serem por ele afetadas; sua violência agrada ao nosso amor-próprio, o qual logo concebe o desejo de provocar os mesmos efeitos tão bem representados; ao mesmo tempo forma-se uma consciência baseada na honestidade dos sentimentos observados, os quais destroem o temor nas almas puras, porquanto estas imaginam não haver crime contra a pureza em amar com um amor que se lhes afigura tão honesto.

Com isso, deixamos o teatro com o coração tão cheio de todas as belezas e doçuras do amor, com a alma e o espírito tão persuadidos de sua inocência, que estamos completamente preparados para receber suas primeiras impressões, ou melhor, para procurar a oportunidade de suscitá-las no coração de alguém, para acolher os mesmos prazeres e sacrifícios que vimos tão bem descritos na comédia.

12 — Scaramuccio, que só pensa em uma coisa[2]. O Doutor,

[2] Scaramuccio, pseudônimo do ator italiano Tiberio Fiorelli, o qual deu várias representações no Petit Bourbon, de 1653 a 1659. Na Commedia dell'Arte, desempenhava o papel tradicional do Doutor. Pascal deve tê-lo visto em 1653. Verifica-se, por esta nota, que conservou a lembrança de um traço característico da personagem.

que ainda fala uma hora depois de haver dito tudo, tal o seu desejo de falar.

13 — Gostamos de ver o erro, a paixão de Cleobulina, porque ela não o conhece. O erro nos desagradaria se ela não estivesse enganada[3].

*14 — Quando as palavras espontâneas de alguém pintam uma paixão ou um efeito, encontramos em nós mesmos a verdade do que ouvimos, a qual não sabíamos que existisse, de maneira que somos levados a amar quem no-la faz sentir; porque não nos exibe o seu bem e sim o nosso; e, assim, esse benefício no-lo torna digno de ser amado, além do que essa comunidade de inteligência induz necessariamente nosso coração a amá-lo.

15 — Eloqüência que persuade pela doçura e não pela autoridade, como tirana e não como monarca.

16 — A eloqüência é a arte de dizer as coisas de maneira: 1.º que aqueles a quem falamos possam entendê-las sem dificuldade e com prazer; 2.º que nelas se sintam interessados, a ponto de serem impelidos mais facilmente pelo amor-próprio a refletir sobre elas.

[3] Cleobulina, rainha de Corinto, personagem do célebre romance de Mlle de Scudéry, *Artamène ou le Grand Cyrus*. Experimenta uma paixão inconsciente por um de seus súditos, que "ama sem pensar amá-lo". Os contemporâneos, que consideravam o *Grand Cyrus* um romance de personagens identificáveis, viam em Cleobulina o retrato da Rainha Cristina da Suécia.

Consiste, portanto, em uma correspondência que procuramos estabelecer entre o espírito e o coração daqueles a quem falamos, por um lado, e, por outro, entre os pensamentos e as expressões de que nos servimos; o que pressupõe termos estudado muito bem o mecanismo do coração do homem a fim de conhecer-lhe as molas e encontrar, em seguida, as proporções certas do discurso que desejamos ajustar-lhe. Cumpre colocarmo-nos no lugar dos que devem ouvir-nos, e experimentar também em nosso próprio coração a forma dada ao discurso, para ver se um se adapta ao outro e se podemos ter a certeza de que o ouvinte será forçado a render-se. É preciso, na medida do possível, confinarmo-nos dentro da naturalidade mais singela; não fazermos grande o que é pequeno, nem pequeno o que é grande. Não basta que uma coisa seja bela, é necessário que seja adequada ao assunto, que nada tenha de mais, nem que nada lhe falte.

17 — Os rios são caminhos em marcha e que levam aonde queremos ir.

*18 — Quando não se conhece a verdade de uma coisa, é útil que haja um erro comum suscetível de fixar o espírito dos homens, como, por exemplo, a lua, à qual se atribuem as mudanças das estações, o progresso das enfermidades, etc.; pois a doença principal do homem é a curiosi-

dade inquieta das coisas que não pode saber; e não é pior para ele permanecer no erro do que nessa curiosidade inútil.

*18 bis — A maneira de escrever de Epicteto, de Montaigne e de Salomon de Tultie[4] é a mais eficiente, a que melhor se insinua, a que fica na memória, e é a mais citada, porque se compõe toda de pensamentos surgidos das conversações ordinárias da vida; assim, quando se fala do erro comum a todos, da lua como causa de tudo, não se deixará nunca de dizer que Salomon de Tultie afirmou ser útil, quando não se conhece a verdade de uma coisa, que haja um erro comum, etc., o que é o pensamento do outro lado.

*19 — A última coisa que se encontra ao fazer um trabalho é saber qual devemos colocar em primeiro lugar.

*20 — *Ordem* — Por que dividiria minha moral antes em quatro partes do que em seis? Por que se estabeleceria a virtude antes em quatro partes, do que em duas ou em uma? Por que em *abstine et sustine*[5] do que em "seguir a natureza" ou em "tratar seus negócios particulares sem injustiça", como Platão? Ou outra coisa? — Eis, porém, tudo contido numa frase, direis. — Sim, mas isso é inútil se não for explicado; e, ao explicá-lo, logo que se abre esse preceito que contém os demais, estes saem na mesma confusão que desejáveis evitar. Assim, quando se acham todos encerrados em um só, estão escondidos e são inúteis, como em um cofre: só aparecem quando em sua confusão natural. A natureza criou-os todos sem encerrá-los um no outro.

21 — A natureza pôs todas as suas verdades cada uma em si mesma; nossa arte encerra-as umas nas outras, mas isso não é natural: cada qual ocupa seu lugar.

*22 — Não se diga que eu nada disse de novo: a disposição da matéria é nova; quando se joga a péla é sempre a mesma bola que uns e outros enviam, mas uns a colocam melhor do que outros.

Preferiria que me dissessem ter-me eu servido de palavras antigas. E assim como os mesmos pensamentos, se diferentemente dispostos, constituem um corpo de discurso diferente, as mesmas palavras formam pensamentos diversos, segundo o seu arranjo.

23 — Diversamente arranjadas, formam as palavras um sen-

[4] Salomon de Tultie é o anagrama de Louis de Montalte, pseudônimo usado por Pascal em *As Provinciais*. Admite-se que também desejasse usá-lo em sua *Apologia*. Em 1658 publicara opúsculos científicos sob o nome de Amos Dettonville, anagrama igualmente de Louis de Montalte. O Pensamento 18 bis não deve ser de Pascal; deve ser uma glosa de Mme Périer ao Pensamento precedente (Bédier, *Miscelânea Lanson*, 1922).

[5] *Abstine et sustine*, divisa dos filósofos estóicos: *Abstém-te e suporta*.

tido diverso; e os sentidos, diversamente arranjados, produzem efeitos diversos.

*24 — *Linguagem* — Não se deve deixar o espírito devanear, salvo para repousá-lo no momento indicado, para repousá-lo quando necessário e não fora de propósito; pois quem assim o repousa cansa; e quem cansa fora de propósito repousa, porque tudo se abandona então. A malícia da concupiscência compraz-se em fazer inteiramente o contrário do que querem obter de nós, sem nos dar prazer, que é a moeda em troca da qual damos tudo o que querem.

*25 — *Eloqüência* — Há que apelar para o agradável e o real; mas é preciso que o próprio agradável se tire do real.

26 — A eloqüência é uma pintura do pensamento; assim os que, depois de ter pintado, acrescentam mais alguma coisa, fazem um quadro em lugar de um retrato.

*27 — *Miscelânea. Linguagem* — Os que fazem antíteses forçando as palavras são como os que fazem falsas janelas por causa da simetria: sua regra não consiste em falar certo e sim em fazer figuras justas.

28 — Simetria no que vemos de um ponto de vista, baseada no fato de não haver razão de procedermos de outro modo; e baseada também na figura do homem; daí acontecer querermos a simetria apenas em largura e não em altura, nem em profundidade.

*29 — Quando deparamos com um estilo natural, espantamo-nos e nos alegramos, porque esperávamos encontrar um autor e encontramos um homem. Ao contrário, os que têm bom gosto e pensam, ao ver um livro, descobrir um homem, surpreendem-se com achar apenas um autor: *Plus poetice quam humane locutus es*[6]. Honram bem a natureza os que lhe ensinam que ela pode falar de tudo, até de teologia.

30 — *Vide os discursos da Segunda, Quarta e Quinta do Jansenista; isto é elevado e sério*[7].

Odeio igualmente o bufão e o vaidoso: de nenhum deles faria um amigo.

Só consultamos o ouvido porque nos falta o coração: a regra é a honestidade. Poeta e não homem de bem.

Após a minha Oitava julgava já ter fornecido uma resposta suficiente. Belezas de omissão, de julgamento.

31 — Todas as falsas belezas, que censuramos em Cícero, possuem admiradores, e numerosos.

*32 — Há certo modelo de satisfação e beleza que consiste

[6] Falaste como poeta, mais do que como homem.

[7] Todas as frases grifadas se referem às *Provinciais* e algumas edições dos *Pensamentos* não as transcrevem por terem sido riscadas por Pascal no original. (N. do E.)

em certa relação entre nossa natureza, fraca ou forte, tal qual é, e a coisa que nos agrada. Apreciamos tudo o que se forma de acordo com esse modelo: casa, canção, discurso, verso ou prosa, mulher, pássaros, rios, árvores, quartos, roupas, etc. Tudo o que não se faz de conformidade com esse modelo desagrada aos que têm bom gosto.

E, assim como há uma relação perfeita entre uma canção e uma casa, feitas com um bom modelo, porque se assemelham a esse modelo único, embora cada qual a seu modo, há também uma relação perfeita entre as coisas feitas com mau modelo. Não por este ser único: há uma infinidade deles; mas cada mau soneto, por exemplo, seja qual for o falso modelo utilizado, assemelha-se perfeitamente a uma mulher vestida em obediência ao modelo mau.

Nada leva a compreender melhor a que ponto um falso soneto é ridículo quanto o considerar-lhe a natureza e o modelo, e imaginar em seguida uma mulher ou uma casa feitas por um modelo do mesmo tipo.

*33 — *Beleza poética* — Assim como dizemos beleza poética, deveríamos dizer beleza geométrica, e beleza médica; mas não o dizemos; e a razão está em que conhecemos bem o objeto da geometria, o qual consiste em provar, e o objeto da medicina, que é o da cura; mas não sabemos em que consiste o prazer, objeto da poesia. Não sabemos o que seja esse modelo natural que é preciso imitar; e, na ausência desse conhecimento, inventamos certos termos estranhos: séculos de ouro, maravilha de nossos dias, fatal, etc., e a esse jargão chamamos beleza poética.

Mas quem imaginar uma mulher segundo o modelo que consiste em dizer ninharias com belas palavras, há de topar com uma bela senhorita cheia de pulseiras e de quem zombará, porque sabemos melhor em que consiste o encanto de uma mulher do que o prazer de um verso. Mas os que não o soubessem a admirariam com tais atavios; e há muitas aldeias onde a tomariam pela rainha. Eis por que chamamos aos sonetos assim feitos as rainhas da aldeia.

*34 — Não se passa, na sociedade, por conhecedor do verso se não se arvora o título de poeta, de matemático, etc. Mas os indivíduos universais não querem títulos e não estabelecem diferença entre o ofício de poeta e o de bordador.

Os indivíduos universais não se chamam poetas, nem geômetras, etc., mas eles são tudo isso, e juízes dos outros. Não os adivinhamos. Falarão daquilo de que se falava quando entraram. Não se percebe neles uma qualidade mais do que outra, a não ser

quando a necessidade os força a usá-la; mas então esta qualidade não mais se esquece, porque participa igualmente desse caráter a exigência de não se dizer, deles, que falam bem quando não se trata de linguagem; e de dizê-lo, quando disso se trata.

É, pois, um falso elogio que se outorga a um homem quando se diz dele, ao entrar, que é hábil versificador; e é condenável não apelar para tal homem ao julgar-se um verso.

*35 — É preciso que não se possa |*dizer*| dele: "É matemático", ou "predicador", ou "eloqüente"; e sim que é um "homem de bem". Somente essa qualidade universal me apraz. É mau sinal lembrar-se de um livro ao ver um homem, seu autor. Gostaria que não se recordasse nenhuma qualidade senão pela oportunidade de usá-la *(Ne quid nimis)*, de medo que uma qualidade se realce e se torne batizante. Que não se pense que fala bem, senão quando se tratar de bem falar, mas que se pense então.

36 — O homem é cheio de necessidades: só gosta dos que podem atender a todas. "É um bom matemático", dirão. — Mas não tenho o que fazer da matemática; ele tomar-me-ia por uma proposição. — "É um bom guerreiro." — Tomar-me-ia por uma praça assediada. É preciso, pois, um homem de bem, capaz de se acomodar, de modo geral, a todas as minhas solicitações.

37 — |Como não se pode ser universal e saber tudo o que é possível saber de tudo, é preciso saber um pouco de tudo. Pois é muito mais belo saber alguma coisa de tudo do que saber tudo de uma coisa; essa universalidade é a mais bela. Se pudéssemos ter as duas coisas seria ótimo, mas, sendo preciso escolher, cumpre escolher aquela, e assim o sente e faz a sociedade, a qual é, não raro, bom juiz.|

38 — Poeta e não homem de bem.

*39 — Se o raio caísse nos lugares baixos, etc., os poetas e os que só sabem raciocinar sobre as coisas dessa natureza careceriam de provas.

*40 — Os exemplos que escolhemos para provar outras coisas: se quiséssemos provar os exemplos, escolheríamos as outras coisas como exemplos; pois, como acreditamos sempre que a dificuldade está no que queremos provar, achamos que os exemplos são mais claros e que ajudam a prová-lo.

Assim, quando queremos mostrar uma coisa geral, cumpre darmos a regra particular de um caso; mas, se queremos mostrar um caso particular, teremos de começar pela regra |*geral*|. Achamos sempre obscura a coisa que queremos provar, e clara a que empregamos na prova; pois, quando nos propomos provar al-

guma coisa, antes de tudo nos obcecamos com a idéia de que ela é obscura mesmo, e, ao contrário, de que a outra, que deve prová-la, é clara, e portanto facilmente compreensível.

*41 — *Epigramas de Marcial* — O homem ama a malignidade, não contra os caolhos ou os desgraçados e sim contra os soberbos. Enganamo-nos de outro modo. Pois a concupiscência é a fonte de todos os nossos movimentos, e a humanidade[8], etc.

É preciso agradar aos que têm sentimentos humanos e ternos.

O dos dois caolhos[9] não vale nada, porque não os consola, e não faz senão acrescentar um pouco de sol à glória do autor. Tudo o que se destina apenas ao autor nada vale. *Ambitiosa recidet ornamenta*[10].

42 — *Príncipe* apraz aplicado a um rei, porque lhe diminui a qualidade[11].

43 — Certos autores, falando de suas obras, dizem: "Meu livro, meu comentário, minha história", etc. Isso cheira a burguês com bens de raiz e sempre com um "meu lar" nos lábios. Andariam melhor dizendo: "Nosso livro, nosso comentário, nossa história", visto que, em geral, há nisso mais bens alheios do que próprios.

44 — Desejais que falem bem de vós? Não o faleis vós mesmos.

*45 — As línguas são cifras em que as palavras são trocadas por palavras e não as letras por letras, de modo que uma língua desconhecida é decifrável.

*46 — Fazedor de frases de espírito, mau caráter.

*47 — Há quem fale bem e não escreva bem. O lugar e a assistência os incitam e arrancam de seu espírito mais do que eles aí encontram sem a incitação.

*48 — Quando num discurso se encontram palavras repetidas e que, tentando corrigi-las, nós as achamos tão adequadas que estragaríamos o discurso, cumpre deixá-las: marcam a personalidade. A inveja, que é cega, não sabe que essa repetição não é erro nesse lugar, pois não existe regra geral.

*49 — Mascarar a natureza e fantasiá-la. Não haverá mais rei, papa, bispo — e sim *augusto monarca*, etc.; nada de Paris — *capital do reino*. Há momentos em que é necessário chamar a Paris, Paris e, em outros momentos, capital do reino.

[8] Explicação de Brunschvicg: Pascal parece querer mostrar que a concupiscência e a humanidade devem juntar-se: a concupiscência provoca a malignidade e a humanidade restringe-a aos que são felizes e orgulhosos. (N. do E.)

[9] Epigrama. (N. do E.)

[10] Ele eliminará os ornamentos ambiciosos. (Horácio, *Arte Poética*, 447.)

[11] Explicação de Brunschvicg: esta frase elíptica deve compreender-se assim: o título de príncipe, atribuído a um rei, agrada ao súdito que o atribui, porque diminui a qualidade do soberano. A malignidade do homem agrada esta linguagem que diminui as distâncias. (N. do E.)

50 — Um mesmo sentido muda segundo as palavras que o exprimem. Os sentidos recebem sua dignidade das palavras, em vez de dar-lhes essa dignidade. Procurar exemplos. . .

51 — Pirrônico por obstinado.

52 — Ninguém diz "cartesiano"[12], salvo os que não o são; "pedante", só o pedante; "provincial", só o provincial, e juraria que foi o impressor quem o colocou no título das *Cartas a um Provincial*.

53 — Carro *tombado* (versé) ou *derrubado* (renversé), segundo a intenção.

Derramar (répandre) ou *despejar* (verser), segundo a intenção. (Tese de Le M[aître] sobre o cordoeiro à força.)

54 — *Miscelânea*. Maneira de falar: "Eu me quisera aplicar a isto".

[12] Algumas edições, como a de Chevalier (Pléiade), propõem a leitura de *cortesão* em vez de *cartesiano*. Brunschvicg justifica sua interpretação lembrando que, no manuscrito de Pascal, este pensamento é seguido por uma curta reflexão sobre Descartes (Pens. 78 nesta edição). (N. do E.)

55 — Virtude *aperitiva*[13] de uma chave; *atraente*[14] de um gancho.

56 — Adivinhar: "Quanto participo de vosso desgosto". O Senhor Cardeal não queria ser adivinhado.

"Tenho o espírito cheio de inquietação." "Estou cheio de inquietação" é melhor.

57 — Dei-me mal com estes cumprimentos: "Dei-vos muito trabalho; receio importunar-vos; receio que isso seja longo demais": ou a gente atrai ou a gente irrita[15].

58 — Sois importuno: "Escusai-me, por favor". Sem a escusa eu não houvera percebido a injúria. "Com seu respeito". . . Nada de mal, a não ser a desculpa.

59 — "Apagar a tocha da sedição": demasiado luxuriante.

"A inquietação de seu gênio": duas palavras ousadas é demais.

[13] Que abre. (N. do T.)

[14] Que puxa. (N. do T.)

[15] Vide fragmento 105 desta edição, que desenvolve e completa o pensamento de Pascal. (N. do E.)

ARTIGO II

Miséria do homem sem Deus

60 — *Primeira parte:* Miséria do homem sem Deus.

Segunda parte: Felicidade do homem com Deus.

Ou em outras palavras:

Primeira parte: A natureza está corrompida (pela própria natureza[16]).

Segunda parte: Há um reparador (pela Escritura).

61 — *Ordem* — De bom grado teria seguido esse discurso de ordem da seguinte maneira: para mostrar a vaidade de todo gênero de condições, mostrar a das vidas comuns e depois a das vidas filosóficas pirrônicas, estóicas; mas não conservaria a ordem. Sei um pouco de que se trata e quão pouca gente a entende. Nenhuma ciência humana pode conservá-la. Santo Tomás não a conservou. A matemática conserva-a, mas a matemática é inútil em sua profundidade.

*62 — *Prefácio da primeira parte* — Falar dos que trataram do conhecimento de si mesmos; das divisões de Charron que entristecem e aborrecem; da confusão de Montaigne; que este tinha muito justamente sentido a falta de um método [*preciso*] a que obviara pulando de um assunto para outro, buscando a boa atmosfera.

Tolo projeto o seu, de se pintar! E isso, não de passagem, e contra seus princípios, falhando, como acontece a todos; mas com suas próprias máximas e em obediência a um objetivo primeiro e essencial. Pois dizer tolices por acaso e fraqueza é mal vulgar; dizê-las, porém, voluntariamente é que é insuportável, e dizer algumas semelhantes a esta...

*63 — *Montaigne* — Os defeitos de Montaigne são grandes. Palavras lascivas; isso não tem valor, apesar da Mlle de Gournay[17]. Crédulo, *gente sem olhos.*

[16] Isto é: a demonstrar usando a própria natureza. (N. do E.)

[17] Mlle de Gournay publicou em 1595 a edição definitiva dos *Ensaios* de Montaigne; e no prefácio justifica Montaigne, desse ponto de vista.

Ignorante, *quadratura do círculo, mundo maior.* Seus sentimentos acerca do homicídio voluntário, da morte. Inspira indiferença pela salvação, *sem temor e sem arrependimento*[18]. Como seu livro não foi feito para induzir à devoção, a esta não era obrigado; mas somos sempre obrigados a dela não desviar ninguém. Podemos desculpar-lhe os sentimentos um tanto livres e voluptuosos em certos momentos de sua vida; mas não podemos desculpar-lhe os sentimentos pagãos sobre a morte; porque é preciso renunciar a toda devoção, se não se quer, ao menos, morrer cristãmente; ora, ele só pensa em morrer covardemente, docemente, em todo o seu livro.

64 — Não é em Montaigne, mas em mim mesmo que acho tudo o que nele vejo.

*65 — O que Montaigne tem de bom só dificilmente se adquire. O que tem de ruim, afora os costumes, ter-se-ia corrigido em um instante, se o houvessem advertido de que fazia muita história e que falava demais de si.

66 — É preciso conhecer-se a si mesmo; se isso não servisse para encontrar a verdade, serviria ao menos para regular a vida, e não há nada mais justo.

*67 — *Vaidade das ciências* — A ciência das coisas exteriores não me consolará da ignorância da moral, em tempo de aflição; mas a ciência dos costumes me consolará sempre da ignorância das ciências exteriores.

*68 — Não se ensina os homens a serem homens de bem, e tudo o mais se lhes ensina; e de nada se jactam mais que de ser homens de bem. Só se vangloriam de saber o que não aprenderam.

69 — *Dois infinitos, meio-termo* — Quando se lê depressa demais ou demasiado devagar, não se entende nada.

70 — *A natureza não [pode deter-se nos extremos]*. [A natureza pôs-nos de tal modo no meio que, se trocamos um lado da balança trocamos também o outro: *Je fesons, zôa trékhei*[19]. Isso me leva a crer que há molas em nossa cabeça, dispostas de tal maneira que, se se toca uma, toca-se também a contrária.]

71 — Muito pouco vinho ou vinho em demasia: não lho dêem e não poderá achar a verdade; dêem-lho em demasia e ocorrerá o mesmo.

[18] Vide em Montaigne, respectivamente: *gente sem olhos (Apologia de Raymond de Sebond); quadratura do círculo (Ensaios,* II, 14); *mundo maior (Apologia); homicídio voluntário (Ensaios,* II, 3); *sem temor e sem arrependimento (Ensaios,* todo o capítulo II do livro IV). (N. do E.)

[19] *Je fesons* (eu fazemos). Nessa expressão popular o sujeito está no singular e o verbo no plural; em *Ta zôa trékhei,* encontra-se a aplicação de uma regra própria da sintaxe grega: o sujeito no plural neutro com o verbo no singular. Pascal assinala essas duas construções como prova de uma lei de oscilação e de um jogo de contrapesos em nosso cérebro.

*72 — *Desproporção*[20] *do homem* — [Eis aonde nos conduzem os conhecimentos naturais. Se estes não são verdadeiros, não há verdade no homem; e, se o são, ele descobre nisso um grande motivo de humilhação; e, uma vez que não pode subsistir sem crer neles, desejo, antes de entrar em maiores indagações acerca da natureza, que ele a considere uma vez seriamente e com vagar, que se observe também a si mesmo e julgue se tem alguma proporção com ela...] Que não se atenha, pois, a olhar para os objetos que o cercam, simplesmente, mas contemple a natureza inteira na sua alta e plena majestade. Considere essa brilhante luz colocada acima dele como uma lâmpada eterna para iluminar o universo e que a terra lhe apareça como um ponto na órbita ampla desse astro, e que se maravilhe de ver que essa amplitude tampouco passa de um ponto insignificante na rota dos outros astros que se espalham pelo firmamento. Mas se nossa vista aí se detém, que nossa imaginação não pare; mais rapidamente se cansará de conceber que a natureza de revelar. Todo esse mundo visível é apenas um traço imperceptível na amplidão da natureza, que nem sequer nos é dado conhecer mesmo de um modo vago. Por mais que ampliemos as nossas concepções e as projetemos além dos espaços imagináveis, concebemos tão-somente átomos em comparação com a realidade das coisas. Esta é uma esfera infinita cujo centro se encontra em toda parte e cuja circunferência não se acha em nenhuma. E o fato de nossa imaginação perder-se nesse pensamento constitui, em suma, a maior característica sensível da onipotência de Deus.

Que o homem, voltado para si próprio, considere o que é diante do que existe; que se encare como um ser extraviado neste canto afastado da natureza, e que, da pequena cela onde se acha preso, isto é, do universo, aprenda a avaliar em seu valor exato a terra, os reinos, as cidades e ele próprio. Que é um homem dentro do infinito?

Quero, porém, apresentar-lhe outro prodígio igualmente assombroso, colhido nas coisas mais delicadas que conhece. Eis uma lêndea que, na pequenez de seu corpo, contém partes incomparavelmente menores, pernas com articulações, veias nessas pernas, sangue nessas veias, humores nesse sangue, gotas nesses humores, vapores nessas gotas; dividindo-se estas últimas coisas, esgotar-se-ão as capacidades de concepção do homem, e estaremos, portanto, ante o último objeto a que possa chegar o nosso discurso. Talvez ele imagine, então, ser essa a menor coisa da

[20] *Variante:* incapacidade. (N. do T.)

natureza. Quero mostrar-lhe, porém, dentro dela um novo abismo. Quero pintar-lhe não somente o universo visível mas também a imensidade concebível da natureza dentro dessa parcela de átomo. Aí existe uma infinidade de universos, cada qual com o seu firmamento, seus planetas, sua terra em iguais proporções às do mundo visível; e nessa terra há animais e neles essas lêndeas, em que voltará a encontrar o que nas primeiras observou. Deparará assim, por toda parte, sem cessar, infindavelmente, com a mesma coisa, e perder-se-á nessas maravilhas tão assombrosas na sua pequenez quanto nas outras na sua magnitude. Pois como não admirar que nosso corpo há pouco imperceptível no universo, imperceptível no todo, se torne um colosso, um mundo, ou melhor, um todo em relação ao nada a que não se pode chegar?

Quem assim raciocinar há de apavorar-se de si próprio e, considerando-se apoiado na massa que a natureza lhe deu, entre esses dois abismos do infinito e do nada, tremerá à vista de tantas maravilhas; e creio que, transformando sua curiosidade em admiração, preferirá contemplá-las em silêncio a investigá-las com presunção.

Afinal, que é o homem dentro da natureza? Nada em relação ao infinito; tudo em relação ao nada; um ponto intermediário entre tudo e nada. Infinitamente incapaz de compreender os extremos, tanto o fim das coisas como o seu princípio permanecem ocultos num segredo impenetrável, e é-lhe igualmente impossível ver o nada de onde saiu e o infinito que o envolve.

Que poderá fazer, portanto, senão perceber |alguma| aparência das coisas num eterno desespero por não poder conhecer nem seu princípio nem seu fim? Todas as coisas saíram do nada e foram levadas para o infinito; quem seguirá estes caminhos assombrosos? O autor destas maravilhas conhece-as; e ninguém mais.

Por não haver meditado sobre esses infinitos, puseram-se os homens temerariamente a investigar a natureza, como se tivessem alguma proporção com ela. E é estranho que tenham querido compreender os princípios das coisas, e assim chegar ao conhecimento do todo, através de uma presunção tão infinita quanto o seu objetivo. Pois não há dúvida de que é impossível conceber tal desígnio sem presunção ou sem capacidade infinita, como a natureza.

Quando se estuda, compreende-se que, tendo a natureza gravado sua imagem e a de seu autor em todas as coisas, todas participam de seu duplo infinito. Assim, todas as ciências são infinitas na amplitude de suas investigações,

pois quem duvidará, por exemplo, de que a geometria tenha uma infinidade de infinidades de teoremas a serem expostos? São infinitas também na multidão e na delicadeza de seus princípios, pois quem não percebe que aqueles que se consideram últimos não se sustentam sozinhos, mas se apóiam em outros, os quais, tendo por sua vez outros por apoio, nunca são os últimos? Nós, porém, consideramos últimos os que parecem últimos à nossa razão, tal qual fazemos com as coisas materiais, em que denominamos ponto indivisível aquele para além do qual os nossos sentidos nada mais distinguem, embora continue divisível independentemente por sua própria natureza.

Desses dois infinitos da ciência, o infinitamente grande é o mais sensível; por isso, poucas pessoas tiveram a pretensão de conhecer todas as coisas. "Vou falar de tudo", dizia Demócrito.

Porém, o infinitamente pequeno é muito menos visível. A ele pretenderam chegar os filósofos, entretanto; e nisso é que tropeçaram todos. Isso é que deu azo a títulos tão freqüentes quanto estes: *Do Princípio das Coisas, Do Princípio da Filosofia*, e quejandos, tão pretensiosos efetivamente, embora menos, aparentemente, do que esse outro que entra pelos olhos: *De Omni Scibili*.

Acreditamos muito naturalmente sermos mais capazes de alcançar o centro das coisas que de abraçar-lhes a circunferência; a extensão visível do mundo ultrapassa-nos manifestamente; porém, como ultrapassamos as coisas pequenas, acreditamo-nos mais capazes de possuí-las; entretanto, não nos falta menos capacidade para chegar ao nada do que para chegar ao todo; para um, como para outro, falta-nos uma capacidade infinita, e creio que quem tivesse compreendido os princípios últimos das coisas chegaria também a conhecer o infinito. Uma coisa depende da outra, e uma conduz à outra. Esses extremos se tocam e se unem, à força de se afastarem, e se reencontrarem em Deus e somente em Deus.

Conheçamos, pois, nossas forças; somos algo e não tudo; o que temos que ser priva-nos do conhecimento dos primeiros princípios que nascem do nada; e o pouco que temos de ser impede-nos a visão do infinito.

Nossa inteligência ocupa, entre as coisas inteligíveis, o mesmo lugar que nosso corpo na magnitude da natureza.

Limitados em tudo, esse termo médio entre dois extremos encontra-se em todas as nossas forças. Nossos sentidos não percebem os extremos: um ruído demasiado forte ensurdece-nos, demasiada luz nos deslumbra, demasiada

distância ou demasiada proximidade impedem-nos de ver, demasiada longitude ou demasiada concisão do discurso obscurecem-nos, demasiada verdade nos assombra (sei de alguém que não pode compreender que, quem de zero tira quatro, obtém zero); os primeiros princípios têm demasiada evidência para nós outros; demasiado prazer incomoda, demasiada consonância aborrece na música, e mercês em demasia irritam, pois queremos ter com que pagar a dívida: *Beneficia eo usque laeta sunt dum videntur exsolvi posse; ubi multum antevenere, pro gratia odium redditur*[21]. Não sentimos nem o extremo calor, nem o frio extremo; as qualidades excessivas são nossas inimigas, não são sensíveis; não as sentimos, sofremo-las. Demasiada juventude ou demasiada velhice tolhem o espírito, bem como demasiada ou insuficiente instrução. Em suma, as coisas extremas são para nós como se não existissem, não estamos dentro de suas proporções: escapam-nos ou lhes escapamos.

Eis o nosso estado verdadeiro, que nos torna incapazes de saber com segurança e de ignorar totalmente. Nadamos num meio-termo vasto, sempre incertos e flutuantes, empurrados de um lado para outro. Qualquer objeto a que pensemos apegar-nos e consolidar-nos abandona-nos e, se o perseguimos, foge à perseguição. Escorrega-nos entre as mãos numa eterna fuga. Nada se detém por nós. É o estado que nos é natural e, no entanto, nenhum será mais contrário à nossa inclinação. Ardemos no desejo de encontrar uma plataforma firme e uma base última e permanente para sobre ela edificar uma torre que se erga até o infinito; porém, os alicerces ruem e a terra se abre até o abismo.

Não procuremos, pois, segurança e firmeza. Nossa razão é sempre iludida pela inconstância das aparências e nada pode fixar o finito entre os dois infinitos que o cercam e dele se afastam.

Desde que compreendamos isso, creio que nos manteremos tranqüilos, cada um no estado em que a natureza o colocou. Como esse termo médio, que nos coube por destino, se situa sempre longe dos extremos, que importa que um homem tenha um pouco mais inteligência das coisas? Se a tiver, as verá de um pouco mais alto. Mas não se achará sempre infinitamente |*afastado*| da meta, e a duração de nossa vida, por durar dez anos mais, não será igualmente ínfima na eternidade?

Diante desses infinitos, todos os finitos são iguais; e não vejo razão para basear a imaginação num deles de preferência a outro.

[21] Os benefícios são agradáveis enquanto pensamos poder devolvê-los; mais além, o reconhecimento se transforma em ódio. (Tácito, *Anais*, IV, 18, citado por Montaigne, *Ensaios*, III, 8.)

A simples comparação entre nós e o infinito nos acabrunha.

Se o homem se estudasse a si mesmo antes de mais nada, perceberia logo a que ponto é incapaz de alcançar outra coisa. Como poderia uma parte conhecer o todo? Mas a parte pode ter, pelo menos, a ambição de conhecer as partes, as quais cabem dentro de suas próprias proporções. Mas as partes do mundo têm todas tais relações e tal encadeamento umas com as outras que considero impossível compreender uma sem alcançar as outras, e sem penetrar o todo.

O homem, por exemplo, está em relação com tudo o que conhece. Tem necessidade de espaço que o contenha, de tempo para durar, de movimento para viver, de elementos que o constituam, de alimentos e calor que o nutram, de ar para respirar; vê a luz, percebe os corpos, em suma, tudo se alia a ele próprio. Para conhecer o homem, portanto, mister se faz saber de onde vem o fato de precisar de ar para subsistir; e para conhecer o ar é necessário compreender donde provém essa sua relação com a vida do homem, etc. A chama não subsiste sem o ar; o conhecimento de uma coisa liga-se, pois, ao conhecimento de outra. E como todas as coisas são causadoras e causadas, auxiliadoras e auxiliadas, mediatas e imediatas, e todas se acham presas por um vínculo natural e insensível que une as mais afastadas e diferentes, estimo impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, bem como conhecer o todo sem entender particularmente as partes.

[A eternidade das coisas, em si mesma ou em Deus, deve assombrar a nossa ínfima duração. A imobilidade fixa e constante da natureza, em comparação com a transformação contínua que se verifica em nós, deve causar-nos o mesmo efeito.]

E o que completa a nossa incapacidade de conhecer as coisas é o fato de serem simples em si, enquanto nós somos compostos por duas naturezas antagônicas e de gêneros diversos, alma e corpo. Pois é impossível que a parte raciocinante de nós mesmos não seja unicamente espiritual; e, se pretenderem que somos tão-somente corporais, afastarão ainda mais de nós o conhecimento das coisas, porquanto nada é mais inconcebível do que dizer que a matéria se conhece a si própria; não podemos conceber de que maneira se conheceria. Assim, se [*somos*] simplesmente materiais nada podemos conhecer; e se somos compostos de espírito e matéria não podemos conhecer perfeitamente as coisas simples, espirituais ou corporais.

Daí a confusão generalizada entre quase todos os filósofos que misturam as idéias das coisas, falando espiritualmente das coi-

sas corporais e corporalmente das coisas espirituais. Dizem, ousadamente, que as coisas tendem a cair, que aspiram ao centro, que fogem à sua destruição, que temem o vácuo, que têm inclinações, simpatias, antipatias, qualidades todas que somente ao espírito pertencem. E, referindo-se ao espírito, consideram-no como se estivesse em determinado espaço, e lhe atribuem a capacidade de movimentar-se de um lugar a outro, coisas que pertencem apenas aos corpos.

Em vez de recebermos a idéia pura das coisas, tingimo-la com nossas qualidades e impregnamos de nosso ser composto todas as coisas simples que contemplamos.

Quem não acreditaria, ao vernos juntar as coisas do espírito e do corpo, que tal mescla nos é muito compreensível? No entanto, é essa a coisa que menos se compreende. O homem é, em si mesmo, o objeto mais prodigioso da natureza; pois não pode conceber nem o que é corpo nem, menos ainda, o que é espírito e, ainda menos, de que modo pode um corpo unir-se a um espírito. Essa a sua dificuldade máxima e, não obstante, a sua própria essência: *Modus quo corporibus adhaerent spiritus comprehendi ab hominibus non potest, et hoc tamen homo est*[22].

Mas, para concluir a prova de nossa fraqueza, terminarei com estas duas considerações...

73 — Mas talvez este assunto ultrapasse o alcance da razão. Examinemos, pois, suas invenções acerca das coisas de sua competência. Se algo existe em que seu próprio interesse deva tê-la aplicado seriamente, é a procura do soberano bem. Vejamos, portanto, onde essas almas fortes e clarividentes o colocaram, e se estão de acordo a respeito.

Um diz que o soberano bem está na virtude, outro na volúpia; um na ciência da natureza, outro na verdade: *Felix qui potuit rerum cognoscere causas*[23], outro na ignorância total, outro na indolência, outros em resistir às aparências, outros em nada admirar, *nihil mirari prope res una quae possit facere et servare beatum*[24], e os verdadeiros pirrônicos em sua ataraxia, dúvida e suspensão perpétua; e outros, mais sábios, pensam achar coisa um pouco melhor. Estamos realmente bem avançados!

Transpor para depois das leis no título seguinte.

Cabe ainda ver se essa bela filosofia nada adquiriu de certo, mediante tão longo trabalho, e tão tenso. Talvez, ao menos, a

[22] A maneira por que se acha o espírito unido ao corpo não pode ser compreendida pelo homem e, não obstante, é o homem. (Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*, XXI, 10, citado por Montaigne.)

[23] Feliz o que pode conhecer as causas das coisas. (Virgílio, *Geórgicas*, II, 489.)

[24] Não se espantar de nada: eis, mais ou menos, a única coisa que pode dar e conservar a felicidade. (Horácio, *Epodos*, I, VI, 1.)

alma venha a conhecer-se a si mesma. Ouçamos os regentes do mundo a esse respeito. Que pensaram de sua substância? 394[25]. Foram mais felizes em situá-la? 395. Que descobriram acerca de sua origem, sua duração, seu ponto de partida? 399.

Será, pois, a alma um assunto ainda nobre demais para tão fracas luzes? Nivelemo-la à matéria, vejamos se sabe de que é feito o próprio corpo, que ela anima, e os outros que contempla e arranja como bem entende. Que souberam disso esses grandes dogmáticos que nada ignoram? *Harum sententiarum*, 393[26].

Isso bastaria, sem dúvida, se a razão fosse razoável. Ela o é bastante para confessar que nada encontrou ainda de firme; mas não desespera de consegui-lo |ao contrário, mostra-se mais ardorosa do que nunca nessa pesquisa, e confia em que possui as forças necessárias a essa conquista. Cumpre, pois, acabá-la. E, após ter examinado suas forças em seus efeitos, reconhecê-las em si mesmas; vejamos se tem algumas forças[27] e algumas possibilidades de apreender a verdade|.

74 — Uma carta *da loucura da ciência humana e da filosofia.*

Essa carta antes do *divertimento.*

Felix qui potuit . . . Nihil admirari[28].

Duzentas e oitenta espécies de soberanos bens em Montaigne[29].

75 — Part. I, 1. 2., c. I, seção 4.

Conjetura. Não será difícil fazê-la descer mais um degrau e torná-la aparentemente ridícula. Pois, para começar com ela própria haverá coisa mais absurda do que dizer que os corpos inanimados têm paixões, temores, horrores? Que corpos insensíveis, sem vida e até incapazes de vida, têm paixões que pressupõem, pelo menos, uma alma sensível para senti-las? Que, além disso, o objeto desse horror é o vácuo? Que haverá no vácuo suscetível de amedrontá-los? Que haverá mais vil e ridículo? Não é tudo: mesmo que tenham em si próprios um princípio de movimento para evitar o vácuo, terão braços, pernas, músculos, nervos?

76 — Escrever contra os que aprofundam demais as ciências. Descartes.

77 — Não posso perdoar Descartes; bem quisera ele, em toda a sua filosofia, passar sem Deus, mas não pôde evitar de

[25] Por meio destes números Pascal refere-se a certos passos da *Apologia de Raymond de Sebond*, de Montaigne.

[26] Destas opiniões, qual a verdadeira? Só um Deus poderia julgar. (Cícero, *Tusculanas*, I, 11.) Citação completa: *Harum sententiarum quae vera sit, Deus aliquis viderit.* (N. do E.)

[27] Brunschvicg propõe a leitura de *formas*. Os comentadores mais modernos, porém, preferem *forças*. (N. do E.)

[28] Feliz aquele que pode não se admirar de nada.

[29] Montaigne refere-se a um cálculo de Varrão, segundo o qual a questão do "soberano bem do homem" provocou o aparecimento de duzentas e oitenta e oito seitas. (N. do E.)

fazê-lo dar um piparote para pôr o mundo em movimento; depois do que, não precisa mais de Deus.

78 — Descartes: inútil e incerto.

79 — |*Descartes* — Cumpre dizer, *grosso modo:* "Isso se faz por figura e movimento", porque isso é verdadeiro; mas dizer quais e montar a máquina é ridículo, pois é inútil e incerto, e penoso. E ainda que fosse verdadeiro, não acreditamos que toda a filosofia valha uma hora de trabalho.|

*80 — Como se explica que um coxo não nos irrite e um espírito coxo nos aborreça? É que o coxo reconhece que andamos direito, e um espírito coxo afirma que nós é que mancamos; se assim não fosse, teríamos piedade e não raiva.

Epitecto pergunta com mais ênfase: "Por que não nos zangamos se nos dizem que temos dor de cabeça e nos zangamos se nos dizem que raciocinamos mal, ou que escolhemos mal?" A razão está em que temos inteira certeza de não sentir dor de cabeça e de não sermos coxos; mas já não estamos igualmente certos de ter escolhido bem. De modo que, não estando seguros senão acerca do que vemos com nossa vista, quando outro vê com vista contrária, suspendemos nosso juízo e nos espantamos, e mais ainda quando mil outros zombam de nossa escolha; pois temos que preferir nossas luzes às alheias e isso é difícil e ousado. Não há nunca semelhante contradição no que concerne a um coxo.

*81 — O espírito crê naturalmente, e a vontade ama naturalmente; de modo que, na ausência de objetivos verdadeiros, se apegam aos falsos.

*82 — *Imaginação* — É essa parte enganadora[30] no homem, essa senhora de erro e falsidade, tanto mais velhaca quanto não o é sempre; pois seria regra infalível da verdade, se o fosse infalível da mentira. Mas, sendo o mais das vezes falsa, não dá nenhuma marca de sua qualidade, emprestando o mesmo caráter ao verdadeiro e ao falso.

Não falo dos loucos, falo dos mais sábios, e é entre eles que a imaginação tem o grande dom de persuadir os homens. Por mais que a razão grite, não pode valorizar as coisas.

Essa soberba potência inimiga da razão, que se compraz em controlá-la e em dominá-la para mostrar quanto pode em todas as coisas, estabeleceu no homem uma segunda natureza. Tem seus felizes, seus infelizes, seus sãos, seus doentes, seus ricos, seus pobres; faz crer, duvidar, negar a razão; suspende os sentidos, fá-los sentir; tem seus loucos e seus

[30] Brunschvicg, seguindo Tourneur, prefere a leitura *dominante* à *décevante* (enganadora). (N. do E.)

sábios: e nada nos despeita mais do que ver que enche seus hóspedes de uma satisfação bem mais plena e completa do que a razão. Os hábeis por imaginação comprazem-se muito mais em si mesmos do que os prudentes o consequem razoavelmente. Observam as pessoas com autoridade; disputam com ousadia e confiança; os outros, com medo e desconfiança: essa alegria visível dá-lhes muitas vezes vantagem na opinião dos ouvintes, de tal maneira os sábios imaginários gozam de favor junto aos juízes de idêntica natureza! Não pode tornar sábios os loucos; mas os torna felizes, ao contrário da razão, que só pode tornar seus amigos miseráveis; uma cobrindo-os de glória, a outra de vergonha.

Quem dispensa a reputação? Quem dá o respeito e a veneração às pessoas, às obras, às leis, aos grandes, se não essa faculdade imaginativa? Como todas as riquezas da terra [*são*] insuficientes sem o seu consentimento!

Não diríeis que esse magistrado, cuja velhice venerável impõe respeito a todo um povo, se governa por uma razão pura e sublime e que julga as coisas na sua natureza, sem se deter nessas vãs circunstâncias que só ferem a imaginação dos fracos? Vêde-o entrar, para assistir ao sermão com um zelo todo devoto, reforçando a solidez da razão pelo ardor da caridade. Ei-lo pronto a ouvir com respeito exemplar. Que o pregador apareça: se a natureza lhe deu uma voz rouquenha e uma fisionomia esquisita, se o barbeiro o barbeou mal, se, por acaso, ainda por cima, o lambuzou, por maiores que sejam as verdades que anuncia, aposto na perda da gravidade do nosso senador.

O maior filósofo do mundo, sobre uma tábua, por mais larga que seja, se houver embaixo um precipício, embora a razão o convença de sua segurança, a imaginação prevalecerá. Muitos não poderiam pensar sequer nisso sem empalidecer e suar.

Não pretendo relatar todos os seus efeitos.

Quem não sabe que a visão dos gatos, dos ratos, o esmagamento de um carvão, etc., põem a razão fora dos eixos? O tom de voz impressiona os mais sábios e modifica um discurso e um poema.

A afeição ou o ódio mudam a face da justiça: e quanto um advogado, bem pago adiantadamente, acha mais justa a causa que defende! Quanto o seu gesto ousado a faz parecer melhor aos juízes enganados por esta aparência! Razão divertida que um vento move em todos os sentidos!

Eu relacionaria quase todas as ações dos homens que quase só se abalam com suas sacudidelas.

Pois a razão foi obrigada a ceder, e a mais sábia toma como seus princípios os que a imaginação dos homens temerariamente introduziu em cada lugar.

[Quem quisesse seguir apenas a razão seria louco perante o juízo do homem comum. É preciso julgar de acordo com o julgamento da maior parte do mundo. É preciso, pois isso lhe apraz, trabalhar o dia todo para alcançar bens reconhecidos como imaginários, e, quando o sono repara as fadigas de nossa razão, cumpre-nos levantar incontinenti, para correr atrás de fumaças e experimentar as impressões dessa senhora do mundo. Eis um dos princípios do erro, embora não o único.]

Os nossos magistrados conheceram bem esse mistério. As suas togas vermelhas, os arminhos com que se enfaixam como gatos peludos, os palácios em que julgam, as flores-de-lis, todo esse aparato augusto era muito necessário: e, se os médicos não tivessem sotainas e galochas, e os doutores não usassem borla e capelo e túnicas muito amplas de quatro partes, nunca teriam enganado o mundo, que não pôde resistir a essa vitrina tão autêntica. Se possuíssem a verdadeira justiça e se os médicos fossem senhores da verdadeira arte de curar, não teriam o que fazer da borla e do capelo; a majestade destas ciências seria bastante venerável por si própria. Como, porém, possuem apenas ciências imaginárias, precisam tomar esses instrumentos vãos que impressionam as imaginações com que lidam; e destarte, com efeito, atraem o respeito. Só os homens de guerra não estão disfarçados assim, porque na realidade a sua parte é mais essencial: estabelecem-se pela força, ao passo que os outros o fazem pela aparência.

Eis por que os nossos reis não buscaram tais disfarces. Não se mascararam com hábitos extraordinários para se apresentarem como tais; mas estão acompanhados de guardas e de alabardas: essas carrancas armadas que só têm mãos e força para eles, as trombetas e os tambores que marcham à sua frente, e essas legiões que os cercam, fazem tremer os mais firmes. Não têm o hábito somente, têm a força. Seria preciso possuir uma razão bem depurada para observar como um homem qualquer o grão-senhor rodeado, em seu soberbo serralho, por quarenta mil janízaros.

Não podemos mesmo ver um advogado de sotaina e borla sem uma opinião favorável de sua suficiência.

A imaginação dispõe de tudo; faz a beleza, a justiça e a felicidade, que é tudo no mundo. Eu desejaria de bom grado ler o livro italiano, do qual só conheço o título, que vale sozinho muitos

livros, *Della Opinione, Regina del Mondo*. Subscrevo-o sem o conhecer, salvo o mal, se nele existe algum.

Eis, aproximadamente, os efeitos dessa faculdade enganosa que parece nos ser dada de propósito para induzir-nos a um erro necessário. Temos muitos outros princípios sobre este assunto.

Não são as impressões antigas as únicas capazes de nos iludir; os encanto da novidade têm igual poder. Daí provêm todas as disputas dos homens, que tanto se censuram por seguir as falsas impressões de sua infância ou por correr temerariamente atrás das novas. Quem se atém a um justo equilíbrio? Que apareça e prove. Não há princípio, por natural que seja, mesmo desde a infância, que não se faça passar por falsa impressão, ou da educação ou dos sentidos.

"Porque acreditastes desde a infância que um cofre se achava vazio, por nele não verdes nada", dizem-nos, "acreditais ser possível o vácuo. É uma ilusão de vossos sentidos, fortalecida pelo hábito e que a ciência precisa corrigir." E dizem outros: "Porque vos disseram na escola que o vácuo não existe, corromperam vosso bom senso que o compreendia tão nitidamente, antes dessa má impressão, que cabe corrigir recorrendo à vossa primeira natureza". Quem enganou? O sentido ou a instrução?

Temos outro princípio de erro: as enfermidades. Elas nos perturbam o julgamento e os sentidos. E, se as grandes os alteram sensivelmente, é de crer que as pequenas também os impressionem proporcionalmente.

Nosso interesse é ainda um instrumento maravilhoso para nos vazar os olhos agradavelmente. Não é permitido ao homem mais eqüitativo julgar em causa própria. Conheço alguns que, para não sucumbir a esse amor-próprio, foram os mais injustos do mundo em sentido contrário: o meio mais seguro de perder uma causa justa consistia em fazer-lha recomendar por seus parentes mais próximos.

A justiça e a verdade são duas pontas tão sutis que nossos instrumentos se revelam demasiado grosseiros para as tocar exatamente. Se porventura o conseguem, desaguçam-nas, e apóiam-se em torno, mais sobre o falso do que sobre o verdadeiro.

[O homem é pois fabricado com tanta felicidade que não tem nenhum [*princípio*] justo do que é verdadeiro e muitos excelentes do que é falso. Vejamos agora quantos... Mas a causa mais forte desses erros é a guerra que existe entre os sentidos e a razão.]

83 — Cumpre começar por aí o capítulo das forças enganadoras. O homem não passa de um sujeito cheio de erro, natural

e indelével sem a graça. Nada lhe mostra a verdade. Tudo o ilude. Os dois princípios das verdades, a razão e os sentidos, além de carecerem de sinceridade, iludem-se mutuamente. Os sentidos, com suas falsas aparências, enganam a razão; e essa mesma fraude que oferecem à razão recebem-na dela, por sua vez. Ela revida. As paixões da alma perturbam os sentidos e provocam-lhes falsas impressões. Eles mentem e se enganam à porfia.

Mas, além desses erros que ocorrem por acidente e falta de inteligência, entre estas faculdades heterogêneas . . .

*84 — A imaginação amplia os pequenos objetos até encher-nos a alma com eles, em uma avaliação fantasista; e numa insolência temerária diminui os grandes e os reduz à sua medida, como ao falar de Deus.

*85 — As coisas que mais prezamos, como esconder a nossa pequena fortuna, não são, amiúde, quase nada. São um vazio que nossa imaginação amplia. Outro passe da imaginação no-lo faz descobrir sem dificuldade.

86 — Minha fantasia impele-me a odiar um indivíduo que grasna ou que come ofegando. A fantasia pesa muito. Que proveito tiraremos disso? Seguir esse peso por ser natural? Não. Mas resistir . . .

87 — *Quasi quidquam infelicius sit homine cui sua figmenta dominantur* (Plín.)[31].

88 — As crianças, que se amedrontam com a careta que desenham, são crianças; mas como conseguir que o que é assim tão fraco, em criança, se torne forte, mais tarde? Muda-se apenas de fantasia. Tudo o que se aperfeiçoa pelo progresso também perece com ele. Tudo o que foi fraco nunca será inteiramente forte. Por mais que se diga: *cresceu, mudou;* a verdade é que também continua sendo o mesmo.

89 — O hábito é nossa natureza. Quem se habitua à fé crê, e não pode deixar de temer o inferno; e não crê em outra coisa. Quem se habitua a crer que o rei é terrível, etc . . . Quem duvida, pois, de que nossa alma, estando habituada a ver número, espaço, movimento, creia nisso e somente nisso?

90 — *Quod crebro videt non miratur, etiamsi cur fiat nescit; quod ante non viderit, id si evenerit, ostentum esse censet* (Cic.)[32]. *Nae iste magno conatu magnas nugas dixerit*[33].

91 — *Spongia solis*[34].

Quando vemos um efeito repetir-

[31] Como se houvesse algo mais desgraçado do que um homem dominado pela imaginação (Plínio, II, 7).

[32] Um sucesso freqüente não nos surpreende, mesmo quando lhe ignoramos a causa; um acontecimento que nunca vimos passa por prodigioso (Cícero, *De Divinatione*, II, 49).

[33] Ei-lo que vai dizer com grande esforço grandes tolices . . . (Terêncio, *Heautontimorumenos*, IV, 8).

[34] Manchas do sol.

se seguidamente, concluímos tratar-se de uma necessidade natural: amanhã será dia, etc. Mas não raro a natureza nos desmente e não se submete a suas próprias leis.

*92 — Que são nossos princípios naturais, senão princípios de hábitos? E nas crianças, os que receberam com os hábitos dos pais, como a caça entre os animais?

Hábitos diferentes dão-nos princípios naturais diversos, é o que nos prova a experiência e, se existem princípios que o hábito não pode fazer desaparecer, há-os também do costume contra a natureza, inapagáveis por esta, ou por um segundo costume. Tudo depende da disposição.

*93 — Temem os pais que o amor natural de seus filhos se extinga. Que espécie de natureza será essa então, suscetível de extinção? O hábito é uma segunda natureza que destrói a primeira. Mas que é a natureza? Por que não é o hábito natural? Receio muito que essa natureza não seja ela própria senão um primeiro hábito, assim como o hábito uma segunda natureza.

94 — A natureza do homem é toda natureza, *omne animal*.

Não há nada no mundo que não se torne natural. Não há natural que não se perca.

95 — A memória, a alegria são sentimentos; e até as proposições geométricas fazem-se sentimentos, pois a razão torna os sentimentos naturais e os sentimentos naturais se extinguem pela razão.

96 — Quando se está acostumado a valer-se de más razões para provar os efeitos da natureza, não se quer mais acolher as boas quando descobertas. O exemplo foi dado a respeito da circulação do sangue, para explicar de maneira racional por que a veia incha sob a atadura.

*97 — A coisa mais importante na vida é a escolha de uma profissão. É o acaso que dispõe. O costume faz os pedreiros, soldados, empalhadores. "É um excelente empalhador", diz-se; e, falando dos soldados: "São muito loucos"; mas outros, ao contrário: "Não há nada de grande fora da guerra; os demais homens são velhacos." À força de ouvir louvar na infância esses ofícios e desprezar todos os outros, escolhe-se; ama-se naturalmente a virtude e odeia-se a loucura. Essas palavras nos comovem; se pecamos, é na aplicação; tão grande é a força do costume que, daqueles que a natureza fez apenas homens, se fazem todas as condições dos homens; com efeito, em certas regiões todos são pedreiros, e noutras, todos soldados, etc. Sem dúvida, a natureza não é tão uniforme. É, pois, o costume que faz isso, constrangendo a natureza; e, às vezes, também, a natureza o vence e

retém o homem no seu instinto, malgrado o costume, bom ou mau.

98 — *A prevenção induzindo em erro* — É lamentável ver todos os homens deliberarem apenas sobre os meios e não sobre os fins. Cada qual pensa em como desempenhar a sua condição; mas a escolha da condição e da pátria é função da sorte. É lamentável ver tantos turcos, heréticos, infiéis, seguirem o caminho de seus pais, pela única razão de terem sido induzidos na prevenção de que este era o melhor. Eis o que determina a condição de cada um, serralheiro, soldado, etc.

Por isso é que os selvagens não sabem que fazer da Provença.

*99 — Há diferença essencial e universal entre as ações da vontade e todas as outras.

A vontade é um dos principais órgãos da crença, não porque forme a crença, mas porque as coisas são verdadeiras ou falsas segundo o ângulo pelo qual as encaramos. A vontade, que se apraz mais em um do que em outro, desvia o espírito da consideração das qualidades que não quer ver; assim, o espírito, marchando de comum acordo com a vontade, detém-se à olhar do ângulo que esta aprecia. Julga-se desse modo pelo que se vê.

100 — *Amor-próprio* — A natureza do amor-próprio e desse *eu* humano é não amar senão a si e não considerar senão a si. A que pode levar? Não poderá impedir que esse objeto que ama esteja cheio de defeitos e misérias: quer ser grande e acha-se pequeno; quer ser feliz e acha-se miserável; quer ser perfeito e acha-se cheio de imperfeições; quer ser o objeto do amor e da estima dos homens, e vê que seus defeitos só merecem deles aversão e desprezo. Esse embaraço em que se acha produz nele a mais injusta e criminosa paixão que se possa imaginar; pois concebe um ódio mortal contra essa verdade que o repreende e o convence de seus defeitos. Desejaria aniquilar essa verdade e, não podendo destruí-la em si mesmo, a destrói quanto pode em seu conhecimento e no dos outros; isto é, põe todo o seu cuidado em encobrir os próprios defeitos a si mesmo e aos outros, e não suporta que o façam vê-los, nem que os vejam.

É, sem dúvida, um mal ter tantos defeitos; mas é ainda um mal maior estar cheio deles e não querer reconhecê-los, pois é ajuntar-lhes ainda o de uma ilusão voluntária. Não queremos que os outros nos enganem; não achamos justo que queiram ser estimados por nós mais do que merecem; não é, portanto, justo também que os enganemos e queiramos que nos estimem mais do que merecemos.

Assim, quando os outros só

descobrem em nós imperfeições e vícios, que na realidade temos, é claro que não nos prejudicam, pois não são eles os causadores dessas imperfeições, e que nos fazem um benefício, pois nos ajudam a livrar-nos desse mal que é a ignorância das imperfeições. Não devemos zangar-nos pelo fato de eles as conhecerem e nos desprezarem, pois é justo que nos conheçam pelo que somos, e que nos desprezem se somos desprezíveis. Tais seriam os sentimentos naturais de um coração cheio de eqüidade e justiça. Que devemos dizer do nosso, vendo nele uma disposição tão contrária? Pois não é que odiamos a verdade e os que no-la dizem? Que desejamos que se enganem, com vantagem para nós, e que nos tomem por outros, diferentes do que somos na realidade?

Eis uma prova que me causa horror. A religião católica não nos obriga a revelar nossos pecados indiferentemente a todo mundo: permite que os oculte-mos de todos os outros homens; mas excetua um único, ao qual ordena que abramos o fundo do coração, e que nos mostremos tal qual somos.

Somente a esse único homem, no mundo, ela nos ordena confessar, mas obriga-o a um segredo inviolável, o que faz que o seu conhecimento de nossos pecados permaneça nele como se não existisse.

Será possível imaginar algo mais caritativo e mais suave? E, contudo, é tal a corrupção do homem que acha ainda dureza nessa lei; e foi uma das principais razões que levaram grande parte da Europa a revoltar-se contra a Igreja. Tão injusto e desarrazoado é o coração do homem que lhe parece um mal ser obrigado a fazer, em relação a um só homem, o que seria justo, de certa maneira, que fizesse em relação a todos os homens! Pois será justo que os enganemos?

Há diferentes graus nessa aversão à verdade; mas pode-se dizer que até certo ponto ela existe em todos, porque é inseparável do amor-próprio. Assim, essa falsa delicadeza é que obriga os que têm necessidade de repreender os outros a escolher tantos rodeios e manejos para não feri-los. Precisam diminuir os nossos defeitos, fingir desculpá-los, misturar louvores e testemunhos de afeição e estima. E, mesmo assim, esse remédio não deixa de ser amargo ao amor-próprio. Tomamos dele o menos que podemos, e sempre com repugnância, e muitas vezes com um secreto despeito contra os que no-lo apresentam. Por isso acontece que, quando alguém tem interesse em ser amado por nós, foge de prestar-nos um serviço que sabe ser-nos desagradável; trata-nos como desejamos ser tratados: odiamos a verdade, a verdade nos é ocultada; deseja-

mos ser adulados, adula-nos; gostamos de ser enganados, engana-nos. Por isso, cada degrau na escada da fortuna, que nos eleva no mundo, afasta-nos mais da verdade, pois teme-se mais ferir aqueles cuja afeição é mais útil e cuja aversão mais perigosa.

Um príncipe pode tornar-se o divertimento de toda a Europa, e ser o único a ignorá-lo. Não me admira: a verdade é útil àquele a quem é dita, mas desvantajosa para os que a dizem, porque se tornam odiosos. Ora, os que vivem com os príncipes preferem os seus interesses aos do príncipe que servem; por isso, não se preocupam em proporcionar-lhe uma vantagem, prejudicando-se a si mesmos. Essa infelicidade é, sem dúvida, maior e mais comum nas fortunas mais avantajadas; mas as menores não lhe escapam, porque há sempre algum interesse em se tornar amável. Assim, a vida humana nada mais é que uma perpétua ilusão; não fazemos outra coisa senão nos enganarmos e adularmos mutuamente. Ninguém fala de nós em nossa presença como fala em nossa ausência. A união existente entre os homens assenta apenas nesse mútuo engano; e poucas amizades subsistiriam se todos soubessem o que deles dizem os amigos quando não estão presentes, mesmo quando falam com sinceridade e sem paixões.

O homem não passa, portanto, de disfarce, mentira e hipocrisia, tanto em face de si próprio como em relação aos outros. Não quer que lhe digam verdades e evita dizê-las aos outros; e todos esses propósitos, tão alheios à justiça e à razão, têm em seu coração raízes naturais.

101 — Digo em verdade que, se todos os homens soubessem o que dizem uns dos outros, não haveria quatro amigos no mundo. Isso se vê pelas querelas que provocam as indiscrições ocasionais. |Digo mais, que todos os homens seriam . . .|

*102 — Há vícios que se apegam a nós através de outros e que, retirado o tronco, caem como galhos.

*103 — O exemplo da castidade de Alexandre não fez tantos continentes como o da sua embriaguez fez intemperantes[35]. Não é vergonhoso não ser tão virtuoso quanto ele.

Julgamos não ter todos os vícios do homem comum quando temos os vícios desses grandes homens e, todavia, não percebemos que eles nisso se identificam ao comum dos homens. Apegamo-nos a eles por onde se apegam ao povo, pois, por mais alto que estejam, unem-se aos que se

[35] Alexandre mostrou-se generoso e cavalheiresco com a família de Dario, após a vitória; mas, por outro lado, em um momento de embriaguez, matou seu amigo Clito.

encontram mais baixo por um ponto qualquer. Não estão suspensos no ar, inteiramente abstraídos da nossa sociedade. Não, não. Se são maiores do que nós, é que têm a cabeça mais elevada; mas têm os pés tão baixo quanto os nossos. Estão todos no mesmo nível e se apóiam na mesma terra; e, por essa extremidade, encontram-se tão baixo quanto nós, quanto os menores, quanto as crianças, quanto os animais.

104 — Se nossa paixão nos impele a fazer alguma coisa, esquecemos nosso dever: como apreciamos um livro, lemo-lo quando deveríamos fazer outra coisa. Mas, para nos lembrarmos, é preciso que nos proponhamos a fazer algo que odiamos; então, escusamo-nos por termos outra coisa a fazer e lembramo-nos assim de nosso dever.

*105 — Como é difícil propor uma coisa ao julgamento alheio, sem corromper o juízo do julgador, pela maneira de apresentá-la! Se dizemos: "Acho-o belo, acho-o obscuro", ou coisa semelhante, atraímos a imaginação para esse julgamento, ou a irritamos, ao contrário. O melhor é nada dizer; e então ele julga segundo o que é! Ou seja, o que é no momento e segundo o que lhe sugiram as demais circunstâncias de que não somos causa. Ao menos não teremos insinuado nada, a não ser que esse silêncio produza também seu efeito, segundo a interpretação que o julgador fizer, ou segundo o que conjeturar dos movimentos e aspecto do rosto e do tom de voz, na medida em que for fisionomista, tão difícil é manter um juízo no seu natural, ou melhor, tão poucos existem firmes e estáveis.

*106 — Conhecendo a paixão dominante de cada um, temos a certeza de agradar-lhe; e, no entanto, cada qual tem suas fantasias, contrárias a seu próprio bem, na própria idéia que tem do bem; e trata-se de uma singularidade que desafina.

*107 — *Lustravit lampade terras* — O meu humor não depende do tempo. Tenho os meus nevoeiros e o meu bom tempo dentro de mim; o bem e o mal dos meus próprios negócios pouco influem nesse particular. Esforço-me, às vezes, por mim mesmo, contra a fortuna; a glória de domá-la faz com que eu a dome alegremente, ao passo que às vezes torço o nariz à boa fortuna.

*108 — Embora as pessoas não manifestem interesse no que dizem, não devemos concluir daí que não mentem: pois há pessoas que mentem simplesmente por mentir.

*109 — Quando nos sentimos bem dispostos, mal sabemos

como faríamos se estivéssemos doentes; quando ficamos doentes, tomamos o remédio de bom grado: o mal nos convence a fazê-lo. Não temos mais paixões, nem desejos de divertimentos e passeios, que a saúde nos dava e que são incompatíveis com as necessidades da doença. A natureza proporciona então paixões e desejos de conformidade com o estado presente. Só nos perturbam os receios que buscamos em nós mesmos e não na natureza, porque eles juntam, ao estado em que nos encontramos, as paixões do estado em que não estamos.

109 *bis* — Tornando-nos a natureza sempre infelizes em todos os estados, nossos desejos fantasiam um estado feliz, porque juntam ao estado em que estamos os prazeres do estado em que não estamos; mas, se alcançássemos esses prazeres, ainda assim não seríamos felizes, porquanto teríamos outros desejos de acordo com o nosso novo estado.

Particularizar esta proposição geral.

*110 — O sentimento da falsidade dos prazeres presentes e a ignorância da vaidade dos prazeres ausentes causam a inconstância.

111 — *Inconstância* — Cremos tocar órgãos ordinários quando tocamos o homem: são órgãos, na verdade, mas estranhos, cambiantes, variáveis [cujos tubos não se seguem por graus conjuntos]. Os que só sabem tocar os ordinários não produziriam acordes nestes. É preciso saber onde se acham as [*teclas*].

*112 — *Inconstância* — As coisas têm diversas qualidades e a alma diversas inclinações; pois nada do que se oferece à alma é simples, e a alma nunca se oferece simples a nenhum assunto. Eis por que, às vezes, choramos e rimos com uma mesma coisa.

113 — *Inconstância e extravagância* — Viver somente de seu trabalho e reinar sobre o mais poderoso Estado do mundo são coisas muito opostas. Encontram-se unidas na pessoa do grão-senhor dos turcos.

114 — A diversidade é tão ampla que todos os tons de voz, todos os andares, tossires, assoares, espirrares... Distinguimos as uvas entre as frutas e entre as uvas as moscatéis, e depois Condrieu, e depois Desargues e depois este enxerto[3 6]. Será tudo? Terá ele produzido algum dia dois cachos iguais? E um cacho terá dois bagos iguais?, etc...

Não poderia julgar uma mesma coisa exatamente da mesma maneira. Não posso julgar minha obra fazendo-a. Preciso, como os pintores, afastar-me; mas não demais. Quanto? Adivinhai.

[3 6] O geômetra Desargues tinha uma propriedade em Condrieu (Rhône).

115 — *Diversidade* — A teologia é uma ciência, mas, ao mesmo tempo, quantas ciências há? Um homem é uma substância; mas, se o anatomizarmos, será ele a cabeça, o coração, as veias, o estômago, cada veia, cada porção de veia, o sangue, cada humor do sangue?

Uma cidade, um campo, de longe, são uma cidade e um campo; mas, à medida que nos aproximamos, são casas, árvores, telhados, folhas, plantas, formigas, pernas de formigas, ate o infinito. Tudo isso se inclui na palavra campo.

116 — *Pensamentos* — Tudo é um, tudo é diverso. Quantas naturezas na do homem! Quantos ofícios! E por que acaso cada qual se entrega normalmente ao que ouviu louvar! Salto bem feito...[37]

117 — *Salto de sapato* — "Como está bem feito! Que hábil artesão! Que soldado corajoso!" Eis a fonte de nossas inclinações e da escolha das condições. "Como aquele bebe bem, como este bebe pouco!" Eis o que torna os homens sóbrios ou bêbados, soldados, poltrões, etc.

[37] Não é, sem dúvida, por acaso que Pascal dá esse exemplo. Sabe-se que certos solitários de Port-Royal se obrigavam a tarefas manuais: fabricavam sapatos para religiosas. Sainte Beuve refere-nos a resposta do Cônego Boileau, irmão do satírico, a um jesuíta que afirmava ter Pascal feito sapatos: "Não sei se fez sapatos, mas convenha, reverendo, em que lhe deu boas estocadas *(bottes)*".*

* *Bottes, estocadas* para trocadilhar com *botas*. (N. do T.)

118 — O talento principal regula os demais.

119 — A natureza se imita. Uma semente lançada em boa terra produz. Um princípio lançado num bom espírito produz.

Os números imitam o espaço, e são de natureza tão diferente.

Tudo é feito e conduzido por um mesmo senhor: a raiz, os ramos, os frutos, os princípios, as conseqüências.

120 — A natureza diversifica e imita, a arte imita e diversifica.

121 — A natureza recomeça sempre as mesmas coisas, os anos, os dias, as horas; os espaços também, e os números seguem-se uns aos outros. Assim, faz-se uma espécie de infinito eterno. Não é que nada disso seja infinito e eterno; mas esses seres terminados se multiplicam infinitamente. Assim, parece-me, só o número que os multiplica é infinito.

*122 — O tempo cura as dores e as querelas, porque mudamos e não somos mais a mesma pessoa. Nem o ofensor nem o ofendido são mais eles próprios. É como um povo que irritássemos e tornássemos a ver duas gerações depois: são ainda os franceses, mas não os mesmos.

123 — Ele já não ama a pessoa que amava há dez anos. Acredito: ela não é mais a mesma, nem ele. Ele era moço, ela também; ela está inteiramente

diferente. Talvez ele a amasse ainda se não houvesse mudado.

124 — Não somente olhamos as coisas por outros lados mas ainda com outros olhos; não temos maneira de achá-las iguais.

125 — *Contrariedades* — O homem é naturalmente crédulo, incrédulo, tímido, temerário.

126 — Descrição do homem: dependência, desejo de independência, necessidade.

127 — Condição do homem: inconstância, tédio, inquietação.

128 — O aborrecimento que nos causa abandonar as ocupações a que nos apegamos. Um homem vive com prazer em seu lar: que encontre uma mulher atraente, que jogue cinco ou seis dias com alegria, ei-lo miserável ao tornar à sua ocupação primeira. Nada é mais comum.

129 — Nossa natureza está no movimento; o inteiro repouso é a morte.

130 — *Agitação* — Quando um soldado se queixa das penas que teve, ou um lavrador, etc. . . obriguem-nos a ficar sem fazer nada.

131 — *Tédio* — Nada é mais insuportável ao homem do que um repouso total, sem paixões, sem negócios, sem distrações, sem atividade. Sente então seu nada, seu abandono, sua insuficiência, sua dependência, sua impotência, seu vazio. Incontinenti subirá do fundo de sua alma o tédio, o negrume, a tristeza, a pena, o despeito, o desespero.

*132 — César era muito velho, parece-me, para ir divertir-se em conquistar o mundo. Esse divertimento ficava bem em Augusto, ou em Alexandre: eram rapazes difíceis de conter; mas César devia ser mais maduro.

133 — Dois rostos semelhantes, que separados não fazem rir, juntos o fazem por causa de sua semelhança.

134 — Que coisa vã a pintura, que provoca a admiração pela semelhança com coisas cujos originais não admiramos!

*135 — Nada nos agrada tanto como ver um combate, mas não a vitória. Gostamos de ver os combates dos animais, não o vencedor encarniçado sobre o vencido. Que queríamos ver, se não o fim da vitória? E, desde que esta se verifica, enfastiamo-nos. Assim no jogo, assim na pesquisa da verdade. Gostamos de ver, nas polêmicas, o combate das opiniões; mas não gostamos, em absoluto, de contemplar a verdade encontrada. Para fazê-la observar com prazer, é preciso mostrá-la nascendo da polêmica. Assim também, nas paixões, há prazer em ver dois contrários se chocarem; mas, quando um domina, há apenas brutalidade. Nunca procuramos as coisas, mas a pesquisa das coisas. Destarte, na comédia, as cenas alegres sem o medo não valem nada,

nem as extremas misérias, sem a esperança, nem os amores brutais, nem as severidades ásperas.

*136 — Pouca coisa nos consola porque pouca coisa nos aflige.

137 — Sem examinar todas as ocupações particulares, basta incluí-las nos divertimentos.

138 — Homens naturalmente empalhadores[38] e de todos os ofícios, menos em seu quarto.

*139 — *Divertimentos* — Quando, às vezes, me pus a considerar as diversas agitações dos homens, e os perigos e os castigos a que eles se expõem, na corte e na guerra, originando tantas contendas, tantas paixões, tantos cometimentos audazes, e muitas vezes funestos, descobri que toda a felicidade dos homens vem de uma só coisa, que é não saberem ficar quietos dentro de um quarto. O homem que tem suficientes bens para viver, se soubesse ficar em casa com prazer, não sairia dela para ir ao mar ou ao cerco de uma praça. Não se pagaria tão caro um posto no exército, se não se achasse insuportável não sair da cidade; e só se procuram as conversas e os passatempos dos jogos porque não se sabe ficar em casa com prazer.

Mas quando pensei mais de perto no assunto, e quando, depois de haver encontrado a causa de todas as nossas infelicidades, quis descobrir-lhes a razão, achei que há uma muito efetiva, que consiste na infelicidade natural de nossa condição fraca e mortal, e tão miserável, que nada nos pode consolar, quando nela pensamos de perto.

Seja qual for a condição que imaginemos, pela reunião de todos os bens que podem pertencer-nos, vemos que a realeza é o mais belo posto do mundo. Imaginemos, entretanto, um rei acompanhado de todas as satisfações que dela decorrem, mas sem divertimentos; que considere e reflita sobre o que é, e essa felicidade enlanguescente não se sustentará mais. Acabará forçosamente percebendo as coisas que o ameaçam, as revoltas que podem surgir, e, enfim, a morte e as moléstias inevitáveis. De maneira que, se ficar sem aquilo que se chama divertimento, ei-lo infeliz, [mais] infeliz que o mais ínfimo de seus súditos, que goza e se diverte.

Daí vem que o jogo e a conversa das mulheres, as guerras, os grandes empregos sejam tão procurados. Não que haja efetivamente felicidade nisso, nem que se imagine que a verdadeira beatitude consista em se ter o dinheiro que se pode ganhar no jogo, ou na lebre que se persegue: nada disso nos interessaria se nos fosse oferecido. Não é essa vida

[38] Este pensamento, à primeira vista enigmático, explica-se pelo de número 97, que convém reler, e pelo seguinte, de número 139.

mole e tranqüila, que nos deixa tempo para pensar na nossa infeliz condição, que procuramos; como não são os perigos da guerra, nem os aborrecimentos dos empregos; é o ruído, que nos desvia de pensar na nossa condição e nos diverte.

Daí amarem tanto os homens o ruído e a agitação; daí ser a prisão um suplício tão horrível; daí o prazer da solidão se tornar uma coisa incompreensível. E daí, por fim, ser o maior objeto de felicidade da condição dos reis essa preocupação constante dos outros em diverti-los e em proporcionar-lhes toda espécie de prazeres.

O rei está rodeado de pessoas que só pensam em diverti-lo e em impedi-lo de pensar em si mesmo. Porque, se pensa em si mesmo, é infeliz, por mais rei que seja.

Eis aí tudo quanto os homens puderam inventar para se tornarem felizes. E a atitude dos filósofos, que crêem que o mundo é muito pouco razoável por passar o dia todo a correr atrás de uma lebre que ninguém desejaria comprar, demonstra que nada conhecem da nossa natureza. Essa lebre não nos livra da visão da morte e das misérias, mas a caça — que nos desvia dela — dela nos livra.

O conselho que davam a Pirro, de entregar-se ao repouso que procurava através de tantas fadigas, apresentava grandes dificuldades.

Dizer a um homem que viva em repouso é o mesmo que lhe dizer viva feliz; é o mesmo que lhe aconselhar uma condição totalmente feliz e que possa ser examinada à vontade, sem que se encontre nela motivo de aflição; é aconselhar-lhe... Não é, portanto, compreender a natureza.

Por isso, os homens que percebem naturalmente a sua condição evitam por todos os modos o repouso e tudo fazem para procurar o tumulto. Não que não tenham um instinto que os leve a conhecer a verdadeira beatitude... A vaidade, o prazer de mostrá-lo aos outros.

Assim, erramos ao criticá-los; o erro deles não seria de procurar o tumulto, se só o procurassem como um divertimento; o mal é que o procuram como se a posse das coisas que buscam devesse torná-los perfeitamente felizes, e nisso sim, há razão para qualificar esta pretensão como vã; de maneira que em tudo isso, tanto os que criticam como os que são criticados não entendem a verdadeira natureza do homem.

E, assim, quando os advertimos de que o que procuram com tanto ardor não pode satisfazê-los, se respondessem, como deveriam se raciocinassem bem, que procuram nisso apenas uma ocupação violenta e impetuosa que os desvie de pensar em si mes-

mos, e que é por isso que se propõem um objeto atraente que os encante e os atraia com ardor, deixariam os adversários sem resposta. Mas não respondem assim, pois não se conhecem a si mesmos. Não sabem que é a caça e não a presa que procuram.

(A dança: é preciso pensar onde se vai pôr os pés. — O fidalgo crê sinceramente que a caça é um grande e régio prazer; mas o monteiro não é da mesma opinião.)

Imaginam que, se tivessem obtido esse cargo, repousariam em seguida com prazer, e não sentem a natureza insaciável de sua concupiscência. Acreditam buscar sinceramente o repouso, e, na verdade, só buscam a agitação. Têm um instinto secreto, que os leva a procurar divertimentos e ocupações exteriores, nascido do ressentimento de suas contínuas misérias; e têm outro instinto secreto, resto da grandeza de nossa primeira natureza, que os faz conhecer que a felicidade só está, de fato, no repouso, e não no tumulto; e, desses dois instintos contrários, forma-se neles um intento confuso, que se oculta da vista no fundo da alma, e os leva a procurar o repouso pela agitação, e a imaginar sempre que a satisfação que não têm acabará chegando, se, superando algumas dificuldades que antevêem, conseguirem abrir por ali uma porta ao repouso.

Assim se escoa a vida toda. Procuramos o repouso combatendo alguns obstáculos; e quando estes são superados o repouso torna-se insuportável. Pois ou pensamos nas misérias presentes ou naquelas que nos ameaçam. E mesmo que nos sentíssemos bem protegidos por todos os lados, o tédio, por sua autoridade privada, não deixaria de sair do fundo do coração, onde tem raízes naturais, e de nos encher o espírito com o seu veneno.

Assim, o homem é tão infeliz que se aborreceria mesmo sem nenhum motivo de aborrecimento, pelo próprio estado de sua compleição; e é tão vão que, estando cheio de mil causas essenciais de tédio, a menor coisa, como um taco e uma bola que empurra, basta para diverti-lo.

— Mas, direis, que objetivo procura ele em tudo isso? — O de se gabar amanhã entre os amigos de haver jogado melhor do que o outro. Por isso, também, outros suam em seus gabinetes para mostrar aos sábios que resolveram um problema de álgebra que ainda ninguém resolvera; e muitos outros se expõem a perigos extremos para se gabarem em seguida de uma praça que tomaram, estupidamente em minha opinião; e, enfim, outros se matam para notar essas coisas, não para se tornarem avisados, mas somente para mostrar que as sabem; e esses são os mais tolos

do bando, pois o são com conhecimento, enquanto se pode pensar dos outros que deixariam de sê-lo se tivessem esse conhecimento.

Tal homem passa a vida sem tédio, jogando um pouco de dinheiro todos os dias. Dai-lhe todas as manhãs o dinheiro que ele poderia ganhar cada dia, sob condição de não jogar, torná-lo-eis infeliz.

Dir-se-á, talvez, que é porque procura o divertimento do jogo, e não o ganho. Fazei-o então jogar por nada, não se entusiasmará e se aborrecerá.

Não é, portanto, só o divertimento que ele procura: um divertimento mole e sem paixão o aborrecerá. É preciso que se entusiasme e se iluda a si mesmo, imaginando que seria feliz ganhando o que não desejaria que lhe dessem a fim de não jogar, a fim de formar para si próprio um motivo de paixão e excitar com isso seu desejo, sua cólera, seu temor ante o objeto que ele mesmo criou, como as crianças que se assustam diante do rosto que elas próprias lambuzam de tinta.

Como se explica que esse homem, que perdeu há poucos meses o filho único, e que, atormentado por processos e brigas, estava hoje cedo tão perturbado, já não pense nisso agora? Não vos admireis: ele está todo ocupado em ver por onde passará o javali que os cães perseguem com tanto ardor há seis horas. Não precisa de nada mais.

Por mais cheio de tristeza que um homem se encontre, se porventura conseguirmos que entre num divertimento, será feliz durante esse tempo; e o homem mais feliz, se não se estiver divertindo e ocupando com alguma paixão ou com alguma distração que impeça o tédio de se espalhar, ficará logo triste e infeliz.

Sem divertimento não há alegria, com divertimento não há tristeza. E o que forma a felicidade das pessoas de grande condição é que têm uma porção de gente para diverti-las, e o poder de se manterem nesse estado.

Reparai nisto. Que representa o fato de ser superintendente, chanceler, primeiro presidente, senão o de se encontrar alguém numa condição na qual desde cedo grande número de pessoas vêm de todos os lados para não deixar-lhe uma só hora no dia em que possa pensar em si próprio? E quando o senhor que cai em desagrado é enviado para qualquer retiro campestre, onde não lhe faltam nem riquezas, nem criados para assisti-lo em suas necessidades, não deixa de sentir-se miserável e abandonado, porque ninguém o impede de pensar em si mesmo.

140 — [Esse homem tão abatido com a morte de sua mulher e de seu único filho e sujeito

ao tormento de tão grande dor, por que não está triste neste momento, e o vemos tão isento destes pensamentos penosos e inquietantes? Não há motivo para estranharmos: acabam de entregar-lhe uma bola e cabe-lhe atirá-la a seu companheiro, e eilo a pegá-la de modo a marcar um ponto. Como quereis que pense em seus tormentos, se tão grande assunto o preocupa? Trata-se de uma ação, em verdade, digna de encher sua grande alma e de expulsar qualquer outro pensamento de seu espírito. Tal outro, nascido para conhecer o universo, para julgar as coisas e dirigir um Estado, acha-se inteiramente ocupado, entretanto, em correr uma lebre! Aliás, se não descer a isso, se quiser permanecer noutro nível, será ainda mais tonto, porquanto terá procurado elevar-se acima da humanidade, sem passar de um homem, afinal, isto é, de alguém capaz de pouco e de muito, de tudo e de nada. Nem anjo nem animal: homem apenas.]

141 — Ocupam-se os homens com uma bola ou uma lebre; esse é o prazer, para os reis inclusive.

*142 — *Divertimento* — Não será a dignidade real suficiente em si mesma para tornar feliz quem a possui na simples contemplação do que é? Será necessário desviar o rei desse pensamento, tal como as pessoas comuns? Bem sei que desviar alguém de suas misérias domésticas, enchendo-lhe todos os pensamentos com a preocupação de dançar bem, é torná-lo feliz. Mas o mesmo não se dará com o rei, e será ele mais feliz prendendo-se a esses vãos divertimentos em lugar de contemplar sua própria grandeza? Que objeto mais satisfatório se poderia dar a seu espírito? Não perturbaríamos a sua alegria, ocupando-lhe a alma com a idéia de ajustar os passos à cadência de uma ária, ou de colocar bem uma [*bola*], em lugar de deixá-lo gozar, no repouso, a contemplação da glória majestosa que o cerca? Faça-se a experiência: deixe-se um rei sozinho pensar sossegadamente em si próprio sem nenhuma satisfação dos sentidos, sem nenhum cuidado no espírito, sem companhia, e ver-se-á que um rei sem divertimento é um homem cheio de miséria. Por isso, tal coisa é cuidadosamente evitada, e nunca falta junto dos reis grande número de indivíduos velando para que os divertimentos sucedam aos negócios, observando-os durante todo o seu descanso a fim de proporcionar-lhes prazeres e jogos, de maneira que não haja um vazio; são cercados de pessoas que têm um cuidado maravilhoso em evitar que o rei fique só e em situação de pensar em si.

pois sabem que ele será miserável, apesar de rei, se tal coisa acontecer.

Em tudo isto não falo dos reis cristãos como cristãos, mas apenas como reis.

143 — *Divertimento* — Sobrecarregamos os homens, desde a infância, com o cuidado de sua honra, de sua riqueza, de seus amigos, e ainda com o cuidado da riqueza e da honra desses amigos. Fatigamos os homens com negócios, com o estudo de línguas e exercícios, e fazemos-lhes sentir que não poderão ser felizes sem que a sua saúde, honra e fortuna, e as de seus amigos estejam em ordem, e que basta faltar-lhes uma destas coisas para se tornarem infelizes. E damos-lhes encargos e negócios que os atormentam desde que desponta o dia. — Eis aí, direis, uma estranha maneira de fazê-los felizes! Que se poderia fazer de melhor para torná-los infelizes? — Como! Que se poderia fazer? Bastaria tirar-lhes todas essas ocupações; então se veriam a si mesmos, pensariam no que são, donde vêm e para onde vão. Nunca será demais, portanto, ocupá-los, nem jamais os distrairemos demasiado. E é por isso que, depois de carregá-los de negócios, se lhes sobra tempo para descanso, nós os aconselhamos a empregá-lo em divertimentos e no jogo, e a andarem sempre inteiramente ocupados.

Como é oco e cheio de baixeza o coração do homem!

*144 — Passei longo tempo no estudo das ciências abstratas, e a pouca comunicação que se pode ter delas desgostou-me. Quando comecei o estudo do homem, vi que essas ciências abstratas não lhe são próprias, e que me desviava mais da minha condição penetrando-as, do que a outros ignorando-as; perdoei aos outros o conhecê-las pouco. Mas julguei que encontraria, ao menos, muitos companheiros no estudo do homem, que é o verdadeiro estudo que lhe é próprio. Enganei-me. Os que o estudam são ainda menos numerosos do que os que se dedicam à geometria.

Procurar o resto mostra apenas que não se sabe estudar. Não será isso, porém, porque não é essa ainda a ciência que o homem deve ter e porque lhe é preferível ignorar-se para ser feliz?

145 — Um só pensamento nos ocupa; não podemos pensar em duas coisas ao mesmo tempo, felizmente em relação ao mundo, mas não a Deus.

*146 — O homem é visivelmente feito para pensar; é toda a sua dignidade e todo o seu mérito; e todo o seu dever consiste em pensar corretamente. Ora, a ordem do pensamento é de começar por si, e pelo seu autor e sua finalidade.

Ora, em que pensa o mundo? Apenas em dançar, em tocar alaúde, em cantar, em fazer versos, em jogar argolinhas, etc... em bater-se, em tornar-se rei, sem pensar o que é ser rei, e o que é ser homem.

*147 — Não nos contentamos com a vida que temos em nós e no nosso próprio ser: queremos viver na idéia dos outros uma vida imaginária, e, para isso, esforçamo-nos por fingir. Trabalhamos incessantemente para embelezar e conservar nosso ser imaginário e negligenciamos o verdadeiro. E se temos tranqüilidade, ou generosidade, ou fidelidade, apressamo-nos em fazê-lo saber, a fim de ligar essas virtudes a esse nosso outro ser; e de bom grado as destacaríamos de nós para juntá-las a ele; e seríamos prazerosamente poltrões para adquirir a reputação de corajosos. Grande marca do vazio do nosso próprio ser, não estar satisfeito com um sem o outro, e renunciar muitas vezes a um pelo outro! Pois quem não morresse para conservar sua honra seria infame.

*148 — Somos tão presunçosos que desejaríamos ser conhecidos por toda a terra, e até pelas pessoas que vierem quando nela não estivermos mais, e somos tão vãos que a estima de cinco ou seis pessoas que nos cercam nos diverte e nos contenta.

*149 — Não nos incomodamos com ser estimados nas cidades por onde passamos, mas sim quando nelas devemos ficar algum tempo. Quanto tempo? Um tempo proporcionado à nossa duração vã e mesquinha.

*150 — A vaidade está de tal forma arraigada no coração do homem que um soldado, um criado, um cozinheiro, um malandro, se gaba e pode ter seus admiradores; e os próprios filósofos pretendem o mesmo. E os que escrevem contra isso querem a glória de escrever bem, e os que os lêem querem ter a glória de os ter lido; e eu, que escrevo isto, talvez tenha essa vontade, e talvez os que me lerem...

151 — *A glória* — A admiração estraga tudo desde a infância: "que graça, como é desembaraçado, como é bonzinho", etc.

As crianças de Port-Royal[39], às quais não se dá esse incentivo da inveja e da glória, caem na indiferença.

152 — *Orgulho* — Curiosidade não é senão vaidade. O mais das vezes, não se quer aprender senão para falar do que se sabe. Não viajaríamos por mar, só pelo prazer de ver, se não quiséssemos dizer algo a respeito e não esperássemos comunicar nossas impressões.

[39] Alusão aos alunos das Petites-Écoles de Port-Royal, instituídas pelo Abade de Saint-Cyran. Houve-as em Paris nas Granges de Port-Royal, em Chesnay, perto de Versalhes, em Saint-Jean-des-Trous, entre 1636 e 1661. (Cf. Racine, *Histoire de Port-Royal*, ed. Gazier, 1908.)

*153 — *Do desejo de ser estimado por aqueles com quem se vive* — O orgulho contrabalança naturalmente todas as nossas misérias, todos os nossos erros, etc. Perdemos mesmo a vida com alegria, desde que se fale disso.

Vaidade: jogo, caça, visitas, comédias, falsa perpetuidade do nome.

154 — [Não tenho amigos] [vantagem vossa.]

155 — Um amigo verdadeiro é coisa tão vantajosa, mesmo para os grandes senhores, a fim de falar bem deles e defendê-los em sua ausência, que tudo devem fazer para tê-lo. Mas escolham bem; pois, se se empenharem por um tolo, isso lhes será inútil, por mais que o tolo diga bem deles. Nem é certo que o diga, se se encontrar em situação de inferioridade, pois carece de autoridade, e por isso falará mal para fazer coro com a companhia.

*156 — *Ferox gens, nullam esse vitam sine armis rati*[40]. Preferem a morte à paz; outros, a morte à guerra. Toda opinião pode ser preferível à vida, o amor pela qual parece tão forte e natural.

157 — Contradição: desprezo de nosso ser, morrer por nada, ódio de nosso ser.

*158 — *Ofícios* — A doçura da glória é tão grande que, qualquer que seja o objeto a que a ligamos, inclusive a morte, nós a amamos.

*159 — As belas ações ocultas são as mais estimáveis. Quando vejo algumas na história (como na p. 184[41]), elas me agradam muito. Mas, enfim, não estavam completamente ocultas, pois se tornaram conhecidas; e, embora se tenha feito tudo para ocultá-las, esse pouco pelo qual apareceram estraga tudo, porque o que nelas há de mais belo é a vontade de ocultá-las.

160 — O espirro[42] absorve todas as funções da alma, tanto quanto o trabalho, mas não se tiram dele idênticas ilações em relação à grandeza do homem, por ser contra a sua vontade. Embora se provoque o espirro, é contra a vontade que este ocorre; não é provocado por si mesmo, mas com objetivo diferente; e, assim, não há prova de fraqueza e servidão do homem nessa ação.

Não é vergonhoso para o homem sucumbir à dor e é-lhe vergonhoso sucumbir ao prazer. E isso não decorre do fato de vir-nos a dor de alhures, enquanto buscamos o prazer, pois podemos procurar a dor e sucumbir a ela sem essa baixeza. De onde vem, então, que seja glorioso para a razão sucumbir sob

[40] Nação intrépida, que pensava que uma vida sem as armas não era vida. (Tito Lívio, XXXVI, 17, ap. Montaigne, I, 14.)

[41] Referência à p. 184 da edição dos *Ensaios* de Montaigne.

[42] Provocado pelo uso do rapé. (N. do T.)

o esforço da dor e vergonhoso sucumbir sob o esforço do prazer? É porque não é a dor que nos tenta e atrai; nós mesmos é que a buscamos voluntariamente e queremos que nos domine; de modo que somos senhores da coisa; nisso é o homem que sucumbe ante si próprio; no outro caso, é ante o prazer que o homem sucumbe. Ora, só o domínio e o império dão a glória, e a servidão dá a vergonha.

161 — *Vaidade* — Que uma coisa tão visível como é a vaidade do mundo seja tão pouco conhecida, que seja estranho e surpreendente dizer que é uma tolice procurar as grandezas, eis o que é admirável.

162 — Quem quiser conhecer por completo a vaidade do homem não tem senão que considerar as causas e os efeitos do amor. A causa é *um não sei quê* (Corneille) e os efeitos são espantosos. Esse *não sei quê,* tão pouca coisa que não se pode reconhecê-lo, revolve toda a terra, os príncipes, os exércitos, o mundo inteiro.

Se o nariz de Cleópatra tivesse sido mais curto, toda a face da terra teria mudado.

163 — *Vaidade* — A causa e os efeitos do amor: Cleópatra.

164 — Quem não vê a vaidade do mundo é bem vão em si mesmo. Mas, também, quem não a vê, exceto os jovens que estão todos no barulho, no divertimento e no pensamento do futuro? Mas tirai o seu divertimento e os vereis consumir-se de desgosto; sentem então o seu nada, sem conhecê-lo; com efeito, é mesmo ser infeliz ficar numa tristeza insuportável logo que se está reduzido a uma auto-análise, sem ter diversão para seus males.

*165 — *Pensamentos* — *In omnibus requiem quaesivi*[43]. Se a nossa condição fosse verdadeiramente feliz, não precisaríamos deixar de pensar para nos tornarmos felizes.

*166 — *Divertimento* — É mais fácil suportar a morte, quando não se pensa nela, do que pensar na morte sem perigo.

167 — As misérias da vida humana criaram tudo isso: como eles viram isso, escolheram o divertimento.

*168 — *Divertimento* — Não tendo conseguido curar a morte, a miséria, a ignorância, os homens lembraram-se, para ser felizes, de não pensar nisso tudo.

169 — . . . Não obstante essas misérias, o homem quer ser feliz, e somente quer ser feliz, e não pode deixar de querer sê-lo. Como fará então? Fora preciso, para tanto, tornar-se imortal; não o podendo, lembrou-se de não pensar no caso.

*170 — *Divertimento* — Se o homem fosse feliz, ele o seria tanto mais quanto menos se

[43] Procurei o repouso por toda parte *(Eclo* 24, 11).

divertisse, como os santos e Deus. — Sim; mas não é ser feliz ser reconfortado pelo divertimento? — Não, porque ele vem de longe e de fora, e assim é dependente e, portanto, sujeito a ser perturbado por mil acidentes, que tornam as aflições inevitáveis.

171 — *Miséria* — A única coisa que nos consola das nossas misérias é o divertimento e, no entanto, essa é a maior das nossas misérias. Com efeito, é isso que nos impede principalmente de pensar em nós e que nos perde insensivelmente. Sem isso, ficaríamos desgostosos, e esse desgosto nos levaria a procurar um meio mais sólido de sair dele. Mas o divertimento alegra-nos e leva-nos insensivelmente à morte.

*172 — Não ficamos nunca no tempo presente. Antecipamos o futuro, por chegar demasiado lentamente, como para apressar-lhe o curso; recordamos o passado, para detê-lo, por demasiado rápido: tão imprudentes que erramos nos tempos que não são nossos e só não pensamos no único que nos pertence; e tão vãos que sonhamos com os que já não existem e evitamos sem reflexão o único que subsiste. É que o presente de ordinário nos fere. Ocultamo-lo à vista, porque nos aflige; e, se nos é agradável, lamentamos vê-lo escapar. Tratamos de sustentá-lo pelo futuro e pensamos em dispor das coisas que não estão ao nosso alcance para um tempo que não temos nenhuma certeza de alcançar.

Que cada qual examine os seus pensamentos, e os achará sempre ocupados com o passado e com o futuro. Quase não pensamos no presente; e, quando pensamos, é apenas para tomar-lhe a luz a fim de iluminar o futuro. O presente não é nunca o nosso fim; o passado e o presente são os nossos meios; só o futuro é o nosso fim. Assim, nunca vivemos, mas esperamos viver, e, dispondo-nos sempre a ser felizes, é inevitável que nunca o sejamos.

173 — Dizem eles que os eclipses pressagiam desgraças, porque as desgraças são comuns; de sorte que acontece tão freqüentemente o mal que muitas vezes eles o adivinham; ao passo que, se dissesem que pressagiam a felicidade, mentiriam freqüentemente. Atribuem a felicidade apenas a raros acidentes do céu; assim, deixam pouco freqüentemente de acertar.

*174 — *Miséria* — Salomão e Jó conheceram melhor e falaram melhor da miséria do homem: um, o mais feliz; o outro, o mais infeliz; um, conhecendo a vaidade dos prazeres por experiência; o outro, a realidade dos males.

175 — Conhecemo-nos tão pouco que muitos pensam morrer

quando estão passando bem, e muitos julgam passar bem quando estão próximos da morte, não sentindo a febre próxima ou o abscesso prestes a formar-se.

*176 — Cromwell teria destruído toda a cristandade, a família real ter-se-ia perdido e a sua tornar-se-ia mais poderosa do que nunca, não fora um pequeno grão de arcia que se introduziu em sua uretra. E até Roma teria tremido sob o seu domínio, se essa areiazinha, introduzindo-se ali, não o tivesse matado, derrubando sua família e restabelecendo o rei[44].

*177 — |Três hóspedes.| Quem tivesse a amizade do rei da Inglaterra, do rei da Polônia e da rainha da Suécia teria julgado que lhe faltaria retiro e asilo neste mundo?[45]

178 — Macróbio: os inocentes trucidados por Herodes.

179 — Quando Augusto soube que entre as crianças de menos de dois anos, que Herodes matara, figurara o próprio filho do governador, disse que era melhor ser o porco de Herodes do que seu filho. Macróbio, livro II, *Saturnais*, capítulo IV[46].

*180 — Os grandes e os pequenos têm os mesmos acidentes, os mesmos aborrecimentos e as mesmas paixões; mas um está no alto da roda, e o outro perto do centro, e, assim, menos agitado pelo mesmo movimento.

*181 — Somos tão infelizes que só podemos achar prazer numa coisa sob a condição de nos desgostarmos se sai mal, o que mil coisas podem fazer e fazem a toda hora. |*Quem*| achasse o segredo de se regozijar com o bem, sem se desgostar com o mal contrário, teria resolvido a dificuldade; é o movimento perpétuo.

182 — Os que, nos maus momentos, conservam sempre esperança e se regozijam com aventuras felizes, se não se afligem igualmente com as desgraças, são suspeitos de se sentirem contentes com a perda do negócio; e encantam-se com esse pretexto de esperança para mostrar que se interessam pelo negócio, cobrindo, com a alegria que fingem conceber, a alegria que têm por ver tudo perdido.

*183 — Corremos sem nos preocupar para o precipício, quando colocamos algo frente a nós, que nos impeça de vê-lo.

[44] Cromwell morreu em 1658; seu filho Ricardo sucedeu-lhe como Protetor. Em 1660, o filho de Carlos I, Carlos II, foi chamado por Monk ao trono da Inglaterra.

[45] Mesmo um amigo desses três soberanos não poderia contar com eles, pois Carlos I foi decapitado em 1649, o rei da Polônia, João Casimiro, foi destronado em 1656 e Cristina da Suécia abdicou em 1654.

[46] Macróbio (século V) viveu na corte de Teodósio, a respeito do qual conta uma série enorme de anedotas nas *Saturnais*.

ARTIGO III

Da necessidade da aposta

184 — Carta para induzir à procura de Deus[47].

E também fazê-lo procurar entre os filósofos, pirrônicos e dogmáticos, que agitam o espírito de quem os busca.

185 — A conduta de Deus, que tudo dispõe com doçura, consiste em pôr a religião no espírito pela razão, e no coração pela graça. Mas querer pô-la no espírito e no coração pela força e pelas ameaças não é mais pôr a religião e sim o terror, *terrorem potius quam religionem.*

186 — *Ne si terrerentur et non docerentur, improba quasi dominatio videretur*[48] (Ag., *Ep.* 48 ou 49 — T. IV: *Contra Mendacium ad Consentium).*

*187 — *Ordem* — Os homens desprezam a religião; odeiam-na e temem que seja verdadeira. Para curar isso, é preciso começar por mostrar que a religião não é contrária à razão, que é venerável; torná-la respeitável e, em seguida, amável para que os bons desejem que seja verdadeira; e depois mostrar que é verdadeira.

Venerável, porque conheceu bem o homem; amável, porque lhe promete o verdadeiro bem.

188 — É preciso que em todo diálogo e discurso se possa dizer a quem se sinta ofendido: "De que vos queixais?"

189 — Começar por apiedar-se dos incrédulos; são bastante infelizes pela sua condição. Só se deveria injuriá-los se isso lhes pudesse ser útil: mas isso lhes é nocivo.

190 — Apiedar-se dos ateus que buscam, pois não são em verdade infelizes? Invectivar os que se vangloriam disso.

191 — E aquele zombará do outro? Quem deve zombar? E, no entanto, este não zomba do outro, mas tem pena.

192 — Censurar Miton por não se mexer, quando Deus se aproximar[49].

[47] Esta indicação (carta), que se encontra em muitos outros fragmentos, prova que Pascal pensava incluir em sua obra trechos redigidos sob forma de cartas. É permitido crer que o êxito de *As Provinciais* convidava Pascal a usar, em sua *Apologia*, um processo que explorara com tanta felicidade e no qual se sentia à vontade.

[48] De modo que, se são levados pelo terror sem serem instruídos, pareça tirânico o domínio (Santo Agostinho).

[49] Brunschvicg preferia a leitura *quand Dieu le reprochera* (quando Deus o censurar). Nesta edição brasileira seguiu-se leitura de Jacques Chevalier: *quand Dieu se rapprochera.* (N. do E.)

193 — *Quid fiet hominibus qui minima contemnunt, majora non credunt?*[50]

*194 — ...Que pelo menos procurem conhecer a religião que combatem, antes de combatê-la. Se essa religião se gabasse de ter uma visão clara de Deus, e de possuí-la a descoberto e sem véus, seria combatê-la dizer que nada se vê no mundo que a revele à evidência. Mas como, pelo contrário, ela diz que os homens vivem nas trevas e afastados de Deus; que Deus se ocultou ao conhecimento deles, a ponto de nomear-se a si próprio, nas Escrituras, *Deus absconditus*[51] e como enfim a religião procura igualmente demonstrar duas coisas: que Deus estabeleceu na Igreja sinais sensíveis para se fazer reconhecer pelos que sinceramente o procuram; e que, entretanto, cobriu de tal maneira esses sinais que só serão vistos por aqueles que o procuram de todo o coração; que vantagem poderão tirar os ignorantes quando, na displicência com que fazem profissão de estar à procura da verdade, clamam que nada lhes mostra essa verdade, se a obscuridade em que se acham, e que atribuem à Igreja, nada mais faz do que estabelecer uma das coisas que a Igreja sustenta, sem afetar a outra, e firmar sua doutrina em vez de arruiná-la?

Seria necessário, para combater a religião, que proclamassem ter feito, sem nenhuma satisfação, todos os esforços para procurá-la por toda parte, até mesmo naquilo que a Igreja propõe para seu conhecimento. Se assim falassem, combateriam na verdade uma das suas pretensões. Mas espero mostrar aqui que não haverá ninguém capaz de raciocínio que possa falar desse modo, e atrevo-me mesmo a dizer que nunca ninguém falou assim.

É bem conhecida a maneira de proceder dos que se encontram em tal estado de espírito. Julgam ter feito grandes esforços para se instruir, quando empregaram algumas horas na leitura de um livro da Escritura e interrogaram qualquer eclesiástico acerca das verdades da fé. E gabam-se então de ter procurado sem êxito nos livros e nos homens. Mas, em verdade, eu lhes diria o que muitas vezes já tenho dito: que essa negligência não é suportável. Não se trata aqui do interesse desprezível de uma pessoa estranha, que nos leve a proceder assim, mas de nós mesmos, e de nosso todo.

A imortalidade da alma é uma coisa que nos interessa tanto, que nos toca tão profundamente, que seria preciso ter perdido todo sentimento para deixar-se ficar indiferente, sem saber o que há a

[50] Que fazer dos homens que desprezam as menores coisas, que não crêem nas maiores?
[51] *Isaías*, 45, 15.

respeito. Todas as nossas ações e pensamentos seguem caminhos tão diferentes, conforme haja ou não bens eternos a esperar, que é impossível tentar alguma coisa com sentido e juízo, sem regulá-la pela mira desse ponto, que deve ser o nosso último objetivo.

Assim, nosso primeiro interesse, e nosso primeiro dever, estão em esclarecer esse assunto, do qual depende toda a nossa conduta. E é por isso que, entre os não persuadidos, distingo grandemente os que lutam com todas as forças para se instruir dos que vivem sem se dar a esse trabalho e sem nele pensar.

Só posso ter compaixão por aqueles que gemem sinceramente nessa dúvida, que a vêem como a última das desgraças, e que, nada poupando para dela escapar, fazem dessa procura suas principais e mais sérias ocupações.

Mas os que passam a vida sem pensar nesse fim último da vida, e que, pela única razão de não encontrar neles mesmos as luzes que os convençam, descuidam de procurá-las alhures, e de examinar a fundo se essa opinião é das que o povo recebe por simplicidade crédula ou das que, apesar de obscuras em si, têm entretanto um fundamento muito sólido e inabalável, esses, eu os considero de um modo muito diferente.

Tal negligência em assunto que diz respeito a eles próprios, à sua eternidade, a seu todo, me irrita mais do que me comove; ela me espanta e horroriza, é um monstro para mim. Não digo isso pelo zelo piedoso de uma devoção espiritual. Entendo, pelo contrário, que se deve ter esse sentimento por um princípio de interesse humano e por um interesse de amor-próprio: basta, para isso, ver o que vêem as pessoas menos esclarecidas.

Não é preciso ter uma alma muito instruída para compreender que não há neste mundo verdadeira e sólida satisfação, que todos os nossos prazeres são puras vaidades, que nossos males são infinitos, e que, enfim, a morte, que nos ameaça a cada instante, deve infalivelmente nos levar em poucos anos à horrível necessidade de sermos eternamente aniquilados ou eternamente infelizes.

Mas não há nada mais real do que isso, nem nada mais terrível. Aparentemos a coragem que quisermos: eis o fim que espera a mais bela vida do mundo. Que se medite nisso, e que se diga, depois, se não é indubitável que não há outro bem nesta vida senão o da esperança em outra vida; que não somos felizes senão na medida em que nos vamos aproximando dessa outra vida, e que, assim como não haverá mais desgraça para os que tinham inteira garantia da eternidade, não haverá também felicidade para os que carecem de toda luz.

É um grande mal, portanto, ficar na dúvida, mas é pelo menos um dever indispensável procurar a verdade quando se está nessa dúvida; e, assim, quem duvida e não procura é ao mesmo tempo bem infeliz e bem injusto; e se, além disso, está tranqüilo e satisfeito, se disso se vangloria, e disso tira vaidade, e se nesse estado encontra motivo para alegria, não tenho palavras para qualificar tão extravagante criatura.

Aonde se podem ir buscar tais sentimentos? Que motivo de alegria se pode encontrar em não esperar senão misérias sem remédio? Que motivo de vaidade existe em se ver na obscuridade impenetrável, e como pode acontecer que esse raciocínio passe pela cabeça de um homem razoável?

— "Não sei quem me pôs no mundo; nem o que é o mundo, nem o que sou eu mesmo; vivo numa terrível ignorância acerca de todas as coisas; não sei o que é meu corpo, o que são meus sentidos, a minha alma e essa parte mesma de mim que pensa o que digo, que medita sobre tudo e sobre ela própria, e não se conhece mais do que o resto.

"Vejo esses medonhos espaços do universo que me cercam, e encontro-me amarrado a um canto dessa vastidão, sem que saiba por que estou colocado neste lugar e não noutro, nem por que esse pouco tempo que me foi dado para viver me ficou reservado neste instante preciso, e não em outro, de toda a eternidade que me precedeu e de toda a que se seguirá. Só vejo por toda parte infinidades, que me encerram como um átomo e como uma sombra, que só dura um instante, sem retorno. Tudo o que sei é que devo morrer logo, e contudo o que mais ignoro é essa morte que não poderei evitar. Assim como não sei de onde venho, não sei para onde vou: e só sei que, saindo deste mundo, cairei para sempre no nada, ou nas mãos de um Deus irritado, ignorando a qual dessas duas condições serei dado eternamente em quinhão. Eis o meu estado, cheio de fraqueza e de incerteza. E de tudo isso concluo que devo passar todos os dias de minha vida sem pensar em investigar o que me deverá acontecer. Talvez pudesse encontrar algum esclarecimento para minhas dúvidas; mas não quero dar-me ao trabalho de fazer tal esforço, nem dar um passo para procurá-lo. Tratarei com desprezo os que se esgotam nesse cuidado, pois quero, sem previdência e sem receio, tentar esse grande acontecimento, e quero deixar-me conduzir molemente à morte, na incerteza da eternidade de minha futura condição."

— Quem desejaria ter por amigo um homem que discorre dessa maneira? Quem o escolheria entre os demais para lhe

comunicar seus interesses? Quem recorreria a ele em suas aflições? E, enfim, a que uso da vida poderíamos destiná-lo?

Na verdade, é glorioso para a religião ter por inimigos homens tão desarrazoados; e a oposição deles é tão pouco perigosa que serve, ao contrário, para fundamentar suas verdades. Pois a fé cristã quase que se contenta em estabelecer estas duas coisas: a corrupção da natureza e a redenção de Jesus Cristo. Ora, sustento que, se esses homens não servem para demonstrar a verdade da redenção pela santidade de seus costumes, servem admiravelmente, pelo menos, para demonstrar por sentimentos tão desnaturados a corrupção da natureza.

Nada é tão importante para o homem como o seu estado; nada lhe é tão temível como a eternidade; não é natural, portanto, que haja homens indiferentes à perda de seu ser e ao risco de uma eternidade de misérias. Eles são bem diferentes a respeito de todas as outras coisas: temem até as mais leves, prevêem-nas, sentem-nas; e esse mesmo homem que passa tantos dias e noites raivoso e desesperado pela perda de um cargo, ou por qualquer imaginária ofensa à sua honra, esse mesmo homem sabe que vai perder tudo com a morte, e se mantém tranqüilo e sem emoção. É uma coisa monstruosa ver num mesmo coração, e ao mesmo tempo, essa sensibilidade pelas menores coisas e essa estranha insensibilidade pelas maiores. É um encantamento [52] incompreensível, uma apatia sobrenatural, sinal de uma força todo-poderosa que o causa.

É preciso que haja uma estranha transposição na natureza do homem para que ele possa vangloriar-se de se encontrar nesse estado, no qual parece incrível que alguém se possa achar. Entretanto, a experiência leva-me a conhecer tantos que isto seria surpreendente, se não soubéssemos que a maior parte dos que se lhes misturam mascaram-se e não são assim na realidade; são pessoas que ouviram dizer que as boas maneiras consistem em agir de modo impetuoso. É o que chamam ter sacudido o jugo, e o que procuram imitar. Mas não seria difícil fazê-los compreender quanto se enganam procurando a estima por esse modo. Não é esse o meio de adquiri-la, nem mesmo entre as pessoas da sociedade que julgam sensatamente as coisas e que sabem que a única maneira de vencer é parecer honesto, fiel, judicioso e capaz de servir utilmente o amigo, porque os homens só apreciam naturalmente aquilo que lhes pode ser útil. Ora, que vantagem há para nós em ouvir um homem dizer que sacu-

[52] *Encantamento* no sentido etimológico. Pascal quer dizer encantamento mágico, impedindo de ver a verdade.

diu o jugo, que não acredita na existência de um Deus que vele pelas suas ações, que se considera único senhor de seu comportamento, e que não pensa em dar satisfações senão a si próprio? Acreditará levar-nos com isso a termos bastante confiança nele, e a esperarmos dele consolos, conselhos e auxílios em todas as necessidades da vida? Pretenderá alegrar-nos muito, dizendo-nos que, na sua opinião, a nossa alma é apenas um pouco de vento e fumaça, e ainda por cima dizê-lo com um tom de voz orgulhoso e satisfeito? Será coisa que se deva dizer com alegria? Ou será coisa para se dizer, pelo contrário, tristemente, como a mais triste do mundo?

Se pensassem seriamente, veriam que isso é tão mal achado, tão contrário ao bom senso, tão oposto ao decoro, e tão distante por todos os modos daquilo que procuram, que seriam talvez mais capazes de corrigir do que de corromper os que sentissem alguma inclinação para segui-los. E, com efeito, obrigai-os a prestar contas de seus sentimentos e das razões que têm para duvidar da religião: eles vos responderão com coisas tão fáceis e tão baixas que vos persuadirão do contrário. Era o que lhes dizia, certa vez, muito a propósito, uma pessoa: "Se continuardes a discorrer dessa maneira, na verdade me convertereis". E tinha razão, pois quem não ficaria horrorizado de ter por companheiro nos mesmos sentimentos pessoas tão desprezíveis?

Assim, pois, os que vivem fingindo tais sentimentos não precisariam dar-se ao trabalho de constranger sua índole para se tornarem os homens mais impertinentes do mundo. Se no fundo do coração estão magoados por não terem mais luzes, que não o dissimulem; essa declaração não será vergonhosa; só é vergonhoso não ter vergonha. Nada revela melhor uma extrema fraqueza do espírito do que ignorar qual a desgraça de um homem sem Deus; nada indica tanto uma disposição má do coração como não esperar a verdade das promessas eternas; nada é mais covarde do que fazer-se de valente contra Deus. Que deixem, pois, essas impiedades aos suficientemente malnascidos para serem realmente capazes delas; que pelo menos sejam pessoas de bem se não puderem ser cristãos, e que, enfim, reconheçam que só há duas espécies de pessoas a que podemos chamar razoáveis: as que, conhecendo Deus, o servem de todo o coração, ou as que o procuram de todo o coração porque não o conhecem.

Mas as que vivem sem conhecê-lo e sem procurá-lo julgam-se a si próprias tão pouco dignas de cuidados que não são dignas dos cuidados dos outros; e é preciso

ter toda a caridade da religião que desprezam para não desprezá-las a ponto de deixá-las abandonadas à própria loucura.

Mas visto que essa religião nos obriga a considerá-las sempre, enquanto estiverem nesta vida, como capazes da graça que poderá iluminá-las, e como nos obriga, ainda a crer que, em pouco tempo, essas pessoas poderão estar mais cheias de fé do que nós, e que nós, pelo contrário, poderemos cair na cegueira em que se encontram, é preciso fazer por elas o que desejaríamos que fizessem por nós se estivéssemos no seu lugar, exortá-las a apiedarem-se de si mesmas e a darem pelo menos alguns passos na procura da luz. Que dediquem a essa leitura algumas dessas horas tão inutilmente empregadas em outras coisas: mesmo que sintam certa aversão, talvez acabem por encontrar alguma coisa, e pelo menos não perderão muito. Quanto às que se dispuserem a esse estudo com uma sinceridade perfeita e um verdadeiro desejo de encontrar a verdade, espero que ficarão satisfeitas e convencidas com as provas de uma religião tão divina, que aqui reuni, e nas quais segui mais ou menos esta ordem...

*195 — Antes de entrar nas provas da religião cristã, julgo necessário dar uma idéia da injustiça dos homens, vivendo na indiferença ante a procura da verdade de uma coisa que lhes é tão importante, que os toca tão de perto.

De todos os desvios, é sem dúvida esse o que mais os convence de que são loucos e cegos, e com o qual mais fácil se torna confundi-los pelos primeiros vislumbres do bom senso e pelos sentimentos da natureza. Pois é indiscutível que a duração desta vida é efêmera, que o estado de morte, qualquer que seja, é eterno, e que, assim, todas as nossas ações e pensamentos devem tomar caminhos bem diferentes conforme o estado dessa eternidade, de maneira que se torna impossível tentar alguma coisa com sentido e juízo senão regulando-a em vista desse ponto que deve ser o nosso último objetivo.

Nada se evidencia tão claramente; portanto, segundo os princípios da razão, o comportamento dos homens mostra-se totalmente insensato quando seguem outro caminho. Que se julguem, pois, segundo este critério, aqueles que vivem sem pensar nesse último objetivo da vida, que se deixam arrastar pelas inclinações e pelos prazeres, sem reflexão nem inquietude, e que, como se pudessem aniquilar a eternidade desviando-a do pensamento, só durante esse instante pensam em se tornar felizes.

Entretanto, essa eternidade subsiste, e a morte, que deve inaugurá-la e que os ameaça a

todo momento, deve colocá-los infalivelmente dentro em pouco na horrível necessidade de serem eternamente aniquilados ou infelizes, sem que saibam qual das duas eternidades lhes está reservada. Eis uma dúvida de terrível conseqüência. Correm o risco de uma eternidade de misérias; e, apesar disso, como se a coisa não valesse a pena, descuidam de examinar se se trata de opiniões que o povo recebe com uma facilidade por demais crédula, ou de opiniões que, sendo por si mesmas obscuras, têm contudo um fundamento muito sólido, ainda que escondido. Assim, não sabem se a coisa é verdadeira ou falsa, nem se as provas são fortes ou fracas. Têm-nas em frente aos olhos: mas recusam olhá-las, e nessa ignorância preferem tudo fazer para cair na desgraça, caso ela exista, a esperar a morte para tirar a prova. E, apesar de tudo, mostram-se satisfeitos nesse estado, fazem dele profissão e dele se gabam. Será possível pensar seriamente na importância dessa questão sem horrorizar-se diante de um comportamento tão extravagante?

Tal repouso nessa ignorância é coisa monstruosa, cuja extravagância e estupidez se devem apontar àqueles que assim vivem, representando-as de modo a confundi-los pela visão da própria loucura. Pois eis como raciocinam os homens, quando preferem viver nessa ignorância do que são, sem procurar esclarecimento. "Não sei", dizem eles...

196 — Essas pessoas carecem de coração; não faríamos delas nossos amigos.

197 — Ser insensível até desprezar as coisas interessantes e tornar-se insensível em relação ao que mais nos interessa.

198 — A sensibilidade do homem às pequenas coisas e sua insensibilidade às grandes revelam uma estranha inversão.

*199 — Imagine-se certo número de homens presos e todos condenados à morte, sendo uns degolados diariamente diante dos outros e os que sobram vendo sua própria condição na de seus semelhantes e se contemplando uns aos outros com tristeza e sem esperança, à espera de sua vez. Eis a imagem da condição dos homens.

*200 — Imagine-se um homem na prisão, não sabendo se sua sentença foi pronunciada e tendo apenas uma hora para sabê-lo, e bastando essa hora, se soubesse que foi sentenciado, para obter a revogação da pena. Seria contra a natureza que empregasse essa hora em jogar cartas em lugar de tentar informar-se acerca da sentença. Assim, é sobrenatural que o homem, etc... É um castigo da mão de Deus.

Assim, não somente o zelo dos que o procuram prova Deus mas também a cegueira dos que não o buscam.

201 — Todas as objeções de uns e de outros vão contra eles próprios e não contra a religião. Tudo o que dizem os ímpios...

202 — [Os que têm o desgosto de se ver sem fé, percebe-se que Deus não os ilumina; mas os outros, vê-se que um Deus os cega.]

203 — *Fascinatio nugacitatis*[53] — A fim de que a paixão não nos seja nociva, façamos de conta que temos apenas oito dias de vida.

204 — Se devemos dar oito dias de nossa vida, devemos dar cem anos.

*205 — Quando penso na pequena duração da minha vida, absorvida na eternidade anterior e na eternidade posterior, no pequeno espaço que ocupo, e mesmo que vejo, fundido na imensidade dos espaços que ignoro e que me ignoram, aterro-me e assombro-me de ver-me aqui e não alhures, pois não há razão alguma para que esteja aqui e não alhures, agora e não em outro momento qualquer. Quem me colocou nestas condições? Por ordem e obra de quem me foram designados este lugar e este momento? *Memoria hospitis unius diei praetereuntis*[54].

206 — O silêncio eterno desses espaços infinitos me apavora.

207 — Quantos reinos nos ignoram!

208 — Por que é limitado meu conhecimento? Meu porte? Minha duração, antes a cem do que a mil anos? Que razão teve a natureza para dar-ma assim, por que esse número de preferência a outro, porquanto na sua infinidade não há motivo para escolher e um não tenta mais do que outro?

209 — Serás menos escravo por seres amado e acarinhado por teu senhor? Possuis muitos bens, escravo. Teu amo te afaga, não demorará em bater-te.

*210 — O último ato é sangrento, por bela que seja a comédia no restante: joga-se afinal terra sobre a cabeça, e para sempre.

*211 — Bem tolos somos em descansar na companhia dos nossos semelhantes: miseráveis como nós, fracos como nós, não nos ajudarão; morreremos sós. É preciso, pois, proceder como se estivéssemos sós; e, então, construiríamos edifícios soberbos, etc.? Procuraríamos a verdade sem hesitar; recusando-o, prova-

[53] Fascinação da bagatela (*Sabedoria*, 4, 12).

[54] A esperança do ímpio é como a penagem que flutua no ar, como a espuma batida pela tempestade, como a fumaça dispersada pelo vento, e *como a lembrança do hóspede de um dia que passa* (*Sabedoria*, 5, 15).

mos apreciar mais a estima dos homens que a busca da verdade.

*212 — *Escoamento* — É horrível sentir escoar tudo o que se possui.

*213 — Entre nós e o inferno, ou o céu, há apenas a vida, a coisa mais frágil do mundo.

214 — *Injustiça* — Que a presunção se junte à miséria, eis a extrema injustiça.

215 — Temer a morte fora do perigo e não no perigo; pois é preciso ser homem.

216 — A morte súbita é a única temível, eis por que os confessores habitam com os grandes.

*217 — Um herdeiro encontra seus títulos de propriedade. Dirá que talvez sejam falsos e deixará de mandá-los examinar?

*218 — *Calabouço* — Acho justo que não se aprofunde o pensamento de Copérnico: mas isto. . . ! O que importa a todos é saber se a alma é mortal ou imortal.

*219 — É indubitável que o fato de a alma ser mortal ou imortal deve acarretar uma diferença imensa na moral. E no entanto os filósofos conduziram sua moral sem atentar para isso: deliberam passar uma hora.

Platão, para preparar o cristianismo.

220 — Falsidade dos filósofos que não discutiam a imortalidade da alma. Falsidade do dilema deles em Montaigne.

*221 — Os ateus devem dizer coisas perfeitamente claras; ora, não é perfeitamente claro que a alma seja material.

222 — *Ateus* — Que razões têm eles para dizer que não se pode ressuscitar? Que será mais difícil: nascer ou ressuscitar, o que jamais foi seja o que for ou o que já foi ainda? Será mais difícil chegar a ser ou voltar a ser? O hábito torna uma coisa fácil, enquanto a ausência de hábito faz a outra impossível: vulgar maneira de raciocinar!

Por que uma virgem não pode parir? Não põe a galinha ovos sem galo? Quem os distingue dos outros, exteriormente? E quem nos garante que a galinha não possa formar esse germe, tal qual o galo?

*223 — Que têm eles a dizer contra a ressurreição e o parto da Virgem? O que é mais difícil: produzir um homem ou um animal, ou reproduzi-lo? E, se nunca tivessem visto determinada espécie de animais, poderiam adivinhar se se produzem sem a companhia uns dos outros?

224 — Como detesto essas tolices de não acreditar na Eucaristia, etc. . . Se o Evangelho está certo, se Jesus Cristo é Deus, qual a dificuldade?

225 — O ateísmo é sinal de força de espírito, mas até certo grau somente.

*226 — Os ímpios que fazem profissão de seguir a razão

devem ser estranhamente fortes no capítulo da razão. Que dizem eles, pois? "Não vemos", perguntam, "morrer e viver os animais como os homens, e os turcos como os cristãos? Eles têm suas cerimônias, seus profetas, seus doutores, seus santos, seus religiosos, como nós, etc." (É isso contrário à Escritura? Não diz ela tudo isso?)

Se não vos importais em saber a verdade, eis o bastante para ficardes em repouso. Mas, se desejais de todo coração conhecê-la, isso não é o bastante; observai pormenorizadamente. Seria o bastante, para uma questão de filosofia: mas, aqui, onde há de tudo... E, no entanto, após uma ligeira reflexão dessa espécie, vão se divertir, etc. Que se informem acerca dessa religião, ainda que ela não explique tal obscuridade; talvez no-la ensine.

227 — *Ordem por diálogos* — "Que devo fazer? Não vejo por toda parte senão obscuridades. Acreditarei que não sou nada? Acreditarei que sou Deus? Todas as coisas mudam e se sucedem." Vós vos enganais, há...

228 — Objeção dos ateus: "Mas não temos nenhuma luz".

*229 — Eis o que vejo e o que me perturba. Olho para todos os lados e por toda parte só vejo obscuridade. A natureza não me oferece nada que não seja objeto de dúvida e de inquietação. Se eu não visse nada que assinalasse uma Divindade, optaria pela negativa; se em toda parte percebesse um sinal da presença de um Criador, descansaria em paz na fé. Mas vendo demais para negá-lo, e de menos para afirmar com segurança, sinto-me num estado lamentável no qual desejei cem vezes que, se um Deus sustenta essa natureza, ela o apontasse sem equívoco; e que, se as marcas que dele nos dá são enganosas, que as suprimisse por completo; que dissesse tudo ou nada, a fim de que eu visse o partido a ser tomado. Ao passo que, no estado em que estou, ignorando o que sou e o que devo fazer, não conheço nem minha condição nem meu dever. Meu coração tende inteiro a perceber onde se encontra o verdadeiro bem, para segui-lo; nada me seria demasiado caro ante a eternidade.

Invejo os que vivem negligentemente em sua fé, e empregam tão mal um dom de que eu faria, creio, uso bem diferente.

230 — É igualmente incompreensível que Deus exista e que não exista; que a alma exista com o corpo e que não tenhamos alma; que o mundo tenha sido criado e que o não tenha, etc... que haja ou não pecado original.

231 — Acreditais impossível que Deus seja infinito, sem par-

tes? — Sim. — Quero então mostrar-vos uma coisa infinita e indivisível. É um ponto movendo-se por toda parte em velocidade infinita, pois está em todos os lugares e por inteiro em cada lugar.

Que esse efeito da natureza, antes aparentemente impossível a vossos olhos, vos faça reconhecer a existência de outros que não conheceis ainda. Não tireis de vosso aprendizado a conclusão de que sabeis tudo mas, sim, a de que vos resta infinitamente a saber.

232 — O movimento infinito, o ponto que tudo enche, o momento de repouso: infinito sem quantidade, indivisível e infinito.

233 — *Infinito. Nada* — Nossa alma é lançada no corpo, onde encontra número, tempo, dimensões. Raciocina sobre isso e a isso chama natureza, necessidade, e não pode crer em outra coisa.

A unidade acrescentada ao infinito em nada o aumenta, como não aumenta uma medida infinita um pé que a ela se acrescente. O finito se aniquila na presença do infinito e torna-se um puro nada. Assim, nosso espírito em face de Deus; assim, nossa justiça em face da justiça divina. Não há uma desproporção tão grande entre a nossa justiça e a de Deus, como entre a unidade e o infinito.

A justiça de Deus deve ser enorme como a sua misericórdia. Ora, a justiça para com os réprobos é menos enorme e deve espantar menos do que a misericórdia para com os eleitos.

Sabemos que há um infinito, e ignoramos a sua natureza. Como sabemos que é falso que os números sejam finitos, logo é verdade que há um infinito em número. Mas não sabemos o que ele é: é falso que seja par, é falso que seja ímpar, pois acrescentando-lhe a unidade ele não muda de natureza; entretanto, é um número, e todo número é par ou ímpar (é verdade que isso se refere a todo número finito). Pode-se, pois, reconhecer que há um Deus sem se saber o que é.

Não haverá uma verdade substancial, ante tantas coisas verdadeiras que não são a verdade mesma?

Conhecemos a existência e a natureza do finito porque somos finitos e extensos como ele. Conhecemos a existência do infinito e ignoramos a sua natureza, porque tem extensão, como nós, mas não limite como nós. Não conhecemos nem a existência nem a natureza de Deus, porque não tem extensão nem limites. Mas pela fé conhecemos sua existência e pela glória conheceremos a sua natureza. Ora, já demonstrei que se pode conhecer muito bem a existência de uma coisa sem lhe conhecer a natureza.

Falemos, agora, segundo as luzes naturais.

Se há um Deus, ele é infinitamente incompreensível, pois, não tendo partes nem limites, não tem nenhuma relação conosco. Somos, portanto, incapazes de conhecer não só o que ele é como também se existe. Assim sendo, quem ousará resolver a questão? Não seremos nós, que não temos nenhuma relação com ele.

Quem, pois, censurará os cristãos por não poderem apresentar as razões de sua crença, eles que professam uma religião de que não podem dar as razões? Eles declaram, quando a expõem ao mundo, que é uma tolice, *stultitiam;* e vós ainda vos queixais de que eles não a provam! Se a provassem, não manteriam a palavra: é carecendo de provas que não carecem de senso. — "Mas embora isso desculpe aqueles que assim a oferecem, e os salve da pecha de expô-la sem raciocínio, isso não desculpa os que a recebem." — Examinemos, pois, esse ponto, e digamos: "Deus existe ou não existe". Para que lado nos inclinaremos? A razão não o pode determinar: há um caos infinito que nos separa. Na extremidade dessa distância infinita, joga-se cara ou coroa. Em que apostareis? Pela razão, não podereis atingir nem uma, nem outra; pela razão, não podereis defender uma ou outra. Não acuseis, pois, de falsidade os que fizeram uma escolha, já que nada sabeis. — "Não; acusá-los-ei, porém, de terem feito, não essa escolha, mas uma escolha; porque, embora o que toma a cruz e o outro cometam igual erro, ambos estão em erro; o certo é não apostar."

— Sim: mas é preciso apostar. Não é coisa que dependa da vontade, já estamos metidos nisso. Qual escolhereis então? Vejamos. Já que é preciso escolher, vejamos o que menos vos interessa. Tendes duas coisas a perder: a verdade e o bem; e duas coisas a empenhar: vossa razão e vossa vontade, vosso conhecimento e vossa beatitude; e vossa natureza tem que fugir de duas coisas: o erro e a miséria. Vossa razão não se sentirá mais atingida por terdes escolhido uma coisa de preferência a outra, já que é preciso necessariamente escolher. Eis um ponto liquidado. Mas, vossa beatitude? Pesemos o ganho e a perda escolhendo a cruz, que é Deus. Consideremos esses dois casos: se ganhardes, ganhareis tudo; se perderdes, não perdereis nada. Apostai, pois, que ele existe, sem hesitar. — "Isso é admirável. Sim, é preciso apostar; mas talvez eu aposte demais." — Vejamos. Já que o acaso entra por igual no ganho e na perda, se tivésseis apenas a ganhar duas vidas por uma, poderíeis ainda apostar; mas se houvesse três a ganhar, seria preciso jogar (já que sois obrigado a

jogar), e seríeis imprudente, quando forçado a jogar, se não arriscásseis vossa vida para ganhar três, num jogo em que o acaso entra por igual no ganho e na perda. Mas há uma eternidade de vida e de felicidade. E, sendo assim, mesmo que houvesse uma infinidade de probabilidades, das quais uma somente a vosso favor, teríeis ainda motivo para apostar um para ter dois; e procederíeis sem tino se, obrigado a jogar, e havendo uma infinidade de vida infinitamente feliz a ganhar, recusásseis jogar uma vida contra três num jogo em que, numa infinidade de acasos, há um a vosso favor. Ora, há aqui uma infinidade de vida infinitamente feliz a ganhar e uma probabilidade de ganho contra o número finito de probabilidades de perda, e o que jogais é finito. Isso exclui qualquer escolha: sempre que temos o infinito, e que não há uma infinidade de probabilidades de perda contra a de ganho, não há que hesitar, é preciso dar tudo. E assim, quando se é forçado a jogar, é preciso renunciar à razão para guardar a vida, em vez de arriscá-la pelo ganho infinito tão prestes a sobrevir quanto a perda do nada.

Não adianta, pois, dizer que é incerto ganhar e que é certo que se arrisca, e que a distância infinita que há entre a *certeza* do que se aventura, e a *incerteza* do que se ganhará iguala o bem finito, que certamente se expõe, ao infinito, que é incerto. Não; todo jogador arrisca com certeza para ganhar com incerteza, e contudo arrisca certamente o finito, para ganhar incertamente o finito, sem pecar contra a razão. Não há infinidade de distância entre essa certeza do que se joga e a incerteza do que se ganha; isso é falso. Há, na verdade, infinidade entre a certeza de ganhar e a certeza de perder. Mas a incerteza de ganhar é proporcional à certeza do que se arrisca, segundo a proporção das probabilidades de ganho e de perda. De onde se deduz que, se há tantas probabilidades de um lado como do outro, a partida deve ser jogada em paradas iguais; e então a certeza daquilo que se arrisca é igual à incerteza do ganho, pouco se nos dando que esteja infinitamente distante. E assim a nossa proposição tem uma força infinita, quando há o finito a arriscar num jogo onde há iguais probabilidades de ganho e de perda, e o infinito a ganhar. Isso é demonstrável; e se os homens são capazes de alguma verdade, essa é uma verdade. — "Concordo. Mas não haverá ainda um meio de ver o que está atrás do jogo?" — Sim, a Escritura, e o resto, etc.

— "Está bem, mas tenho as mãos amarradas e a boca fechada; obrigam-me a apostar, e não estou livre; não me soltam. E sou feito de tal maneira que não

posso crer. Que quereis, pois, que eu faça?"

— É verdade. Mas aprendei pelo menos vossa impotência para crer, já que a razão a isso vos conduz e que todavia não o podeis. Esforçai-vos, pois, não para vos convencerdes pelo aumento das provas de Deus, mas pela diminuição das vossas paixões. Quereis chegar à fé e não sabeis o caminho, quereis curar-vos da infidelidade e pedis o remédio: aprendei com os que estiveram atados como vós e que apostam agora todos os seus bens; são pessoas que conhecem esse caminho que desejaríeis seguir e que estão curadas do mal de que desejais curar-vos. Segui a maneira pela qual começaram: fazendo tudo como se tivessem fé, tomando água benta, mandando dizer missas, etc. . . Naturalmente isso vos fará crer e vos bestificará [55]. — "Mas é isso o que eu temo." — E por quê? que tendes a perder? . . .

E vou mostrar-vos como essas coisas vos levam a diminuir as paixões, que são vossos grandes obstáculos.

[55] Eis como Brunschvicg explica esta expressão, que tanto chocou Victor Cousin: "Bestificar-se *(s'abêtir)* é renunciar às crenças às quais a 'instrução' e os hábitos deram a força da necessidade natural, porém que o próprio raciocínio demonstra serem impotentes e vãs. Bestificar-se é retornar à infância para atingir as verdades superiores, inacessíveis à curta sabedoria dos semi-sábios. 'Nada é mais conforme à razão do que esta retratação da razão': a palavra de Pascal é a palavra de um crente, não de um cético". (N. desta edição.)

Fim deste diálogo — Ora, que mal vos poderá acontecer tomando esse partido? Sereis fiel, honesto, humilde, reconhecido, bom, amigo sincero, verdadeiro. Em verdade, não ficareis com os prazeres empestados, com a glória, com as delícias; mas não tereis outras coisas? Digo que com isso ganhareis nesta vida, e que, em cada passo que derdes nesse caminho, vereis tanta certeza no ganho, e tanta nulidade naquilo que arriscaríeis, que reconhecereis, por fim, que apostastes numa coisa certa, infinita, pela qual nada destes.

— "Oh, esse raciocínio me transporta, me encanta, etc."

— Se esse raciocínio vos agrada e vos parece forte, sabei que é feito por um homem que se pôs de joelhos antes e depois, para suplicar a esse ser infinito e sem partes, ao qual submete tudo o que é seu, que submeta também o que é vosso, para vosso próprio bem e para sua glória, e que assim a força se concilie com essa baixeza.

*234 — Se somente se devesse fazer alguma coisa com certeza, nada se deveria fazer pela religião, pois ela não oferece certeza. Mas quantas coisas se fazem na incerteza: viagens marítimas, batalhas! Digo, portanto, que não se deveria fazer absolutamente nada, porque nada é certo; e que há mais certeza na religião do que em vermos o dia

de amanhã; pois não é certo que vejamos o amanhã, mas é certamente possível que não o vejamos. Não se pode dizer o mesmo da religião. Não é certo que exista; mas quem ousará dizer que é certamente possível que não exista? Ora, quando se trabalha para o amanhã, e o incerto, age-se com razão; porque devemos trabalhar para o incerto, pela regra dos partidos que se demonstra.

Santo Agostinho viu que se trabalha pelo incerto no mar, na batalha, etc.; não viu a regra dos partidos que demonstra que se deve fazê-lo. Montaigne viu que nos ofendemos com um espírito claudicante e que o costume pode tudo; mas não viu a razão desse efeito. Todas essas pessoas viram os efeitos, mas não viram as causas. São, em relação aos que descobriram as causas, como os que só têm olhos em relação aos que têm o espírito. Pois os efeitos são como que sensíveis, e as causas são visíveis somente ao espírito. E, embora esses efeitos se vejam pelo espírito, esse espírito está, em relação ao espírito que vê as causas, como os sentidos corporais em relação ao espírito.

235 — *Rem viderunt, causam non viderunt* [5 6].

*236 — Pelos partidos, deveis dar-vos ao trabalho de pesquisar a verdade. Com efeito, se morreis sem adorar o verdadeiro princípio, estais perdido. "Mas", dizeis, "se ele tivesse querido que eu o adorasse, ter-me-ia deixado sinais de sua vontade." — Em verdade, ele o fez; mas vós os negligenciais. Procurai-os, portanto; bem o merecem.

*237 — *Partidos* — Deve-se viver diferentemente no mundo segundo estas diversas hipóteses: primeira, a de aí permanecer sempre; segunda, a da certeza de que aí não ficaremos muito tempo, a da incerteza de aí ficarmos uma hora sequer. Esta última hipótese é a nossa.

238 — Que me prometeis finalmente (pois dez anos é o partido) senão dez anos de amor-próprio, a tentar agradar sem o conseguir, além das penas certas?

*239 — *Objeção* — Os que esperam a salvação são felizes, mas têm como contrapeso o medo do inferno.

Resposta — Quem tem mais razões para temer o inferno? Quem ignora a existência de um inferno e tem a certeza da danação caso ele exista, ou quem está mais ou menos persuadido da existência de um inferno e tem a esperança de ser salvo?

*240 — "Não demoraria em abandonar os prazeres", dizem, "se tivesse fé." E eu vos digo: "Não demoraríeis em ter fé, se houvésseis abandonado os prazeres". Ora, cabe-vos começar. Se

[5 6] Viram a coisa, não viram a causa. Segundo Brunschvicg, a frase latina é provavelmente do próprio Pascal.

pudesse, eu vos daria a fé; não o posso fazer nem, portanto, sentir a verdade do que dizeis. Mas vós podeis abandonar os prazeres e sentir se o que digo é verdadeiro.

*241 — *Ordem* — Teria muito mais medo de me enganar, e vir a achar que a religião cristã é verdadeira, do que de me enganar por julgá-la verdadeira.

ARTIGO IV

Dos meios de crer

*242 — *Prefácio da segunda parte:* Falar dos que trataram desta matéria.

Admiro a ousadia com que essas pessoas empreendem falar de Deus. Dirigindo os seus discursos aos ímpios, o seu primeiro capítulo é provar a divindade pelas obras da natureza. Eu não me admiraria de sua empresa se dirigissem seus discursos aos fiéis; pois é certo [*que os*] que têm a fé viva no coração vêem incontinenti que tudo quanto existe nada mais é do que a obra do Deus que adoram. Mas, para aqueles em que essa luz se extinguiu, e nos quais se pretende fazê-la reviver, para essas pessoas destituídas de fé e de graça, as quais, procurando com toda a sua luz tudo o que vêem na natureza capaz de as conduzir a esse conhecimento, só acham obscuridade e trevas, dizer-lhes que lhes basta ver a menor das coisas que as cercam, para nela verem Deus a descoberto, e dar-lhes, por toda prova desse grande e importante assunto, o curso da lua ou dos planetas, e pretender ter acabado a prova com um tal discurso, e dar-lhes motivo de crer que as provas da nossa religião são bem fracas; e eu vejo pela razão e pela experiência que nada é mais capaz de inspirar-lhes desprezo por ela.

Não é bem dessa maneira que a Escritura, que conhece melhor as coisas que são de Deus, fala de tal assunto. Ela diz, ao contrário, que Deus é um Deus oculto; e que, desde a corrupção da natureza, ele os deixou (os homens) numa cegueira de que só podem sair por Jesus Cristo, fora do qual toda comunicação com Deus está afastada: *Nemo novit Patrem nisi Filius, et cui voluerit Filius revelare*[57].

É o que a Escritura nos assinala, quando diz, em tantos lugares, que os que procuram Deus o acham. Não é dessa luz que se fala, "como da claridade em pleno meio-dia": não se diz que os que procuram a luz em pleno meio-dia ou a água no mar as

[57] Ninguém conheceu o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quis revelar *(São Mateus,* 11, 27).

encontrarão; e assim é, na verdade, preciso que a evidência de Deus não seja dessa ordem na natureza. Por isso ela nos diz em outra parte: *Vere tu es Deus absconditus*[58].

243 — É uma coisa admirável que nunca um autor canônico se tenha servido da natureza para provar Deus. Todos tendem a fazer crer nele: Davi, Salomão, etc., nunca disseram: "Não há vazio, portanto há um Deus". Era preciso que fossem mais hábeis do que as mais hábeis pessoas que vieram depois, as quais todas se serviram desse argumento. Isso é muito considerável.

244 — "Como! Pois não dizeis vós mesmos que o céu e os passarinhos provam Deus?" — Não. — "E não o diz vossa religião?" — Não. Porque, embora seja verdade em certo sentido para algumas almas a que Deus deu essa luz, isso é falso no que concerne à maioria.

*245 — Há três meios de crer: a razão, o costume, a inspiração. A religião cristã, que é a única que tem razão, não admite como verdadeiros filhos os que crêem sem inspiração: não que exclua a razão e o costume, ao contrário; mas é preciso abrir o espírito às provas, assegurar-se destas pelo costume, porém oferecer-se pelas humilhações às inspirações, que são as únicas que podem produzir o verdadeiro e salutar efeito: *Ne evacuetur crux Christi*[59].

246 — *Ordem* — Depois da carta "que se deve procurar Deus", fazer a carta "de afastar os obstáculos", que é o discurso da "máquina", de preparar a máquina[60], de procurar com a razão.

247 — *Ordem* — Uma carta de exortação a um amigo para levá-lo a procurar. — E ele responderá: "Mas de que me servirá procurar? Nada encontro". E responder-lhe: "Não desespereis". E ele responderia que seria feliz se encontrasse alguma luz, mas que, segundo essa religião mesma, se assim acreditasse, de nada lhe serviria, e portanto prefere não procurar. E a isso responder-lhe: a máquina.

248 — *Carta que assinala a utilidade das provas pela máquina* — A fé é diferente da prova: uma é humana, a outra um dom de Deus. *Justus ex fide vivit:* dessa fé que o próprio Deus põe no coração, cuja prova é amiúde o instrumento, *fides ex auditu,* mas essa fé está no cora-

[58] És realmente Deus oculto (*Isaías*, 45, 15).

[59] ...a fim de que a cruz de Cristo não se torne vã (São Paulo, *1 Cor* 1, 17).

[60] Ligar esse pensamento ao anterior: vencidas as paixões pela disciplina mecânica do costume, os obstáculos estão afastados, preparando-se o caminho, pelo sentimento, às inspirações e à razão. (N. do E.)

ção e faz que se diga *credo* e não *scio* [61].

*249 — É ser supersticioso ter esperança nas formalidades; mas é ser soberbo não querer submeter-se-lhes.

250 — É preciso que o exterior se junte ao interior para obter [62] de Deus; isto é, que nos ponhamos de joelhos, oremos movendo os lábios, etc., a fim de que o homem orgulhoso, que não quis submeter-se a Deus, seja agora submetido à criatura. Esperar socorro desse exterior é ser supersticioso, não querer alcançá-lo no interior é ser soberbo.

*251 — As outras religiões, como as pagãs, são mais populares porque se exteriorizam: não o são, porém, para as pessoas hábeis. Uma religião puramente intelectual seria mais adequada aos hábeis, mas não serviria ao povo. Só a religião cristã é adequada a todos, sendo composta de exterior e de interior. Ela eleva o povo no interior e baixa os soberbos no exterior, não sendo perfeita sem os dois, pois é preciso que o povo entenda o espírito da letra e que os hábeis submetam o seu espírito à letra.

*252 — ...Pois não devemos conhecer-nos mal: somos autômato tanto quanto espírito; daí vem que o instrumento pelo qual a persuasão se faz não seja a única demonstração. Quão poucas são as coisas demonstradas! As provas só convencem o espírito. O costume torna as nossas provas mais fortes e mais críveis; inclina o autômato, o qual arrasta o espírito sem que este o perceba. Quem demonstrou que amanhã será dia, e que morreremos? E haverá algo em que mais se acredite? É, pois, o costume que nos persuade disso; ele é que faz tantos cristãos, ele é que faz os turcos, os pagãos, os artesãos, os soldados, etc. (Os cristãos têm a mais, em relação aos turcos, a fé recebida com o batismo.) Enfim, é preciso recorrer a ele quando o espírito viu uma vez onde se acha a verdade para nos dessedentarmos e nos tingirmos com essa crença, que nos escapa a toda hora; pois ter sempre provas à mão é demasiado penoso. É preciso adquirir uma crença mais fácil, a do hábito, a qual, sem violência, sem artifício, sem argumento, leva-nos a crer nas coisas, e inclina todas as nossas forças a essa crença, de modo que nossa alma nela caia naturalmente. Quando só se crê pela força da convicção e quando o autômato se acha inclinado a crer o contrário, isso não basta. É necessário, portanto, levar as duas peças a crerem: o espírito pelas razões, que é suficiente ter

[61] O justo vive da fé. A fé vem de haver ouvido (São Paulo, *Rom* 1, 17; 10, 17).

[62] *Obter* no sentido absoluto, como no pensamento 514. (N. do E.)

visto uma vez na vida, e o autômato pelo costume, sem lhe permitir inclinar-se para o contrário. *Inclina cor meum, Deus* [63].

A razão age lentamente e com tantas vistas, sobre tantos princípios, os quais devem estar presentes, que a cada instante ela cochila ou se perde, deixa de ter todos os seus princípios presentes. O sentimento não age assim: age um instante e está sempre pronto para agir. É preciso, pois, pôr a nossa fé no sentimento; de outra maneira, vacilará sempre.

*253 — Dois excessos: excluir a razão, só admitir a razão.

254 — Não é raro que se deva admoestar as pessoas por demasiada docilidade. Trata-se de um vício natural como a incredulidade e igualmente pernicioso: a superstição.

255 — A devoção é diferente da superstição. Defender a devoção até a superstição é destruí-la. É fazer o que nos censuram os heréticos: uma submissão supersticiosa. . .

Irreligiosidade de não crer na Eucaristia porque não a vemos. Superstição de crer em proposições. Fé, etc.

256 — Há poucos cristãos verdadeiros, e digo-o mesmo no que concerne à fé. Há muitos homens que crêem, mas por superstição: há outros que não crêem, mas por libertinagem: poucos se situam entre uns e outros.

Não incluo nisso os que se encontram dentro da verdadeira piedade de costumes e os que crêem por sentimento de coração.

*257 — Há apenas três espécies de pessoas: umas servem a Deus, tendo-o encontrado; outras aplicam-se em buscá-lo, não o tendo achado; outras, enfim, vivem sem o procurar e sem o ter encontrado. As primeiras são sensatas e felizes, as últimas, loucas e desgraçadas, as do meio infelizes e sensatas.

258 — *Unusquisque sibi Deum fingit* [64].

O nojo.

259 — As pessoas comuns têm o poder de não pensar naquilo em que não querem pensar. "Não penses nas referências ao Messias" [65], dizia o judeu ao filho. Assim fazem os outros não raro. Assim se conservam as falsas religiões, e mesmo a verdadeira, para muita gente.

Mas há os que não podem deixar, assim, de pensar e pensar tanto mais quanto lho proíbem. Esses desfazem-se das falsas religiões, e até da verdadeira, se não encontram razões sólidas.

260 — Eles se escondem na

[63] Inclina meu coração, ó Deus *(Salmo* 118, 36).

[64] Cada qual fabrica um Deus para si *(Sabedoria,* 15, 8).

[65] "Não te preocupes com as passagens onde se prediz a vinda do Messias." Ignora-se de que obra teria sido extraída esta referência. (N. do E.)

pressa e pedem socorro ao número. Tumulto.

A autoridade — O fato de ouvir dizer uma coisa está tão longe de ser a regra da vossa crença que não deveis acreditar em nada sem vos encontrardes na posição de quem nunca ouviu falar disso.

O que vos deve levar a crer é vosso consentimento a vós mesmos, é a voz constante de vossa razão e não a dos outros.

Crer é tão importante! Cem contradições seriam verdadeiras.

Se a antiguidade fosse regra para a crença, não teriam os antigos regra. Se fosse o consentimento geral, e os homens tivessem morrido?

Falsa humildade, orgulho.

Levantai a cortina. Por mais que o façais, deveis crer ou negar ou duvidar. Não teremos regra, então? Achamos que os animais fazem bem o que fazem. Não haverá regra para julgar os homens?

Negar, crer, duvidar bastante, estão para o homem como o galope para o cavalo.

Punição dos que pecam, erro.

261 — Os que não amam a verdade tomam como pretexto a contestação, a multidão dos que a negam. Seu erro, portanto, vem somente do fato de não amarem a verdade ou a caridade; e não têm desculpa, portanto.

*262 — Superstição — e concupiscência. Escrúpulos — desejos maus. Temor mau:

Temor, não aquele que vem de acreditarmos em Deus, mas o que vem de duvidarmos se ele existe ou não. O bom temor vem da fé — o falso temor vem da dúvida. O bom temor, unido à esperança, porque nasce da fé, e porque depositamos esperança no Deus em que acreditamos; — o mau unido ao desespero, porque tememos o Deus no qual não temos qualquer fé. Uns temem perdê-lo — outros temem encontrá-lo.

*263 — "Um milagre", diz-se, "consolidaria minha crença." Diz-se isso quando não se vê. As razões que, sendo vistas de longe, parecem limitar nossa vista, não a limitam mais quando se chegou; começa-se a ver ainda além. Nada detém a volubilidade do nosso espírito. Não há, diz-se, regra que não tenha alguma exceção, nem verdade tão geral que não tenha alguma face por onde falhe. Basta que não seja absolutamente universal para nos dar motivo de aplicar a exceção ao assunto presente, e dizer: "Isto nem sempre é verdadeiro; portanto, há casos em que não o é". Não resta mais senão mostrar que aquilo o é; e é nisto que nos mostramos bem desajeitados ou bem desgraçados se não achamos alguma luz.

264 — Não nos aborrecemos

de comer e dormir todos os dias, porque a fome renasce, e o sono também; sem o que nos aborreceríamos. Da mesma forma, sem fome de coisas espirituais, aborrecemo-nos. Fome de justiça: oitava beatitude.

*265 — A fé diz bem o que não dizem os sentidos, mas não o contrário do que estes vêem. Está acima e não em oposição.

266 — Quantos astros as lunetas nos descobriram, que não existiam para os filósofos de outrora! Atacava-se maldosamente a Sagrada Escritura por causa do grande número de estrelas, dizendo: "Existem somente mil e vinte e duas; nós o sabemos" [66].

Há ervas na terra? Nós as vemos. — Da lua não as veríamos. — E nessas ervas há pêlos e, nesses pêlos, animaizinhos; depois, porém, mais nada. — Ó presunçoso! — Os mistos são compostos de elementos e estes não. — Ó presunçoso, eis uma coisa delicada. — Não se deve dizer que existe o que não se vê. — Deve-se então dizer como os outros, mas não pensar como eles.

*267 — A última tentativa da razão é reconhecer que há uma infinidade de coisas que a ultrapassam. Revelar-se-á fraca se não chegar a percebê-lo.

[66] O livro de Ptolomeu, guia da ciência astronômica da Antiguidade, mencionava apenas mil e vinte e duas estrelas. (N. do E.)

Pois, se as coisas naturais a ultrapassam, que dizer das sobrenaturais?

*268 — *Submissão* — É preciso saber duvidar quando necessário, afirmar quando necessário, submeter-se quando necessário. Quem assim não faz não entende a força da razão. Há os que pecam contra esses três princípios, ou afirmando tudo como demonstrativo, por falta de conhecimentos em demonstrações; ou duvidando de tudo, por não saberem quando é preciso submeter-se; ou submetendo-se a tudo, por ignorarem quando é preciso julgar.

269 — Submissão e uso da razão, eis em que consiste o cristianismo.

*270 — Santo Agostinho [67]: a razão nunca se submeteria, se não julgasse que há ocasiões em que deve submeter-se. É, pois, justo que se submeta quando julga que deve submeter-se.

271 — A sabedoria envia-nos à infância: *Nisi efficiamini sicut parvuli* [68].

*272 — Não há nada tão conforme à razão como a retratação da razão.

*273 — Se se submete tudo à razão, a nossa religião nada terá de misterioso nem de sobrenatu-

[67] Refere-se à carta de Santo Agostinho a Consêncio (*Ep.*, CXX, 3) sobre a precedência da fé ou da razão. (N. do E.)

[68] Se não vos converterdes *e não vos tornardes crianças*, não entrareis no reino dos céus. (*São Mateus*, 18, 3.)

ral. Se se contrariam os princípios da razão, a nossa religião será absurda e ridícula.

*274 — Todo o nosso raciocínio reduz-se a ceder ao sentimento. Mas a fantasia é semelhante e contrária ao sentimento, de maneira que não se pode distinguir entre esses contrários. Um diz que meu sentimento é fantasia, outro que sua fantasia é sentimento. Fora preciso uma regra. A razão se oferece, mas é flexível em todos os sentidos. Não há regra, pois.

*275 — Os homens tomam muitas vezes sua imaginação por seu coração; e imaginam estar convertidos, mal pensam em se converter.

276 — O Sr. de Roannez dizia: "As razões vêm-me depois: antes, a coisa me agrada ou me choca sem que eu saiba a razão, e, no entanto, choca-me por essa razão que descubro a seguir". Não creio que a coisa choque pelas razões que se descobrem depois e sim que só se encontram essas razões porque a coisa choca.

*277 — O coração tem suas razões, que a razão não conhece: percebe-se isso em mil coisas. Digo que o coração ama o ser universal naturalmente e a si mesmo naturalmente, conforme aquilo a que se aplique; e ele se endurece contra um ou outro, à sua escolha. Rejeitastes um e conservastes o outro: será devido à razão que vos amais a vós próprios?

*278 — É o coração que sente Deus, e não a razão. Eis o que é a fé: Deus sensível ao coração, não à razão.

279 — A fé é um dom de Deus; não imagineis que a consideramos um dom do raciocínio. As outras religiões não dizem isso de sua fé: só davam o raciocínio para atingi-la, o qual, entretanto, não a alcança.

280 — Que distância entre o conhecimento de Deus e o amor de Deus!

281 — Coração, instinto e princípios.

*282 — Conhecemos a verdade não só pela razão mas também pelo coração; é desta última maneira que conhecemos os princípios, e é em vão que o raciocínio, que deles não participa, tenta combatê-los. Os pirrônicos, que só têm isso como objetivo, trabalham inutilmente. Sabemos que não sonhamos; por maior que seja a nossa impotência em prová-lo pela razão, essa impotência mostra-nos apenas a fraqueza da nossa razão, mas não a certeza de todos os nossos conhecimentos, como pretendem. Pois o conhecimento dos princípios, como o da existência de espaço, tempo, movimentos, números, é tão firme como nenhum dos que nos proporcionam os nossos raciocínios. E sobre esses conhecimentos do coração e do instinto é

que a razão deve apoiar-se e basear todo o seu discurso. (O coração sente que há três dimensões no espaço e que os números são infinitos; e a razão demonstra, em seguida, que não há dois números quadrados dos quais um seja o dobro do outro. Os princípios se sentem, as proposições se concluem; e tudo com certeza, embora por vias diferentes.) E é tão inútil e ridículo que a razão peça ao coração provas dos seus princípios primeiros, para concordar com eles, quanto seria ridículo que o coração pedisse à razão um sentimento de todas as proposições que ela demonstra, para recebê-los.

Essa impotência deve, pois, servir apenas para humilhar a razão que quisesse julgar tudo; mas não para combater a nossa certeza, como se apenas a razão fosse capaz de nos instruir. Prouvesse a Deus que, ao contrário, nunca tivéssemos necessidade dela e conhecêssemos todas as coisas por instinto e por sentimento! Mas a natureza recusou-nos esse bem e só nos deu, ao contrário, muito poucos conhecimentos dessa espécie; todos os outros só podem ser adquiridos pelo raciocínio.

Eis por que aqueles a quem Deus deu a religião pelo sentimento do coração são bem felizes e se encontram legitimamente persuadidos. Mas aos que não a têm, só |*lha*| podemos dar pelo raciocínio, à espera de que Deus lha dê pelo sentimento do coração, sem o que a fé é apenas humana e inútil para a salvação.

*283 — *A ordem. Contra a objeção de que a Escritura não tem ordem* — O coração tem sua ordem; o espírito tem a sua, através de princípios e demonstrações; o coração tem outra. Não se prova que se deve ser amado expondo por ordem as causas do amor: seria ridículo.

Jesus Cristo e São Paulo têm a ordem da caridade e não a do espírito; pois queriam inflamar, não instruir. Santo Agostinho também. Essa ordem consiste principalmente na digressão sobre cada ponto que se relaciona com o fim, para mostrá-lo sempre.

*284 — Não vos admireis de ver pessoas simples crerem sem raciocínio. Deus lhes dá o amor a ele e o ódio a si mesmas. Inclina-lhes o coração a crer. Nunca se crerá com uma crença útil e de fé, se Deus a tanto não inclina o coração; crer-se-á desde que ele o incline. É o que bem sabia Davi quando dizia: *Inclina cor meum, Deus, in* [*testimonia tua*][69].

*285 — A religião é proporcionada a toda espécie de espíritos. Detêm-se os primeiros no seu simples estabelecimento [70], e essa

[69] Inclina meu coração, ó Deus, para teus testemunhos. (*Salmo* 1-18, 36.)

[70] O estabelecimento: a constituição da Igreja cristã. (N. do E.)

religião é de tal ordem que o simples estabelecimento basta para provar a sua verdade. Os outros vão até os apóstolos. Os mais instruídos vão até o começo do mundo. Os anjos vêem ainda melhor e mais longe.

*286 — Os que crêem, sem ter lido os Testamentos, fazem-no porque têm uma disposição interior tão santa que o que ouvem dizer da nossa religião se conforma com esta disposição. Sentem que um Deus os fez. Só querem amar a Deus. Só querem odiar a si mesmos. Sentem que não têm por si mesmos força para isso, que são incapazes de ir a Deus e que, se Deus não vem a eles, não podem ter nenhuma comunicação com ele. E ouvem dizer, em nossa religião, que é preciso amar somente a Deus e odiar somente a si mesmos; mas, sendo todos corrompidos e incapazes de Deus, Deus se fez homem para unir-se a nós. Não é preciso mais para persuadir homens que têm essa disposição no coração e que têm esse conhecimento do seu dever e de sua incapacidade.

*287 — Os que vemos serem cristãos, sem o conhecimento das profecias e das provas, não deixam de julgá-las tão bem quanto os outros as julgam pelo espírito. É o próprio Deus que os inclina a crer; e assim estão eles muito eficazmente persuadidos.

Confesso que um desses cristãos, que crêem sem provas, não terá, talvez, com que convencer um infiel que lhe alegue tal coisa. Mas os que conhecem as provas da religião provarão sem dificuldade que esse fiel é verdadeiramente inspirado por Deus, embora não possa prová-lo ele próprio.

Pois Deus tendo dito em suas profecias (que são indubitavelmente profecias) que no reinado de Jesus Cristo ele expandiria seu espírito sobre os povos; e que os filhos e as filhas da Igreja profetizariam, é fora de dúvida que o espírito de Deus se deteve nesses e não nos outros.

*288 — Em lugar de vos queixardes por Deus se ter ocultado, rendei graças pelo fato de se haver descoberto tanto; e ainda lhe rendereis graças por não se ter descoberto aos sábios soberbos, indignos de conhecer um Deus tão santo.

Duas espécies de pessoas o conhecem: as que têm o coração humilhado e que amam a humildade qualquer que seja seu grau de espírito, elevado ou rasteiro; ou as que têm espírito bastante para ver a verdade, seja qual for a oposição que encontrem.

289 — *Provas* — Primeira: a religião cristã, por seu estabelecimento, por si mesma estabelecida tão fortemente, tão docemente, sendo tão contrária à natureza; — segunda: a santidade, a eleva-

ção e à humildade de uma alma cristã; — terceira: as maravilhas da Sagrada Escritura; — quarta: Jesus Cristo em particular; — quinta: os apóstolos em particular; — sexta: Moisés e os profetas em particular; — sétima: o povo judeu; — oitava: as profecias; — nona: a perpetuidade: nenhuma religião tem perpetuidade; — décima: a doutrina que tudo esclarece; — décima primeira: a santidade dessa lei; — décima segunda: pela conduta do mundo.

Considerando o que é a vida e essa religião, é indubitável que depois disso não devemos recusar a inclinação para segui-la, se essa inclinação nos vem pelo coração; e é certo que não há razão para zombar dos que a seguem.

290 — *Provas da Religião* — Moral, Doutrina, Milagres, Profecias, Figuras.

Artigo V

A justiça e a razão dos efeitos

291 — Na carta *Da Injustiça* pode-se incluir a história dos primogênitos que tudo têm. "Meu amigo, nascestes deste lado da montanha; é, pois, justo que vosso irmão mais velho tenha tudo."

"Por que me matais?"

292 — Ele reside na outra margem.

293 — "Por que me matais? — Como! Não habitais do outro lado da água? Meu amigo, se morásseis deste lado, eu seria um assassino, seria injusto matar-vos desta maneira; mas, desde que residis do outro lado, sou um bravo, e isso é justo."

*294 — . . . Sobre que fundará o homem a economia do mundo que quer governar? Sobre o capricho de cada particular? Que confusão! Sobre a justiça? Ele ignora-a.

Certamente, se a conhecesse, não teria estabelecido esta máxima, a mais geral de todas as que existem entre os homens: siga cada um os costumes do seu país. O brilho da verdadeira eqüidade teria sujeitado todos os povos, e os legisladores não teriam tomado por modelo, em lugar dessa justiça constante, as fantasias e os caprichos dos persas e alemães. Vê-la-íamos plantada por todos os Estados do mundo e em todos os tempos, ao passo que quase nada se vê de justo ou de injusto que não mude de qualidade mudando de clima. Três graus de elevação do pólo derrubam a jurisprudência. Um meridiano decide a verdade; em poucos anos de posse, as leis fundamentais mudam; o direito tem suas épocas. A entrada de Saturno no Leão marca-nos a origem de um crime. Divertida justiça que um rio limita! Verdade aquém dos Pireneus, erro além.

Confessam que a justiça não está nesses costumes, mas que reside nas leis naturais conhecidas em todos os países. Decerto a sustentariam obstinadamente, se a temeridade do acaso, que semeou as leis humanas, tivesse encontrado nelas ao menos uma que fosse universal; mas em verdade o capricho dos homens

tanto se diversificou que não há nenhuma. O latrocínio, o incesto, o morticínio das crianças e dos pais, tudo se incluiu entre as ações virtuosas. Haverá algo mais divertido do que um homem ter direito de me matar porque mora do outro lado das águas, e porque o seu príncipe tem uma questão com o meu, embora eu nada tenha contra ele? Há, sem dúvida, leis naturais; mas essa bela razão corrompida corrompeu tudo: *Nihil amplius nostrum est; quod nostrum dicimus, artis est. Ex senatus consultis et plebiscitis crimina exercentur. Ut olim vitiis, sic nunc legibus laboramus*[71].

Dessa confusão resulta que um diz que a essência da justiça é a autoridade do legislador; outro, a comodidade do soberano; outro, o costume presente, e é o mais certo: nada, segundo a sua razão, é justo em si; tudo se abala com o tempo. O costume faz toda a eqüidade, unicamente por ser admitido; é o fundamento místico de sua autoridade. Quem a reduz ao seu princípio esmaga-a. Nada é tão falível como essas leis que reparam as faltas: quem lhes obedece, porque são justas, obedece à justiça que imagina, mas não à essência da lei, que está encerrada em si: é lei, e nada mais. Quem quiser examinar o motivo disso achá-lo-á tão fraco e tão leviano que, se não estiver acostumado a contemplar os prodígios da imaginação humana, admirará que um século lhe tenha dado tanta pompa e reverência. A arte de agredir e subverter os Estados consiste em abalar os costumes estabelecidos, sondando-os até em sua fonte, para apontar a sua carência de justiça. "É preciso", diz-se, "recorrer às leis fundamentais e primitivas do Estado que um costume injusto aboliu." É um jogo certo para tudo perder; nada será justo nessa balança. No entanto, o povo presta facilmente ouvidos a tais discursos. Sacodem o jugo logo que o reconhecem; e os grandes disso se aproveitam para sua ruína e para a desses curiosos examinadores dos costumes admitidos. Mas, por um defeito contrário, os homens acreditam, às vezes, que podem fazer com justiça tudo o que não é sem exemplo. Eis por que o mais sábio dos legisladores dizia que, para o bem dos homens, é preciso, muitas vezes, enganá-los, e um outro, bom político: *Cum veritatem qua liberetur ignoret, expedit quod fallatur*[72]. Não é

[71] Há aqui três citações, a primeira e a terceira incorretamente reproduzidas por Montaigne e transcritas por Pascal: a primeira de Cícero *(De Finibus,* V, 21): "Nada mais existe de nosso; aquilo a que chamo nosso é obra de convenção". A segunda, de Sêneca *(Cartas,* 95): "É em virtude dos senatus-consultos e dos plebiscitos que se cometem crimes". A terceira, de Tácito *(Anais,* III, 25): "Outrora, sofríamos com nossos vícios; hoje, com nossas leis".

[72] Como ignora a liberdade que liberta, é-lhe útil ser enganado (Santo Agostinho, *A Cidade de Deus,* IV, 27).

preciso que ele sinta a verdade da usurpação: esta foi introduzida, outrora, sem razão; tornou-se razoável; é preciso fazê-la observar como autêntica, eterna, e ocultar o seu começo, se se quiser que não se acabe logo.

*295 — *Meu, teu* — "Este cão é meu", diziam as pobres crianças; "é esse meu lugar ao sol." Eis o começo e a imagem da usurpação de toda a terra [73].

296 — Quando se trata de julgar se devemos fazer a guerra, matar tanta gente, condenar tantos espanhóis à morte, um só homem decide e ainda por cima interessado; deveria ser um terceiro, indiferente.

297 — *Veri juris* [74] — Não o temos mais: se o tivéssemos, não tomaríamos como regras de justiça seguir os costumes do próprio país.

Foi por não poder encontrar o justo que se achou o forte, etc.

298 — *Justiça, força* — É justo que o que é justo seja seguido. É necessário que o que é mais forte seja seguido.

A justiça sem a força é impotente; a força sem a justiça é tirânica. A justiça sem a força será contestada, porque há sempre maus; a força sem a justiça será acusada. É preciso, pois, reunir a justiça e a força; e, dessa forma, fazer com que o que é justo seja forte, e o que é forte seja justo.

A justiça é sujeita a disputas: a força é muito reconhecível, e sem disputa. Assim, não se pôde dar a força à justiça, porque a força contradisse a justiça, dizendo que esta era injusta, e que ela é que era justa; e, assim, não podendo fazer com que o que é justo fosse forte, fez-se com que o que é forte fosse justo.

299 — As únicas regras universais são as leis do país nas coisas ordinárias; e a pluralidade nas outras. De onde vem isso? Da força que existe nelas. Eis por que os reis, que têm a força, aliás, não seguem a pluralidade dos seus ministros.

Sem dúvida, a igualdade dos bens é justa mas, não se podendo fazer que seja forçoso obedecer à justiça, fez-se que seja justo obedecer à força; não se podendo fortificar a justiça, justificou-se a força, a fim de que o justo e o forte existissem juntos, e que a paz existisse, que é o soberano bem.

300 — "Quando o forte armado possui seu bem, aquilo que possui não corre risco" [75].

[73] A aparente incoerência deste fragmento levou alguns comentadores a pensar que Pascal teria querido escrever: *"Este canto é meu"*, etc. Entretanto, segundo os paleógrafos mais autorizados, o manuscrito não permite aceitar tal interpretação. (N. do E.)

[74] Pascal toma de empréstimo estas palavras do início de uma citação de Montaigne (III, I). A frase é de Cícero *(De Officiis* III, 17) e significa: "Do verdadeiro direito e da pura justiça não tiramos modelos sólidos e positivos: tiramos apenas uma sombra e imagens. . ."

[75] *São Lucas*, 11, 21: *Cum fortis armatus custodis atrium suum in pace sunt ea quae possidet*. (N. do E.)

301 — Por que se segue a pluralidade? Será porque tem mais razão? Não, porque tem mais força. Por que são seguidas as antigas leis e as antigas opiniões? Será porque são mais sãs? Não, seguimo-las porque são únicas e nos tiram a raiz da diversidade.

*302 — ...É o efeito da força, não do costume; pois os que são capazes de inventar são raros; a maioria mais forte quer apenas acompanhar, e recusa a glória a esses inventores que a procuram com suas invenções; e se se obstinarem em querer obtê-la, e desprezarem os que não inventam, estes dar-lhes-ão nomes ridículos e pancadas igualmente. Que não se jactem, portanto, dessa sutileza ou que se contentem interiormente.

303 — A força é a rainha do mundo, não a opinião. — Mas a opinião é que usa a força. — A força é que faz a opinião. A fraqueza é bela, segundo pensamos. Por quê? Porque quem quiser andar na corda bamba estará sozinho; e eu arranjarei uma "claque" mais forte com gente que dirá que isso não é decente.

304 — As cordas que ligam o respeito de uns para com os outros são em geral cordas de necessidade; pois é preciso que haja diferentes graus, porquanto todos os homens querem dominar e todos não podem fazê-lo: alguns, contudo, podem-no.

Imaginemos, portanto, que os vemos começando a se formarem. É fora de dúvida que lutarão até que a parte mais forte oprima a mais fraca e que haja, enfim, um partido dominante. Determinado isso, os senhores, que não desejam a continuação da guerra, ordenam que a sucessão da força que têm nas mãos se processe como lhes convém; uns a entregam à eleição do povo, outros ao direito de nascença, etc.

E aí é que a imaginação principia a desempenhar seu papel. Até então, o poder força o fato; agora, é a força que se estabelece, pela imaginação, em certo partido, na França dos fidalgos, na Suíça dos plebeus, etc.

Essas cordas, que ligam pois o respeito a tal ou qual, em particular, são cordas de imaginação.

305 — Ofendem-se os suíços em ser chamados de fidalgos e provam seu plebeísmo racial para serem julgados dignos de grandes empregos.

306 — Como os ducados, os reinos e as magistraturas são reais e necessários porque a força tudo regula, há-os por toda parte e sempre. Mas como é apenas uma fantasia que faz que este ou aquele o seja, isso não é constante, está sujeito a variações, etc.

307 — O chanceler mostra-se grave e revestido de ornatos porque seu cargo é falso. O do rei não: tem a força e não sabe que fazer da imaginação. Os juízes,

os médicos, etc., só têm imaginação.

308 — O costume de ver o rei acompanhado de guardas, de tambores, de oficiais e de todas as coisas que levam o mundo ao respeito e ao terror faz que o seu rosto, quando ele está às vezes sozinho e sem esses acompanhamentos, imprima em seus súditos o respeito e o terror, porque não se separa no pensamento a sua pessoa do séquito que se vê de ordinário juntamente com ele. E o mundo, que não sabe que esse efeito tem sua origem em tal ou qual costume, acredita que isso provenha de uma força natural; daí estas palavras: "O caráter da Divindade está impresso no seu rosto, etc."

309 — *Justiça* — Assim como a moda faz a graça, assim faz também a justiça.

310 — *Rei e tirano* — Também sobre isto eu terei cá minhas idéias.

Tomarei cuidado em cada viagem.

Grandeza de estabelecimento, respeito de estabelecimento [76].

O prazer dos grandes consiste em poder fazer pessoas felizes.

É próprio da riqueza ser dada liberalmente.

O particular a cada coisa precisa ser procurado. A proteção é própria do poder.

Quando a força ataca a aparência, quando um simples soldado pega o barrete de um primeiro presidente e o joga pela janela... [77]

311 — O império fundado sobre a opinião e a imaginação reina algum tempo, e esse império é doce e voluntário: o da força reina sempre. Assim, a opinião é como que a rainha do mundo, mas a força é o seu tirano.

312 — A justiça é o que está estabelecido; e, assim, todas as nossas leis estabelecidas serão necessariamente tidas como justas sem ser examinadas, uma vez que estão estabelecidas.

313 — *Opiniões sadias do povo* — O maior dos males são as guerras civis. Elas são certas se se quer recompensar o mérito, pois todos dirão que merecem. O mal que se há de temer de um tolo, que sucede por direito de nascimento, não é tão grande nem tão certo.

314 — Deus tudo criou para si; deu força de pena e de bem para si.

Podeis aplicá-la a Deus ou a vós mesmos. Se a Deus, o Evangelho é a regra; se a vós mesmos, tomareis o lugar de Deus. Como Deus se acha cercado de indivíduos cheios de caridade que lhe pedem os bens da caridade em

[76] Isto é, das convenções. (N. do T.)

[77] Na *Satyre Ménippée*, M. de Rieux, deputado da nobreza, assim se exprime: "Não há barrete nem capelo que eu não faça voar...". É uma ameaça da força bruta contra os representantes da justiça.

seu poder, assim... Conhecei-vos, pois, e cientificai-vos de que não sois senão um rei de concupiscência, e segui os caminhos da concupiscência.

315 — *Razão dos efeitos* — Esta é boa: não querem que eu honre um homem vestido de brocado e acompanhado de sete ou oito lacaios! Como! Se o não saudasse, mandava bater-me. Esse hábito é uma força; não acontece o mesmo com um cavalo bem arreado em relação a outro?

É engraçado que Montaigne não veja que diferença existe, admirando-se de que se ache alguma e perguntando a razão. "Na verdade", diz ele, "de onde vem, etc."

316 — *Opiniões sadias do povo* — Ser elegante[78] não é muito vão: pois é mostrar que um grande número de pessoas trabalha para si; é mostrar, pelos cabelos, que se tem um criado grave, um perfumista, etc.; pelo ornato, o fio, os passamanes, etc. Ora, não é simples aparato, nem simples arnês, ter vários braços. Quanto mais braços se tem, mais forte se é. Ser elegante é mostrar a própria força.

317 — O respeito significa isto: "Incomodai-vos". Embora vão em aparência, isto é muito justo, quer dizer: "Eu me incomodaria se tivésseis necessidade, pois o faço sem que isso vos sirva". Além disso, o respeito consiste em distinguir os grandes. Ora, se o respeito consistisse em estar numa poltrona, respeitaríamos toda gente, e, assim, não distinguiríamos; mas, sendo incomodados, distinguimos muito bem.

318 — Ele tem quatro lacaios.

*319 — Como se faz bem em distinguir os homens pelo exterior, e não pelas qualidades interiores! Qual de nós dois passará primeiro? Quem cederá o lugar ao outro? O menos hábil? Mas eu sou tão hábil quanto ele. Será preciso nos batermos por isso. Ele tem quatro lacaios e eu só tenho um. Isso é visível: basta contar; cabe-me ceder e sou um tolo se o contesto. Eis-nos em paz por esse meio; o que é o maior dos bens.

320 — As coisas mais desarrazoadas do mundo tornam-se as mais razoáveis por causa do desregramento dos homens. Que há de menos razoável do que escolher para governar um Estado o primeiro filho de uma rainha? Não se escolhe, para governar um barco, aquele, dentre os viajantes, que é mais nobre: seria uma lei ridícula e injusta. Mas, porque são e serão sempre escolhidos assim, ela se torna razoá-

[78] *Brave* (no original) significa aqui bem vestido, elegante, como na última linha do parágrafo, onde o sentido verdadeiro tem mais importância. Cf. Molière: "Terás ciúmes de alguma das tuas companheiras que achas mais *brave* do que tu?" (*Am. Méd.*, I, 2)

vel; pois quem se escolherá? O mais virtuoso e o mais hábil? Eis-nos incontinenti embaraçados: cada um pretende ser o mais virtuoso e o mais hábil. Liguemos, pois, essa qualidade a algo incontestável. É o filho mais velho do rei. Isso é claro, a razão não pode fazer melhor, pois a guerra civil é o maior dos males.

321 — As crianças espantadas vêem seus colegas respeitados.

*322 — A nobreza é uma grande vantagem, pois já aos dezoito anos põe em evidência, conhecido e respeitado, um homem que de outro modo poderia merecer esse destaque aos cinqüenta. São trinta anos ganhos sem esforço.

*323 — Que é o *eu?* Um homem que se põe à janela para ver os passantes, se eu estiver passando, posso dizer que se pôs à janela para ver-me? Não, pois não pensa em mim em particular. Quem gosta de uma pessoa por causa de sua beleza, gostará dela? Não, pois a varíola, que tirará a beleza sem matar a pessoa, fará que não goste mais; e, quando se gosta de mim por meu juízo, ou por minha memória, gosta-se de mim? Não; pois posso perder essas qualidades sem me perder. Onde está, pois, esse *eu,* se não se encontra no corpo nem na alma? E como amar o corpo ou a alma, senão por essas qualidades, que não são o que faz o *eu,* de vez que são perecíveis? Com efeito, amaríamos a substância da alma de uma pessoa abstratamente, e algumas qualidades que nela existissem? Isso não é possível, e seria injusto. Portanto, não amamos nunca a pessoa, mas somente as qualidades.

Que não se zombe mais, pois, dos que se fazem homenagear por seus cargos e funções, porquanto só se ama alguém por qualidades de empréstimo.

*324 — O povo tem opiniões muito sadias: por exemplo:

1) escolher o divertimento e a caça em lugar da poesia. Os semi-sábios zombam e triunfam, mostrando com isso a loucura do mundo; mas, por uma razão que não penetram, o povo tem razão;

2) distinguir os homens por fora, pela nobreza ou pela fortuna: o mundo triunfa, ainda, mostrando o quanto isso é desarrazoado; mas é bem razoável (os canibais riem-se de um rei-criança [79]);

3) ofender-se por ter recebido uma bofetada. Ou desejar tanto a glória: isso, porém, é muito aconselhável, por causa dos outros bens essenciais que lhe são inerentes; e um homem que recebe uma bofetada sem se magoar é

[79] Alusão à reação de alguns selvagens que visitaram a Europa e se admiraram, em Ruão, de ver os imponentes guardas suíços obedecendo ao Rei Carlos IX, então criança. (N. do E.)

acabrunhado por injúrias e necessidades.

4) Trabalhar pelo incerto; viajar por mar; passar sobre uma tábua.

*325 — Montaigne não tem razão: o costume só deve ser seguido porque é costume, e não porque seja razoável ou justo. Mas o povo segue-o pela única razão de julgá-lo justo; do contrário, não o seguiria mais, embora fosse costume, pois só queremos estar sujeitos à razão ou à justiça. O costume, sem isso, passaria por tirania; mas o império da razão e da justiça não é tão tirânico quanto o da deleitação. São os princípios naturais ao homem.

Portanto, seria bom que obedecessem às leis e aos costumes, porque são leis; que soubessem que não há nenhuma verdadeira e justa a introduzir; que não sabemos nada e que, assim, cabe somente seguirmos as recebidas: por esse meio, não as abandonaríamos nunca. Mas o povo não é suscetível dessa doutrina e, assim, como julga que a verdade se pode encontrar e que está nas leis e costumes, nelas acredita e toma a sua antiguidade como uma prova de verdade (e não de simples autoridade sem verdade). Assim, obedece-lhes, mas está sujeito a se revoltar desde que lhe mostrem que não valem nada; o que se pode fazer com todas, observando as de certo lado.

263 — *Injustiça* — É arriscado dizer ao povo que as leis não são justas; pois ele só lhes obedece porque as julga justas. Eis por que é preciso dizer-lhe, ao mesmo tempo, que é preciso obedecer porque são leis, do mesmo modo que é preciso obedecer aos superiores, não porque sejam justos, mas porque são superiores. E, assim, eis qualquer sedição prevenida, desde que se possa fazer entender isso; e é propriamente essa a definição da justiça.

*273 — O mundo julga muitas coisas, porque vive na ignorância natural, que é o verdadeiro assento do homem. As ciências têm duas extremidades que se tocam. A primeira é a pura ignorância natural em que se acham todos os homens ao nascer. A outra é a extremidade a que chegam as grandes almas, as quais, tendo percorrido tudo o que os homens podem saber, verificam que não sabem nada e se descobrem nessa mesma ignorância de que partiram; mas é uma ignorância sábia, que se conhece. Aqueles que ficam entre as duas e que, saindo da ignorância natural, não puderam alcançar a outra, têm alguma noção dessa ciência suficiente e fazem-se de entendidos. Esses perturbam o mundo e tudo julgam mal. O povo e os hábeis compõem o trem do mundo; os outros desprezam-no e são desprezados. Jul-

gam mal todas as coisas e o mundo os julga acertadamente.

328 — *Razão dos efeitos* — Passagem contínua do pró ao contra.

Mostramos que o homem é vão pela estima que dedica às coisas que não são essenciais. E todas essas opiniões são destruídas. Mostramos, em seguida, que todas essas opiniões são muito sadias e que, destarte, sendo todas as vaidades muito bem fundadas, o povo não é tão vão quanto se diz. E, assim, destruímos a opinião que destruía a do povo.

Mas é preciso destruir, agora, esta última proposição, e mostrar que continua sendo verdadeiro que o povo é vão, embora suas opiniões sejam sadias, porque não sente a verdade delas, onde esta verdade existe e porque, pondo-a onde não existe, as suas opiniões são sempre muito falsas e muito malsãs.

329 — *Razão dos efeitos* — A fraqueza do homem é a causa de tantas belezas que estabelecemos[80], como a de saber tocar bem alaúde.

Isso já é um mal por causa de nossa fraqueza[81].

330 — O poder dos reis baseia-se na razão e na loucura do povo, e bem mais na loucura. A maior e mais importante coisa do mundo tem por fundamento a fraqueza: e esse fundamento é admiravelmente positivo; pois não há nada mais seguro do que isso: o povo é fraco. O que assenta na sã razão é bem mal fundado, como a estima da sabedoria.

*331 — Em geral, só imaginamos Platão e Aristóteles com grandes túnicas de pedantes. Eram pessoas honestas e, como as outras, rindo com os seus amigos; e, quando se divertiram em fazer as suas *Leis* e a sua *Política*, fizeram-nas brincando. Era a parte menos filosófica e menos séria de sua vida. A mais filosófica consistia em viver simples e tranqüilamente.

Se escreveram sobre política foi como para pôr em ordem um hospício; e, se fizeram menção de falar dela como de uma grande coisa, é que sabiam que os loucos a quem falavam julgavam ser reis e imperadores; entravam nos seus princípios para moderar a loucura deles na medida do possível.

*332 — A tirania consiste no desejo de dominação, universal e fora de sua ordem.

Diversas assembléias de fortes, de belos, de bons, de piedosos espíritos, cada qual reinando em sua casa, não fora, e às vezes, quando se encontram, batendo-se tolamente, o forte e o belo, para

[80] Para o sentido de *estabelecer*, cf. fragmento 310. (N. do E.)

[81] Esta segunda frase só se explica mediante o conhecimento da primitiva redação de Pascal, que escrevera, na primeira frase: "... como a de não saber tocar bem alaúde". (N. do E.)

decidir quem será senhor um do outro, pois sua senhoria é de gêneros diversos. Não se entendem, consistindo seu erro em querer reinar por toda parte. Ora, nada o pode, nem mesmo a força: esta não faz nada no reino dos sábios; só é senhora das ações exteriores.

Tirania — . . . Esses discursos são falsos e tirânicos: "Sou belo, logo devem temer-me; sou forte, portanto devem amar-me. Sou . . .". A tirania consiste em querer ter por uma via o que só se pode ter por outra. Dão-se diferentes deveres aos diferentes méritos: dever de amor à graça; dever de medo à força; dever de crença à ciência. Tais deveres devem ser cumpridos; é injusto recusá-los e injusto reclamar outros. E é também ser falso e tirânico dizer: "Ele não é forte, logo não o estimarei; ele não é hábil, logo não o temerei".

*333 — Nunca vistes pessoas que, para se queixar da pouca atenção que lhes dais, vos exibem o exemplo da gente de bem que as estima? Eu lhes responderia assim: "Mostrai-me os méritos pelos quais haveis encantado essas pessoas e eu também vos estimarei".

*334 — *Razão dos efeitos* — A concupiscência e a força são as fontes de todas as nossas ações: a concupiscência faz as voluntárias; a força, as involuntárias.

*335 — *Razão dos efeitos* — É verdadeiro, portanto, dizer que toda gente vive na ilusão: pois que, embora as opiniões do povo sejam sadias, não o são em sua cabeça, porque ele pensa que a verdade existe onde não existe. A verdade está nas suas opiniões, mas não no ponto em que imagina. [Assim] é certo que se deve honrar os fidalgos, mas não porque o berço seja uma vantagem efetiva, etc.

336 — *Razão dos efeitos* — É preciso ter um pensamento oculto e tudo julgar por ele, falando entretanto como o povo.

*337 — *Razão dos efeitos* — Graduação. O povo honra as pessoas de grande nascimento. Os semi-hábeis as desprezam, dizendo que o nascimento não é uma vantagem da pessoa, mas do acaso. Os hábeis as honram, não pelo pensamento do povo, mas pelo pensamento oculto. Os devotos, que têm mais zelo do que ciência, as desprezam, malgrado essa consideração que as faz honrar pelos hábeis, porque julgam isso por uma nova luz que a piedade lhes dá. Mas os cristãos perfeitos as honram por outra luz superior. Assim, vão-se sucedendo as opiniões do pró ao contra, segundo a luz que se tem.

338 — Os verdadeiros cristãos obedecem, entretanto, às loucuras; não porque respeitem as loucuras, mas sim a ordem de Deus, a qual, para a punição dos homens, escravizou-os a essas

loucuras: *Omnis creatura subjecta est vanitati. Liberabitur*[82].

[82] Toda criatura está escravizada à vaidade (*Eclesiastes*, 3, 19). Ela será libertada (São Paulo, *Romanos*, 8, 20.21).

Assim Santo Tomás explica o trecho de São Tiago, sobre a preferência dos ricos, os quais, se não o fazem à vista de Deus, saem da ordem da religião.

ARTIGO VI

Os filósofos

*339 — Posso conceber um homem sem mãos, pés, cabeça (pois só a experiência nos ensina que a cabeça é mais necessária do que os pés); mas não posso conceber o homem sem pensamento: seria uma pedra ou um animal.

340 — A máquina aritmética produz efeitos que se aproximam mais do pensamento do que tudo o que fazem os animais; mas não faz nada que possa levar-nos a dizer que tem vontade como os animais.

341 — A história da solha e da rã de Liancourt[83]; eles o fazem sempre e nunca de outro modo, nem outra coisa de espírito.

342 — Se um animal fizesse por espírito o que faz por instinto, se falasse por espírito o que fala por instinto, para a caça ou para avisar seus camaradas de que a presa se encontrou ou se perdeu, falaria igualmente para dizer coisas em que entrasse mais afeição, como, por exemplo: "Roa essa corda que me fere e que eu não posso alcançar".

343 — O bico do papagaio, que ele limpa embora esteja limpo.

344 — Instinto e razão, marcas de duas naturezas.

345 — A razão manda em nós muito mais imperativamente do que um amo, pois desobedecendo a um somos infelizes e, à outra, somos tolos.

346 — O pensamento faz a grandeza do homem.

*347 — O homem não passa de um caniço, o mais fraco da natureza, mas é um caniço pensante. Não é preciso que o universo inteiro se arme para esmagá-lo: um vapor, uma gota de água, bastam para matá-lo. Mas, mesmo que o universo o esmagasse, o homem seria ainda mais nobre do que quem o mata, porque sabe que morre e a vantagem

[83] O Duque de Liancourt era amigo fervoroso de Port-Royal. Suas desavenças com a autoridade eclesiástica deram azo às primeiras *Provinciais*. Não se sabe o que seja esse conto da solha e da rã a que Pascal alude. Brunschvicg supõe que se destinasse a defender "o espírito dos animais" contra os partidários do automatismo; aliás, Pascal é, nesse ponto, da mesma opinião que Descartes (cf. *Discurso do Método*, parte V).

que o universo tem sobre ele; o universo desconhece tudo isso.

Toda a nossa dignidade consiste, pois, no pensamento. Daí é que é preciso nos elevarmos, e não do espaço e da duração, que não poderíamos preencher. Trabalhemos, pois, para bem pensar; eis o princípio da moral.

348 — *Caniço pensante* — Não é no espaço que devo buscar minha dignidade, mas na ordenação de meu pensamento. Não terei mais, possuindo terras; pelo espaço, o universo me abarca e traga como um ponto; pelo pensamento, eu o abarco.

349 — *Imaterialidade da alma* — Os filósofos que dominaram suas paixões: que matéria pôde fazê-lo?

*350 — *Estóicos* — Concluem que podemos sempre o que podemos às vezes, e que, como o desejo da glória leva os que domina a bem fazer alguma coisa, os outros o poderão igualmente. São movimentos febris que a saúde não pode imitar. Epicteto conclui, do fato de haver cristãos constantes, que todos o podem ser[84].

*351 — Esses grandes esforços de espírito, que a alma às vezes atinge, são coisas em que ela não permanece. Atinge-os somente, não como se atinge um trono, para sempre, mas por um instante apenas[85].

*352 — O que pode a virtude de um homem não se deve medir por seus esforços, mas pelos atos comuns[86].

*353 — Não admiro o excesso de uma virtude, como o valor, se não vejo ao mesmo tempo o excesso da virtude oposta, como em Epaminondas, que tinha o extremo valor e a extrema benignidade; porque de outro modo não é subir, é cair. Não mostramos nossa grandeza ficando numa extremidade, mas tocando as duas ao mesmo tempo e enchendo todo o intervalo. Mas talvez seja apenas um súbito movimento da alma de um a outro desses extremos, e talvez ela não esteja nunca senão num ponto, como o tição de fogo. — Bem. Mas, ao menos, isso marcará a agilidade da alma, se não marcar a sua extensão.

354 — A natureza do homem não é ir sempre em frente; comporta idas e vindas.

A febre tem calafrios e ardores, e o frio mostra-lhe a intensidade tanto quanto o próprio calor.

O mesmo ocorre com as invenções dos homens através dos sé-

[84] Epicteto, *Dissertações*, IV, VII. (N. do E.)

[85] Este fragmento e o seguinte resumem o princípio do Ensaio de Montaigne, *Da Virtude*. (N. do E.)

[86] *Par l'ordinaire*, isto é, o quotidiano, o normal. Assim, nesse sentido empregou também Montaigne a expressão. (N. do T.)

culos. E também com a bondade e a malícia do mundo em geral: *Plerumque gratae principibus vices*[87].

*355 — A eloqüência contínua aborrece.

Os príncipes e os reis brincam às vezes. Não estão sempre em seus tronos; aí se entediam: é preciso abandonar a grandeza para a sentirmos. A continuidade aborrece em tudo: o frio é agradável para nos aquecermos.

A natureza age por progresso, *itus et reditus*. Passa e volta, vai depois mais longe, e depois duas vezes menos, e em seguida mais do que nunca, etc.

Assim[88], o fluxo do mar e assim, ao que parece, a marcha do sol.

356 — A alimentação do corpo faz-se pouco a pouco. Plenitude de alimentos, pouca substância.

357 — Quando se quer levar a virtude até seus extremos, de um lado e de outro, surgem vícios que nela se insinuam insensivelmente, em suas rotas insensíveis, do lado do pequeno infinito; e multidões de vícios se apresentam do lado do grande infinito[89], de modo que a gente se perde nos vícios e não vê mais a virtude. Cai-se na armadilha da própria perfeição.

*358 — O homem não é anjo nem animal; e, por infelicidade, quem quer ser anjo é animal.

359 — Não nos sustentamos na virtude pela nossa própria força, mas pelo contrapeso de dois vícios opostos, como ficamos de pé entre dois ventos contrários; tirai um desses vícios e cairemos no outro.

*360 — O que os estóicos propõem é tão difícil e vão!

Os estóicos afirmam: todos os que se acham em um alto nível de sabedoria são igualmente loucos e viciados, como os que se encontram a dois dedos dentro da água.

361 — *O soberano bem. Disputa do soberano bem — Ut sis contentus temetipso, et ex te nascentibus bonis*[90]. Há contradição; pois eles aconselham, enfim, a se matar. Oh! que vida feliz essa da qual a gente se desembaraça como da peste![91]

362 — *Ex senatus consultis et plebiscitis...*

[87] As mudanças agradam quase sempre aos grandes (Horácio, *Odes*, III, 29, 13). Em lugar de *principibus*, encontra-se *divitibus* no texto de Horácio. Pascal tira o mais das vezes suas citações latinas profanas de Montaigne e este cita não raro inexatamente, de memória, ou segundo textos falhos.

[88] Depois da palavra *assim*, no manuscrito de Pascal, vem uma linha quebrada com os ziguezagues em posição ascendente. (N. do E.)

[89] Variam as interpretações sobre esta noção de *pequeno infinito* e *grande infinito*. Brunschvicg apresenta a seguinte explicação: procurar a virtude de um lado e de outro, isto é, na direção dos dois infinitos, significa tentar alcançá-la nos mais ínfimos pormenores e na sua mais vasta extensão. (N. do E.)

[90] Para que estejas satisfeito contigo mesmo e os bens que vêm de ti. (Sêneca, *Cartas a Lucílio*, XX, 8).

Pedir trechos análogos.

363 — *Ex senatus consultis et plebiscitis scelera exercentur.* Sêneca, 588.

Nihil tam absurde dici potest quod non dicatur ab aliquo philosophorum. Divin.

Quibusdam destinatis sententiis consecrati quae non probant coguntur defendere. Cícero.

Ut omnium rerum sic litterarum quoque intemperantia laboramus. Sêneca.

Id maxime quemque decet, quod est cujusque suum maxime. Sêneca, 588.

Hos natura modos primum dedit. Geórgicas[92].

Paucis opus est litteris ad bonam mentem.

Si quando turpe non sit, tamen non est non turpe quum id a multitudine laudetur.

Mihi sic usus est, tibi ut opus es facto, fac. Terêncio.

364 — Rarum est enim ut satis se quisque vereatur.

Tot circa unum caput tumultuantes deos.

Nihil turpius quam cognitioni assertionem praecurrere. Cícero.

Nec me pudet ut istos fateri nescire quid nesciam.

Melius non incipiet[93]

*365 — *Pensamento* — Toda a dignidade do homem está no pensamento.

O pensamento é, pois, uma coisa admirável e incomparável por natureza. Fora preciso que tivesse estranhos defeitos para ser desprezível. Mas tem tais que nada é mais ridículo.

Como é grande por sua nature-

[91] Este pensamento glosa uma frase de Jansênio: *O vitam scilicet beatissima, qua ut fruatur mortis quaerit auxilium.* (Ó vida verdadeiramente feliz, [que] para gozá-la se procura o auxílio da morte.) (Jansênio, *De Statu Purae Naturae*, II, VIII.) (N. do E.)

[92] Tradução das citações:

"É em virtude dos senatus-consultos e plebiscitos que os crimes se perpetuam" (Sêneca, *Cartas a Lucílio*, XV).

"Por absurdo que seja, nada existe que não tenha sido dito por algum filósofo" (Cícero, *De Divinatione*, II, 58).

"Presos a certas opiniões determinadas, são forçados a defender o que não aprovam" (Cícero, *Tusculanas*, II, 2). Esta citação, colhida em Montaigne, é inexata. (N. do E.)

"Sofremos de excesso de literatura como de excesso de todas as coisas" (Sêneca, *Cartas*, 106).

"O que melhor assenta a alguém é o que lhe é mais natural" (Cícero, *De Officiis*, I, 31). Pascal atribui erradamente esta citação a Sêneca. (N. do E.)

"Dá-lhes a natureza primeiramente esses limites" (Virgílio, *Geórgicas*, II, 20).

[93] Tradução das citações:

"A sabedoria não exige muita instrução" (Sêneca, *Cartas*, 106).

"O que não é vergonhoso começa a sê-lo quando aprovado pela maioria" (Cícero, *De Finibus*, II, 15).

"Eis como o faço, tu, faze como quiseres" (Terêncio, *Heautontimorumenos*, I, 1, 21).

Todas essas citações parecem referir-se à variedade e às contradições das opiniões humanas.

"Raramente nos respeitamos suficientemente" (Quintiliano, X, 7).

"Tantos deuses se agitando em volta de uma só cabeça" (Sêneça Retor, *Suasorias*, I, IV).

"Nada é mais vergonhoso do que afirmar antes de saber" (Cícero, *Acadêmicas*, I, 45).

"E não tenho vergonha, como eles, de confessar que não sei o que não sei" (Cícero, *Tusculanas*, I, 25).

"É mais fácil não começar [do que parar]" (Sêneca, *Cartas*, 72).

za! Como é baixo por seus defeitos!

Mas que é esse pensamento? Como é tolo!

*366 — O espírito desse soberano juiz do mundo não é tão independente que não esteja sujeito a ser perturbado pelo primeiro barulho que se faça em volta dele. Não é preciso o ruído de um canhão para impedir-lhe os pensamentos: basta o ruído de um catavento ou de uma roldana. Não vos espanteis se não raciocina bem agora; uma mosca zumbe aos seus ouvidos: é o bastante para torná-lo incapaz de conselho. Se quereis que possa achar a verdade, expulsai esse animal que põe sua razão em xeque e perturba essa poderosa inteligência que governa as cidades e os reinos. Que deus divertido! *O ridicolosissimo eroe!*

367 — Poder das moscas: ganham batalhas, impedem nossa alma de agir, comem-nos o corpo.

368 — Quando se diz que o calor é apenas o movimento de alguns glóbulos e a luz o *conatus recedendi*[94] que sentimos, isso nos assombra. Como! O prazer não seria outra coisa senão o bailado dos espíritos[95]? Concebemos dele uma idéia tão diferente, e esses sentimentos nos parecem tão distantes dos outros, que dizemos serem os mesmos que aqueles aos quais os comparamos! O sentimento do fogo, esse calor, que nos afeta de maneira completamente diversa do tato, da recepção do som e da luz, tudo isso nos parece misterioso e, no entanto, é grosseiro como uma pedrada. É verdade que a pequenez dos espíritos, que entram nos poros, toca outros nervos; mas são sempre nervos.

369 — A memória é necessária para todas as operações da razão.

370 — [O acaso dá os pensamentos; o acaso os tira; não há arte para conservá-los ou adquiri-los. Pensamento que escapou: gostaria de escrevê-lo e em vez disso escrevo que ele me fugiu...]

371 — [Quando eu era pequeno, guardava o livro; e como me acontecia às vezes...[96] pensando tê-lo guardado, desconfiava...]

*372 — Ao escrever o meu pensamento, ele às vezes me escapa; mas isso me faz lembrar da minha fraqueza, que a todo

[94] O *se* designa Descartes. O *conatus recedendi* é a força centrífuga "de que são animados todos os corpos que giram para se afastar dos corpos em torno dos quais se movem" (Descartes, *Princíp.*, III, 54).

[95] *Espíritos* no sentido de emanações, eflúvios. (N. do T.)

[96] Faugère propôs a palavra *enganar-me* para preencher esta lacuna do manuscrito. (N. do E.)

instante esqueço; isso me instrui tanto quanto o meu pensamento esquecido, pois minha tendência consiste apenas em conhecer o meu nada.

*373 — *Pirronismo* — Escreverei aqui meus pensamentos sem ordem, não talvez em uma confusão sem objetivo: esta é a verdadeira ordem, que marcará sempre meu fim pela própria desordem. Daria excessiva importância a meu assunto se o tratasse com ordem, porquanto quero mostrar que é incapaz de ordem.

*374 — O que me assombra mais é ver que nem todos se admiram de sua fraqueza. Age-se seriamente e cada um segue sua condição, não porque seja bom, de fato, segui-la, uma vez que a moda é fazê-lo, mas como se cada um soubesse com certeza onde estão a razão e a justiça. Decepcionamo-nos a cada instante e, por uma humildade divertida, acreditamos que seja sua culpa (da condição), e não da arte, que nos gabamos sempre de possuir. Mas é bom que haja tanta gente assim no mundo, que não seja pirrônica pela glória do pirronismo, a fim de mostrar que o homem é bem capaz das mais extravagantes opiniões, pois é capaz de crer que não está nesta fraqueza natural e inevitável, e que está, ao contrário, na sabedoria natural.

Nada fortalece mais o pirronismo do que o fato de haver quem não seja pirrônico. Se todos o fossem, não teriam razão.

*375 — [Passei longo tempo de minha vida julgando que houvesse uma justiça, e nisso não me enganava; porque há uma, na medida em que Deus no-la quis revelar. Mas eu não o julgava assim, e era nisso que me enganava, porque acreditava que a nossa justiça fosse essencialmente justa e que eu tivesse possibilidade de conhecê-la e julgá-la. Mas achei-me tantas vezes em erro de julgamento certo que, por fim, acabei desconfiando de mim e, depois, dos outros. Vi todos os países e homens mudarem; e assim, depois de muitas mudanças de julgamento em relação à verdadeira justiça, verifiquei que a nossa natureza não passava de uma contínua mudança, e não mudei mais desde então; e, se mudasse, confirmaria a minha opinião.

O pirrônico Arcesilau[97], que volta a ser dogmático.]

376 — Essa seita se fortalece por seus inimigos mais do que por seus amigos, porque a fraqueza do homem se mostra muito mais nos que não a conhecem do que nos que a conhecem.

[97] Fundador da nova Academia (século III a.C.). Segundo Cícero, Arcesilau, que introduzira o pirronismo na doutrina de Platão, ministrava aos discípulos de sua escola um ensino dogmático.

*377 — Os discursos de humildade são matéria de orgulho para as pessoas gloriosas, e de humildade para os humildes. Assim, os do pirronismo são matéria de afirmação para os afirmativos. Poucos falam de humildade, humildemente; poucos da castidade, castamente; poucos do pirronismo, duvidando. Somos apenas mentira, duplicidade, contrariedade, escondendo-nos e disfarçando-nos de nós mesmos.

*378 — *Pirronismo* — O extremo espírito é acusado de loucura, tal qual a extrema falha. Nada é bom, senão a mediocridade. A pluralidade é que assim o estabeleceu e quem morde alguém escapa por um ponto ou outro. Não me obstinarei, consinto em que me ponham nisso, mas me recuso a ficar na ponta de baixo, não por ser baixa, mas por ser ponta[98], pois recusaria igualmente se me pusessem na de cima. É sair da humanidade deixar o meio. A grandeza da alma humana consiste em saber manter-se aí; a grandeza está tão longe de consistir em sair dessa condição que, pelo contrário, se encontra no fato de não a abandonar, de modo algum.

379 — Não é bom ser livre demais, nem ter todas as necessidades.

[98] *Bout* = ponta, fim. (N. do T.)

*380 — Todas as boas máximas estão no mundo; só nos falta aplicá-las. Por exemplo, não duvidamos que seja preciso expor a própria vida para defender o bem público, e muitos o fazem; mas, para a religião, não. É necessário que haja desigualdade entre os homens, é verdade. Mas, admitindo-o, eis a porta aberta, não somente à mais alta dominação mas à mais alta tirania. É necessário relaxar um pouco o espírito; mas isso abre a porta aos maiores abusos. Marquem-se os limites; não há limites nas coisas: as leis querem criá-los, mas o espírito não pode suportá-los.

381 — Se somos jovens demais, não julgamos bem; velhos demais, tampouco.

Se não meditamos bastante, se meditamos demais, teimamos e encasquetamos[99].

Se considerarmos a nossa obra imediatamente depois de a termos executado, ainda estamos prevenidos; se muito depois, não a entendemos mais.

[99] Este fragmento aparentemente contraditório levou Havet a julgar que se tratava de uma lacuna de Pascal, pois, na sua opinião, "quem não pensa bastante num assunto não pode teimar e encasquetar-se". Brunschvicg, recomendando, para perfeita compreensão do pensamento de Pascal, a observância rigorosa da pontuação do manuscrito (o que se fez na edição brasileira), apresenta a seguinte explicação: "Certas naturezas levianas e ardentes entusiasmam-se facilmente e teimam nesse entusiasmo, exatamente porque não examinam bastante o objeto de seu interesse e não refletem bastante nas suas imperfeições". (N. do E.)

Assim acontece com os quadros vistos de muito longe e de muito perto; só há um ponto indivisível, que é o verdadeiro lugar: os outros estão perto demais, longe demais, alto demais ou baixo demais. A perspectiva assinala este fato, na arte da pintura; mas, na verdade e na moral, quem o assinalará?

*382 — Quando tudo se resolve igualmente, nada se resolve na aparência, como acontece num barco. Quando todos tendem para o desregramento, ninguém parece tender. Quem pára torna observável o arrebatamento dos outros, como um ponto fixo.

*383 — Os que vivem no desregramento dizem aos que vivem na ordem que são estes que se afastam da natureza, e julgam segui-la: como os que estão num barco julgam que os que estão na margem fogem. A linguagem é semelhante em toda parte. É preciso ter um ponto fixo para julgar. O porto julga os que estão no barco; mas onde conseguir um porto na moral?

*384 — A contradição é um mau sinal de verdade: muitas coisas certas são contraditas; muitas coisas falsas ficam sem contradição. Nem a contradição é sinal de mentira, nem a não contradição é sinal de verdade.

385 — *Pirronismo* — Cada coisa é aqui verdadeira em parte, falsa em parte. A verdade essencial não é assim: é toda pura e toda verdadeira. Essa mistura desonra-a e anula-a. Nada é puramente verdadeiro, e assim nada é verdadeiro, entendendo-o como puro verdadeiro. Dir-se-á que é verdadeiro que o homicídio é mau: sim, pois conhecemos bem o mal e a falsidade. Mas, que será o bem, na nossa opinião? A castidade? Eu digo que não; pois o mundo acabaria. O casamento? Não: a continência é melhor. Não matar? Não, pois as desordens seriam horríveis e os maus matariam os bons. Matar? Não, pois isso destrói a natureza. Só em parte temos o bem e a verdade, e misturado com o mal e a falsidade.

*386 — Se sonhássemos todas as noites com a mesma coisa, ela nos afetaria tanto quanto os objetos que vemos todos os dias; e, se um artesão estivesse certo de sonhar, todas as noites, durante doze horas, que é rei, creio que seria quase tão feliz quanto um rei que sonhasse todas as noites, durante doze horas, que era artesão. Se sonhássemos todas as noites que somos perseguidos por inimigos e agitados por fantasmas penosos, e se passássemos todos os dias em diversas ocupações, como quando se faz uma viagem, sofreríamos quase tanto como se isso fosse verdadeiro, e teríamos receio de dormir como se tem de despertar quando se teme entrar

efetivamente em tais desgraças. E, efetivamente, esses sonhos causariam quase os mesmos males que a realidade. Mas como os sonhos são todos diferentes e se diversificam, o que se vê neles afeta-nos bem menos do que o que se vê em vigília, por causa da continuidade, que não é, contudo, tão contínua e igual que não mude também, mas menos bruscamente, se não raramente, como quando se vigia; e então se diz: "Parece-me que sonho", pois a vida é um sonho um pouco menos inconstante.

387 — [Pode ser que haja verdadeiras demonstrações; mas não é certo. Assim, isso mostra apenas que não é certo que tudo seja incerto, para glória do pirronismo.]

388 — *O bom senso* — Eles são constrangidos a dizer: "Não agis de boa-fé; não dormimos, etc." Como gosto de ver essa soberba razão humilhada e suplicante! Com efeito, não é essa a linguagem de um homem a quem se disputa o seu direito e que o defende com as armas e a força na mão. Ele não se diverte em dizer que não se age de boa-fé; mas pune essa má-fé pela força.

389 — O Eclesiastes mostra que o homem sem Deus está na ignorância de tudo e numa desgraça inevitável, pois é uma infelicidade querer e não poder. Ora, ele quer ser feliz e ter certeza de alguma verdade; e, no entanto, não pode saber, nem desejar não saber. Não pode sequer duvidar.

390 — Meu Deus, que discursos tolos! "Deus teria criado o mundo para daná-lo? Exigiria tanto de gente tão fraca? etc." O pirronismo é o remédio para esse mal e abaterá essa vaidade.

391 — *Conversação* — Grandes palavras: a religião, eu a nego.

Conversação — O pirronismo serve à religião.

*392 — *Contra o pirronismo* — [É, pois, estranho que não possamos definir essas coisas sem obscurecê-las, dizemo-lo com segurança.] Supomos que todos os homens concebem e sentem da mesma maneira: mas nós o supomos bem gratuitamente, pois não temos nenhuma prova. Bem vejo que se aplicam as mesmas palavras nas mesmas ocasiões e que, todas as vezes que dois homens vêem um corpo mudar de lugar, exprimem ambos a visão desse mesmo objeto pelas mesmas palavras, dizendo cada qual que ele se moveu; e dessa conformidade de aplicação se tira uma poderosa conjectura de uma conformidade de idéias, mas isso não é absolutamente convincente, da última convicção, embora seja bem o caso de apostar pela afirmativa, visto sabermos que tiramos muitas vezes as mesmas conseqüências de suposições diferentes.

Isso é o bastante para baralhar

a matéria: não porque apague totalmente a claridade natural que nos garante tais coisas; teriam apostado os acadêmicos. Mas isso a perturba e perturba os dogmáticos, para gáudio da cabala pirrônica, que consiste nessa ambigüidade ambígua e em certa obscuridade duvidosa, cuja claridade nossas dúvidas não podem apagar por completo, como nossas luzes naturais não podem afugentar-lhe todas as trevas.

*393 — É divertido considerar que há pessoas no mundo que, tendo renunciado a todas as leis de Deus e da natureza, fizeram as suas próprias a que obedecem exatamente, como, por exemplo, os soldados de Maomé, os ladrões, os heréticos, etc. E também os logicistas. Dir-se-ia que sua licença não deve ter limites nem barreiras, porquanto transpuseram tantos, tão justos e santos.

394 — Todos os princípios dos pirrônicos, dos estóicos, dos ateus, etc..., são verdadeiros. Mas suas conclusões são falsas porque os princípios opostos são também verdadeiros.

*395 — *Instinto. Razão* — Temos uma incapacidade de provar, que nenhum dogmatismo pode vencer. Temos uma idéia da verdade, que nenhum pirronismo pode suplantar.

396 — Duas coisas instruem o homem acerca de sua natureza: o instinto e a experiência.

*397 — A grandeza do homem é grande na medida em que ele se conhece miserável. Uma árvore não sabe que é miserável. É, pois, ser miserável conhecer-se miserável; mas é ser grande saber que se é miserável.

*398 — Todas essas misérias provam sua grandeza. São misérias de grande senhor, misérias de rei destronado.

*399 — Não se é miserável sem sentimento. Uma casa em ruínas não o é. Só o homem é miserável. *Ego vir videns*[100].

*400 — *Grandeza do homem* — Temos uma idéia tão grande da alma do homem que não podemos tolerar que sejamos desprezados e não estimados por uma alma, e toda a felicidade dos homens consiste nessa estima.

*401 — *Glória* — Os animais não se admiram. Um cavalo não admira o companheiro. Não é que não haja entre eles emulação na corrida, mas é sem conseqüência; pois, estando no estábulo, o mais pesado e mais mal talhado não cede sua aveia ao outro, como os homens querem que se lhes faça. Sua virtude se satisfaz por si mesma.

402 — Grandeza do homem que, mesmo de sua concupiscência, soube tirar um regulamento admirável e fazer um quadro da caridade.

[100] "Eu, homem, vejo [minha pobreza]" (Jeremias, *Lamentações*, 3, 1).

403 — *Grandeza* — As razões dos efeitos marcam a grandeza do homem de ter tirado da concupiscência tão bela ordem.

*404 — A maior baixeza do homem é a procura da glória, mas nisso mesmo está a maior marca de sua excelência; porque, por mais posses que tenha sobre a terra, por maior saúde e comodidade essencial que possua, não se sente satisfeito se não está na estima dos homens. Ele considera tão grande a razão do homem que, por maior vantagem que tenha sobre a terra, se não estiver situado vantajosamente também na razão do homem, não se sente contente. É o mais belo lugar do mundo; nada pode desviar o homem desse desejo e é essa a qualidade mais indelével de seu coração. E os que desprezam mais os homens, e que os igualam aos animais, ainda querem ser por isso admirados e acreditados, e se contradizem a si mesmos por seu próprio sentimento: a sua natureza, que é mais forte que tudo, convence-os da grandeza do homem mais fortemente que a razão os convence de sua baixeza.

*405 — *Contradição* — Orgulho, contrabalançando todas as misérias. Ou esconde suas misérias ou, se as descobre, vangloria-se de conhecê-las.

406 — O orgulho contrabalança e arrebata todas as misérias. Eis um monstro estranho e um desvario bem visível. Ei-lo que cai de seu lugar e o procura inquieto. É o que fazem todos os homens. Vejamos quem o terá encontrado.

*407 — Quando a malignidade tem a razão de seu lado, torna-se orgulhosa e ostenta a razão em todo o seu brilho. Quando a austeridade, ou seja, a opção pela severidade, não consegue alcançar o verdadeiro bem, e é preciso voltar a seguir a natureza, ela torna-se orgulhosa devido a esse retorno.

408 — O mal é fácil e há uma infinidade de males; o bem é quase único. Mas certo tipo de mal é tão difícil de encontrar quanto aquilo a que se chama bem. E muitas vezes faz-se passar por bem esse mal particular. É mesmo necessária uma grandeza extraordinária para alcançá-lo tanto quanto o bem.

*409 — *A grandeza do homem* — A grandeza do homem é tão visível que se tira mesmo de sua miséria. Porque, ao que é natureza nos animais nós chamamos miséria no homem; por onde reconhecemos que, como a natureza é hoje semelhante à dos animais, ele caiu de uma natureza melhor, que lhe era própria outrora.

Pois quem se acha infeliz por não ser rei senão um rei destronado? Haveria quem achasse

Paulo Emílio infeliz por não ser mais cônsul? Não, pelo contrário, toda gente achava que ele era feliz por tê-lo sido, porque sua condição não era a de sê-lo sempre. Mas havia quem achasse Perseu tão infeliz por não ser rei, dado que sua condição era a de o ser sempre, que achavam estranho que ele suportasse a vida[101]. Quem se acha infeliz por só ter uma boca? E quem não se achará infeliz por só ter um olho? Nunca talvez se tenha alguém lembrado de afligir-se por não ter três olhos; mas ninguém se consola com não ter nenhum.

410 — *Perseu, rei da Macedônia, Paulo Emílio* — Censuravam a Perseu o fato de não se matar.

*411 — Malgrado a visão de todas as misérias que nos tocam, que nos pegam pela garganta, temos um instinto que não podemos reprimir, que nos eleva.

*412 — Guerra intestina do homem entre a razão e as paixões. Se só tivesse a razão sem as paixões... Se só tivesse as paixões sem a razão... Mas, tendo ambas, não pode ficar sem guerra, não podendo estar em paz com uma, senão entrando em guerra com a outra; assim está sempre dividido e contrário a si mesmo.

*413 — Essa guerra interior da razão contra as paixões fez que os que quiseram ter a paz se dividissem em duas seitas: uns quiseram renunciar às paixões e tornar-se deuses; outros quiseram renunciar à razão e tornar-se brutos. (Des Barreaux[102].) Nem uns nem outros, porém, o conseguiram; e a razão subsiste e acusa a baixeza e a injustiça das paixões e perturba o repouso dos que a elas se abandonam; e as paixões estão sempre vivas nos que querem renunciar a elas.

414 — Os homens são tão necessariamente loucos que seria ser louco (outro tipo de loucura) não ser louco.

415 — A natureza do homem considera-se de duas maneiras: uma segundo seu fim, e, então, ele é grande e incomparável; outra segundo a multidão, como se julga a natureza do cavalo e do cão, ao ver sua corrida

[101] Perseu, rei da Macedônia, foi vencido por Paulo Emílio em 166 a.C. Abandonado por seus soldados e seus próprios filhos, rendeu-se a Otávio, foi levado para Roma, onde figurou no triunfo de Paulo Emílio, e morreu na prisão, de sede ou de privação de sono.

[102] Des Barreaux (1602-1673) foi o epicurista mais famoso do século XVII. Debochado e ateu, voltava à religião quando se sentia enfermo. Atribui-se-lhe um dos mais belos sonetos religiosos da literatura francesa, o qual começa assim: "Grand Dieu, tes jugements sont remplis d'équité"... e termina com estes versos:

Mais dessus quel endroit tombera ta colère,
Qui ne soit tout couvert du sang de Jésus-Christ?

Voltaire contesta-lhe a paternidade desse soneto, que atribui ao Abade de Lavau. Ler em uma carta de Mme Geoffrin, de 7 de junho de 1767, a história da "omelette au lard" de Des Barreaux.

e seu *animum arcendi*[103]; e, então, o homem é abjeto e vil. Eis as duas vias que levam a julgar este assunto diversamente, e que fazem os filósofos discutirem tanto! E isto porque um nega a suposição do outro; um diz: "Ele não nasceu para esse fim, pois todas as suas ações lhe são contrárias"; o outro diz: "Ele se afasta do seu fim quando pratica essas ações baixas".

*416 — *Em P.-R.*[104] *Grandeza e miséria* — Como a miséria se infere da grandeza, e a grandeza da miséria, uns concluíram pela miséria, tanto mais quanto por prova tomaram a grandeza e como outros concluíram pela grandeza, com tanto mais força quanto concluíram da própria miséria, tudo o que os primeiros puderam dizer para mostrar a grandeza só serviu de argumento aos segundos para concluir pela miséria, pois somos tanto mais miseráveis quanto de mais alto caímos; e outros, ao contrário. Foram levados uns contra os outros por um círculo sem fim: sendo certo que, à medida que os homens se esclarecem, tanto acham grandeza como miséria no homem. Numa palavra, o homem sabe que é miserável. Ele é, pois, miserável, de vez que o é; mas é bem grande, de vez que o sabe.

*417 — Essa duplicidade do homem é tão visível que houve quem pensasse que tínhamos duas almas. Um indivíduo simples parecia-lhes incapaz de tais e tão súbitas variações, de uma presunção desmedida a um horrível abatimento do coração.

*418 — É perigoso fazer ver demais ao homem quanto ele é igual aos animais, sem lhe mostrar a sua grandeza. É ainda perigoso fazer-lhe ver demais a sua grandeza sem a sua baixeza. É ainda mais perigoso deixá-lo ignorar uma e outra. Mas é muito vantajoso representar-lhe ambas.

Não é preciso que o homem creia que é igual aos animais, nem aos anjos, nem que ignore ambos, mas que ós conheça.

419 — Não suportarei que repouse num ou noutro, a fim de que estando sem assento e sem repouso . . .

*420 — Se ele se gaba, rebaixo-o; se ele se rebaixa, gabo-o; contradigo-o sempre até que compreenda que é um monstro incompreensível.

421 — Censuro, igualmente, não só os que tomam o partido de louvar o homem como também os que decidem censurá-lo e os que resolvem divertir-se; e só

[103] *Animum arcendi:* instinto de afastar, o instinto do cão de guarda, explica Brunschvicg.

[104] Esta indicação, *Em P.-R.*, designa um fragmento que, como o de n.º 430, fazia parte das notas preparadas por Pascal para a conferência que pronunciou em Port-Royal, em 1658, e na qual expôs o plano de sua *Apologia*.

posso aprovar os que procuram a verdade, gemendo.

422 — É bom sentir-se desanimado e cansado na busca inútil do verdadeiro bem, a fim de estender os braços ao Libertador.

*423 — *Contrariedade depois de ter mostrado a baixeza e a grandeza do homem* — Que o homem, agora, avalie o seu preço. Que se ame, pois tem em si uma natureza capaz do bem; mas que não ame por isso as baixezas que nela existem. Que se despreze, porque essa capacidade é vazia; mas que não despreze por isso essa capacidade natural. Que se odeie, que se ame: tem em si a capacidade de conhecer a verdade e de ser feliz; mas não tem a verdade, constante ou satisfatória.

Desejaria, pois, levar o homem a querer encontrá-la, a estar pronto e liberto de paixões, para segui-la onde a encontrar, sabendo quanto seu conhecimento se obscureceu pelas paixões; desejaria que odiasse em si a concupiscência que o determina por si mesma, a fim de que esta não o cegue ao fazer sua escolha e não o detenha quando houver escolhido.

*424 — Todas essas contrariedades, que pareciam afastar-me do conhecimento da religião, foram o que mais depressa me conduziu à verdadeira religião.

Artigo VII

A moral e a doutrina

*425 — *Segunda Parte. De como o homem sem fé não pode conhecer o verdadeiro bem, nem a justiça* — Todos os homens procuram ser felizes; não há exceção. Por diferentes que sejam os meios que empregam, tendem todos a esse fim. O que leva uns a irem para a guerra e outros a não irem é esse mesmo desejo que está em todos, acompanhado de diferentes pontos de vista. A vontade nunca efetua a menor diligência, senão com esse objetivo. Esse é o motivo de todas as ações de todos os homens, até mesmo dos que vão enforcar-se. E, no entanto, depois de tão grande número de anos, nunca ninguém, sem a fé, chegou a esse ponto a que todos visam continuamente. Todos se lamentam: príncipes, súditos, nobres, plebeus; velhos, jovens; fortes, fracos; sábios, ignorantes; sãos, doentes; de todos os países, de todos os tempos, de todas as idades e de todas as condições.

Uma prova tão longa, tão contínua e tão uniforme deveria convencer-nos de nossa incapacidade de alcançar o bem por nossos esforços; mas o exemplo pouco instrui. Nunca é tão perfeitamente semelhante que não haja uma delicada diferença; e é por isso que esperamos que a nossa expectativa não seja frustrada nessa ocasião como na outra. E, assim como o presente nunca nos satisfaz, a experiência[105] nos engana e, de infelicidade em infelicidade, conduz-nos até a morte, que é o seu teto eterno.

Que nos gritam, pois, essa avidez e essa impotência se não que houve, outrora, no homem, uma verdadeira felicidade, da qual só lhe restam, agora, a marca e o traço vazio, que ele tenta inutilmente encher de tudo o que o rodeia, procurando nas coisas ausentes o socorro que não obtém das presentes, embora aquelas sejam incapazes de socorrê-lo, porque esse abismo infinito só pode ser preenchido por um objeto infinito e imutável, isto é, pelo próprio Deus?

[105] Na edição Port-Royal lê-se *esperanças* em lugar de *experiência*. Entretanto, todas as boas edições modernas, de Brunschvicg a Chevalier, preferem *experiência*. (N. do E.)

Somente Deus é o verdadeiro bem, e, desde que o homem o abandona, é estranho que nada exista na natureza capaz de lhe tomar o lugar: astros, céu, terra, elementos, plantas, couves, alhos, animais, insetos, bezerros, serpentes, febre, peste, guerra, penúria, vícios, adultério, incesto. E quando perde o verdadeiro bem, tudo pode parecer-lhe esse bem, indiferentemente, até a autodestruição, embora tão contrária a Deus, à razão e à natureza inteira.

Uns o procuram na autoridade, outros na curiosidade e nas ciências, outros nas volúpias. Outros que, na realidade, mais se aproximaram dele, consideram necessário que o bem universal, desejado por todos os homens, não se encontre em nenhuma das coisas particulares que só podem ser possuídas por um só e que, sendo repartidas, afligem mais o seu possuidor pela falta da parte que não tem do que o contentam pelo gozo da que lhe cabe. Compreenderam que o verdadeiro bem devia ser de tal forma que todos pudessem possuí-lo ao mesmo tempo, sem diminuição e sem inveja, e que ninguém pudesse perdê-lo contra a vontade. E sua razão está em que esse desejo, sendo natural no homem, porquanto se encontra necessariamente em todos, e que não se pode não tê-lo, concluem . . .[106]

426 — Perdida a natureza verdadeira, tudo se torna sua natureza; assim, perdido o verdadeiro bem, tudo se torna seu verdadeiro bem.

*427 — O homem não sabe em que lugar se colocar. Está visivelmente perdido e caiu de seu lugar sem conseguir reencontrá-lo. Busca-o por toda parte com inquietação e sem êxito, em meio a trevas impenetráveis.

428 — Se é sinal de fraqueza provar Deus pela natureza, não desprezeis as Escrituras; se é sinal de força ter conhecido essas contrariedades, estimai as Escrituras.

429 — Baixeza do homem, submeter-se até aos próprios animais, chegar a adorá-los.

*430 — *Em P.-R. (Começo, depois de ter explicado a incompreensibilidade)* — As grandezas e misérias do homem são de tal modo visíveis que é preciso, necessariamente, que a verdadeira religião nos ensine que há no homem um grande princípio de grandeza e um grande princípio de miséria. É preciso, pois, que ela nos explique essas espantosas contrariedades.

[106] Brunschvicg (ed. Hachette) sugere a seguinte continuação do pensamento de Pascal, incompleto no manuscrito: "... que esta universalidade (critério de toda a moral racional) é uma forma vazia; o bem universal não pode consistir num simples princípio da razão, é preciso que seja substancial, é preciso que seja um ser". (N. do E.)

É preciso que, para tornar o homem feliz, ela lhe mostre que há um Deus; que somos obrigados a amá-lo; que a nossa verdadeira felicidade é estar nele, e o nosso único mal estar separado dele; que reconheça que estamos cheios de trevas que nos impedem de conhecê-lo e de amá-lo; e que, assim como os nossos deveres nos obrigam a amar a Deus, e as nossas concupiscências nos desviam dele, estamos cheios de injustiça. É preciso que nos dê satisfação dessas nossas oposições, em relação a Deus e ao nosso próprio bem; é preciso que nos ensine os remédios para essas impotências e os meios de obter esses remédios. Examinem-se, a esse respeito, todas as religiões do mundo e veja-se se há alguma que satisfaça a todos esses requisitos, como a cristã.

Serão os filósofos, que nos propõem, como todo bem, os bens que estão em nós? Será esse o verdadeiro bem? Descobriram eles o remédio para os nossos males? Será curar a presunção do homem igualá-lo a Deus? Os que nos igualaram aos animais, e os maometanos, que nos deram como todo bem os prazeres da terra, até mesmo na eternidade, trouxeram remédio para as nossas concupiscências? Que religião nos ensinará, portanto, a curar o orgulho e a concupiscência? Que religião, enfim, nos ensinará o nosso bem, os nossos deveres, as fraquezas que nos desviam, a causa dessas fraquezas, os remédios que podem curá-las e o meio de obter esses remédios?

Não o conseguiram as demais religiões. Vejamos o que fará a Sabedoria de Deus.

"Não espereis", diz ela, "nem a verdade nem a consolação dos homens. Eu sou aquela que vos formou e a única que pode ensinar-vos o que sois. Mas não estais, agora, no estado em que vos formei. Criei o homem santo, inocente, perfeito; enchi-o de luz e de inteligência; comuniquei-lhe minha glória e minhas maravilhas. Os olhos do homem viam, então, a majestade de Deus. Não se achava nas trevas que o cegam, nem na mortalidade e nas misérias que o afligem. Mas não pôde manter tanta glória sem cair na presunção. Quis tornar-se o centro de si mesmo, independente do meu socorro. Subtraiu-se ao meu domínio; igualando-se a mim pelo desejo de encontrar a sua felicidade em si mesmo, abandonei-o; revoltando as criaturas que lhe estavam submetidas, tornei-as suas inimigas: de maneira que, hoje, o homem tornou-se semelhante aos animais, e num tal afastamento de mim que apenas lhe resta uma luz confusa do seu autor, de tal forma se extinguiram ou perturbaram

todos os seus conhecimentos! Os sentidos, independentes da razão e muitas vezes senhores da razão, levaram-no à procura dos prazeres. Todas as criaturas o afligem ou o tentam; e dominam-no, ou submetendo-o pela força, ou encantando-o com suas doçuras: o que é um domínio mais terrível e mais imperioso.

"Eis o estado em que os homens se acham hoje. Resta-lhes algum instinto impotente de felicidade de sua primeira natureza, e estão mergulhados nas misérias de sua cegueira e de sua concupiscência, a qual se tornou sua segunda natureza.

"Por esse princípio que vos revelo, podeis reconhecer a causa de tantas contrariedades que assombraram todos os homens e que os dividiram em sentimentos tão diversos. Observai, agora, todos os movimentos de grandeza e glória que a experiência de tantas misérias não pode refrear, e vêde se não é preciso que a causa disso esteja em outra natureza."

Em P.-R., para amanhã (Prosopopéia) — "É em vão, ó homens, que procurais em vós mesmos o remédio para as vossas misérias. Todas as vossas luzes só podem chegar a conhecer que não é em vós mesmos que descobrireis a verdade e o bem. Os filósofos prometeram-no, mas não puderam fazê-lo. Não sabem qual é o vosso verdadeiro bem, ou qual o vosso verdadeiro estado. Como poderiam dar remédio aos vossos males, se nem ao menos os conheceram? Vossas enfermidades principais são o orgulho, que vos subtrai de Deus, a concupiscência, que vos liga à terra, e eles não fizeram outra coisa além de entreter ao menos uma dessas enfermidades. Se vos deram Deus por objeto, foi apenas para exercer vossa soberba. Fizeram-vos pensar que lhe sois semelhantes e conformes por vossa natureza. E os que viram a vaidade dessa pretensão vos lançaram no outro precipício, levando-vos a pensar que vossa natureza é semelhante à dos animais, e vos fizeram procurar o vosso bem nas concupiscências, que são próprias dos animais. Não é esse o meio de vos curar de vossas injustiças, que esses sábios não conheceram. Só eu posso dizer-vos quem sois, etc. . . "

Adão, Jesus Cristo.

Se vos unem a Deus, é em virtude da graça, não da natureza. Se vos rebaixam, é por penitência, não por natureza.

Assim, essa dupla capacidade. . .

Não vos encontrais no estado de vossa criação.

Como esses dois estados se acham abertos, é impossível que não os reconheçais. Segui vossos movimentos, observai-vos a vós

mesmos, e vêde se não encontrais aí os caracteres vivos dessas duas naturezas. Tantas contradições se achariam em assunto simples?

— Incompreensível? — Nem tudo o que é incompreensível deixa de existir. O número infinito. Um espaço infinito igual ao finito.

— É incrível que Deus se nos una? — Essa consideração só decorre da visão da nossa baixeza. Mas, se a tendes bem sincera, segui-a tão longe quanto eu, e reconhecei que somos, de fato, tão baixos que somos por nós próprios incapazes de conhecer se a sua misericórdia pode tornar-nos dignos dele. Com efeito, eu bem desejaria saber por que esse animal, que se reconhece tão fraco, tem o direito de medir a misericórdia de Deus e de pôr-lhe os limites que a fantasia lhe sugere. Ele sabe tão pouco o que é Deus que não sabe o que ele próprio é: e, todo perturbado pela visão do seu próprio estado, ousa dizer que Deus não pode torná-lo capaz de sua comunicação! Mas desejaria perguntar-lhe se Deus lhe pede outra coisa além de que o ame e o conheça, e por que razão julga que Deus não se lhe pode tornar cognoscível e amável, uma vez que é naturalmente capaz de amor e conhecimento? Sem dúvida, conhece ao menos que existe e que ama alguma coisa. Portanto, se vê alguma coisa nas trevas em que se encontra, e se acha algum motivo de amor entre as coisas da terra, por que, se Deus lhe dá alguns raios de sua essência, não será capaz de o conhecer e de o amar sob a forma que lhe aprouver comunicar-se conosco? Há, pois, sem dúvida, uma presunção insuportável nessas espécies de raciocínios, embora pareçam fundados numa humildade aparente, que não é sincera, nem razoável se não nos faz confessar que, não sabendo por nós mesmos o que somos, só podemos aprendê-lo por Deus.

"Não quero que me submetais vossa crença sem razão e não pretendo assujeitar-vos com tirania. Não pretendo tampouco tudo justificar-vos. E, para acordar essas contrariedades, entendo mostrar-vos claramente, com provas convincentes, marcas divinas em mim, marcas que vos convençam do que sou e me confiram autoridade mediante maravilhas e provas que não possais recusar; e que, em seguida, acrediteis sem [hesitar] nas coisas que vos ensino, quando não encontrardes outra razão de recusá-las, exceto que não podeis saber por vós mesmos se existem ou não.

"Deus quis redimir os homens e abrir a salvação aos que o procurassem. Mas os homens se tornam tão indignos disso que é

justo que Deus recuse a uns, por causa do seu endurecimento, o que concede a outros por uma misericórdia que não lhes é devida. Se ele pretendesse vencer a obstinação dos mais endurecidos, tê-lo-ia feito, descobrindo-se-lhes tão manifestadamente que eles não poderiam duvidar da verdade de sua essência, como surgirá no último dia, com um tal brilho de relâmpagos e uma tal revolução da natureza que os mortos ressuscitados e os mais cegos o verão.

"Não foi assim que ele quis surgir em seu advento de doçura, porque, tornando-se tantos homens indignos de sua clemência, quis privá-los do bem que não pretendiam. Não era, pois, justo que aparecesse de maneira manifestamente divina e absolutamente capaz de convencer todos os homens; mas não era justo também que viesse de maneira tão oculta que não pudesse ser reconhecido pelos que o procurassem sinceramente. Quis tornar-se perfeitamente cognoscível a estes; e assim, querendo aparecer a descoberto aos que o procuram de todo coração e oculto aos que o evitam de todo coração, temperou seu conhecimento, de sorte que deu marcas de si visíveis aos que o procuram e não aos que não o procuram.

"Há bastante luz para os que só desejam ver, e bastante obscuridade para os que têm uma disposição contrária."

*431 — Ninguém mais entendeu que o homem é a mais excelente criatura. Uns, que conheceram bem a realidade de sua excelência, tomaram por covardia e ingratidão os sentimentos baixos que os homens têm naturalmente em si; e os outros, que conheceram bem a que ponto essa baixeza é efetiva, trataram com ridícula soberba esses sentimentos de grandeza igualmente naturais no homem.

Levantai vossos olhos para Deus, dizem uns; vêde aquele ao qual vos assemelhais e que vos fez para adorá-lo; podeis tornar-vos semelhante a ele; a sabedoria vos igualará a ele, se quiserdes segui-lo. "Levantai a cabeça, homens livres", disse Epicteto. Dizem outros: "Baixai os olhos para a terra, mísero verme que sois, e olhai os bichos de que sois companheiro".

Que se tornará, pois, o homem? Será ele igual a Deus ou aos animais? Que espantosa distância! Que seremos, pois? Quem não vê, por tudo isso, que o homem está extraviado, que caiu do seu lugar, que o procura com inquietude, que não pode mais tornar a encontrá-lo? E quem, então, o conduzirá para aí? Os maiores homens não o conseguiram.

432 — O pirronismo é o ver-

dadeiro; pois, afinal de contas, os homens, antes de Jesus Cristo, não sabiam onde estavam, nem se eram grandes ou pequenos. E os que falavam de uma ou outra maneira não sabiam nada disso, e adivinhavam sem razão e por acaso; e mesmo erravam sempre, excluindo uma ou outra maneira.

Quod ergo ignorantes quaeritis, religio annuntiat vobis[107].

*433 — *Depois de haver entendido toda a natureza do homem* — É preciso, para que uma religião seja verdadeira, que tenha conhecido a nossa natureza. Deve ter conhecido a grandeza e a pequenez, e a razão de ambas. Qual a conheceu, além da cristã?

*434 — As principais forças dos pirrônicos (deixo as menores) são: que não temos qualquer certeza da verdade desses princípios, fora da fé e da revelação, senão no fato de os sentirmos naturalmente em nós. Ora, esse sentimento natural não é uma prova convincente de sua verdade, uma vez que, não tendo certeza, fora da fé, se o homem foi criado por um Deus bom, por um demônio mau, ou por acaso, ele está em dúvida se esses princípios nos são dados como verdadeiros, ou falsos, ou incertos, segundo a nossa origem. Além disso, ninguém tem certeza, fora da fé, se vela ou se dorme, visto que, durante o sono, julgamos velar tão firmemente como fazemos; julgamos ver os espaços, as figuras e os movimentos; sentimos correr o tempo, medimo-lo, e, enfim, agimos como despertos. De sorte que — passando a metade da vida no sono, por nossa própria confissão, onde, por mais que nos pareça, não temos nenhuma idéia da verdade, todos os nossos sentimentos sendo, então, ilusões — quem sabe se essa outra metade da vida em que pensamos velar não é outro sono um pouco diferente do primeiro do qual despertamos quando pensamos dormir?

|E quem duvida de que, se sonhássemos acompanhados e, por acaso, os sonhos concordassem, o que é bastante comum, e se velássemos sozinhos, não julgaríamos as coisas invertidas? Finalmente, como muitas vezes sonhamos que estamos sonhando, acumulando um sonho sobre outro, não poderá acontecer que esta metade da vida em que pensamos velar seja ela mesma um sonho, no qual os outros se inseriam, de que acordamos como mortos e durante o qual possuímos tão pouco os princípios da verdade e do bem quanto durante o sono natural? Estes diferentes pensamentos que no momento nos agitam não serão talvez ape-

[107] O que buscais sem conhecer, a religião vo-lo anuncia. (*Atos dos Apóstolos*, 17, 23.)

nas ilusões, semelhantes ao escoamento do tempo e aos fantasmas vãos de nossos sonhos?

Eis as principais forças de um e de outro lado.

Deixo as menores, como os discursos que fazem os pirrônicos contra as impressões do hábito, da educação, dos costumes do país e outras coisas semelhantes, que, embora arrastem a maioria dos homens comuns que só dogmatizam sobre esses vãos fundamentos, são derrubadas ao menor sopro dos pirrônicos. Basta ver seus livros, se não estivermos bem persuadidos disso: bem depressa o ficaremos e talvez demais.

Detenho-me no único ponto forte dos dogmáticos, ou seja, que, falando de boa fé e sinceramente, não podemos duvidar dos princípios naturais.

É contra isso que os pirrônicos opõem, numa palavra, a incerteza da nossa origem, que encerra a da nossa natureza; é a isso que os dogmáticos ainda não conseguiram encontrar resposta desde que o mundo é mundo.

Eis aberta entre os homens a guerra em que todos devem tomar partido, enfileirando-se, necessariamente, ou no dogmatismo ou no pirronismo; pois quem pensar em permanecer neutro será pirrônico por excelência. Essa neutralidade é a essência da cabala [pirrônica]: quem não é contra eles é excelentemente por eles no que nos surge a sua vantagem. Não são nem por si mesmos: são neutros, indiferentes, superiores a tudo, sem excetuar-se a si mesmos.

Que fará, pois, o homem nesse estado? Duvidará de tudo? Duvidará que desperta, que o beliscam, que o queimam? Duvidará que duvida? Duvidará que existe? Não podemos chegar a este ponto; e tenho, como um fato, que nunca houve pirronismo efetivo perfeito. A natureza sustenta a razão impotente e impede que extravague até esse ponto.

Dirá, então, ao contrário, que possui certamente a verdade aquele que, por pouco que o incitemos, não pode apresentar nenhum título desta verdade, e é forçado a desistir?

Que quimera é, então, o homem? Que novidade, que monstro, que caos, que motivo de contradição, que prodígio! Juiz de todas as coisas, imbecil verme da terra, depositário da verdade, cloaca de incerteza e erro, glória e escória do universo.

Quem desfará essa confusão? A natureza confunde os pirrônicos, e a razão confunde os dogmáticos. Que vos tornareis, pois, ó homens, que procurais a vossa verdadeira condição por vossa razão natural? Não podeis evitar uma dessas seitas, nem subsistir em nenhuma.

Conhecei, pois, soberbo, que paradoxo sois em vós mesmo. Humilhai-vos, razão impotente; calai-vos, natureza imbecil; aprendei que o homem ultrapassa infinitamente o homem, e ouvi do vosso senhor a vossa condição verdadeira, que ignorais. Escutai a Deus.

Pois, enfim, se o homem nunca tivesse sido corrompido, gozaria com segurança, em sua inocência, tanto da verdade como da felicidade. E se o homem só tivesse sido corrompido, não teria qualquer idéia da verdade, ou da beatitude. Mas, infelizes que somos, e mais do que se não houvesse grandeza em nossa condição, não temos uma idéia da felicidade, e não podemos alcançá-la; sentimos uma imagem da verdade e só possuímos a mentira: somos incapazes de ignorar em absoluto e de saber com certeza, de tal maneira é manifesto que estivemos num grau de perfeição de que infelizmente caímos!

Coisa assombrosa, no entanto, que o mistério mais distanciado do nosso conhecimento, que é o da transmissão do pecado, seja uma coisa sem a qual não podemos ter qualquer conhecimento de nós próprios! Sem dúvida, não há nada que choque mais a nossa razão do que dizer que o pecado do primeiro homem tornou culpados os que, estando tão afastados dessa fonte, parecem incapazes de participar dela. Essa emanação não nos parece somente impossível, parece-nos até muito injusta. Com efeito, que há de mais contrário às regras da nossa miserável justiça do que danar eternamente uma criança, incapaz de vontade, por um pecado em que parece ter participado tão pouco, pecado cometido seis mil anos antes de sua existência? Por certo, nada nos choca mais rudemente do que tal doutrina; no entanto, sem esse mistério, o mais incompreensível de todos, somos incompreensíveis a nós mesmos. O nó da nossa condição forma suas dobras e voltas nesse abismo. De sorte que o homem é mais inconcebível sem esse mistério do que esse mistério é inconcebível ao homem. Daí parecer que Deus, querendo tornar a dificuldade de nosso ser ininteligível a nós mesmos, escondeu-lhe tão alto o nó, ou melhor, tão baixo que fomos incapazes de alcançá-lo; de modo que não é pelas soberbas agitações da nossa razão, mas pela simples submissão da razão, que podemos realmente conhecer-nos.

Estes fundamentos, solidamente estabelecidos na autoridade inviolável da religião, mostram-nos que há duas verdades de fé igualmente constantes: uma, que o homem, no estado da criação ou no da graça, é alcan-

çado acima de toda a natureza, tornado como que semelhante a Deus e participante de sua divindade; outra, que no estado de corrupção e de pecado, decai deste estado e torna-se semelhante aos animais.

[Essas duas proposições são igualmente firmes e certas. As Escrituras no-lo declaram manifestamente, quando afirmam em certas passagens: *Deliciae meae esse cum filiis hominum. Effundam spiritum meum super omnem carnem. Dii estis*, etc., e ainda noutras: *Omnis caro foenum. Homo assimilatus est jumentis insipientibus, et similis factus est illis. Dixi in corde meo de filiis hominum. Ecl., 3*[108].

[Por onde se vê claramente que o homem se torna semelhante a Deus pela graça e participa de sua divindade. E sem a graça como que se aproxima das bestas selvagens.]

*435 — Sem estes divinos conhecimentos, que puderam fazer os homens se não elevar-se no sentimento interior que lhes resta de sua grandeza passada, ou abater-se em vista de sua fraqueza presente? Com efeito, não vendo a verdade inteira, não puderam chegar a uma perfeita virtude. Uns considerando a natureza como incorrupta, outros como irreparável, não conseguiram evitar o orgulho nem a preguiça, que são as duas fontes de todos os vícios, pois só [*podem*] abandonar-se a isso por covardia ou furtar-se-lhe por orgulho. De fato, se conhecessem a excelência do homem, ignorariam sua corrupção; de modo que evitariam a preguiça, mas perder-se-iam na soberba. E, se reconhecessem a enfermidade da natureza, ignorariam a sua dignidade, de sorte que poderiam evitar a vaidade, mas precipitando-se no desespero.

Daí procedem as diversas seitas dos estóicos e dos epicuristas, dos dogmáticos e dos acadêmicos, etc. Só a religião cristã pôde curar esses dois vícios, não expulsando um pelo outro, pela sabedoria da Terra, mas expulsando ambos, pela simplicidade do Evangelho. Com efeito, ela ensina aos justos, que eleva até a participação da própria Divindade, que, nesse sublime estado, trazem eles ainda a fonte de toda corrupção, que os torna, durante toda a vida, sujeitos ao erro, à miséria, à morte e ao pecado; e

[108] Tradução das citações: Minhas delícias consistem em estar com os filhos dos homens (*Provérbios*, 8, 31).
Espalharei meu espírito sobre toda a carne *Joel*, 2, 28; *Isaías*, 44,3).
Sois deuses... (*Salmo* 81, 6). Toda a carne é erva putrefata (*Isaías*, 6).
O homem comparou-se aos animais sem pensamento e tornou-se seu semelhante (*Salmo* 48, 13. 21).
Disse em meu coração a propósito dos filhos dos homens [que Deus os experimentava e lhes mostrava que eram semelhantes aos animais] (*Eclesiastes*, 3,18).

grita aos mais ímpios que eles são capazes da graça do seu Redentor. Assim, fazendo tremer os que justifica e consolando os que condena, tempera com tanta justeza o medo com a esperança, por essa dupla capacidade comum a todos, da graça como do pecado, que abaixa infinitamente mais do que a razão por si só pode fazer, mas sem desespero; e eleva infinitamente mais do que o orgulho da natureza, mas sem desvanecimento: fazendo ver bem, por isso, que, sendo a única isenta de erro e vício, só a ela compete instruir e corrigir os homens.

Quem pode, pois, recusar-se a crer e adorar essas celestes luzes? Com efeito, não será mais claro que o dia, que sentimos em nós mesmos caracteres indeléveis de excelência? E não será igualmente verdadeiro que experimentamos a todo momento os efeitos da nossa deplorável condição? Que nos gritam, pois, esse caos e essa confusão monstruosa, se não a verdade desses dois estados, com uma voz tão poderosa que é impossível resistir?

*436 — *Fraqueza* — Todas as ocupações dos homens consistem em obter o bem; não poderiam ter título para mostrar que o possuem por justiça, pois têm apenas a fantasia dos homens e não a força para possuí-lo com certeza. O mesmo sucede com a ciência: a moléstia no-la tira. Somos incapazes da verdade e do bem.

*437 — Aspiramos à verdade e só encontramos incertezas.

Buscamos a felicidade e só achamos miséria e morte.

Somos incapazes de não desejar a verdade e a felicidade e somos incapazes da certeza ou da felicidade. Deixam-nos este desejo tanto para nos punir como para nos fazer sentir de onde caímos.

*438 — Se o homem não é feito para Deus, por que só se sente feliz em Deus? Se o homem é feito para Deus, por que é tão contrário a Deus?

439 — *Natureza corrupta* — O homem não age pela razão, a qual faz o seu ser.

440 — A corrupção da razão aparece em numerosos costumes diferentes e extravagantes. Foi preciso que a verdade viesse para que o homem não vivesse mais em si mesmo.

*441 — Para mim, confesso que logo que a religião cristã descobre este princípio, que a natureza dos homens está corrompida e decaída de Deus, isso abre-me os olhos para ver por toda parte o caráter dessa verdade; com efeito, a natureza é tal que assinala por toda parte um Deus perdido, quer no homem, quer fora do homem, e uma natureza corrompida.

*442 — A verdadeira natureza do homem, seu verdadeiro bem, e a verdadeira virtude, e a verdadeira religião, são coisas cujo conhecimento é inseparável.

443 — *Grandeza, miséria* — A medida que temos mais luz, mais grandeza e baixeza descobrimos no homem.

O comum dos homens — aqueles que são mais elevados: os filósofos, assombram o comum dos homens; — os cristãos, assombram os filósofos.

Quem se assombrará, pois, ao ver que a religião se limita a conhecer a fundo o que reconhecemos tanto mais facilmente quanto temos mais luz?

444 — O que os homens, pelos seus maiores luminares, conseguiram saber, essa religião ensinava-o a seus filhos.

*445 — O pecado original é uma loucura diante dos homens; mas é dado como tal. Não deveis, pois, censurar de falta de razão essa doutrina, uma vez que a dou como não tendo razão. Mas essa loucura é mais sábia que toda a sabedoria dos homens: *sapientius est hominibus*. Com efeito, sem isso, que se dirá que é o homem? Todo o seu estado depende desse ponto imperceptível. E como se apercebeu disso péla razão, de vez que é uma coisa contra a razão, e que sua razão, em vez de inventá-la por seus caminhos, afasta-se quando se lhe apresenta?

446 — *Do pecado original. Tradição ampla do pecado original segundo os judeus*[109].

Sobre a palavra do *Gênese*, 8. A composição do coração do homem é má desde a infância.

R. *Moisés Hadarschan* — Esse mau fermento é posto no homem logo que ele se forma.

Massechet Sucá: Esse mau lêvedo tem sete nomes na Escritura: *mal, prepúcio, imundo, inimigo, escândalo, coração de pedra, aquilão;* tudo isso significa a maldade que se esconde e imprime no coração do homem.

Misdrach Tilim diz a mesma coisa, e que Deus libertará a boa natureza do homem da má.

Essa malignidade renova-se diariamente contra o homem, como escreve o Salmo 37: "O ímpio observa o justo e procura levá-lo à morte, mas Deus não o abandonará" Essa malignidade tenta o coração do homem nesta vida e o acusará na outra. Tudo isso se encontra no Talmude.

Misdrach Tilim no Salmo 4: "Tremei e não pecareis": tremei e espantai vossa concupiscência e ela não vos induzirá a pecar. E sobre o Salmo 36: "O ímpio disse

[109] Todas estas citações, afirma Brunschvicg, são tiradas de uma obra da Idade Média intitulada: *Pugio christianorum ad impiorum perfidiam jugulandam et maxime judaeorum. (Punhal dos cristãos para degolar a perfídia dos ímpios e em particular dos judeus.)* Citam-na em geral como *Pugio Fidei.* O autor é um dominicano catalão do século XIII, Raimundo Martin. A primeira edição data de Paris, 1651, publicada por Bosquet, Bispo de Lodève.

em seu coração: que o temor de Deus não se ponha à minha frente", isto é, que a malignidade natural ao homem insinuou isso ao ímpio.

Misdrach el Kohelet: "Mais vale a criança pobre e boa do que o rei velho e maluco que não sabe prever o futuro". A criança é a virtude e o rei a malignidade do homem. Chama-se rei, porque todos os membros lhe obedecem, e velho, porque está no coração do homem desde a infância até a velhice; e louco, porque conduz o homem ao caminho da [*perdição*] que ele não prevê.

O mesmo está dito no *Misdrach Tilim.*

Bereschit Raba, sobre o Salmo 35: "Senhor, todos os meus ossos te abençoarão porque libertas o pobre do tirano", e haverá pior tirano do que esse mau lêvedo? — E sobre o Provérbio 25: "Se teu inimigo tem fome, dá-lhe de comer"; isto é, se o mau lêvedo tem fome, dá-lhe o pão da sabedoria, de que se fala no Provérbio 9; e se tem sêde, dá-lhe a água a que se refere *Isaías,* 55.

Misdrach Tilim diz o mesmo; e que a Escritura, nesse trecho, ao falar de nosso inimigo, alude ao mau lêvedo; e que lhe [*dando*] esse pão e essa água, juntar-lhe-emos brasa sobre a cabeça...[110]

Misdrach el Kohelet, sobre *Ecl.,* 9: "Um grande rei assediou uma pequena cidade". Esse grande rei é o mau lêvedo, as máquinas do cerco são as tentações, e encontrou um homem sábio e pobre que libertou a cidade, isto é, a virtude.

E sobre o Salmo 41: "Bem-aventurado quem atende ao pobre".

E sobre o Salmo 78: "O espírito parte e não mais volta", em que alguns se apoiaram para errar contra a imortalidade da alma; o sentido, porém, é este: esse espírito é o mau lêvedo que vai com o homem até a morte; e não voltará no dia da ressurreição.

E sobre o Salmo 103, o mesmo.

E sobre o Salmo 16.

Princípios dos Rabinos: dois Messias.

447 — Dir-se-á que, por ter dito que a justiça desapareceu da terra, os homens conheceram o pecado original? — *Nemo ante obitum beatus est*[111] isto é, que souberam que ao morrer começa a beatitude eterna e essencial?

448 — [*Miton*] bem vê que a natureza é corrupta e que os homens são contrários à honestidade; mas não sabe por que eles não podem voar mais alto.

449 — *Ordem* — Dizer de-

[110] Expressão tirada da Bíblia e significando "dirigir a cólera divina sobre a sua cabeça". (N. do T.)

[111] *Ninguém é feliz antes da morte.* Recordação de um verso de Ovídio, *Metamorfoses,* IV. 135), citado por Montaigne (I, 18).

pois da "corrupção": "É justo que todos os que se encontram nesse estado o conheçam, tanto os que nele se comprazem como os que nele se desgostam, mas não é justo que todos vejam a redenção".

*450 — Se o homem não sabe que vive cheio de soberba ambição, de concupiscência, fraqueza, miséria e injustiça, é bem cego. E se, sabendo-o, não deseja libertar-se, que se dirá de um homem...?

Poder-se-á ter então outra coisa que não estima por uma religião que tão bem conhece os defeitos do homem, outra aspiração que não à verdade de uma religião que promete remédios tão desejáveis?

451 — Todos os homens se odeiam naturalmente entre si. Utilizamos como podemos a concupiscência para fazê-la servir ao bem público. Mas é só fingimento, e uma falsa imagem da caridade; pois, no fundo, é só ódio.

*452 — Apiedar-se dos desgraçados não é contra a concupiscência. Ao contrário, bem satisfeitos ficamos com render esse preito de amizade e angariar uma reputação de ternura sem nada dar em troca.

453 — Basearam-se e extraíram-se da concupiscência regras admiráveis de polícia, moral e justiça; mas no fundo, neste fundo vil do homem, esse *figmentum malum* apenas se mascara; não desaparece.

454 — *Injustiça* — Não encontraram outro meio de satisfazer à concupiscência sem prejudicar os demais.

*455 — *O eu* é odioso: vós, Miton, vós o cobris, não o tirais por isso: continuais, portanto, sendo odioso[112]. — Não, porque agindo como fazemos, cortesmente com todos, não há motivo para que nos odeiem. — Isso seria verdadeiro se apenas se odiasse no *eu* o desprazer que nos causa. Mas, se eu o odeio porque é injusto que se torne o centro de tudo, odiá-lo-ei sempre.

Numa palavra, o *eu* tem duas qualidades: é injusto em si, fazendo-se centro de tudo; é incômodo aos outros, querendo sujeitá-los: pois cada *eu* é o inimigo e desejaria ser o tirano de todos os outros. Tirais dele a incomodidade, mas não a injustiça; e, assim, não o tornais amável aos que odeiam a sua injustiça: vós o tornais amável apenas aos injustos, que nele não descobrem mais o seu inimigo; e assim continuais injusto e só podeis agradar aos injustos.

456 — Que desregramento

[112] Méré e Miton, recorda Brunschvicg, consideravam um preceito do homem de bem não dizer *eu* mas sim *on (se impessoal). Pascal*, I, *insurgindo-se contra o eu*, acentua, contudo, a inutilidade da solução proposta por Méré e Miton. (N. do E.)

do juízo, esse pelo qual não há quem não se coloque acima do resto do mundo e não ame mais seu próprio bem, e a duração de sua felicidade, e de sua vida, que os do resto do mundo!

457 — Cada indivíduo é tudo para si mesmo, pois, ao morrer, tudo morre para ele. Daí o fato de cada um pensar ser tudo para todos. Cumpre não julgar a natureza por nós, mas por ela.

*458 — "Tudo o que há no mundo é concupiscência da carne, ou concupiscência dos olhos, ou orgulho da vida: *libido sentiendi, libido sciendi, libido dominandi.*" Desgraçada a terra de maldição que esses três rios de fogo abrasam em lugar de regarem! Felizes aqueles que, estando sobre esses rios, não submersos, não arrastados, mas imóveis, mas firmes, não de pé, mas sentados num lugar baixo e seguro, de onde não se levantam antes da luz, mas depois de terem repousado em paz, estendem a mão àquele que deve elevá-los, para mantê-los de pé e firmes nos pórticos da santa Jerusalém, onde o orgulho não mais poderá combatê-los e abatê-los; e que contudo choram, não por verem o escoamento de todas as coisas perecíveis que as torrentes arrastam, mas à lembrança da pátria querida, da Jerusalém celeste, da qual se recordam sempre na longura do exílio!

459 — Os rios de Babilônia correm, e caem, arrastam. Ó Santa Sion, onde tudo é estável, e onde nada cai! É preciso sentar-se sobre os rios, não debaixo ou dentro, mas em cima, e não de pé, mas sentado: para ser humilde, estando sentado, e em segurança, estando em cima. Mas estaremos de pé nos pórticos de Jerusalém.

Que se observe se esse prazer é estável ou passageiro: se passageiro, é um rio de Babilônia.

460 — *Concupiscência da carne, concupiscência dos olhos, do orgulho, etc.* — Há três ordens de coisas: a carne, o espírito, a vontade. Os carnais são os ricos, os reis: têm por objeto o corpo. Os curiosos e ilustrados têm por objeto o espírito. Os sábios têm por objeto a justiça.

Deus deve reinar sobre tudo, e tudo deve relacionar-se com ele. Nas coisas da carne, reina propriamente a concupiscência; nas espirituais, a curiosidade propriamente; na sabedoria, o orgulho propriamente. Não quer dizer que não se possa ter glória de riquezas e de conhecimentos, mas não há que ter orgulho disso; pois, embora reconhecendo que um homem é ilustrado, não deveremos deixar de convencê-lo de que faz mal em ser soberbo. O lugar próprio da soberba é a sabedoria, já que não podemos aceitar que um homem

se encha de sabedoria e que esteja errado considerando-se glorioso; pois isso é justo. Destarte, só Deus dá a sabedoria e por isso: *Qui gloriatur, in Domino glorietur*[113].

461 — Das três concupiscências saíram três seitas e os filósofos não fizeram outra coisa senão seguir uma das três concupiscências.

462 — *Procura do verdadeiro bem* — O comum dos homens põe o bem na fortuna e nos bens exteriores, ou, pelo menos, no divertimento. Os filósofos mostraram a vaidade de tudo isso e puseram-no onde puderam.

*463 — *Contra os filósofos que possuem Deus sem Jesus Cristo.*

Filósofos — Eles acreditam que Deus é o único digno de ser amado e admirado, e desejaram ser amados e admirados pelos homens; e não conhecem sua corrupção. Se se sentem cheios de sentimentos para amá-lo e adorá-lo, e se acham nisso a sua alegria principal, estimem-se bons enquanto é tempo. Mas, se se acham repugnantes, se a sua única tendência é estabelecer-se na estima dos homens, e se, por toda perfeição, conseguem apenas que, sem forçar os homens, os façam achar a felicidade em amá-los direi que essa perfeição é horrível. Como! Conheceram Deus e não desejaram unicamente que os homens o amassem, mas que os homens se detivessem neles! Quiseram somente ser o objeto da felicidade voluntária dos homens!

464 — *Filósofos* — Somos cheios de coisas que nos empurram para fora.

Nosso instinto faz-nos sentir que é preciso procurar nossa felicidade fora de nós. Nossas paixões impelem-nos para fora, ainda que os objetos não se ofereçam para excitá-las: os objetos de fora tentam-nos por si próprios e chamam-nos, embora não pensemos neles. Podem, pois, os filósofos, dizer: "Concentrai-vos em vós mesmos e aí encontrareis vosso bem", que não acreditamos neles e os que acreditam são os mais vazios e tolos.

465 — Dizem os estóicos: "Concentrai-vos em vós mesmos, aí encontrareis o repouso". E isso não é verdade.

Os outros dizem: "Saí; buscai a felicidade divertindo-vos". E isso não é verdade. Chegam as doenças.

A felicidade não está em nós nem fora de nós; está em Deus, e fora e dentro de nós.

466 — Mesmo que Epicteto tenha visto muito bem o caminho, diz aos homens: "Estais seguindo o errado"; mostra que o certo é outro, mas não nos con-

[113] Quem se glorifica, que se glorifique em Deus (São Paulo, *I Coríntios*, 1,31).

duz a ele. É o de querer o que Deus quer; e só Jesus nos conduz a esse: *Via, veritas*[114].

Os vícios do próprio Zenão.

467 — *Razão dos efeitos* — Epicteto. Os que dizem: "Tendes dor de cabeça", não é a mesma coisa. Tem-se certeza da saúde, não da justiça; e, efetivamente, a dele era uma tolice.

Entretanto, acreditava-a demonstrativa, dizendo: "Ou em nosso poder ou não". Mas não percebia que não está em nosso poder regular o coração e errava por tirar esta conclusão do fato de haver cristãos.

*468 — Nenhuma outra religião propôs que nos odiemos a nós mesmos. Nenhuma outra religião pode, pois, agradar aos que se odeiam a si mesmos e que procuram um ser verdadeiramente amável. E esses, se nunca tivessem ouvido falar da religião de um Deus humilhado, abraçá-la-iam incontinenti.

469 — Sinto que posso não ter existido; pois o eu consiste no meu pensamento: portanto, eu, que penso, não teria existido se minha mãe tivesse morrido antes de eu ter sido animado: portanto, não sou um ser necessário. Não sou também eterno, nem infinito; mas vejo bem que há na natureza um ser necessário, eterno e infinito.

[114] [Eu sou] o caminho, a verdade [a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim]. Palavras de Jesus a Tomé (*João*, 14,6).

*470 — "Se eu tivesse visto um milagre", dizem eles, "converter-me-ia". Como afirmam que fariam o que ignoram? Supõem que essa conversão consista numa adoração que se faz de Deus como um comércio e uma conversação tal qual a imaginam. A conversão verdadeira consiste em aniquilar-se diante desse ser universal que tantas vezes tem sido irritado e que pode perder-vos legitimamente a todo momento; em reconhecer que não se pode nada sem ele, e que nada se mereceu dele, senão a perda de sua graça. Consiste em conhecer que há uma oposição invencível entre Deus e nós, e que, sem um mediador, não pode haver comércio.

*471 — É injusto que se liguem a mim, embora o façam com prazer e voluntariamente. Enganaria aqueles em quem fizesse nascer esse desejo, pois não sou o fim de coisa alguma e não tenho com que satisfazê-los. Não estarei prestes a morrer? Conseguintemente, o objeto de seu afeto morrerá. Por isso, assim como seria culpado se fizesse acreditar numa falsidade, embora a ela induzindo suavemente e sendo crido com prazer, e dando-me prazer a mim próprio da mesma forma, sou culpado de me fazer amar. E, se levo alguém a devotar-se a mim, devo advertir os que estiverem dispostos a con-

sentir na mentira que não deverão acreditar, seja qual for a vantagem que me advenha; e, ainda, que não devem apegar-se a mim; pois é necessário que passem a vida e gastem seus desvelos na adoração de Deus, ou na sua procura.

*472 — A vontade própria não se satisfará nunca, mesmo que tenha poder sobre tudo o que deseja, mas ficamos satisfeitos no instante em que renunciamos a ela. Sem ela, não podemos estar descontentes; com ela, não podemos estar contentes.

473 — Imaginemos um corpo todo de membros pensantes[115].

*474 — *Membros. Começar por aí* — Para regular o amor que devemos a nós mesmos, precisamos imaginar um corpo todo de membros pensantes, porque somos membros do todo, e ver como cada membro deveria amar-se, etc.

*475 — Se os pés e as mãos tivessem uma vontade particular, nunca estariam na sua ordem senão submetendo essa vontade a uma vontade primeira que governasse o corpo inteiro. Fora disso, estariam em desordem e desgraçados; mas, querendo somente o bem do corpo, alcançam seu próprio bem.

476 — É preciso amar só a Deus e só odiar a si mesmo.

[115] Comparação tomada por Pascal a São Paulo (*Coríntios*, 12,12). (N. do E.)

Se o pé tivesse sempre ignorado que pertence ao corpo e se houvesse um corpo de que ele dependesse, se só tivesse tido o conhecimento e o amor de si e viesse a conhecer que pertence a um corpo do qual depende, que desgosto, que confusão na sua vida passada, por ter sido inútil ao corpo que lhe insuflou a vida, que o teria aniquilado se o tivesse rejeitado e separado de si, como ele se separava dele! Que súplicas para que nesse corpo fosse conservado! E com que submissão se deixaria governar pela vontade que rege o corpo até consentir em ser amputado se preciso! Ou perderia sua qualidade de membro, pois é necessário que todo membro consinta em perecer pelo corpo, que é o único para o qual tudo existe.

*477 — É falso que sejamos dignos de que os outros nos amem: é injusto que o queiramos. Se nascêssemos razoáveis, indiferentes e conhecendo-nos a nós e aos outros, não daríamos essa inclinação à nossa vontade. Nascemos, no entanto, com ela: nascemos, portanto, injustos, pois tudo tende para si mesmo. Isso é contra toda ordem: é preciso tender para o geral; e a tendência para si é o começo de toda desordem, na polícia, na economia, no corpo particular do homem. A vontade está, pois, depravada.

Se os membros das comuni-

dades naturais e civis tendem para o bem do corpo, as próprias comunidades devem tender para outro corpo, mais geral, de que são membros.

Devemos, pois, tender para o geral. Nascemos, portanto, injustos e depravados.

*478 — Quando queremos pensar em Deus, não haverá algo que nos desvie e nos tente a pensar em outra coisa? Tudo isso é mau e nasceu conosco.

*479 — Se há um Deus, é preciso amar somente a ele e não às criaturas passageiras. O raciocínio dos ímpios, na *Sabedoria*, baseia-se apenas em não haver Deus. "Dito isso, desfrutemos portanto das criaturas." É a pior solução. Porém, se houvesse um Deus a amar, não teriam concluído isso, mas justamente o contrário. E eis a conclusão dos sábios: "Há um Deus; não desfrutemos, pois, das criaturas". Portanto, tudo o que nos incita a nos ligar às criaturas é mau, pois nos impede, ou de servir a Deus, se o conhecemos, ou de procurá-lo, se o ignoramos. Ora, estamos cheios de concupiscência: portanto cheios de mal; logo, devemos odiar-nos a nós mesmos, e a tudo que nos excite a outro liame que não seja Deus somente.

480 — Para fazer que os membros sejam felizes é preciso que tenham uma vontade e que a sujeitem ao corpo.

*481 — Os exemplos das mortes generosas dos lacedemônios e outras não nos comovem; pois, que nos traz isso? Mas o exemplo da morte dos mártires nos comove; pois são "membros" nossos. Temos uma ligação comum com eles: a sua resolução pode formar a nossa, não só pelo exemplo, mas também porque mereceu talvez a nossa. Não há nada disso nos exemplos dos pagãos; não temos ligação com eles, assim como não ficamos ricos por vermos um estrangeiro rico, mas por termos um pai ou um marido que o seja.

*482 — *Moral* — Tendo feito o céu e a terra que não sentem a felicidade de seu ser, quis Deus fazer seres que o conhecessem e que compusessem um corpo de membros pensantes, pois nossos membros não sentem a felicidade de sua união, de sua admirável inteligência, do cuidado que a natureza tem de neles influir os espíritos e fazê-los crescer e durarem. Como seriam felizes se o sentissem, se o vissem! Mas seria preciso, para isso, que tivessem inteligência para conhecê-lo e boa vontade para consentir na vontade da alma universal. Porque se, tendo recebido inteligência, dela se servissem para reter em si mesmos o alimento, sem deixá-lo passar a outros membros, seriam não só injustos mas ainda miseráveis e se odia-

riam em lugar de se amarem; consistindo a sua beatitude, assim como o seu dever, em consentir na conduta da alma inteira a que pertencem e que os ama mais do que eles se amam a si próprios.

*483 — Ser membro é só ter vida, ser e movimento pelo espírito do corpo e para o corpo. O membro separado, não vendo mais o corpo a que pertence, tem apenas um ser perecível e moribundo.

No entanto, acredita ser um todo; e, não vendo mais o corpo do qual depende, crê não depender senão de si e quer tornar-se ele próprio centro e corpo. Mas, não tendo em si princípio de vida, não faz senão extraviar-se e se assombra na incerteza do seu ser, sentindo bem que não é corpo e não vendo, contudo, que seja membro de um corpo. Enfim, quando vem a conhecer-se, é como se tivesse voltado a si, e ama-se apenas para o corpo; lamenta os seus desvios passados.

Ele não poderia por sua natureza amar outra coisa senão por si mesmo e para sujeitá-la a si, pois cada coisa se ama acima de tudo. Mas, amando o corpo, ama-se a si próprio, porque só tem ser nele, por ele e para ele: *qui adhaeret Deo unus spiritus est*[116]

[116] Quem adere a Deus forma um só espírito com ele (São Paulo, 1 *Coríntios*, 6,17).

A mão é amada pelo corpo; se tivesse uma vontade, deveria amar-se da mesma maneira como a alma a ama: todo amor que vai além é injusto.

Adhaerens Deo unus spiritus est. A gente se ama porque é membro de Jesus Cristo. Amamos Jesus Cristo porque é o corpo de que somos membro. Tudo é um. Um está no outro, como as três pessoas.

*484 — Duas leis bastam para regulamentar toda a República Cristã, melhor do que todas as leis políticas.

*485 — A verdadeira e única virtude consiste, pois, em odiar a si mesmo (porquanto somos odiosos pela concupiscência) e em buscar um ser realmente amável para amá-lo. Mas, como não podemos amar o que está fora de nós, cumpre-nos amar um ser que esteja em nós, e que não seja nós, e isso é certo para todos. Ora, somente o ser universal assim é. O reino de Deus está em nós: o bem universal está em nós, somos nós mesmos e não somos nós.

*486 — A dignidade do homem consistia, em sua inocência, em usar e dominar as criaturas, mas, hoje, consiste em separar-se delas e a elas sujeitar-se.

*487 — É falsa toda religião que, em sua fé, não adore um Deus como princípio de todas as coisas e que, em sua moral, não

ame um só Deus como fim de todas as coisas.

488 — . . . Mas é impossível que Deus seja o fim, se não é o princípio. Voltamos a vista para cima, mas apoiamo-nos na areia; e a terra fundir-se-á e cairemos olhando o céu.

*489 — Se há um só princípio de tudo, um só fim de tudo, tudo por ele, tudo para ele. É preciso, pois, que a verdadeira religião nos ensine a adorar só a ele e a amar só a ele. Mas, como somos incapazes de adorar o que não conhecemos e de amar outra coisa além de nós, é necessário que a religião, que nos adverte dos deveres, também nos advirta das incapacidades e que nos ensine os remédios. Ela nos mostra que por um homem tudo se perdeu, rompendo-se a ligação entre Deus e nós, e que por um homem essa ligação se refez.

Nascemos tão hostis a esse amor a Deus, e esse amor é tão imprescindível, que devemos ter nascido culpados, ou Deus seria injusto.

490 — Não tendo os homens se habituado a formar o mérito, mas tão-somente a recompensá-lo onde já o encontram formado, julgam Deus por si mesmos.

*491 — A verdadeira religião deve ter por marca obrigar a amar a seu Deus. Isso é bem justo. No entanto, nenhuma outra o ordenou; a nossa fê-lo. Ela deve ainda ter conhecido a concupiscência e a impotência; a nossa fê-lo. Deve indicar os remédios para tanto, um dos quais é a prece. Nenhuma religião pediu a Deus que o amasse e o seguisse.

*492 — Quem não odeia em si o seu amor-próprio, e esse instinto que o leva a fazer-se Deus, é bem cego. Quem não vê que nada é tão oposto à justiça e à verdade? Porque é falso que mereçamos isso; e é injusto e impossível chegar a isso, uma vez que todos pedem a mesma coisa. É, pois, em uma manifesta injustiça que nascemos, da qual não podemos desfazer-nos e da qual devemos desfazer-nos.

No entanto, nenhuma religião notou que isso fosse um pecado, nem que nele tenhamos nascido, nem que fôssemos obrigados a resistir-lhe; nem pensou em dar-nos os remédios contra ele.

493 — A verdadeira religião ensina nossos deveres, nossas impotências (orgulho e concupiscência); e os remédios (humildade, mortificação).

494 — Fora preciso que a verdadeira religião ensinasse a grandeza, a miséria, impelisse à estima e ao desprezo de si mesmo, ao amor e ao ódio.

*495 — Se é cegueira sobrenatural viver sem procurar o que somos, cegueira terrível é viver mal, crendo em Deus.

496 — A experiência evidencia-nos uma diferença enorme entre a devoção e a bondade.

*497 — *Contra aqueles que, confiando na misericórdia de Deus, permanecem indiferentes, sem praticar boas obras* — Como as duas fontes dos nossos pecados são o orgulho e a preguiça, Deus nos descobriu duas qualidades suas para curá-las: a misericórdia e a justiça. A propriedade da justiça é abater o orgulho, por santas que sejam as obras, *et non intres in judicium*, etc.[117], e a propriedade da misericórdia é combater a preguiça convidando às boas obras, segundo este trecho: "A misericórdia de Deus convida à penitência"; e este outro dos Ninivitas: "Façamos penitência, para ver se porventura ele tem piedade de nós". E, assim, a misericórdia está tão longe de autorizar o afrouxamento que é, ao contrário, a qualidade que o combate formalmente, de sorte que, em vez de dizer: "Se não houvesse em Deus misericórdia, seria preciso fazer toda sorte de esforços para a virtude"; é preciso dizer, pelo contrário, que é por haver em Deus misericórdia que é preciso fazer toda sorte de esforços.

498 — É verdade que é preciso penar para participar da piedade. Mas essa dificuldade não vem da piedade que começa a existir em nós, e sim da impiedade que em nós ainda existe. Se os nossos sentidos não se [*opusessem*] à penitência e se a nossa corrupção não se opusesse à pureza de Deus, não haveria nisso nada de penoso para nós. Só sofremos à proporção que o vício, que nos é natural, resiste à graça sobrenatural. O nosso coração sente-se dilacerado entre esses esforços contrários. Mas seria bem injusto imputar essa violência a Deus, que nos atrai, em lugar de atribuí-la ao mundo, que nos retém. É como uma criança cuja mãe a arranca dos braços dos ladrões e que deve amar, na dor que sofre, a violência amorosa e legítima de quem procura a sua liberdade, e só detestar a violência e a tirania dos que a retêm injustamente. A guerra mais cruel que Deus pode fazer aos homens, nesta vida, é deixá-los sem essa guerra que nos deu. "Eu vim trazer a guerra", disse ele; e, para instruir quanto a essa guerra: "Eu vim trazer o ferro e o fogo". Antes dele o mundo vivia numa falsa paz.

499 — *Obras exteriores* — Nada há tão perigoso como o que agrada a Deus e aos homens; pois os estados que agradam a Deus e aos homens têm uma coisa que agrada a Deus e outra que agrada aos homens. Assim a grandeza de Santa Teresa: o que

[117] E não te submeterás a julgamento [com teu escravo] (*Salmo* 142,2).

agrada a Deus é sua profunda humildade nas revelações; o que agrada aos homens são suas luzes. E por isso matamo-nos a imitar seus discursos pensando imitar seu estado, e não amando o que Deus ama nem nos pondo no estado que Deus ama.

É preferível não jejuar e sofrer a humilhação disso, a jejuar e comprazer-se com isso. Fariseu, publicano.

De que me serviria recordá-lo, se isso pode igualmente me prejudicar ou me servir, e que tudo depende da bênção de Deus, que ele só dá às coisas feitas para ele, e segundo suas regras e pelos seus caminhos, a maneira sendo tão importante quanto a coisa, e talvez mais, posto que Deus pode tirar o bem do mal, e que, sem Deus, tiramos o mal do bem?

500 — A inteligência das palavras bem e mal.

501 — Primeiro grau: ser censurado por praticar o mal e louvado por fazer o bem; segundo grau: não ser censurado nem louvado.

502 — Abraão não tomou nada para si, mas somente para os seus servidores; assim, o justo não toma nada para si do mundo e dos aplausos do mundo, mas somente para as suas paixões, das quais se serve como senhor, dizendo a uma: *Vai*, e [a outra] *Volta*. *Sub te erit appetitus tuus*[118]. As paixões assim dominadas são virtudes; a avareza, a inveja, a cólera, o próprio Deus as atribui a si; e são tanto virtudes como a clemência, a piedade e a constância, que são também paixões. É preciso servirmo-nos delas como de escravos, e, deixando-lhes seu alimento, impedir que a alma delas se nutra; pois, quando as paixões são as senhoras são vícios, e então dão à alma seu alimento, e a alma com elas se nutre e se envenena.

503 — Os filósofos consagram os vícios, pondo-os no próprio Deus; os cristãos consagraram as virtudes.

504 — [. . . Privação do espírito de Deus; e suas ações nos enganam por causa do parêntese ou interrupção nele do espírito de Deus; e ele se arrepende, na sua aflição[119].]

O justo, nas menores coisas, age com fé: quando repreende seus servidores, deseja sua conversão pelo espírito de Deus e roga a Deus que os corrija e espera tanto de Deus quanto de suas repreensões, e pede a Deus que abençoe suas correções. E assim nas outras ações. . .

505 — Tudo nos pode ser

[118] Sob ti estarão teus desejos (*Gênese*, 4,7).

[119] Texto deste parágrafo, nas edições Brunschvieg (Hachette) e Jacques Chevalier (Pléiade): "Falta de caridade, causa da privação do espírito de Deus; e suas ações más por causa do parêntese ou interrupção nele do espírito de Deus; e ele arrepende-se, afligindo-se". (N. do E.)

mortal, mesmo as coisas feitas para nos servirem; como na natureza, as muralhas podem matar-nos e os degraus também, se não procedermos com acerto.

O menor movimento reflete-se em toda a natureza; o mar inteiro muda por uma pedra. Assim, na graça, a menor ação repercute em tudo por suas conseqüências. Logo, tudo é importante.

Em cada ação, cumpre olhar, além da ação, nosso estado presente, passado, futuro e o dos outros a quem ela interessa, e ver a ligação entre todas as coisas. E então estaremos bem contidos.

506 — Não nos impute Deus nossos pecados, isto é, todas as conseqüências e desenvolvimentos de nossos pecados, que são apavorantes, dos menores erros, se encarados sem misericórdia.

507 — Os movimentos da graça, a dureza do coração; as circunstâncias exteriores.

508 — Para fazer de um homem um santo é preciso a graça, e quem duvida não sabe o que é santo e homem.

509 — *Filosofia* — Que absurdo dizer a um homem que não se conhece que vá sozinho a Deus! E que absurdo dizê-lo a quem se conhece!

510 — O homem não é digno de Deus, mas não é incapaz de se tornar digno. É indigno de Deus juntar-se ao homem miserável, mas não é indigno de Deus tirá-lo da miséria.

511 — Se queremos dizer que o homem é pequeno demais para merecer comunicar-se com Deus, é necessário ser muito grande para julgá-lo.

512 — Ela é toda o corpo de Jesus Cristo, em sua linguagem, mas ele não pode dizer que ela é todo o corpo de Jesus Cristo. A união de duas coisas sem mudança não permite dizer que uma se transforma na outra: assim a alma está unida ao corpo, o fogo à lenha, sem mudança. É preciso uma mudança que permita que a forma de uma se torne a forma da outra: tal como a união do Verbo ao homem.

Porque meu corpo sem minha alma não constituiria o corpo de um homem, e minha alma unida a uma matéria qualquer faria meu corpo. Ele não distingue a condição necessária da condição suficiente: a união é necessária, mas não suficiente. O braço esquerdo não é o direito. A impenetrabilidade é uma propriedade dos corpos.

Identidade *de número* em relação ao mesmo tempo exige a identidade da matéria. Assim, se Deus unisse minha alma a um corpo na China, o mesmo corpo, *idem numero*, estaria na China. O mesmo rio que corre aqui é *idem numero* o que corre ao mesmo tempo na China.

513 — Por que Deus estabeleceu a prece:

1.º — para comunicar a suas criaturas a dignidade da causalidade;

2.º — para ensinar-nos de quem recebemos a virtude;

3.º — para fazer-nos merecer as outras virtudes pelo trabalho.

Mas, a fim de conservar para si a preeminência, dá a prece a quem lhe agrada.

Objeção: mas vão pensar que se recebe a prece de si mesmo.

Isso é absurdo; pois, se tendo a fé não temos as virtudes, como teríamos a fé? Não haverá maior distância entre a infidelidade e a fé do que entre a fé e a virtude?

Mérito, a palavra é ambígua.
Meruit habere Redemptorem.
Meruit tam sacra membra tangere.
Digno tam sacra membra tangere.
Non sum dignus.
Qui manducat indignus.
Dignus est accipere.
Dignare me[120].

Deus deve apenas segundo suas promessas. Prometeu outorgar justiça às preces, jamais prometeu a prece senão aos filhos da promessa.

Santo Agostinho disse formalmente que as forças seriam tiradas ao justo. Mas foi por acaso que o disse; pois podia acontecer que a oportunidade de dizê-lo não se oferecesse. Porém seus princípios mostram que, havendo oportunidade, era impossível que o não dissesse ou que dissesse o contrário. Assim, importa mais ser forçado a dizê-lo, dada a oportunidade, do que tê-lo dito, apresentando-se a oportunidade: uma coisa é necessária e a outra casual. Mas ambas são tudo o que se pode pedir.

514 — "Efetuai vossa salvação com temor."

Provas da prece: *Petenti dabitur*[121].

Logo, pedir está em nosso poder. Ao contrário do...[122] Aí não está, porquanto a obtenção que o solicitaria aí não se encontra. Pois, como a salvação aí não está, e a obtenção está, a prece não está.

O justo não deveria, pois, esperar ainda em Deus, porque não

[120] Pascal reúne aqui certo número de textos para comentar a palavra *mérito* e cujo sentido é facilmente apreensível: "Mereceu ter um Redentor" — "Mereceu tocar seus membros tão sagrados" — "Sou digno de tocar seus membros tão sagrados" — "Não sou digno" — "Aquele que come sem ser digno dele (o corpo de Cristo)" — "É digno de recebê-lo" — "Torna-me digno".

[121] Será dada a quem pede. (*São Mateus*, 7, 7.) Na *Vulgata: Petite et dabitur* (Pedi e ser-vos-á dado). (N. do E.)

[122] Na edição Brunschvicg (Hachette) vem: *Ao contrário, portanto, ele não está aí*, etc. Jacques Chevalier prefere: *Acontece o contrário com Deus. Ele não está aí*, etc. O texto francês permite estas interpretações, em português tão dispares, devido à semelhança das palavras *du* (nosso texto), *donc* (Brunschvicg) e *Dieu* (Chevalier). (N. do E.)

deve esperar, mas esforçar-se por obter o que pede.

Concluamos, portanto, que, sendo o homem incapaz agora de usar este poder próximo[123], e não querendo Deus que seja por isso que ele se afaste dele, é apenas por um poder eficaz que ele não se afasta.

Logo, os que se afastam não têm esse poder, sem o qual ninguém se afasta de Deus, e os que não se afastam têm esse poder. Por conseguinte, os que, perseverando por algum tempo na graça, deixam de orar, carecem deste poder eficaz.

Em seguida, Deus abandona o poder neste sentido.

*515 — Os eleitos ignorarão suas virtudes e os réprobos a grandeza de seus crimes: "Senhor, quando te vimos ter fome e sede?"[124]

516 — *Rom.*, 3, 27. Glória excluída: Por que lei? Pelas obras? Não, mas pela fé. Logo, a fé não está no nosso poder como as obras da lei e é-nos dada de outra maneira.

517 — Consolai-vos! Não é de vós que deveis esperá-la. Mas, ao contrário, nada esperando de vós é que deveis esperá-la.

518 — Qualquer condição e mesmo os mártires têm o que temer, pela Escritura. A maior pena do Purgatório é a incerteza do julgamento... *Deus absconditus.*

519 — *João*, 8: *Multi crediderunt in eum. Dicebat ergo Jesus: "Si manseritis...* VERE *mei discipuli eritis, et* VERITAS LIBERABIT VOS". *Responderunt: "Semen Abrahae sumus, et nemini servimus unquam"*[125].

Há muita diferença entre os discípulos e os *verdadeiros* discípulos. Reconhecemo-los dizendo que a verdade os tornará livres; porque, se respondem que são livres e que existe neles a possibilidade de se livrarem da escravidão do diabo, são discípulos mas não verdadeiros discípulos.

520 — A lei não destruiu a natureza, mas a instruiu: a graça não destruiu a lei, mas a pôs em prática. A fé recebida no batismo é a fonte de toda a vida dos cristãos e conversos.

*521 — A graça estará sempre no mundo — e assim também a natureza —, de sorte que ela é, até certo ponto, natural. E assim haverá sempre pelagianos[126], e sempre católicos, e

[123] Interpretação moderna, depois das leituras de Tourneur e Lafuma. Nas edições anteriores lia-se: *...sendo o homem incapaz agora após o primeiro pecado* etc. (N. do E.)

[124] *São Mateus*, 25, 37.

[125] Muitos acreditaram nele. Jesus dizia, portanto: "Se ficais [na minha palavra], sereis meus verdadeiros discípulos e a verdade vos libertará". Eles responderam-lhe: "Somos os filhos de Abraão e nunca fomos escravos de ninguém".

[126] Adeptos de Pelágio, iniciados de uma heresia, no século V, segundo a qual o homem pode fazer o bem por suas próprias forças. (N. do E.)

sempre combate; porque o primeiro nascimento faz uns e a graça do segundo nascimento faz outros.

522 — A lei obrigava ao que não concedia. A graça concede aquilo a que obriga.

523 — Toda a fé consiste em Jesus Cristo e em Adão; e toda a moral na concupiscência e na graça.

*524 — Não há doutrina mais adequada ao homem do que essa que o instrui sobre a sua dupla capacidade de receber e perder a graça, pelo duplo perigo a que está sempre exposto, desespero ou orgulho.

*525 — Os filósofos não prescreviam sentimentos proporcionais aos dois estados.

Inspiravam movimentos de grandeza pura e não é esse o estado do homem.

Inspiravam movimentos de baixeza pura e esse não é o estado do homem.

São necessários movimentos de baixeza, mas não naturais e sim de penitência; não para ficar neles, mas para alcançar a grandeza. São necessários movimentos de grandeza, não de mérito, mas de graça, e após passar pela baixeza.

*526 — A miséria induz ao desespero; o orgulho inspira a presunção.

A encarnação mostra ao homem a grandeza de sua miséria pela grandeza do remédio de que necessita.

*527 — O conhecimento de Deus sem o da própria miséria faz o orgulho. O conhecimento da própria miséria sem o de Deus faz o desespero. O conhecimento de Jesus Cristo encontra-se no meio, porque nele encontramos Deus e nossa miséria.

*528 — Jesus Cristo é um Deus do qual nos aproximamos sem orgulho e diante do qual nos abaixamos sem desespero.

*529 — . . . Não há rebaixamento que nos torne incapazes do bem, nem santidade isenta do mal.

*530 — Uma pessoa me disse, um dia, que sentia grande alegria e confiança ao sair da confissão; outra me disse que ficava com medo. Pensei, então, que das duas pessoas se faria uma boa, faltando em cada uma o sentimento da outra. Acontece o mesmo amiúde noutras coisas.

531 — Quem conhece a vontade de seu senhor será batido com maior número de pancadas, devido ao poder que tem pelo conhecimento. *Qui justus est, justificetur adhuc*[127], por causa do poder que tem pela justiça. De quem mais recebeu mais será exigido, por causa do poder que tem pelo socorro.

532 — A Escritura possui

[127] Quem é justo seja ainda mais justificado (*Apocalipse*, 22,11).

trechos para consolar todas as condições e intimidar todas as condições.

A natureza parece ter feito a mesma coisa pelos seus dois infinitos, naturais e morais: pois sempre teremos o de cima e o de baixo, os mais hábeis e os menos hábeis, os mais elevados e os mais miseráveis, para rebaixar nosso orgulho e soerguer nossa abjeção.

533 — *Comminutum cor* (São Paulo), eis o caráter cristão. *Alba vos nomeou, eu não vos conheço mais* (Corneille), eis o caráter inumano. O caráter humano é o contrário[128].

534 — Há somente duas espécies de homens: os justos que se imaginam pecadores e os pecadores que se imaginam justos.

535 — Muita obrigação devemos aos que nos advertem de nossos defeitos, porque nos mortificam; mostram-nos que fomos desprezados; não impedem que o sejamos no futuro, pois temos muitos outros defeitos para sê-lo. Preparam o exercício da correção e a isenção de um defeito.

*536 — O homem é feito de tal maneira que, à força de lhe dizerem que é tolo, ele acredita; e, à força de dizê-lo a si próprio, é também levado a acreditar. Com efeito, o homem tem sozinho uma conversação interior, que importa regular bem: *Corrumpunt mores bonos colloquia prava*[129]. É preciso ficar em silêncio na medida do possível, e só falar de Deus, que sabemos ser a verdade; assim a gente se persuade a si mesmo.

*537 — O cristianismo é estranho: ordena ao homem que reconheça que é vil e até abominável; e ordena-lhe que queira ser semelhante a Deus. Sem esse contrapeso, tal elevação o tornaria horrivelmente vão, ou esse rebaixamento o tornaria terrivelmente abjeto.

*538 — Com quão pouco orgulho um cristão se julga unido a Deus! Com quão pouca abjeção se iguala aos vermes da terra!

Bela maneira de receber a vida e a morte, os bens e os males!

*539 — Qual é a diferença entre um soldado e um cartuxo quanto à obediência? Pois são igualmente obedientes e dependentes e em exercícios igualmente penosos. Mas o soldado espera sempre tornar-se senhor e nunca se torna, pois até os capitães e os príncipes são sempre escravos e dependentes; contudo, aguarda sempre e trabalha sempre para chegar a isso; ao passo que o cartuxo faz voto de ser sempre dependente. Assim, não diferem

[128] Pascal opõe ao caráter *inumano* do jovem Horácio (que pronuncia esse verso no segundo ato, cena três) o caráter humano de Curiácio. Mas põe acima deste o caráter *cristão (comminutum cor*, "orgulho diminuído", humildade).

[129] As más conversações corrompem os bons costumes (São Paulo, 1 *Coríntios*, 15,33).

na servidão perpétua que ambos sempre possuem, mas na esperança que um tem sempre e o outro nunca.

540 — A esperança que têm os cristãos de possuir um bem infinito mescla-se de gozo efetivo tanto quanto de temor; pois não é como a daqueles que, sendo súditos, esperam um reino do qual, no fim de contas, nada teriam; os cristãos esperam a santidade, a isenção de injustiça, e disso possuem alguma coisa.

*541 — Ninguém é feliz como um verdadeiro cristão, nem razoável, nem virtuoso, nem amável.

542 — Somente a religião cristã torna o homem *amável e feliz* a um tempo. Na honestidade, não se pode ser amável e feliz concomitantemente.

*543 — *Prefácio* — As provas metafísicas de Deus acham-se tão afastadas do raciocínio dos homens e tão embrulhadas que pesam pouco; e, mesmo que isso servisse para alguns, serviria apenas durante o instante em que vissem essa demonstração; mas, uma hora depois, recearíam ter-se enganado.

Quod curiositate cognoverunt superbia amiserunt[130].

É o que produz o conhecimento de Deus obtido sem Jesus Cristo, e que é o de comunicar-se sem mediador com o Deus que se conheceu sem mediador. Ao passo que os que conheceram Deus pelo mediador conhecem a própria miséria.

*544 — O Deus dos cristãos é um Deus que faz a alma sentir que ele é o seu único bem; que todo o seu repouso está nele, que só haverá alegria em amá-lo; e que a faz abominar ao mesmo tempo os obstáculos que a retêm e a impedem de amar Deus com todas as suas forças. O amor-próprio e a concupiscência, que a detêm, lhe são insuportáveis. Esse Deus lhe faz sentir que ela tem esse fundo de amor-próprio que a perde e que só ele pode curar.

*545 — Jesus Cristo não fez outra coisa senão comunicar aos homens que eles amavam a si mesmos, que eram escravos, cegos, doentes, infelizes e pecadores; que era preciso que ele os libertasse, esclarecesse, beatificasse e curasse; que para isso eles deveriam odiar-se a si mesmos e segui-lo na miséria e na morte na cruz.

*546 — Sem Jesus Cristo, o homem tem de permanecer no vício e na miséria; com Jesus Cristo, o homem está isento do vício e da miséria. Nele está toda a nossa virtude e toda a nossa felicidade. Fora dele só há vício, miséria, erros, trevas, morte e desespero.

[130] O que acharam por sua curiosidade, perderam-no por seu orgulho (Santo Agostinho, *Sermão* 141).

547 — *Deus por Jesus Cristo* — Só conhecemos Deus por Jesus Cristo. Sem esse mediador, fica suprimida toda a comunicação com Deus; por Jesus Cristo, conhecemos Deus. Todos os que pretenderam conhecer Deus e prová-lo sem Jesus Cristo só possuíam provas inoperantes. Mas, para provar Jesus Cristo, temos as profecias, que são provas sólidas e palpáveis. E essas profecias se realizaram e se revelaram verdadeiras pelos acontecimentos, assinalando a certeza dessas verdades e, portanto, trazendo a prova da divindade de Jesus Cristo. Nele, e por ele, pois, conhecemos Deus. Fora daí e sem a Escritura, sem o pecado original, sem o mediador necessário, prometido e chegado, não se pode absolutamente provar Deus, nem ensinar a boa doutrina e a boa moral. Mas, por Jesus Cristo e em Jesus Cristo, prova-se Deus e ensina-se a moral e a doutrina. Jesus Cristo é, portanto, o verdadeiro Deus dos homens.

Mas, ao mesmo tempo, conhecemos a nossa miséria, pois esse Deus nada mais é que o reparador de nossa miséria. Assim, não podemos conhecer bem Deus senão conhecendo nossas iniqüidades. Por isso, os que conheceram Deus, sem conhecer sua própria miséria, não o glorificaram, mas se vangloriaram. *Quia . . . non cognovit per sapientiam . . . placuit Deo per stultitiam praedicationis salvos facere*[131].

*548 — Não só conhecemos Deus apenas por Jesus Cristo, mas ainda conhecemo-nos a nós mesmos apenas por Jesus Cristo. Só conhecemos a vida e a morte por Jesus Cristo. Fora de Jesus Cristo não sabemos o que é nossa vida, nem nossa morte, nem Deus, nem nós mesmos.

Assim, sem a Escritura, que tem Jesus Cristo por objeto, nada conhecemos e só vemos obscuridade e confusão na natureza de Deus e na própria natureza.

549 — É não somente impossível, mas também inútil, conhecer Deus sem Jesus Cristo. Eles não se afastaram dele, mas se aproximaram, eles não se rebaixaram, mas . . .

Quo quisquam optimus est, pessimus, si hoc ipsum, quod optimus est, adscribat sibi[132].

550 — [Amo todos os homens como irmãos porque todos foram resgatados.] Amo a pobreza porque ele a amou. Amo os bens porque permitem assistir os miseráveis. Conservo-me fiel a todos; não pago com o mal àqueles que me fazem mal; desejo-lhes

[131] Porque o homem, não o tendo conhecido pela sabedoria, dignou-se Deus salvá-lo pela loucura da prédica (São Paulo, 1 *Coríntios*, 1,21).
[132] Por melhores que sejamos, tornamo-nos piores, se atribuirmos a nós próprios aquilo pelo qual somos bons (São Bernardo, *In Cantica Sermones*, LXXXIV).

uma condição semelhante à minha, na qual não se recebe dos homens nem bem nem mal. Procuro ser justo, verdadeiro, sincero e fiel com todos os homens e tenho ternura para com aqueles a quem Deus me uniu mais intimamente. E, sozinho ou em companhia dos homens, em todos os meus atos atento para Deus, que os há de julgar e a quem são todos consagrados.

Tais são os meus sentimentos e abençôo todos os dias de minha vida o meu redentor que mos deu, e que, de um homem cheio de fraquezas, misérias, concupiscência, orgulho e ambição, fez um homem isento de todos esses males pela força de sua graça, a quem cabe toda a glória, pois em mim próprio só existem miséria e erro.

551 — *Dignior plagis quam osculis non timeo quia amo*[133].

552 — *Sepulcro de Jesus Cristo* — Jesus Cristo estava morto mas visível na cruz. Está morto e escondido no sepulcro. Jesus Cristo não foi enterrado senão por santos. Jesus Cristo não fez nenhum milagre no sepulcro. Só os santos aí entram.

Aí é que Jesus Cristo inicia uma nova vida, não na cruz.

É o último mistério da Paixão e da Redenção.

Na terra, Jesus Cristo só pôde descansar no sepulcro.

Seus inimigos só cessaram de atormentá-lo no sepulcro.

553 — O Mistério de Jesus[134] — Jesus sofre em sua paixão os tormentos que os homens lhe infligem; mas na agonia sofre os tormentos que a ele mesmo se impõe: *turbare semetipsum*. É um suplício de mão não humana, mas onipotente, e é preciso ser onipotente para suportá-lo.

*

Jesus procura algum consolo, ao menos em seus três mais queridos amigos, e estes dormem; pede que suportem um pouco com ele, e estes o abandonam com uma negligência total, e com tão pouca compaixão que não podia sequer impedi-los de dormir um momento. E assim Jesus foi abandonado sozinho à cólera de Deus.

*

[133] Mais digno de pancadas que de beijos, não temo porque amo (São Bernardo, *In Cantica Sermones*, LXXXIV).

[134] Este trecho foi publicado pela primeira vez por Faugère; e desde então costuma-se incluí-lo entre os *Pensamentos*. Mas deve-se ver nele menos um fragmento da *Apologia* do que uma espécie de meditação mística cujo tom lembra por vezes o êxtase do *Memoriat*. "*O Mistério de Jesus*", diz Brunschvicg, "dispensa qualquer comentário. Em nenhum outro lugar, talvez, aparece de maneira mais profundamente comovente o caráter único e incomparável do cristianismo: a concentração em torno de uma pessoa real dos sentimentos mais elevados e mais universais que se encontram no coração do homem, o espírito de renúncia e o espírito de caridade." Foi de *O Mistério de Jesus* que Verlaine tirou os mais belos versos da *Sagesse*.

Jesus está só na terra, não só para sentir e compartilhar a sua pena mas para ter conhecimento dela: o céu e ele são os únicos que têm esse conhecimento.

*

Jesus está em um jardim, não de delícias como o primeiro Adão, onde este se perdeu e com ele todo o gênero humano, mas num jardim de suplícios, de onde se salvou e com ele todo o gênero humano.

*

Sofre essa pena e esse abandono no horror da noite.

*

Creio que Jesus só se lamentou essa vez; mas lamentou-se então como se não pudesse mais conter a sua dor excessiva: "Minha alma está triste até a morte".

*

Jesus procura a companhia e o alívio da parte dos homens. É um caso único em sua vida, parece-me. Mas nada recebe, pois seus discípulos dormem.

*

Jesus estará em agonia até o fim do mundo: é preciso não dormir durante esse tempo.

*

Jesus no meio desse abandono universal e de seus amigos escolhidos para velar com ele, encontrando-os dormindo, zanga-se por causa do perigo ao qual expõem, não a ele, mas a si próprios, e os adverte acerca da própria salvação e do seu bem com uma ternura cordial apesar da ingratidão deles, e os adverte de que o espírito é vivo e a carne é fraca.

*

Jesus, encontrando-os ainda dormindo, sem que a consideração por ele ou por eles próprios os tivesse impedido, tem a bondade de não acordá-los e deixa-os em repouso.

*

Jesus ora na incerteza da vontade do Pai e teme a morte; mas, tendo conhecido essa vontade, adianta-se em oferecer-se-lhe: *Eamus. Processit* (João).

*

Jesus rogou aos homens e não foi atendido.

*

Jesus, enquanto os seus discípulos dormiam, operou a salvação deles. Deu-a aos justos enquanto dormiam: no nada, antes de nascerem, e nos pecados, depois do seu nascimento.

*

Roga uma só vez que o cálice passe, e ainda assim com submissão; e duas vezes que ele venha, se preciso.

*

Jesus no tédio.

*

Jesus, vendo todos os seus amigos adormecidos e todos os seus inimigos vigilantes, entrega-se inteiramente a seu Pai.

*

Jesus não vê em Judas a inimizade, mas a ordem de Deus que ele ama, e tanto não a vê que o chama de amigo.

*

Jesus separa-se dos discípulos para entrar na agonia: devemos separar-nos dos mais próximos e dos mais íntimos para imitá-lo.

*

Jesus estando na agonia e nos maiores sofrimentos, oremos mais longamente.

*

Imploramos a misericórdia de Deus, não com o objetivo de que nos deixe em paz com os nossos vícios, mas para que nos livre deles.

*

Se Deus nos desse mestres de sua escolha, oh!, como precisaríamos obedecer-lhes de boa vontade! A necessidade e os acontecimentos o são infalivelmente.

*

— "Consola-te, não me procurarias se já não me houvesses achado."[135]

*

"Pensava em ti na minha agonia, por ti derramei certas gotas de sangue."

*

"É tentar-me mais do que experimentar-te, pensar se tu farias bem esta ou aquela coisa

[135] V. Giraud na sua edição dos *Pensamentos (Crès,* 1921) assinala aqui duas aproximações com as *Confissões* de Santo Agostinho (Liv. X, capítulos 18 e 20).

ausente: eu a farei em ti se ela ocorrer."

*

"Deixa-te conduzir pelas minhas regras: vê como conduzi bem a Virgem e os Santos que me deixaram agir neles."

*

"O Pai ama tudo o que eu faço."

*

"Queres que minha humanidade sangre sempre, sem que tu vertas lágrimas?"

*

"A tua conversão é coisa minha, não temas, e roga com confiança como por mim."

*

"Eu te sou presente pela minha palavra na Escritura, pelo meu espírito na Igreja e pelas inspirações, pelo meu poder nos sacerdotes, pela minha oração nos fiéis."

*

"Os médicos não te curarão, pois por fim morrerás. Mas sou eu quem cura e torna o corpo imortal."

*

"Sofre as cadeias e a servidão corporais: eu só te livro agora da espiritual."

*

"Sou mais teu amigo do que este ou aquele; pois fiz por ti mais do que eles; e eles não sofreriam o que por ti sofri e não morreriam por ti durante as tuas infidelidades e crueldades, como eu fiz, e como estou pronto a fazer e faço, nos meus eleitos e no Santo Sacramento."

*

"Se conhecesses teus pecados, perderias a coragem.

"— Eu a perderei, então, Senhor, pois creio na malícia dos pecados, conforme vossa afirmação.

"— Não, pois eu, de quem vens a saber isso, posso curar-te, e só por to dizer já mostro que te quero curar. À medida que os expiares, tu os conhecerás e ser-te-á dito: 'Eis os pecados que te são perdoados'.

"Faze, pois, penitência pelos teus pecados ocultos e pela malícia oculta daqueles que conheces."

*

— "Senhor, eu vos dou tudo."

*

— "Eu te amo mais ardentemente do que jamais amaste as tuas imundícies, *ut immundus pro luto.*"[136]

*

"Que a glória me pertença a mim e não a ti, verme e terra."

*

"Interroga teu diretor, quando as minhas próprias palavras te forem ocasião de mal, e de vaidade ou curiosidade."

*

Vejo o meu abismo de orgulho, de curiosidade, de concupiscência. Não há nenhuma ligação entre mim e Deus, nem entre mim e Jesus Cristo justo. Mas ele se fez pecado por mim e todos os vossos flagelos recaíram nele. Ele é mais abominável do que eu, e, longe de desprezar-me, sente-se honrado de que eu vá a ele e o socorra.

Mas ele se curou a si mesmo e com maior razão há de curar-me.

É preciso juntar minhas chagas às dele, e juntar-me a ele, e ele me salvará salvando-se. Mas não devo acrescentar outras no futuro.

Eritis sicut dii scientes bonum et malum[137]. Todo mundo faz o papel de Deus julgando: "Isso é bom ou mau" e afligindo-se ou alegrando-se demais com os acontecimentos.

Fazer as pequenas coisas como as grandes, por causa da majestade de Jesus Cristo que as faz em nós, e que vive a nossa vida; e as grandes como se fossem pequenas e fáceis, por causa de sua onipotência.

A falsa justiça de Pilatos serve apenas para fazer sofrer Jesus Cristo; pois Pilatos manda-o flagelar pela sua falsa justiça e depois mata-o. Melhor fora matá-lo desde logo. Assim os falsos justos: dedicam-se a boas e más obras para agradar a todos e mostrar que não estão inteiramente com Jesus Cristo, porque se envergonham disso. E finalmente, nas grandes tentações e oportunidades, matam-no.

554 — Parece-me que Jesus Cristo só deixa tocar em suas chagas após a ressurreição: *Noli me tangere*[138]. Só devemos unir-nos aos seus sofrimentos. Ele entregou-se à comunhão

[136] Como o homem imundo [ama] a lama (?).

[137] Sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal *(Gênese,* 3,5).

[138] Não me toques *(São João,* 20, 17).

como mortal na Ceia, como ressuscitado aos discípulos de Emaús, como subido ao Céu a toda a Igreja.

555 — "Não te compares aos outros, mas a mim. Se não me encontras naqueles a quem te comparas, tu te comparas a um abominável. Se me encontras neles, tu te comparas a mim. Mas o que hás de comparar? Tu? Ou eu em ti? Se é a ti que comparas, comparas um abominável. Se sou eu, então, comparas-me comigo mesmo. Ora, eu sou Deus em tudo.

"Falo-te e aconselho-te muitas vezes, porque teu diretor não te pode falar: e não quero que te falte diretor.

"E talvez eu faça isso pelas suas orações, e assim ele te dirige sem que o vejas. Não me procurarias se não me possuísses.

"Não te inquietes, pois."

Artigo VIII

Os fundamentos da religião cristã

*556 — . . . Blasfemam contra o que ignoram. A religião cristã consiste em dois pontos: importa igualmente aos homens conhecê-los, e é igualmente perigoso ignorá-los; e é também obra da misericórdia de Deus haver dado sinais de ambos. Entretanto, arranjam um meio de concluir que um desses pontos não existe, aquele que deveria levá-los à conclusão do outro. Os sábios que disseram que existe um só Deus foram perseguidos, os judeus odiados, e os cristãos ainda mais. Viram pela luz natural que, se há sobre a terra uma religião verdadeira, a marcha de todas as coisas deve conduzir a ela como a seu centro: toda a marcha das coisas deve visar ao estabelecimento e à grandeza da religião; os homens devem possuir, em si próprios, sentimentos de conformidade com o que ela nos ensina; e, enfim, a religião deve de tal maneira ser o objeto e o centro para onde todas as coisas tendem, que quem conhecer os seus princípios poderá explicar a razão de toda a natureza do homem, em particular, e de toda a marcha do mundo, em geral.

E, com esse fundamento, encontram ocasião para blasfemar contra a religião cristã, porque a conhecem mal. Imaginam que consiste simplesmente na adoração de um Deus considerado grande, poderoso e eterno: o que é propriamente o deísmo, quase tão afastado da religião cristã quanto o ateísmo, que lhe é totalmente contrário. E daí concluem que essa religião não é verdadeira, porque não vêem que todas as coisas concorrem para o estabelecimento desse ponto, que Deus não se manifesta aos homens com toda a evidência com que poderia fazê-lo.

Mas que concluam o que quiserem contra o deísmo, nada concluirão contra a religião cristã, que consiste propriamente no mistério do redentor, o qual, unindo nele as duas naturezas, a divina e a humana, tirou os homens da corrupção do pecado para reconciliá-los com Deus em sua pessoa divina.

A religião cristã ensina, por-

tanto, aos homens estas duas verdades a um tempo: que há um Deus que os homens são capazes de atingir e que há uma corrupção na natureza que os torna indignos. Importa igualmente aos homens conhecer ambos os pontos; e é igualmente perigoso aos homens conhecer Deus sem conhecer a própria miséria, e conhecer a própria miséria sem conhecer o redentor que pode curá-la. Um só desses conhecimentos causa, ou a soberba dos filósofos que conheceram Deus e não a sua própria miséria, ou o desespero dos ateus, que conhecem a própria miséria sem redentor.

E assim como também é necessário ao homem conhecer esses dois pontos, pertence igualmente à misericórdia de Deus no-los ter feito conhecer. A religião cristã o faz e nisso consiste.

Se examinarmos a ordem do mundo sob esse aspecto, veremos se todas as coisas não tendem ao estabelecimento dos dois princípios dessa religião: Jesus Cristo é o objeto de tudo e o centro para onde tudo converge. Quem o conhece, conhece a razão de todas as coisas.

Os que se extraviam, só o fazem por deixarem de ver uma dessas duas coisas. Podemos, pois, conhecer bem Deus sem a própria miséria e a própria miséria sem Deus; mas não podemos conhecer Jesus Cristo sem conhecer, ao mesmo tempo, Deus e a própria miséria.

E, por isso, não procurarei provar aqui por meio de razões naturais, ou a existência de Deus, ou a Trindade, ou a imortalidade da alma, nem qualquer coisa dessa natureza; não só porque não me sentiria bastante forte para encontrar na natureza com que convencer ateus empedernidos, mas ainda porque esse conhecimento, sem Jesus Cristo, é inútil e estéril. Mesmo se um homem estivesse persuadido de que as proporções dos números são verdades imateriais, eternas e dependentes de uma primeira verdade em que subsistem, e que se chama Deus, eu não o julgaria ainda muito adiantado em sua salvação. O Deus dos cristãos não consiste num Deus simplesmente autor de verdades geométricas e da ordem dos elementos; essa é a porção dos pagãos e dos epicuristas.

Não consiste somente num Deus que exerce a sua providência sobre a vida e os bens dos homens, para dar uma seqüência de anos felizes aos que o adoram: essa é a porção dos judeus. Mas o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó, o Deus dos cristãos, é um Deus de amor e consolação; é um Deus que enche a alma e o coração daqueles que o possuem; é um Deus

que lhes faz sentir interiormente a própria miséria e a sua infinita misericórdia; que se une ao fundo de suas almas; que as enche de humildade, alegria, confiança e amor; que os torna incapazes de outra finalidade exceto ele mesmo.

Todos os que procuram Deus fora de Jesus Cristo, e que se detêm na natureza, ou não encontram luzes que os iluminem, ou acabam por encontrar um meio de conhecer Deus e de servi-lo sem mediador, e por aí caem no ateísmo ou no deísmo, que são duas coisas que a religião cristã abomina quase igualmente. Sem Jesus Cristo o mundo não subsistiria; pois precisaria ser destruído ou ser como um inferno.

Se o mundo subsistisse para instruir os homens sobre Deus, a sua divindade reluziria nele, em todas as partes, de uma maneira incontestável; mas, como só subsiste por Jesus Cristo e para Jesus Cristo, e para instruir os homens tanto sobre a sua corrupção como sobre a sua redenção, tudo brilha nele com as provas dessas duas verdades.

O que nele aparece não assinala uma exclusão total, uma presença manifesta da divindade, mas a presença de um Deus que se esconde.

Tudo revela essa característica.

O único que conhece a natureza só a conhecerá para ser miserável? O único que a conhece será o único infeliz?

Não é preciso que ele não veja absolutamente nada; não é preciso, tampouco, que veja o suficiente para crer que o possui; mas, que veja o bastante para perceber que o perdeu: pois, para saber que se perdeu, é preciso ver e não ver; e é precisamente neste estado que se encontra a natureza.

Qualquer partido que tome não o deixarei sossegado . . .

*557 — É, pois, verdadeiro que tudo instrui o homem sobre a sua condição; mas é preciso entendê-lo bem: pois não é verdade que tudo descubra Deus e não é verdade que tudo oculte Deus. Mas é verdade, ao mesmo tempo, que ele se oculta aos que o tentam e se desdobre aos que o procuram; porque os homens são, ao mesmo tempo, indignos de Deus e capazes de Deus: indignos por sua corrupção, capazes por sua primeira natureza.

558 — Que concluiremos de todas as nossas obscuridades, se não a nossa indignidade?

*559 — Se nunca aparecesse algo proveniente de Deus, essa privação eterna seria equívoca, e tanto poderia decorrer da ausência de toda divindade como da indignidade em que se achariam os homens para conhecê-la; mas o que aparece por vezes, e não

sempre, desfaz o equívoco. Se aparece uma vez, existe sempre, e daí só podemos concluir que há um Deus e que os homens são indignos dele.

*560 — Não conhecemos nem o estado glorioso de Adão, nem a natureza do seu pecado, nem a transmissão que dele se fez em nós. São coisas que se passaram no estado de uma natureza toda diferente da nossa e que vão além da nossa capacidade presente.

Tudo isso nos é inútil saber para sair disso; e tudo o que nos importa conhecer é que somos miseráveis, corruptos, separados de Deus, mas resgatados por Jesus Cristo; e é disso que temos provas admiráveis sobre a terra.

Assim, as duas provas da corrupção e da redenção são extraídas dos ímpios, que vivem na indiferença da religião, e dos judeus, inimigos irreconciliáveis dela.

561 — Há duas maneiras de induzir às verdades da nossa religião: uma pela força da razão, outra pela autoridade de quem fala. Não nos servimos da última, mas da primeira. Não dizemos: "É preciso crer nisso; pois a Escritura que o diz é divina"; mas dizemos: é preciso crer por esta ou aquela razão; fracos argumentos, pois a razão é flexível a tudo.

562 — Não há nada sobre a terra que não mostre ou a miséria do homem, ou a misericórdia de Deus; ou a impotência do homem sem Deus, ou o poder do homem com Deus.

*563 — Será esta uma das confusões dos danados: ver que serão condenados pela sua própria razão com a qual pretenderam condenar a religião cristã.

*564 — As profecias, os próprios milagres e as provas da nossa religião não são de tal natureza que possamos dizer que sejam absolutamente convincentes. Mas são de tal natureza que não podemos dizer que não tenhamos razão de acreditar neles. Assim, há evidência e obscuridade, para esclarecer uns e obscurecer outros. Mas a evidência é tal que ultrapassa ou iguala, pelo menos, a evidência do contrário: de maneira que não é a razão que pode determinar a não segui-la; assim, só podem ser a concupiscência e a malícia do coração. E, por esse meio, há suficiente evidência para condenar, e insuficiente para convencer; a fim de parecer que, naqueles que a seguem, é a graça, e não a razão, que os leva a seguir; e que, naqueles que lhe fogem, é a concupiscência e não a razão que os leva a fugir.

Vere discipuli, vere Israelita, vere liberi, vere cibus[139].

*565 — Reconhecei, pois, a verdade da religião na própria obscuridade da religião, no pouco de luz que dela recebemos, na indiferença que temos de conhecê-la.

*566 — Nada se entenderá da obra de Deus se não tomarmos como princípio que ele desejou cegar uns e iluminar outros[140].

567 — As duas razões contrárias. É preciso começar por aí, sem o que nada se entende e tudo é herético; e, mesmo, ao fim de cada verdade cumpre acrescentar que a gente se lembra da verdade oposta.

568 — *Objeção* — Visivelmente a Escritura está cheia de coisas não ditadas pelo Espírito Santo. — *Resposta.* Não prejudicam a fé. — *Objeção.* Mas a Igreja decidiu que tudo vem do Espírito Santo. — *Resposta.* Respondo duas coisas: [uma] que a Igreja jamais decidiu isso; [outra] que se o houvesse decidido, poderia defender-se.

[Há muitos espíritos falsos. Denis tem a caridade: estava no local.]

Credes que as profecias citadas no Evangelho vos são contadas para que acrediteis? Não, é para afastar-vos da crença.

569 — *Canônicos* — No início da Igreja, os heréticos servem para provar os canônicos.

570 — É preciso pôr no capítulo dos *Fundamentos*[141] o que se acha no dos *Figurativos* em relação às figuras: daí por que Jesus Cristo profetizou em seu primeiro advento; daí por que profetizou obscuramente quanto ao modo.

*571 — *Razão das figuras* — [Tinham de manter um povo carnal e torná-lo depositário do testamento espiritual]; era preciso que, para insuflar fé no Messias, houvesse profecias precedentes, que fossem trazidas por pessoas insuspeitas, de diligência, fidelidade e zelo extraordinários, e conhecidas de toda a terra.

Para ter êxito em tudo isso, Deus escolheu esse povo[142] carnal, a cuja guarda confiou as pro-

[139] Na frase latina, Pascal reúne quatro trechos de São João, cuja tradução é a seguinte: "Sereis meus verdadeiros discípulos... verdadeiros israelitas, realmente livres...". Mas a última parte só se torna inteligível quando completada. Jesus disse: "(minha carne é) realmente um alimento (e meu sangue uma bebida)".

[140] Este pensamento mostra o lugar que devia ocupar o jansenismo na *Apologia.*

[141] Pascal quer dizer, segundo Brunschvicg, que sua interpretação do cristianismo lhe permite passar dos *fundamentos* psicológicos da religião aos seus *fundamentos* históricos.

[142] O texto é obscuro pela constante substituição do sujeito *povo* pelo plural "judeus", subentendido. Manteve-se também a repetição insistente do advérbio *claramente.* Às repetições refere-se de resto Pascal, explicando-as e justificando-as, quando fala do estilo. (N. do T.)

fecias que predizem o Messias como libertador e dispensador dos bens carnais que esse povo amava; e assim teve um ardor extraordinário por seus profetas e trouxe à vista de toda gente esses livros que predizem o Messias, afirmando a todas as nações que ele devia chegar da maneira predita nos seus livros, que eles tinham aberto a toda gente. E assim esse povo, decepcionado pelo advento ignominioso e pobre do Messias, foi o seu mais cruel inimigo. De sorte que eis o povo do mundo menos suspeito de nos favorecer, e o mais exato e mais zeloso que se possa afirmar em relação à sua lei e aos seus profetas, que os mantêm incorruptos. De forma que os que rejeitaram e crucificaram Jesus Cristo, que foi um escândalo para eles, são os que carregam os livros que o testemunham e que dizem que ele será rejeitado e em escândalo. Assim, provaram que era ele, recusando-o; e foi igualmente provado, quer pelos judeus justos que o receberam, quer pelos injustos que o rejeitaram, ambos tendo sido preditos.

É por isso que as profecias têm um sentido oculto, o espiritual, do qual esse povo era inimigo, sob o carnal, do qual era amigo. Se o sentido espiritual tivesse sido descoberto, eles não seriam capazes de amá-lo; e, não podendo carregá-lo, não teriam tido zelo para a conservação dos seus livros e das suas cerimônias. E, se [*tivessem*] amado essas promessas espirituais, e as tivessem conservado incorruptas até o Messias, o seu testemunho não teria tido força, uma vez que teriam sido seus amigos. Eis por que era bom que o sentido espiritual fosse oculto. Mas, por outro lado, se esse sentido espiritual tivesse sido de tal forma oculto que de modo algum aparecesse, não poderia servir de prova ao Messias. Que se fez, portanto? Esse sentido foi oculto sob o temporal na multidão dos trechos, e foi descoberto tão claramente em alguns; além do tempo e do mundo terem sido preditos tão claramente, que é mais claro do que o sol; e esse sentido espiritual é tão claramente explicado em alguns lugares, que era preciso uma cegueira semelhante àquela que a carne lança no espírito quando lhe é submetido, para não reconhecê-lo.

Eis, pois, qual foi a conduta de Deus. Esse sentido espiritual é oculto por um outro numa infinidade de lugares, e descoberto em alguns, raramente, mas de tal sorte, todavia, que os lugares em que é oculto são equívocos e podem convir aos dois; ao passo que os lugares em que é descoberto são unívocos e só podem convir ao sentido espiritual.

De forma que isso não podia

induzir em erro, e somente um povo tão carnal podia enganar-se a respeito.

Com efeito, quando os bens são prometidos em abundância, que os impedia de entender os verdadeiros bens, senão a sua cobiça, que dava esse sentido aos bens da terra? Mas os que só possuíam bens em Deus relacionavam-nos unicamente com Deus. Pois há dois princípios que dividem as vontades dos homens: a cobiça e a caridade. Isso não significa que a cobiça não possa existir com a fé em Deus e que a caridade não exista com os bens da terra. Mas a cobiça serve-se de Deus e goza do mundo, ao passo que a caridade, ao contrário.

Ora, o último fim é o que dá o nome às coisas. Tudo o que nos impede de alcançá-lo é chamado inimigo. Assim, as criaturas, embora boas, são inimigas dos justos quando os desviam de Deus; e o próprio Deus é inimigo daqueles cuja cobiça ele perturba.

Assim, como a palavra inimigo dependia do último fim, os justos entendiam por ela as suas paixões, e os carnais entendiam os babilônios: e assim esses termos só eram obscuros para os injustos. É o que diz Isaías: *Signa legem in electis meis*[143], e que Jesus Cristo será pedra de escândalo. Mas, "Bem-aventurados os que não se escandalizaram com ele". Oséias também o diz perfeitamente: "Onde está o sábio? E ele ouvirá o que digo, os justos o ouvirão, porque as vias de Deus são retas, mas os maus tropeçarão nelas".

572 — Hipótese dos apóstolos impostores. — O tempo claramente, a maneira obscuramente. Cinco provas de Figurativos.

2 000

1 600 Profetas

400 Esparsos

573 — *Cegueira da Escritura* — "A Escritura", observavam os judeus, "diz que se não saberá de onde virá o Cristo *(São João* 7, 27 e 12, 34). A Escritura diz que Cristo ficará eternamente, e este diz que morrerá."

Assim, diz São João, eles não acreditavam, embora ele tivesse feito tantos milagres a fim de que as palavras de Isaías se cumprissem: *Ele cegou-os,* etc.

574 — *Grandeza* — A religião é uma coisa tão grande que é justo que os que não desejavam dar-se ao trabalho de procurá-la, por ser ela obscura, fossem privados dela. De que, pois, nos lastimamos, se ela é de tal forma que podemos encontrá-la, procurando-a?

[143] Põe o selo da lei em meus discípulos *(Isaías,* 8, 16).

*575 — Tudo redunda em bem para os eleitos, até nas obscuridades da Escritura; porque eles as honram, por causa das claridades divinas, e tudo redunda em mal para os outros, até nas claridades; porque eles as blasfemam, por causa das obscuridades que não entendem.

576 — *Conduta geral do mundo para com a Igreja. Deus querendo cegar e iluminar* — Como o sucesso provou a divindade das profecias, devemos crer no resto. E com isso vemos a ordem do mundo assim estabelecida: esquecendo-se os milagres da criação e do dilúvio, Deus envia a lei e os milagres de Moisés, os profetas que profetizaram coisas particulares; e, para preparar um milagre subsistente, ele prepara profecias e sua realização. Mas, como as profecias podem ser suspeitas, ele pretende torná-las insuspeitas, etc.

577 — Deus fez que a cegueira deste povo servisse aos eleitos.

*578 — Há bastante claridade para esclarecer os eleitos e bastante obscuridade para humilhá-los. Há bastante obscuridade para cegar os réprobos e bastante claridade para condená-los e torná-los indesculpáveis. Santo Agostinho [*apud*] Montaigne, *Apologia de Raymond de Sebond.*

A genealogia de Jesus Cristo no Antigo Testamento está misturada com tantas outras inúteis que não pode ser discernida. Se Moisés só tivesse registrado os antepassados de Jesus Cristo, isso seria por demais visível; se não tivesse marcado a de Jesus Cristo, isso não seria bastante visível. Mas, afinal de contas, quem olha de perto vê a de Jesus Cristo bem discernida por Tamar, Rute, etc.

Os que ordenavam esses sacrifícios conheciam-lhe a inutilidade, os que denunciaram a sua inutilidade não deixaram de praticá-los.

Se Deus só houvesse permitido uma religião, ela seria demasiado reconhecível; mas olhe-se de perto e se discernirá facilmente a verdade nessa confusão.

Princípio: Moisés era um homem instruído: por conseguinte, se se governasse por seu espírito, não diria nitidamente nada que fosse diretamente contra o espírito.

Assim, todas as fraquezas muito aparentes são forças. Exemplo: as duas genealogias de São Mateus e de São Lucas. Como pode ser mais claro que isso não foi combinado?

579 — Deus (e os apóstolos), prevendo que as sementes do orgulho fariam nascer heresias, e não querendo dar-lhes a oportunidade de nascerem em termos próprios, pôs na Escritura e nas

orações da Igreja palavras e sentenças contrárias, a fim de produzirem seus frutos com o tempo. Assim também dá na moral a caridade, que produz frutos contra a concupiscência.

580 — A natureza tem perfeições para mostrar que é a imagem de Deus, e defeitos para mostrar que é apenas a imagem.

*581 — Deus quer dispor mais da vontade que do espírito. A clareza perfeita seria útil ao espírito, mas nociva à vontade. Abaixar a soberba.

582 — Faz-se um ídolo da própria verdade: pois a verdade, fora da caridade, não é Deus: é a sua imagem e um ídolo que não se deve amar nem adorar; e ainda menos se deve amar e adorar o seu contrário, que é a mentira.

Eu posso amar a obscuridade total, mas se Deus me obriga a um estado de meia obscuridade, esse pouco de obscuridade me desagrada e, como não vejo nisso mérito de uma inteira obscuridade, isso não me agrada. É um defeito e um sinal de que faço da obscuridade um ídolo, fora da ordem de Deus. Ora, só devemos adorar a sua ordem.

583 — Os fracos conhecem a verdade, mas só a sustentam na medida de seu interesse; fora disso, abandonam-na.

584 — O mundo subsiste para exercer a misericórdia e julgamento: não como se os homens nele estivessem saindo das mãos de Deus, mas como inimigos de Deus, aos quais ele dá por graça bastante luz para voltar, se eles querem procurá-lo e segui-lo, mas também para puni-los, se recusam procurá-lo ou segui-lo.

*585 — *Deus quis esconder-se* — Se só houvesse uma religião, Deus estaria nela bem manifesto. Se só houvesse mártires na nossa religião, também.

Estando Deus oculto, toda religião que não diz que Deus está oculto não é verdadeira; e toda religião que a isso não faz referência não é instrutiva. A nossa faz tudo isso: *Vere tu es Deus absconditus*[144].

*586 — Se não houvesse obscuridade, o homem não sentiria sua corrupção. Se não houvesse luz, o homem não esperaria remédio. É, pois, não somente justo, mas também útil a nós que Deus esteja em parte escondido e em parte descoberto, desde que é igualmente perigoso para o homem conhecer Deus sem conhecer a própria miséria e conhecer essa miséria sem conhecer Deus.

587 — Essa religião tão grande em milagres, em santos, puros e irreprocháveis; em sábios e grandes testemunhas; mártires; reis estabelecidos (Davi); Isaías, princípe de sangue; tão grande

[144] Tu és realmente um Deus escondido (*Isaías*, 14.15).

em ciência; essa religião, após ter exibido os seus milagres e toda a sua sabedoria, reprova tudo e diz que não tem nem sabedoria nem sinais e sim a cruz e a loucura.

Pois aqueles que por esses sinais e essa sabedoria mereceram vossa crença, e vos provaram seu caráter, declaram que nada disso nos pode mudar e tornar capazes de cohecer e amar a Deus e sim tão somente a virtude da loucura da cruz, sem sabedoria nem sinais. E não os sinais sem uma tal virtude. Portanto, nossa religião é louca quanto à causa efetiva e sábia pela sabedoria que a ela prepara.

588 — A nossa religião é sábia e louca; sábia, porque é a mais sábia e a mais fundada em milagres, profecias, etc.; louca, porque não é tudo isso que nos faz o que somos; o que faz é condenar os que não o são, mas não crer nos que o são. O que os faz crer é a cruz, *ne evacuata sit crux*. E, assim, São Paulo, que veio em sabedoria e em sinais, disse que não veio nem em sabedoria nem em sinais, porque vinha para converter. Mas os que só vêm para convencer podem dizer que vêm em sabedoria e em sinais.

588 *bis* — Contradições. Sabedoria infinita e loucura da religião.

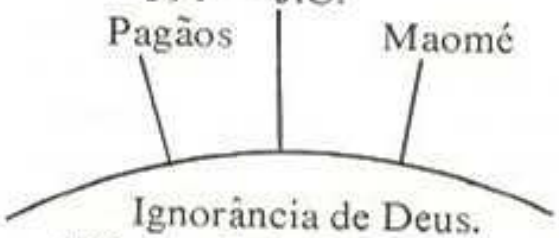
ARTIGO IX

A perpetuidade

589 — *De não ser a religião cristã a única* — Não há nisso, nem de longe, uma razão que faça crer não ser ela a verdadeira; ao contrário, é o que mostra que ela o é.

590 — Com as religiões é preciso ser sincero: verdadeiros judeus, verdadeiros cristãos.

591 — J.C.



592 — *Falsidade das outras religiões* — Eles não têm testemunhas. Estes têm. Deus desafia as demais religiões para que exibam tais marcas: *Isaías*, 43, 9; 44, 8.

*593 — *História da China*[145] — Só acredito em histórias cujas testemunhas se fariam degolar.

[Qual o mais digno de crédito: Moisés ou a China?]

Não se trata de vê-lo *grosso modo*. Digo-vos que há aí com que cegar e iluminar.

Com esta única palavra destruo vossos argumentos. "Mas a China obscurece", dizeis vós; e eu respondo: "A China obscurece, mas há luz por descobrir; buscai-a".

Assim, tudo o que dizeis é a favor de um objetivo e não contra o outro. Serve, portanto, e não perturba.

É preciso, pois, ver isso pormenorizadamente, é preciso pôr as cartas na mesa.

594 — Contra a história da China. Os historiadores do México, dos cinco sóis, sendo que o último há apenas oitocentos anos[146].

[145] Pascal leu certamente a *História da China* publicada em latim por um jesuíta, o Padre Martini, em 1658. O autor assinalava nela — e tentava resolvê-las — as dificuldades criadas pela comparação entre a cronologia chinesa e a Bíblia.

[146] Os mexicanos (Pascal encontrou essa informação em Montaigne, *Ensaios*, III, 6) acreditavam que o mundo tivera cinco épocas iluminadas por cinco sóis sucessivos: o quinto aparecera há oitocentos anos. Como se vê por esse fragmento, Pascal pensava destruir a veracidade dos livros chineses invocando os absurdos das tradições mexicanas.

Diferença entre um livro recebido de um povo e o que forma um povo.

*595 — Maomé, sem autoridade. Fora preciso, portanto, que suas razões fossem fortes, não tendo senão sua própria força.

Que diz, pois? Que é preciso acreditar nele.

596 — Os salmos cantados em toda a terra. Quem nos dá o testemunho de Maomé? Ele próprio. Jesus Cristo quer que seu testemunho não conte.

A qualidade dos testemunhos torna necessário que existam sempre e em toda parte, e, miserável, ele está só.

*597 — *Contra Maomé* — O Alcorão é tão pouco de Maomé quanto o Evangelho de São Mateus, pois é citado como de vários autores através dos séculos; seus próprios inimigos, Celso e Porfírio, nunca desmentiram a paternidade.

O Alcorão diz que São Mateus era homem de bem. Portanto, Maomé era falso profeta, ou chamando maus a homens de bem, ou não acreditando neles pelo que disseram de Jesus Cristo.

*598 — Não é pelo que há de obscuro em Maomé, a que se pode emprestar um sentido misterioso, que eu quero que o julguem, mas pelo que contém de claro, pelo seu paraíso e pelo resto. É nisso que é ridículo. E eis por que não é justo tomar obscuridades por mistérios, visto que suas clarezas são ridículas.

Não se dá o mesmo com a Escritura. Concedo que haja obscuridades tão estranhas quanto as de Maomé, mas há clarezas admiráveis e profecias manifestas e realizadas. A partida não é, pois, igual. É preciso não confundir e igualar às coisas que só se assemelham pela obscuridade, e não pela clareza, a qual merece que se respeitem as obscuridades.

*599 — *Diferença entre Jesus Cristo e Maomé* — Maomé, não profetizado; Jesus Cristo, profetizado.

Maomé, matando; Jesus Cristo, fazendo matar os seus.

Maomé, proibindo ler; os apóstolos ordenando ler.

Finalmente, isso é tão contrário que, se Maomé seguiu o caminho de vencer humanamente, Jesus Cristo tomou o de morrer humanamente; e em lugar de concluir que, se Maomé venceu, Jesus Cristo bem pudera vencer, cumpre dizer que, se Maomé venceu, Jesus Cristo devia morrer.

*600 — Todos podem fazer o que fez Maomé, pois não fez milagres e não foi profetizado; ninguém pode fazer o que fez Jesus Cristo.

*601 — *Fundamento da nossa fé* — A religião pagã está sem fundamento [hoje. Dizem que outrora ela o teve pelos oráculos que falaram. Mas que li-

vros no-lo asseguram? Serão tão dignos de fé pela virtude de seus autores? Terão sido conservados com suficiente cuidado para que tenhamos certeza de que não foram adulterados ?]

A religião maometana tem por fundamento o Alcorão e Maomé. Mas esse profeta, que devia ser a última esperança do mundo, foi predito? E que marca apresenta que não apresente também qualquer homem que queira dizer-se profeta? Que milagre disse ele próprio ter feito? Que mistérios ensinou, segundo a sua própria tradição? Que moral e que felicidade?

A religião judaica deve ser considerada diferentemente na tradição dos Livros Santos e na tradição do povo. A moral e a felicidade dela são ridículas na tradição do povo; ela é, porém, incomparável na dos Livros Santos (e acontece o mesmo com todas as religiões: pois a cristã é muito diferente nos Livros Santos e nos casuístas). O seu fundamento é admirável. É o mais antigo livro do mundo e o mais autêntico; e, ao contrário de Maomé, que, para fazer subsistir o seu, proibiu a sua leitura, Moisés, para fazer subsistir o seu, ordenou a todos que o lessem.

Nossa religião é tão divina que uma outra religião divina não foi para ela senão o fundamento.

602 — *Ordem* — Ver o que há de claro e incontestável no estado dos judeus.

603 — [147].

604 — A única ciência contrária ao senso comum e à natureza dos homens é a única que sempre subsistiu entre os homens.

*605 — A única religião contrária à natureza, ao senso comum e aos nossos prazeres é a única que sempre existiu.

*606 — Nenhuma religião, salvo a nossa, ensinou que o homem nasce em estado pecaminoso, nenhuma seita filosófica o disse; nenhuma, pois, falou a verdade.

Nenhuma seita ou religião, a não ser a religião cristã, existiu sempre na terra.

*607 — Quem julgar a religião dos judeus pelos grosseiros, conhecê-la-á mal. Ela é visível nos Santos Livros e na tradição dos profetas, que declararam bastantes vezes que não entendiam a lei ao pé da letra. Assim, a nossa religião é divina no Evangelho, nos apóstolos e na tradição; mas é ridícula nos que a tratam mal.

O Messias, segundo os judeus carnais, deve ser um grande príncipe temporal. Jesus Cristo, se-

[147] O pensamento 603 figurava na edição in-16 de Brunschvicg. Foi suprimido na edição in-8 porque se verificou que não era um pensamento original de Pascal. Tratava-se de trecho, destacado por Port-Royal, do pensamento 737.

gundo os cristãos carnais, veio dispensar-nos de amar a Deus e dar-nos sacramentos que operam mesmo sem nós. Nem um nem outro é a religião cristã ou a judaica. Os verdadeiros judeus e os verdadeiros cristãos esperaram sempre um Messias que os faria amar a Deus e, por esse amor, triunfar dos seus inimigos.

*608 — Os judeus carnais situam-se entre os cristãos e os pagãos. Os pagãos não conhecem Deus e só amam a terra. Os judeus conhecem o verdadeiro Deus e só amam a terra. Os cristãos conhecem o verdadeiro Deus e não amam a terra. Os judeus e os pagãos amam os mesmos bens. Os judeus e os cristãos conhecem o mesmo Deus.

Os judeus eram de duas espécies: uns possuíam afeições pagãs e outros possuíam afeições cristãs.

*609 — Duas espécies de homens em todas as religiões: entre os pagãos os adoradores de animais, e os outros, adoradores de um só Deus na religião natural; entre os judeus, os carnais, e os espirituais, que eram os cristãos da antiga lei. Entre os cristãos, os grosseiros, que são os judeus da nova lei. Os judeus carnais esperavam um Messias carnal; os cristãos grosseiros acreditam que o Messias os eximiu de amar a Deus; os verdadeiros judeus e os verdadeiros cristãos adoram um Messias, que os fez amar a Deus.

610 — *Para mostrar que os verdadeiros judeus e os verdadeiros cristãos têm a mesma religião* — A religião dos judeus parecia consistir essencialmente na paternidade de Abraão, na circuncisão, nos sacrifícios, nas cerimônias, na arca, no templo, em Jerusalém, e Moisés.

Eu digo:

Que ela não consistia em nenhuma dessas coisas, mas somente no amor a Deus, e que Deus reprovava todas as outras coisas.

Que Deus não aceitava a posteridade de Abraão.

Que os judeus serão punidos, por Deus como os estrangeiros, se o ofenderem: "Se esqueceis Deus e seguis deuses estrangeiros, eu vos predigo que perecereis da mesma maneira que as nações que Deus exterminou antes de vós" *(Deuteronômio,* 8,19).

Que os estrangeiros serão recebidos por Deus, como os judeus, se o amarem. Que o estrangeiro não diga: "O Senhor não me receberá". Os estrangeiros que se ligam a Deus serão para servi-lo e amá-lo, e eu os conduzirei à minha santa montanha e receberei deles sacrifícios, pois minha casa é a casa de oração *(Isaías,* 56,3).

Que os verdadeiros judeus não consideravam o seu mérito senão de Deus e não de Abraão: "Vós

sois verdadeiramente nosso Pai, e Abraão não nos conheceu, e Israel não teve conhecimento de nós, mas vós é que sois nosso Pai e nosso Redentor" *(Isaías,* 63, 16).

O próprio Moisés lhes disse que Deus não aceitaria as pessoas: "Deus", disse ele, "não aceita as pessoas, nem os sacrifícios." *Deuteronômio,* 10, 17. — O sabá era apenas um sinal, *Êxodo,* 31, 13; e para recordar a saída do Egito, *Deuteronômio,* 5, 15; logo, não é mais necessário, posto que cumpre esquecer o Egito. — A circuncisão era apenas um sinal, *Gênese,* 17, 11. Daí por que, estando no deserto, eles não foram circuncisos, pois não podiam confundir-se com outros povos; e, depois da vinda de Jesus Cristo, ela não é mais necessária.

Que a circuncisão do coração é ordenada. *Deuteronômio,* 10, 16; *Jeremias,* 4, 4: "Sede circuncisos de coração, tirai de vosso coração as coisas supérfluas e não vos endureçais; pois vosso Deus é um Deus grande, poderoso e terrível, que não aceita as pessoas".

Que Deus disse que o faria um dia. *Deuteronômio,* 30, 6: "Deus te circuncidará o coração e o dos teus filhos, a fim de que tu o ames de todo o coração".

Que os incircuncisos de coração serão julgados. *Jeremias,* 9, 26. Pois Deus julgará os povos incircuncisos e todo o povo de Israel, porque ele é "incircunciso de coração".

Que o exterior não serve de nada sem o interior. *Joel,* 2, 13: *Scindite corda vestra,* etc.[148]. *Isaías,* 58, 34, etc. O amor a Deus é recomendado em todo o *Deuteronômio. Deuteronômio,* 30, 19: "Eu tomo como testemunho o céu e a terra de que pus diante de vós a morte e a vida, a fim de que escolhêsseis a vida, amásseis a Deus e lhe obedecêsseis, pois Deus é que é a vossa vida".

Que os judeus, sem esse amor, seriam reprovados por seus crimes, e os pagãos eleitos em seu lugar. *Oséias* 1, 10; *Deuteronômio,* 32, 30. "Eu me ocultarei deles em vista dos seus últimos crimes; pois é uma nação má e infiel. Eles provocaram minha cólera pelas coisas que não são dos deuses; e eu os provocarei ao ciúme por um povo que não é o meu povo, e por uma nação sem ciência e sem inteligência." *(Isaías,* 65, 1)

Que os bens temporais são falsos e que o verdadeiro bem é estar unido a Deus. *Salmo* 143, 15.

Que as suas festas desagradavam a Deus. *Amós,* 5, 21.

Que os sacrifícios dos judeus desagradam a Deus. *Isaías,* 66,

[148] Rasgai vossos corações, etc.

1-3; 1, 11; *Jeremias*, 6, 20; Davi, *Miserere*. — Mesmo da parte dos bons, *Expectavi*. *Salmo* 49, 8-9-10-11-12-13-14. Que só os estabeleceu por sua dureza. *Miquéias*, admiravelmente, 6, 6-8; I *Reis*, 15, 22; *Oséias*, 6, 6.

Que os sacrifícios dos pagãos serão recebidos por Deus e que Deus retirará a sua vontade dos sacrifícios dos judeus. *Malaquias*, 1, 11.

Que Deus fará uma nova aliança pelo Messias e que a antiga será rejeitada. *Jeremias*, 31, 31: *Mandata non bona; Ezequiel*, 20, 25.

Que as antigas coisas serão esquecidas. *Isaías*, 43, 18-19; 65, 17-18.

Que ninguém se lembrará mais da arca. *Jeremias*, 3, 15-16.

Que o tempo será rejeitado. *Jeremias*, 7, 12-13-14.

Que os sacrifícios seriam rejeitados e outros sacrifícios puros estabelecidos. *Malaquias*, 1, 11.

Que a ordem da sacrificatura de Aarão seria reprovada e a de Melquisedec introduzida pelo Messias. *Salmo. Dixit Dominus.*

Que essa sacrificatura seria eterna. *Ibid.*

Que Jerusalém seria reprovada e Roma admitida. *Salmo. Dixit Dominus.*

Que o nome judeus seria reprovado e um novo nome dado. *Isaías*, 65, 15.

Que esse último nome seria melhor que o dos judeus e eterno. *Isaías*, 62, 5. Que os judeus deviam ficar sem profetas *(Amós)*, sem rei, sem príncipes, sem sacrifícios, sem ídolos.

Que os judeus subsistiriam sempre, contudo, como povo. *Jeremias*, 31, 36.

611 — *República* — A República cristã e mesmo a judaica só teve Deus por senhor, como observa Filon, o judeu, em *Da Monarquia*.

Quando combatiam era somente por Deus; só esperavam de Deus; só consideravam suas cidades como sendo de Deus e as conservavam para Deus. (1 *Paralipômenos*, 19, 13.)[149]

612 — *Gênese*, 17, *Statuam pactum meum inter me et te foedere sempiterno . . . ut sim Deus tuus . . .*

Et tu ergo custodies pactum meum[150].

*613 — *Perpetuidade* — Essa religião, que consiste em crer que o homem caiu de um estado de glória e comunicação com Deus a um estado de tristeza, penitência e afastamento de Deus, mas que, depois desta vida, seremos restabelecidos por um Messias que deve vir, sempre

[149] Nas traduções modernas da Bíblia os *Paralipômenos* aparecem com o título de I *Livro das Crônicas* e II *Livro das Crônicas*. (N. desta edição.)

[150] Estabelecerei entre mim e ti, por uma aliança eterna, o pacto segundo o qual serei teu Deus.
E conservarás meu pacto.

existiu sobre a terra. Todas as coisas passaram, subsistindo aquela pela qual todas as coisas existem.

Os homens, na primeira idade do mundo, foram arrastados a toda sorte de desordens, embora houvesse santos como Enoc, Lamec e outros, que esperavam pacientemente o Cristo prometido desde o começo do mundo. Noé mediu a malícia dos homens no mais alto grau e mereceu salvar o mundo em sua pessoa pela esperança do Messias, do qual foi a imagem. Abraão estava cercado de idólatras, quando Deus lhe deu a conhecer o mistério do Messias, que ele saudou de longe. No tempo de Isaac e de Jacó, a abominação estava espalhada sobre a terra: mas esses santos viviam na fé; e Jacó, morrendo e abençoando seus filhos, exclama num transporte que o obrigou a interromper seu discurso: "Eu espero, meu Deus, o Salvador que prometestes": *Salutare tuum exspectabo, Domine.* Os egípcios estavam infectados de idolatria e magia; o próprio povo de Deus era influenciado por seus exemplos. No entanto, Moisés e outros acreditavam naquele que não viam e o adoravam, olhando para os dons eternos que ele lhes preparava.

Os gregos e os latinos, em seguida, fizeram reinar as falsas divindades; os poetas criaram cem teologias diversas; os filósofos separaram-se em mil seitas diferentes: no entanto, havia sempre, e no coração da Judéia, homens escolhidos que prediziam a vinda de um Messias só por eles conhecido.

Ele veio, enfim, na consumação dos tempos; e, desde então, nasceram tantos cismas e heresias, tantos desmoronamentos de Estados, tantas mudanças em todas as coisas; e essa Igreja, que adora aquele que sempre foi adorado, subsistiu sem interrupção. E o que é admirável, incomparável e inteiramente divino, é que essa religião que sempre durou foi sempre combatida. Mil vezes esteve na iminência de uma destruição universal; e, todas as vezes que se achou nesse estado, Deus tornou a levantá-la com golpes extraordinários de seu poderio. É assombroso que assim seja e que ela se mantenha sem dobrar-se e curvar-se sob a vontade dos tiranos. Porque não é estranho que um Estado subsista quando obrigam suas leis a ceder ante a necessidade, mas que... (Vide o círculo em Montaigne)[151].

*614 — Os Estados pereceriam se as leis não fossem obrigadas a dobrar-se freqüentemente

[151] O *círculo* em Montaigne: a palavra indica, como no número 626, uma chamada em forma de círculo posta por Pascal em seu exemplar de Montaigne e que, segundo Havet, se refere ao *Ensaio* I, 22. (N.do E.)

às necessidades. A religião, porém, nunca sofreu isso, nunca usou isso. São necessários ou esses acomodamentos ou milagres. Não é de estranhar que eles se conservem, submetendo-se; isso não é propriamente manter-se; e ainda perecem ao fim inteiramente; não há um que tenha durado mil e quinhentos anos. Mas que essa religião se mantenha sempre, e inflexível, isso é divino.

615 — Diga-se o que se quiser. Cumpre confessar que a religião cristã tem algo de espantoso. — "Porque nela nascestes", dirão. — Longe disso: eu me reteso contra isso e por esse motivo mesmo, com receio de que essa prevenção me suborne; mas, embora nela tenha nascido, não deixo de ter essa opinião.

*616 — *Perpetuidade* — Sempre se acreditou no Messias. A tradição de Adão era ainda nova em Noé e em Moisés. Os profetas o predisseram depois, predizendo sempre outras coisas cuja realização, que ocorria periodicamente entre os homens, assinalava a verdade de sua missão e, por conseguinte, a de suas promessas em relação ao Messias. Jesus Cristo fez milagres, assim como os apóstolos que converteram todos os pagãos; e, assim, realizando-se todas as profecias, o Messias está provado para sempre.

*617 — Considere-se que, desde o começo do mundo, a espera ou a adoração do Messias subsiste sem interrupção; que houve homens dizendo que Deus lhes revelara que devia nascer um redentor para salvar seu povo; que Abraão veio em seguida dizer que recebera a revelação de que o Messias nasceria dele por um filho que teria; que Jacó declarou que, dos seus doze filhos, ele nasceria de Judá; que Moisés e os profetas vieram depois declarar o tempo e a maneira de sua vinda; que disseram que a lei que tinham era apenas enquanto esperavam a do Messias; que até então ela seria perpétua, mas que a outra duraria eternamente; que assim, sua lei ou a do Messias, da qual era a promessa, existiram sempre na terra; que, de fato, ela sempre durou; que, enfim, Jesus Cristo veio em todas as circunstâncias preditas. Isso é admirável.

618 — Isto é certo. Enquanto todos os filósofos se dividem em diferentes seitas, ocorre em um canto do mundo haver gente, a mais antiga do mundo, declarando que todos vivem no erro, que Deus lhe revelou a verdade e que ela subsistirá sempre na terra. Com efeito, as outras seitas desaparecem, essa dura sempre e há quatro mil anos.

Declara essa gente que sabe por seus antepassados que o

homem foi despojado da comunicação com Deus, em um inteiro afastamento de Deus, mas que ele prometeu resgatá-los; que essa doutrina sempre existirá na terra; que sua lei tem duplo sentido; que durante mil e seiscentos anos houve indivíduos que se julgaram profetas, que predisseram o tempo e o modo; que quatrocentos anos mais tarde foram dispersos por toda parte, porquanto Jesus Cristo deveria ser anunciado por toda parte; que Jesus Cristo veio no modo e no tempo preditos; que desde então os judeus vivem dispersos por toda parte, em maldição e, contudo, subsistindo.

*619 — Vejo a religião cristã baseada numa religião precedente, e eis o que acho de real.

Não falo aqui dos milagres de Moisés, de Jesus Cristo e dos apóstolos, porque não parecem de início convincentes e não quero pôr aqui em evidência senão todos os fundamentos dessa religião cristã que sejam indubitáveis e não possam ser colocados em dúvida por ninguém. É certo que vemos em numerosos lugares do mundo um povo particular, separado dos outros povos do mundo, que se chama povo judeu.

Vejo, portanto, abundância de religiões em vários lugares do mundo e em todos os tempos. Mas elas não têm a moral que possa agradar-me, nem as provas que possam prender-me. E, assim, teria eu recusado igualmente a religião de Maomé, a da China, a dos antigos romanos, a dos egípcios, pela única razão de que, não tendo uma mais sinais de verdade do que a outra, nem nada que obrigasse necessariamente a uma decisão, a razão não pode pender mais para uma do que para outra.

Mas considerando assim essa inconstante e estranha variedade de costumes e de crenças nos diversos tempos, encontro num canto do mundo um povo particular, separado de todos os outros povos da terra, o mais antigo de todos, e cujas histórias precedem de vários séculos as mais antigas que possuímos. Encontro, pois, esse povo grande e numeroso, saído de um só homem, que adora um só Deus e que se conduz por uma lei que eles dizem ter recebido de sua mão. Sustentam que são os únicos do mundo aos quais Deus revelou os seus mistérios; que todos os homens estão corrompidos e no desfavor de Deus; que estão todos abandonados aos seus sentidos e ao seu próprio espírito e que daí provêm os estranhos desvios e mudanças contínuas que se verificam entre eles, tanto de religiões como de costumes — ao passo que continuam inabaláveis em sua conduta —, mas que Deus não deixará

eternamente os outros povos nessas trevas; que virá um libertador para todos; que estão no mundo para anunciá-lo aos homens; que foram formados de propósito para serem os precursores e arautos desse grande acontecimento e para chamar todos os povos a se lhes unirem na espera desse libertador.

O encontro desse povo me assombra e me parece digno de atenção. Reflito sobre esta lei, que se orgulham de vir de Deus, e a considero admirável. É a primeira de todas as leis e a tal ponto que, antes mesmo que a palavra lei fosse adotada pelos gregos, há quase mil anos eles a tinham recebido e observado sem interrupção. Assim, acho estranho que a primeira lei do mundo seja também a mais perfeita, de modo que os maiores legisladores dela tiraram as suas, como se deduz da lei das Doze Tábuas de Atenas[152], a seguir aceita pelos romanos, e como seria fácil mostrar se Josefo e outros já não tivessem tratado suficientemente da matéria.

*620 — *Vantagens do povo judaico* — Nessa procura, o povo judaico fere desde logo minha atenção pela quantidade de coisas admiráveis e singulares que nele aparecem.

[152] Brunschvicg assinala que não há lei das Doze Tábuas de Atenas e que Pascal deve ter cometido um lapso, baseando-se num texto de Grotius. (N. do E.)

Vejo, primeiro, que é um povo todo composto de irmãos; e, ao contrário de todos os outros, que são formados da reunião de uma infinidade de famílias, aquele, embora tão estranhamente abundante, saiu todo de um só homem; e, sendo assim todos uma mesma carne e membros uns dos outros, compõem um poderoso Estado de uma só família. Isso é único.

Essa família ou esse povo é o mais antigo que existe no conhecimento dos homens: o que me parece dever atrair para ele uma veneração particular, principalmente na pesquisa que fazemos, de vez que, se Deus se comunicou sempre aos homens, a eles é que devemos recorrer para saber qual é a sua tradição.

Esse povo não é somente considerável por sua antiguidade, mas é ainda singular em sua duração, que sempre continuou desde a origem até agora; com efeito, ao contrário dos povos da Grécia e da Itália, da Lacedemônia, de Atenas, de Roma e dos outros que vieram tanto tempo depois e acabaram há tanto tempo, eles subsistem sempre; e, malgrado as empresas de tantos reis poderosos, que cem vezes experimentaram fazê-los perecer, como o testemunham seus historiadores e como é fácil julgar pela ordem natural das coisas, durante um tão longo espaço de

anos, eles sempre foram conservados (conservação que foi predita); e, estendendo-se desde os primeiros tempos aos últimos, a história deles encerra em sua duração a de todas as nossas histórias (que ela precede de muito).

A lei pela qual esse povo se governa é a um tempo a mais antiga do mundo, a mais perfeita, a única que foi conservada sem interrupção, num Estado. É o que Josefo mostra admiravelmente *contra Apion*[153], e Filon, o judeu, em diversos lugares, em que demonstram ser ela tão antiga que o próprio nome da lei só foi conhecido dos mais antigos, mais de mil anos depois. De modo que Homero, que escreveu a história de tantos Estados, nunca se valeu dela. E é fácil julgar de sua perfeição pela simples leitura, pela qual se vê que atendeu a tudo com tanta sabedoria, eqüidade, inteligência, que os mais antigos legisladores gregos e romanos, ao ter conhecimento dela, lhe tomaram de empréstimo os principais dispositivos. O que se percebe pela lei a que chamaram das Doze Tábuas e pelas demais provas que nos dá Josefo.

Mas essa lei é ao mesmo tempo a mais severa e a mais rigorosa de todas, obrigando esse povo, para mantê-lo obediente ao seu dever, a mil observações particulares e penosas, sob pena de perder a vida. De sorte que é uma coisa assombrosa que ela seja sempre conservada durante tantos séculos por um povo rebelde e impaciente como esse, enquanto todos os outros Estados mudaram de tempos a tempos as suas leis, embora fossem, ao contrário, bastante fáceis.

O livro que contém essa lei, a primeira entre todas, é também o mais antigo do mundo, aparecendo os de Homero, Hesíodo e outros somente seiscentos ou setecentos anos depois.

621 — Passada a criação e o dilúvio e não devendo Deus destruir mais o mundo, nem tornar a criá-lo, nem dar quaisquer desses grandes sinais de si, começou a estabelecer um povo sobre a terra, formado propositadamente e que devia durar até o povo que o Messias formaria por seu espírito.

*622 — Começando a criação do mundo a distanciar-se, Deus forneceu um único historiador contemporâneo e cometeu a todo um povo a guarda desse livro, a fim de que essa história fosse a mais autêntica do mundo e que todos os homens pudessem aprender uma coisa tão necessária de saber e que só se pudesse saber por esse meio.

623 — (Jafet inicia a genealogia.)

[153] *Resposta a Apion*, II, 39.

José cruza os braços e prefere o jejum[154].

*624 — Por que torna Moisés a vida dos homens tão longa e tão poucas as gerações? Com efeito, não é a extensão dos anos, mas a multidão das gerações que torna as coisas obscuras.

A verdade não se altera senão pela mudança dos homens. No entanto, ele põe as duas coisas mais memoráveis que já se imaginaram, a saber, a criação e o dilúvio, tão próximas que se podem tocar.

*625 — Sem, que viu Lamec, que viu Adão, viu também Jacó, que viu os que viram Moisés. Portanto, o dilúvio e a criação são verdadeiros. Isso é concludente para pessoas que o entendam bem.

*626 — *Outro círculo* — A extensão da vida dos patriarcas, em lugar de fazer que as histórias passadas se perdessem, servia, ao contrário, para conservá-las. Com efeito, o que nos impede que sejamos, às vezes, bastante instruídos na história dos nossos antepassados, é que nunca vivemos com eles, pois muitas vezes morreram antes de termos atingido a idade da razão. Mas, quando os homens viviam tanto tempo, as crianças viviam muito tempo com seus pais. Ora, com que as teriam eles entretido, senão com a história de seus antepassados, pois toda ela se reduzia a esta e eles não tinham estudos, nem ciências, nem artes que ocupam grande parte dos discursos da vida? Vê-se, igualmente, que naquela época os povos dispensavam particular cuidado à conservação de suas genealogias.

627 — Creio que Josué é o primeiro a ostentar esse nome do povo de Deus, como Jesus Cristo tem o último do povo de Deus.

*628 — *Antiguidade dos judeus* — Que diferença entre um livro e o outro! Não me admira que os gregos tenham feito a *Ilíada*, nem os egípcios e os chineses as suas histórias. Basta ver como isso nasceu. Esses historiadores fabulosos não são contemporâneos das coisas a cujo respeito escrevem. Homero faz um romance que ele dá como tal e assim é aceito, pois ninguém duvidava de que a existência de Tróia e Agamenon fosse como o pomo de ouro. Nem ele pensou em fazer uma história, mas apenas um divertimento. O seu livro é o único do seu tempo; a beleza da obra faz durar a coisa: todos a conhecem e falam dela: é preciso conhecê-la; todos a sabem de cor. Quatrocentos anos depois, os testemunhos das coisas não estão mais vivos, ninguém sabe mais, por seu conhecimento, se é uma

[154] Para compreender o n.º 623 é preciso ler o n.º 711, segundo parágrafo, e no 623 corrigir (conforme a segunda cópia) José para Jacó.

fábula ou uma história: visto que foi aprendida dos antepassados, pode passar por verdadeira.

Toda história que não é contemporânea é suspeita. Assim os livros Sibilinos e de Trismegisto[155], e outros tantos em que o mundo acredita, são falsos e se revelam falsos com o tempo. Não ocorre o mesmo com os autores contemporâneos. Há muita diferença entre um livro que faz um particular e é oferecido ao povo, e um livro que faz ele próprio um povo. Não há como duvidar seja este livro tão antigo quanto o povo!

629 — Josefo[156] esconde a vergonha de sua nação.

Moisés não esconde a sua própria vergonha, nem . . .

Quis mihi det ut omnes prophetent[157].

Estava cansado do povo.

*630 — *A sinceridade dos judeus* — Depois que não tiveram mais profetas, Macabeus; depois de Jesus Cristo, Massor[158].

"Este livro vos servirá de testemunho."

As letras defeituosas e finais.

Sinceros contra sua honra e por isso morrendo. Isso não tem exemplo no mundo, nem raiz na natureza.

*631 — *Sinceridade dos judeus* — Eles carregam com amor e fidelidade o livro em que Moisés declara que sempre foram ingratos para com Deus e que sabe que o serão ainda mais depois de sua morte; mas que invoca o céu e a terra como testemunho contra eles, e que ele lhes ensinou bastante; que, enfim, Deus, irritando-se contra eles, os dispersará entre todos os povos da terra; que, como o irritaram adorando deuses que não eram o seu Deus, assim também ele os provocará, chamando um povo que não era o seu povo; e que todas as suas palavras serão conservadas eternamente e que seu livro será colocado na Arca

[155] Os Livros Sibilinos, coleções de oráculos, foram queimados no incêndio do ano 670 a.C. em Roma. Reconstituídos por ordem de Augusto, foram novamente queimados por ordem de Teodósio em 389 d.C. Na Idade Média invocava-se a autoridade de Sibila com a de Davi *(teste David cum Sibylla)*. Trismegisto, três vezes grande, é o nome que os gregos davam a Hermes ou Mercúrio. Atribuíam-lhe quarenta e dois livros sagrados, sendo que catorze capítulos deles, escritos em grego, nos foram legados. Esses capítulos, que julgavam fossem muito antigos e cujos testemunhos os primeiros apologistas cristãos citavam, eram na realidade do primeiro século de nossa era. O Renascimento acreditava também na autenticidade dos *livros herméticos*.

[156] O historiador Flávio Josefo, a quem se deve a *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*, em sete livros, e as *Antiguidades Judaicas*, em vinte. Nasceu em Jerusalém em 37 a.C. e morreu em fins do primeiro século.

[157] Quem daria a todo o povo o poder de profetizar. (*Números*, 11, 29.)

[158] Designava-se pelo nome de Massor ou Massora "uma coletânea de comentários feitos pelos doutores judeus, acerca dos versículos, das palavras, das letras, das vogais, dos pontos e dos acentos do texto hebreu do Antigo Testamento, a fim de fixar esse texto e preservá-lo de toda alteração voluntária ou acidental" (Brunschvicg).

da Aliança para servir definitivamente de testemunha contra eles.

Isaías diz o mesmo (30, 8).

632 — *Sobre Esdras*[159] — Fábula: os livros foram queimados com o templo. Falso para os Macabeus: "Jeremias insufloulhes a fé".

Fábula: que recitou toda de cor. Josefo e Esdras sublinham que ele leu o livro. Barônio, *Anais*, p. 180: *Nullus penitus Hebraeorum reperitur qui tradiderit libros perisse et per Esdram esse restitutos, nisi in IV Esdrae.*

Fábula: que ele mudou a letra.

Filo, *in Vita Moysis: Illa lingua ac character quo antiquitus scripta est lex sic permansit usque ad LXX.*

Josefo diz que a lei estava em hebraico quando foi traduzida pelos Setenta.

No tempo de Antíoco e Vespasiano, quando se pretendeu abolir os livros e quando não havia profeta, não o puderam fazer e, nos dos babilônios, quando não houve perseguição e houve muitos profetas, teriam deixado queimá-los?

Josefo zomba dos gregos que não sofreriam...

Tertuliano: *Perinde potuit abolefactam eam violentia cataclysmi in spiritu rursus reformare, quemadmodum et Hierosolymis Babylonia expugnatione deletis, omne instrumentum judaicae litteraturae per Esdram constat restauratum.*

Ele diz que assim como Noé pôde restabelecer em espírito o livro de Enoc, perdido no dilúvio, Esdras pôde restabelecer as Escrituras perdidas durante o Cativeiro.

(Θεὸς) ἐν τῇ ἐπὶ Ναβουκοδόνοσορ αἰχμαλωσίᾳ τοῦ λαοῦ, διαφθαρεισῶν τῶν γραφῶν... ἐνέπνευσε Ἔσδρᾳ τῷ ἱερεῖ ἐκ τῆς φυλῆς Λευὶ τοὺς τῶν προγεγονότων προφητῶν πάντας ἀνατάξασθαι λόγους, καὶ ἀποκαταστῆσαι τῷ λαῷ τὴν διὰ Μωυσέως νομοθεσίαν[160].

Alega-o para provar não ser incrível que os Setenta tenham explicado a Sagrada Escritura com essa uniformidade que neles se admira. E tirou isso de Santo Irineu.

Santo Hilário, no prefácio dos Salmos, diz que Esdras os ordenou.

[159] Esdras, morto em 587 a.C., teria deixado quatro livros, dos quais somente os dois primeiros são reconhecidos como canônicos pela Igreja; as traduções modernas da Bíblia trazem o primeiro com o nome de *Esdras* e o segundo de *Neemias*. A *fábula* aludida por Pascal é a narrativa feita por Esdras no seu suposto livro IV: a Sagrada Escritura teria sido queimada durante um dos cativeiros do povo judeu e Esdras a teria reconstituído mediante ditado do próprio Deus. Barônio escreve: "Não se sabe de nenhum hebreu antigo que haja contado que os Livros (Santos) desapareceram e foram reconstituídos por Esdras. Este é o único que o diz, no seu livro IV". (N. do E.)

[160] No cativeiro do povo, no tempo de Nabucodonosor, por estarem perdidas as Escrituras, Deus inspirou Esdras, sacerdote da tribo de Levi, no sentido de recontar todas as palavras dos profetas anteriores e de restabelecer para o povo a legislação dada por Moisés. (Trad. desta edição.)

A origem dessa tradição vem do capítulo 14 do quarto Livro de Esdras: *Deus glorificatus est, et Scripturae vere divinae creditae sunt, omnibus eamdem et eisdem verbis et eisdem nominibus recitantibus ab initio usque ad finem, uti et praesentes gentes cognoscerent quoniam per inspirationem Dei interpretatae sunt Scripturae, et non esset mirabile Deum hoc in eis operatum: quando in ea captivitate populi quae facta est a Nabuchodonosor, corruptis Scripturis et post septuaginta annos Judaeis descendentibus in regionem suam, et post deinde temporibus Artaxercis Persarum regis, inspiravit Esdrae sacerdoti tribus Levi praeteritorum prophetarum omnes rememorare sermones, et restituere populo eam legem quae data est per Moysen*[161].

633 — *Contra a fábula de Esdras. 2 Mac* 2; Josefo, *Ant.*, II, I. Ciro valeu-se da profecia de Isaías para libertar o povo. Os judeus tinham propriedades tranqüilas no reinado de Ciro em Babilônia, logo podiam ter a lei.

Josefo, em toda a história de Esdras, não diz palavra desse restabelecimento. IV *Reis* 17, 27[162].

634 — Se se deve acreditar na fábula de Esdras, deve-se crer que a Escritura é a Sagrada Escritura, pois essa fábula só é baseada na autoridade dos que falam da dos Setenta, que mostra que a Escritura é sagrada.

Logo, se esse conto é verdadeiro, basta-nos; se não o é, temos outro. E, assim, os que gostariam de arruinar a verdade de nossa religião, fundada em Moisés, estabelecem-na pela mesma autoridade com que a atacam. Assim como essa providência, ela continua subsistindo.

635 — *Cronologia do rabinismo* — As citações das páginas são do livro *Pugio*. P. 27, Rabi Hacadoch (ano 200), autor da *Michná* ou lei oral, ou segunda lei[163].

Comentários à *Michná* (ano 340): um *Sifra:*

Barajetot.

Talmude e Jerusalém.

Tosiptot.

Berechit Rabá, por Rabi Osaia Rabá, comentário de *Michná.*

Berechit Rabá, Bar Nachmoni, são discursos sutis, agradáveis, históricos e teológicos. Esse mesmo autor fez os livros intitulados *Rabot.*

Cem anos depois (440) do *Talmude Jerusalém*, foi feito o *Tal-*

[161] Este texto latino é o desenvolvimento do texto grego acima citado. O sentido percebe-se pelo fragmento de Pascal. (N. do E.)

[162] Modernamente, os dois primeiros livros dos *Reis* vêm sob a denominação de I *Samuel* e II *Samuel*, e os dois últimos 9(3 e 4)como I *Reis* e II *Reis*. (N. desta edição.)

[163] O *Talmude* (ensino) é um conjunto de comentários sobre a Bíblia, cuja redação definitiva é do século V d.C. Divide-se em duas partes: *Michná* (segunda lei) e *Guemara* (definição). (N. do E.)

mude Babilônico, por Rabi Ase, por consenso universal de todos os judeus, os quais são necessariamente obrigados a observar tudo o que nele se contém.

O acréscimo de Rabi Ase intitula-se *Guemara,* isto é, "comentário" à *Michná.*

E o *Talmude* compreende a *Michná* e a *Guemara.*

636 — Se não significa indiferença: Malaquias, Isaías.

Isaías, *Si volumus,* etc.

In quacumque die.

*637 — *Profecias* — O cetro não foi interrompido pelo cativeiro na Babilônia, porque a volta estava prometida e predita.

*638 — *Provas de Jesus Cristo* — Não é ser escravo tê-lo sido na certeza de uma libertação dentro de setenta anos. Mas agora o são sem nenhuma esperança.

Deus prometeu ainda que os dispersaria pelos quatro cantos do mundo, mas que, se se mantivessem obedientes à lei, ele os reuniria de novo. Eles são obedientes e continuam oprimidos.

*639 — Quando Nabucodonosor levou o povo com receio de que acreditassem que o cetro foi tirado de Judá, foi-lhe dito antes que duraria pouco tempo e seria restabelecido. O povo foi sempre consolado pelos profetas e seus reis continuaram. Mas a segunda destruição é sem promessa de restabelecimento, sem profetas, sem reis, sem consolo, sem esperança, porque o cetro foi tirado para sempre.

*640 — É espantoso e digno de atenção ver esse povo judeu subsistir após tantos anos, e sempre miserável; sendo necessário, para a prova de Jesus Cristo, que subsista para prová-lo e que seja miserável, posto que o crucificou; e, embora seja contrário subsistir e ser miserável, subsiste, entretanto, apesar da miséria.

*641 — É visivelmente um povo feito de propósito para servir de testemunho ao Messias (*Isaías,* 43, 9; 44, 8). Carrega os livros, e ama-os, e não os entende. E tudo isso foi predito: porque se disse que os julgamentos de Deus lhe foram confiados, mas como um livro selado.

ARTIGO X

Os figurativos

*642 — *Prova dos dois Testamentos ao mesmo tempo* — Para provar de uma vez os dois Testamentos, basta ver se as predições de um se realizam no outro. Para examinar as profecias, é preciso entendê-las; de fato, se se crê que elas têm somente um sentido, é certo que o Messias não virá, mas, se têm dois sentidos, é certo que virá em Jesus Cristo. Toda a questão consiste, pois, em saber se têm dois sentidos.

De que a Escritura tem dois sentidos, dados por Jesus Cristo e os apóstolos, eis as provas:

1.ª — prova pela própria Escritura;

2.ª — prova pelos rabinos: Moisés ben Maimon disse que ela tem duas faces e que os profetas só profetizaram Jesus Cristo;

3.ª — prova pela *Cabala*[164];

4.ª — prova pela interpretação mística que os próprios rabinos deram à Escritura;

5.ª — prova pelos princípios dos rabinos: que há dois sentidos, que há dois eventos, glorioso ou abjeto, do Messias, segundo o seu mérito, que os profetas só profetizaram o Messias — a lei não é eterna, deve mudar com o Messias —, que, então, não se lembrará mais o mar Vermelho; que judeus e gentios serão misturados;

6.ª — [Prova pela chave que Jesus Cristo e os apostolos nos dão.]

*643 — *Isaías*, 51. O mar Vermelho, imagem da Redenção. *Ut sciatis quod filius hominis habet potestatem remittendi peccata, tibi dico: Surge*[165]. Deus, querendo fazer parecer que podia formar um povo santo de uma santidade invisível, e enchê-lo de uma glória eterna, fez coisas visíveis; como a natureza é uma imagem da graça, fez nos bens da natureza o que devia fazer nos da graça, a fim de que se julgasse que ele podia fazer o invisível, uma vez que fazia bem o visível.

[164] Cabala, do hebreu Kabala (tradição), doutrina secreta que certos doutores judeus pretendiam ter recebido do próprio Moisés, e que foi redigida e fixada no século II d.C.

[165] A fim de que saibais que o Filho do homem tem o poder de absolver os pecados, eu te digo: ergue-te (*São Marcos*, 2, 10).

Salvou, pois, esse povo do dilúvio; fê-lo nascer de Abraão, libertou-o dos seus inimigos e deu-lhe repouso.

O objetivo de Deus não era salvar do dilúvio e fazer nascer de Abraão todo um povo, para não o introduzir senão numa terra fértil.

E mesmo a graça é apenas a figura da glória, pois não é o fim último. Ela foi figurada pela lei e figura ela própria a glória; mas é a figura, o princípio ou a causa.

A vida comum dos homens é semelhante à dos santos. Todos buscam sua satisfação e só divergem quanto ao objeto em que a colocam; aos que os impedem de alcançá-la chamam seus inimigos, etc. Deus mostrou, pois, o poder que tem de outorgar bens invisíveis pelo que mostrara ter sobre os visíveis.

*644 — *Figuras* — Deus, querendo criar um povo santo, que separaria de todas as outras nações, que libertaria de seus inimigos, que situaria em lugar de repouso, prometeu fazê-lo, e predisse pelos profetas o tempo e a maneira de sua ocorrência. Entrementes, para fortalecer a esperança de seus eleitos, mostrou-lhes a imagem disso em todos os tempos, sem os deixar jamais sem provas de sua potência e de sua vontade quanto à salvação deles. Porque, na criação do homem, Adão era a testemunha e o depositário da promessa do Salvador que deveria nascer da mulher quando os homens ainda se encontravam tão perto da criação que não podiam tê-la esquecido, nem a queda. Quando os que tinham visto Adão não foram mais deste mundo, Deus enviou-lhes Noé, e salvou-o, e afogou toda a terra, mediante um milagre que testemunhava suficientemente seu poder de salvar o mundo e a vontade que tinha de fazê-lo, e de fazer que nascesse da semente da mulher aquele que ele prometera. Esse milagre bastava para fortalecer a esperança dos homens .

Como a lembrança do dilúvio estava ainda fresca na memória dos homens quando Noé era vivo, Deus fez suas promessas a Abraão e, ainda na época de Sem, Deus mandou Moisés, etc.[166]

*645 — *Figuras* — Deus, querendo privar os seus dos bens perecíveis para mostrar que isso não era por impotência, fez o povo judeu.

*646 — A sinagoga não perecia, porque era a figura (da igreja); mas, porque era apenas a figura, caiu na servidão. A figura subsistiu até a verdade, a fim de que a Igreja fosse sempre visível, ou na pintura que a prometia, ou no efeito.

[166] A passagem do singular (povo) para o plural (subentendidos judeus) é do autor, o que de resto se verifica mais de uma vez em vários trechos. (N. do T.)

647 — Que a lei era figurativa.

648 — Dois erros: 1.º tudo tomar ao pé da letra; 2.º tudo tomar espiritualmente.

649 — Falar contra os figurativos grandes demais.

*650 — Há figuras claras e demonstrativos; mas há outras que parecem um pouco menos naturais e que só provam aos que já estão persuadidos. Assemelham-se estas às apocalípticas. Mas a diferença que há é que não as têm como indubitáveis, de tal modo que não há nada tão injusto como quando pretendem que as suas sejam tão bem fundadas como algumas das nossas; com efeito, não as possuem demonstrativas como algumas das nossas. A partida não é, pois, igual. É preciso não igualar e não confundir essas coisas, porque parecem ser semelhantes por uma extremidade, sendo tão diferentes pela outra; são as clarezas que merecem, quando são divinas, que se acatem as obscuridades.

(É como aqueles entre os quais há certa linguagem obscura: os que não a entendessem só veriam nisso um sentido tolo.)

651 — *Extravagância dos apocalípticos pré-adamitas, milenários, etc.*[167]

Quem quiser basear opiniões extravagantes na Escritura poderá fazê-lo, por exemplo, nisto: está dito que "esta geração não passará antes que tudo ocorra". A isso responderei que após esta geração outra virá e assim sucessivamente.

Fala-se nos 2 *Paralipômenos*[168] de Salomão e de rei como se fossem duas pessoas diferentes. Direi que eram duas.

652 — *Figuras particulares* — Dupla lei, duplas tábuas da lei, duplo templo, duplo cativeiro.

653 — *Figuras* — Os profetas profetizavam com figuras de cinta, barba e cabelos queimados, etc.

654 — Diferença entre o jantar e a ceia.

Em Deus a palavra não difere da intenção, porque ele é verdadeiro; nem a palavra do efeito, porque é poderoso; nem os meios do efeito, porque é sábio. Bern., *ult. sermo in Missus*[169].

Agostinho, *De Civ. Dei*, 5, 10. Essa regra é geral: Deus pode tudo, com exceção das coisas que, se pudesse, não seria todopoderoso, como morrer, ser enganado e mentir, etc.

Muitos evangelistas para a confirmação da verdade: sua dessemelhança útil.

[167] Os apocalípticos são os que baseiam suas predições no Apocalipse; os pré-adamitas, os que pretendem tenha havido homens antes de Adão; os milenários, os que se baseiam em um trecho do Gênese para dizer que o fim do mundo acontecerá mil anos depois do nascimento de Jesus Cristo.

[168] Ou *2 Crônicas*. (N. desta edição.)

[169] O texto correto é *Missus* e não *Missam*, pois não se trata de um sermão de São Bernardo sobre a missa e sim de um trecho de São Lucas em que o termo *Missus* (enviado) se aplica ao anjo Gabriel (*São Lucas*, 1,26).

Eucaristia depois da Ceia: verdade depois da figura.

Ruína de Jerusalém: figura da ruína do mundo, quarenta anos depois da morte de Jesus Cristo. "Não sei" como homem, ou como legado. *São Marcos,* 13, 32.

Jesus condenado pelos judeus e gentios.

Os judeus e os gentios figurados pelos filhos. Agost., *De Civ. Dei,* 20, 29.

655 — As seis idades, os seis pais das seis idades, as seis maravilhas à entrada das seis idades, os seis orientes, à entrada das seis idades.

656 — Adão *forma futuri*[170]. Os seis dias para formar um, as seis idades para formar a outra; os seis dias que Moisés apresenta para a formação de Adão são apenas as seis idades para formar Jesus Cristo e a Igreja. Se Adão não tivesse pecado e Jesus Cristo não tivesse vindo, só teria havido uma aliança, uma só idade dos homens, e a criação teria sido representada como feita em um só momento.

657 — *Figuras* — Os povos judeu e egípcio visivelmente preditos por estes dois casos que Moisés encontrou: o egípcio batendo o judeu, Moisés vingando este e matando o egípcio, e o judeu sendo ingrato.

[170] Figura daquele que deve vir (São Paulo, *Romanos*, 5, 14)

658 — As figuras do Evangelho são corpos doentes para o estado da alma doente; mas, não podendo um corpo ser bastante doente para bem exprimi-lo, foram necessários muitos. Assim é que há o surdo, o mudo, o cego, o paralítico, Lázaro morto, o possesso. Tudo isso junto se encontra na alma doente.

*659 — *Figuras* — Para mostrar que o Velho Testamento é apenas figurativo e que pelos bens temporais os profetas entendiam outros bens, note-se:

Em primeiro lugar, que isso seria indigno de Deus.

Em segundo lugar, que os seus discursos exprimem muito claramente a promessa dos bens temporais; e que eles dizem, todavia, que os seus discursos são obscuros e que o seu sentido não será entendido, de onde parece que esse sentido não era o que eles exprimiam a descoberto e que, por conseguinte, entendiam falar de outros sacrifícios, de outro libertador, etc. Dizem eles que isso só será entendido no fim dos tempos *(Jeremias,* 30, últ.).

A terceira prova é que os seus discursos são contrários e se destroem, de maneira que, se se pensa que não entenderam pelas palavras lei e sacrifício outra coisa além das de Moisés, há contradição manifesta e grosseira: portanto, entendiam outra coisa, contradizendo-se às vezes num mesmo capítulo.

Ora, para entender o sentido de um autor...

660 — A concupiscência tornou-se-nos natural; e constituiu nossa segunda natureza. Há, pois, duas naturezas em nós: uma boa, outra má. Onde está Deus? Onde não estais, e o reino de Deus está em vós. Rabinos.

661 — Somente a penitência, entre todos os mistérios, foi manifestamente declarada aos judeus, por São João, precursor; e depois os outros mistérios — para frisar que em cada homem como no mundo inteiro essa ordem deve ser observada.

*662 — Os judeus carnais não entendiam nem a grandeza nem o rebaixamento do Messias predito em suas profecias. Desconheceram-no em sua grandeza, como quando ele disse que o Messias será senhor de Davi, embora seu filho; que ele existe antes de Abraão e que este o viu. Não o julgavam tão grande que fosse eterno, e o desconheceram tanto no seu rebaixamento como em sua morte. "O Messias", diziam eles, "permanece eternamente, e este diz que morrerá." Não o julgavam, pois, nem mortal, nem eterno: só procuravam nele uma grandeza carnal.

663 — *Figurativo* — Nada é tão parecido com a caridade quanto a cupidez, e nada tão contrário. Assim os judeus, cheios dos bens que lhes acariciavam a cupidez, eram muito semelhantes aos cristãos, e muito contrários. E por esse meio tinham as duas qualidades que era preciso que tivessem, de ser muito semelhantes ao Messias, para figurá-lo, e muito contrários, para não serem testemunhas suspeitas.

664 — *Figurativo* — Deus serviu-se da concupiscência dos judeus para obrigá-los a servir a Jesus Cristo (que trazia o remédio para a concupiscência).

*665 — A caridade não é um preceito figurativo. Dizer que Jesus Cristo, que veio tirar as figuras para pôr a verdade, só teria vindo para pôr a figura da caridade e tirar a realidade que existia antes, é horrível.

"Se a luz são trevas, que serão as trevas?"

*666 — Fascínio. *Somnum suum. Figura hujus mundi.* A Eucaristia. *Comedes panem* tuum. *Panem* nostrum.

Inimici Dei terram lingent, os pecadores lambem a terra, isto é, amam os prazeres terrestres.

O Antigo Testamento continha as figuras da alegria futura e o Novo contém os meios de alcançá-la.

As figuras eram de alegria; os meios de penitência; e no entanto o cordeiro pascal era comido com alfaces selvagens, *cum amaritudinibus.*

Singularis sum ego donec transeam, Jesus Cristo antes de sua morte era quase o único mártir.

667 — *Figurativos* — Os termos espada, escudo. *Potentissime*[171].

668 — Só nos afastamos afastando-nos da caridade. Nossas preces e nossas virtudes são abomináveis diante de Deus, se não são as preces e virtudes de Jesus Cristo. E nossos pecados não serão jamais objeto da |misericórdia| mas da justiça de Deus, se não forem |os| de Jesus Cristo. Ele adotou nossos pecados e |aceitou-nos| como aliados, porque as virtudes lhe são |próprias e os| pecados estranhos, e nossos pecados nos são próprios.

Mudemos a regra que admitimos até |aqui| para julgar o que é bom. Tínhamos por regra nossa vontade, tomemos agora a vontade de |Deus|: tudo o que ele quer nos é bom e justo, tudo o que não quer |mau|.

Tudo o que Deus não quer é proibido. Os pecados são proibidos pela declaração geral que Deus fez de que não os queria. As outras coisas que deixou sem proibição geral, e a que chamamos por isso permitidas, não são, entretanto, sempre permitidas. Pois quando Deus afasta algumas de nós, e que pelo mesmo acontecimento que é manifestação da vontade de Deus parece que Deus não quer que a tenhamos, ela nos é proibida então como pecado, pois a vontade de Deus é que não tenhamos uma nem outra. Há esta única diferença entre essas duas coisas: é certo que Deus nunca quererá o pecado, ao passo que não é certo que não queira nunca a outra. Mas, enquanto Deus não a quer, devemos encará-la como pecado; ao passo que a ausência da vontade de Deus, que é, só por si, toda a bondade e toda a justiça, torna-a injusta e má.

669 — Mudar de figura, por causa de nossa fraqueza.

*670 — Os judeus tinham envelhecido nesses pensamentos terrestres de que Deus amava o seu pai Abraão, a sua carne e o que dela saísse: que por isso os multiplicara e distinguira de todos os outros povos, sem permitir que eles se misturassem com estes últimos; que, quando languesciam no Egito, de lá os retirou com todos estes grandes sinais em seu favor; que os nutriu com o maná no deserto; que os conduziu a uma terra bastante fértil, que lhes deu reis e um templo bem construído para nele oferecerem animais, e que, por meio da efusão do seu sangue, seriam purificados; e que lhes devia, enfim, enviar o Messias, para torná-los senhores de todo o mundo. E predisse o tempo de sua vinda.

Tendo o mundo envelhecido nesses erros carnais, Jesus Cristo veio no tempo predito, mas não com o brilho esperado; e, assim, eles não pensaram que fosse ele.

[171] A explicação deste trecho decorre claramente do n.º 760.

Depois de sua morte, São Paulo veio ensinar aos homens que todas essas coisas tinham vindo em figuras; que o reino de Deus não consistia na carne, mas no espírito; que os inimigos dos homens não eram os babilônios, mas as suas paixões; que Deus não se achava bem nos templos feitos pela mão do homem, mas no coração puro e humilhado; que a circuncisão do corpo era inútil, mas que era necessária a do coração; que Moisés não lhes dera o pão do céu, etc.

Mas Deus, não querendo revelar essas coisas a esse povo indigno delas, querendo, todavia, predizê-las, a fim de que fossem cridas, predisse claramente o seu tempo e algumas vezes as exprimiu clara, mas abundantemente, em figuras, a fim de que os que amavam as coisas figurantes nelas se detivessem, e os que amavam as figuradas nelas as vissem.

Tudo o que não convém à caridade é figura.

O único objetivo da Escritura é a caridade. Tudo o que não convém ao único fim é a figura do fim. De fato, havendo apenas um fim, tudo o que não vai nessa direção em palavras próprias é figurado.

Deus diversifica assim esse único preceito de caridade para satisfazer à nossa curiosidade que procura a diversidade, por essa diversidade que nos conduz ao nosso único necessário. Com efeito, uma só coisa é necessária, e amamos a diversidade; e Deus satisfaz a uma e a outra por essas diversidades que levam ao único necessário.

Os judeus amaram tanto as coisas figurantes e as esperaram tanto que desconheceram a realidade quando ela veio no tempo e da maneira preditos.

Os rabinos tomam como figuras as mamas da esposa, e tudo o que não exprime o único objetivo que têm, dos bens corporais. E os cristãos tomam igualmente a Eucaristia como figura da glória para a qual tendem.

*671 — Os judeus, que foram chamados a dominar as nações e os reis, foram escravos do pecado; e os cristãos, cuja vocação foi servir e submeter-se, são os filhos livres.

*672 — *Para os formalistas* — Quando São Pedro e os apóstolos deliberam abolir a circuncisão, em que se tratava de agir contra a lei de Deus, eles não consultam os profetas, mas simplesmente a recepção do Espírito Santo na pessoa dos incircuncisos. Julgam mais certo que Deus aprove os que impregna com seu espírito do que seja necessário observar a lei; sabiam que o fim da lei não era senão o Espírito Santo, e que assim, uma vez que o tinham sem circuncisão, esta não era necessária.

*673 — *Fac secundum exem-*

plar quod tibi ostensum est in monte[172].

A religião dos judeus foi formada sobre a aparência da verdade do Messias, e a verdade do Messias foi reconhecida pela religião dos judeus, que era a sua figura.

Entre os judeus, a verdade era apenas figurada. No céu, é descoberta. Na Igreja, é coberta e reconhecida em relação à figura. A figura foi feita sobre a verdade, e a verdade foi reconhecida sobre a figura.

O próprio São Paulo diz que algumas pessoas defenderão os casamentos, ele mesmo fala aos Coríntios de um modo que é uma ratoeira. Pois se um profeta houvesse dito uma coisa e São Paulo, em seguida, outra, tê-lo-iam acusado.

674 — "Faze todas as coisas segundo o padrão que te mostraram na montanha." A respeito disso, São Paulo diz que os judeus pintaram as coisas celestes.

*675 — ...E todavia, esse Testamento, feito de tal forma que, esclarecendo uns, cega outros, marcava, naqueles mesmos que cegava, a verdade que devia ser conhecida pelos outros: porque os bens visíveis, que recebiam de Deus, eram tão grandes e tão divinos que bem parecia ter ele o poder de lhes dar os invisíveis e um Messias.

[172] Trabalha segundo o padrão que te foi dado na montanha (Sinai) (*Êxodo*, 25, 40).

Porque a natureza é uma imagem da graça e os milagres visíveis são imagens dos invisíveis. *Ut sciatis... tibi dico: Surge.* Isaías diz que a Redenção será como a travessia do mar Vermelho.

Deus mostrou, portanto, na saída do Egito, no mar, na derrota dos reis, no maná, em toda a genealogia de Abraão, que era capaz de salvar, de fazer cair o pão do céu; de sorte que o povo inimigo é a figura e a representação do Messias que ignoram, etc.

Ensinou-nos, portanto, que todas as coisas eram apenas figuras e o que significa "realmente livre", "verdadeiro israelita", "verdadeira circuncisão", "verdadeiro pão do céu", etc.

Nessas promessas, cada qual acha o que tem no fundo do coração: os bens temporais ou os bens espirituais; Deus ou as criaturas; mas, com a diferença de que aqueles que nelas procuram as criaturas as encontram, mas com várias contradições, com a proibição de amá-las, com ordem de só adorar um Deus e amar somente a ele, o que é apenas a mesma coisa; e que, enfim, não houve Messias para eles. Ao contrário, os que procuram Deus o encontram, sem nenhuma contradição e com recomendação de amar somente a ele, e veio um Messias no tempo predito para dar-lhes os bens que queriam.

Os judeus tinham milagres, profecias, que viam realizar-se; e a doutrina de sua lei era adorar e amar apenas a um Deus; era igualmente perpétua. Assim tinham todas as marcas da verdadeira religião; esta também o era. Mas é preciso distinguir a doutrina dos judeus da doutrina da lei dos judeus. Ora, a doutrina dos judeus não era verdadeira, embora tivesse milagres, profecias e a perpetuidade, porque não possuía esse outro ponto de adorar e amar somente a Deus.

*676 — O véu que, para os judeus, existe sobre os livros da Escritura existe também para os maus cristãos e para todos os que não se odeiam a si mesmos. Mas como estamos bem dispostos a entendê-los e a conhecer Jesus Cristo, quando odiamos verdadeiramente a nós próprios!

677 — Figura comporta ausência e presença, prazer e desprazer. Cifra tem duplo sentido: um claro e onde se diz que o sentido se acha escondido.

*678 — *Figuras* — Um retrato traz ausência e presença, prazer e desprazer. A realidade exclui a ausência e o desprazer.

Para saber se a lei e os sacrifícios são realidade ou figura, é preciso ver se os profetas, falando dessas coisas, nelas detinham a sua vista e o seu pensamento, de maneira que só vissem nelas essa antiga aliança, ou se viam nelas alguma outra coisa de que ela foi a pintura; de fato, num retrato, vê-se a coisa figurada. Para isso, basta que se examine o que eles dizem a respeito.

Quando dizem que será eterna, pretendem eles falar da aliança, da qual dizem que será mudada? E assim também dos sacrifícios? etc.

A cifra tem dois sentidos. Quando se surpreende uma letra importante, na qual se acha um sentido claro e na qual se diz, contudo, que o sentido é velado ou obscuro, que está oculto de maneira que se verá essa letra sem vê-la e que se entenderá sem entendê-la — que se deve, pois, pensar, senão que é uma cifra de duplo sentido, tanto mais quanto se descobrem nela contradições manifestas no sentido literal? Os profetas disseram claramente que Israel seria sempre amado por Deus e que a sua lei seria eterna e disseram que não se entenderia o seu sentido e que este estava velado. Quanto se deve, pois, estimar aqueles que nos descobrem a cifra e nos ensinam a conhecer o sentido oculto e, principalmente, quando os princípios que tomam dela são inteiramente naturais e claros! Foi o que fizeram Jesus Cristo e os apóstolos. Tiraram o selo, rasgaram o véu e descobriram o espírito. Ensinaram-nos, assim, que os inimigos do homem são as paixões; que o Redentor seria espiritual e o seu reino espiritual; que haveria dois

adventos: um da miséria, para rebaixar o homem soberbo, e outro da glória, para elevar o homem humilhado; e que Jesus Cristo seria Deus e homem.

679 — *Figuras* — Jesus Cristo abriu-lhes o espírito para que entendessem as Escrituras.

Duas grandes aberturas essas: 1.ª — todas as coisas lhes chegavam em figuras: *vere Israelitae, vere liberi,* verdadeiro pão do céu; 2.ª — um Deus humilhado até a cruz; foi preciso que Cristo sofresse para entrar na sua glória: "que venceria a morte com a sua morte". Dois acontecimentos.

*680 — *Figuras* — Uma vez que se desvendou esse segredo, é impossível não vê-lo. Leia-se o Velho Testamento nesse sentido e veja-se se os sacrifícios eram verdadeiros, se o parentesco de Abraão era a verdadeira causa da amizade de Deus, se a terra prometida era o verdadeiro lugar de repouso. Não. Portanto, eram figuras. Vejam-se, também, todas as cerimônias ordenadas e todos os mandamentos que não são pela caridade e ver-se-á que são figuras.

Todos esses sacrifícios e cerimônias eram, portanto, figuras ou tolices. Ora, há coisas claras e elevadas demais para que se considerem tolices.

Saber se os profetas se atinham ao Antigo Testamento, ou viam nele outras coisas.

681 — *Figurativos* — Chaves da cifra: *Veri adoratores. Ecce agnus Dei qui tollit peccata mundi*[173].

682 — *Isaías,* 1, 21. Transformação do bem em mal e vingança de Deus, 10, 1; 26, 20; 28, 1. — Milagres: *Isaías,* 33, 9.19; 40, 17; 41, 26; 43, 13; *Isaías,* 44, 20-24; 54, 8; 63, 12-17; 61, 17. *Jeremias* 2, 35; 4, 22-24; 5, 4.29-31; 6, 16.

Jeremias, 11, 21; 15, 12; 17, 9: *Pravum est cor omnium et incrustabile, quis cognoscet illud?* Isto é, quem lhe perceberia toda a malícia? Porque já se sabe que é mau. *Ego Dominus,* etc. — 17, 1-7: *Faciam domui huic,* etc. — Confiança nos sacramentos exteriores. — 22: *Quia non sum locutus,* etc. O essencial não é o sacrifício exterior. — 11,13: *Secundum numerum,* etc. Multidão de doutrinas. — 23, 15-17.

*683 — *Figuras* — A letra mata; tudo vinha em figuras. Eis a cifra que nos dá São Paulo. Era preciso que Cristo sofresse. Um Deus humilhado. Circuncisão do coração, jejum verdadeiro, verdadeiro sacrifício, verdadeiro templo. Os profetas indicaram que tudo isso devia ser espiritual. Não a carne que perece, mas a que não perece. "Vós sereis realme livres." Logo, a outra liberdade não passa de uma figu-

[173] Eis o cordeiro de Deus que extingue os pecados do mundo (*João,* 1, 29).

ra da liberdade. "Eu sou o verdadeiro pão do céu."

*684 — *Contradição* — Só podemos mostrar uma boa cara quando resolvemos todas as nossas contradições e não basta seguir uma seqüência de qualidades acordes sem conciliar os contrários; para entender o sentido de um autor, é preciso conciliar todas as passagens contrárias.

Assim, para entender a Escritura é preciso ter um sentido com o qual todas as passagens contrárias se acordem. Não basta ter um que convenha a várias passagens acordes, mas é preciso ter um que concilie até as contrárias.

Todo autor tem um sentido no qual todas as passagens contrárias se acordam, ou não tem sentido algum. Não se pode dizer isso da Escritura e dos profetas. Possuíam, certamente, muito bom senso. É preciso, pois, procurar um sentido que ponha de acordo todas as contradições.

O verdadeiro sentido não é, pois, o dos judeus; mas é em Jesus Cristo que todas as contradições são resolvidas.

Os judeus não saberiam concordar a cessação da realeza e do principado, predita por Oséias, com a profecia de Jacó.

Se tomamos a lei, os sacrifícios e o reino pela realidade, não podemos concordar todas as passagens. É preciso, pois, por necessidade, que sejam apenas figuras. Não poderíamos mesmo concordar as passagens de um mesmo autor, nem de um mesmo livro, nem às vezes de um capítulo. O que marca bem qual era o sentido do autor; como quando Ezequiel, capítulo 20, diz que se viverá dentro dos mandamentos de Deus, e que não se viverá.

*685 — *Figuras* — Se a lei e os sacrifícios são a verdade, é preciso que ela agrade a Deus e não o aborreça em absoluto. Se são figuras, cumpre que agradem e aborreçam.

Ora, em toda a Escritura agradam e aborrecem. Está dito que a lei será mudada, que o sacrifício será mudado; que ficarão sem lei, sem príncipe e sem sacrifício; que nova aliança será realizada; que a lei será renovada; que os preceitos recebidos não são bons; que seus sacrifícios são abomináveis; que Deus não os pediu.

Está dito, ao contrário, que a lei durará eternamente, que essa aliança será eterna; que o sacrifício será eterno; que o cetro será sempre deles, pois não deve sair de seu seio enquanto não chegar o Rei eterno.

Todos esses trechos serão visivelmente realidade? Não. Assinalam também que sejam figuras? Não: é que serão realidade ou figura. Mas os primeiros, excluída a realidade, mostram que são apenas figuras.

Todos esses trechos em con-

junto não podem ser realidade: todos podem ser figura; logo, não se apresentam como realidade, mas como figura.

Agnus occisus est ab origine mundi[174].

686 — *Contradições* — O cetro até o Messias — sem rei nem príncipe.

Lei eterna — mudada.

Aliança eterna — nova aliança.

Leis boas — preceitos maus. *Ezequiel*, 20.

*687 — *Figuras* — Quando a palavra de Deus, que é verdadeira, é literalmente falsa, ela é verdadeira espiritualmente. *Sede a dextris meis*[175]. Isso é falso literalmente; logo, é verdadeiro espiritualmente. Nessas expressões, ele falou de Deus à maneira dos homens; e isso significa apenas que Deus terá a mesma intenção que os homens, ao fazê-lo sentar-se à sua direita. É, pois, uma marca da intenção de Deus, não da sua maneira de executá-la.

Assim, quando diz: "Deus recebeu o odor dos vossos perfumes e vos dará em recompensa uma terra fértil"; isto é, a mesma intenção que teria um homem que, aceitando os vossos perfumes, vos desse em recompensa uma terra fértil. Deus terá a mesma intenção por vós, porque tivestes para com ele a mesma intenção que um homem tem para com aquele a quem dá perfumes.

Assim, *iratus est*, "Deus ciumento", etc. Pois, como as coisas de Deus são inexprimíveis, não podem ser ditas de outro modo, e a Igreja ainda as usa hoje: *Quia confortavit seras*[176], etc.

Não é permissível atribuir à Escritura o sentido que ela não nos revelou possuir. Assim, dizer que o *mem*[177] fechado de Isaías significa seiscentos, não foi revelado. Ele teria podido dizer que os *tsade* finais e os *he* deficientes significariam mistérios. Não é, pois, permitido dizê-lo e menos ainda que é a pedra filosofal. Mas nós dizemos que o sentido literal não é o verdadeiro, porque os próprios profetas o disseram.

688 — Não digo que o *mem* seja misterioso.

689 — Moisés (*Deuteronômio*, 30) promete que Deus circuncidará o coração deles, para torná-los capazes de amá-lo.

*690 — Uma frase de Davi, ou de Moisés, como "que Deus circuncidará os corações", faz

[174] O cordeiro foi morto já no começo do mundo (*Apocalipse*, 13, 8).

[175] Senta-te à minha direita (*Salmo* 119).

[176] [Louva o Senhor, ó Jerusalém] porque fez tuas portas instransponíveis (*Salmo* 147, 13).

[177] "Alusão a certas particularidades do alfabeto judeu, ou antes, da escrita: há letras que se escrevem de duas maneiras, fechada ou aberta, como o *mem;* ora, os manuscritos do livro de Isaías apresentam um *mem* fechado em vez de aberto, o que muda seu valor numérico." (Brunschvicg.)

julgar do seu espírito. Que todos os outros discursos sejam equívocos e duvidosos de serem filósofos ou cristãos[178], uma frase, enfim, dessa natureza determina todas as outras, como uma frase de Epicteto determina todo o resto, no sentido contrário. Até aí dura a ambigüidade, e não depois.

*691 — De duas pessoas que contam histórias tolas, uma com duplo sentido entendido na Cabala, outra com um sentido apenas: se alguém, não sendo do segredo, ouvir discorrer as duas dessa maneira, fará a respeito o mesmo julgamento, mas se, em seguida, no resto do discurso, uma diz coisas angélicas e a outra coisas insossas e comuns, julgar-se-á que uma falava com mistério e não a outra; uma, tendo mostrado bastante que é incapaz de tais tolices e capaz de ser misteriosa; e a outra, que é incapaz de mistério e capaz de tolices. O Velho Testamento é uma cifra.

*692 — Há os que sabem muito bem que não há outro inimigo do homem além da concupiscência que o desvia de Deus, e não Deus; nem outro bem além de Deus, e não uma terra fértil. Os que crêem que o bem do homem está na carne e o mal no que o desvia do prazer dos sentidos, fartem-se e morram disso. Mas os que procuram Deus de todo o coração, que só têm desprazer em ser privado de sua vista, que só sentem desejo para o possuir e só têm como inimigos os que dele os desviam, que se afligem por se verem cercados e dominados por tais inimigos — consolem-se, pois lhes anuncio uma nova feliz; há um libertador para eles; eu o mostrarei, eu lhes revelarei que há um Deus para eles; não o farei ver aos outros; farei ver que foi prometido um Messias que livraria dos inimigos, e que veio um para livrar das iniqüidades, mas não dos inimigos.

Quando Davi prediz que o Messias libertará o seu povo dos seus inimigos, podemos crer carnalmente que se trata dos egípcios; e, então, eu não poderia mostrar que a profecia se realizou. Mas podemos crer também que se trata das iniqüidades; porque, na verdade, os egípcios não são inimigos, mas as iniqüidades o são. Essa palavra inimigos é, pois, equívoca.

Mas, se ele diz, em outro lugar, como o faz, que livrará o seu povo dos seus pecados, tal como Isaías e os outros, o equívoco desaparece e o sentido duplo de

[178] Isto é: "que nos façam duvidar se são filósofos ou cristãos". A palavra "filósofo" (explica Brunschvicg) refere-se menos a Davi e a Moisés do que a Epicteto. A alternativa, para Moisés, é entre a cupidez e a caridade; para Epicteto, entre a religião natural e a revelação. (N. do E.)

inimigos reduz-se ao sentido simples de iniqüidades: com efeito, se ele tivesse no espírito os pecados, bem podia designá-los por inimigos, mas, se pensava nos inimigos, não podia designá-los por iniqüidades.

Ora, tanto Moisés como Davi e Isaías usavam os mesmos termos. Quem dirá, pois, que não tinham o mesmo sentido e que o sentido de Davi, que é manifestamente de iniqüidades quando falava de inimigos, não era o mesmo que [o de] Moisés falando dos inimigos? Daniel, capítulo 9, reza pela libertação do povo do cativeiro dos seus inimigos: mas pensava nos pecados e, para mostrá-lo, diz que Gabriel lhe comunicara que fora atendido e que só esperaria setenta semanas, depois do que o povo seria libertado da iniqüidade, o pecado teria fim e o libertador, o Santo dos santos, traria a justiça *eterna*, não a legal, mas a eterna.

Artigo XI

As profecias

*693 — Vendo a cegueira e a miséria do homem, observando todo o universo mudo, e o homem sem luz, abandonado a si mesmo, e como que perdido neste recanto do universo, sem saber quem o pôs aqui, o que veio aqui fazer, o que se tornará ao morrer e incapaz de qualquer conhecimento, eu principio a ter medo como um homem que tivesse sido levado dormindo para uma ilha deserta e medonha e fosse despertado sem saber onde se acha e sem meios de escapar. E, sobre isso, admiro como não se desespera por tão miserável estado. Vejo outras pessoas perto de mim com semelhante natureza: pergunto-lhes se são mais instruídas do que eu e dizem-me que não: e, sobre isso, esses miseráveis perdidos, tendo olhado ao redor e visto alguns objetos agradáveis, a eles se entregaram e se ligaram. Quanto a mim, não pude entregar-me nem ligar-me, e, considerando quanta aparência há de que existe outra coisa além do que vejo, tratei de descobrir se esse Deus não teria deixado algum sinal de si.

Vejo várias religiões contrárias, mas todas falsas, exceto uma. Cada qual quer ser acreditada por sua própria autoridade e ameaça os incrédulos. Não creio nelas; todos podem dizer isso, todos podem dizer-se profetas. Vejo, porém, a religião cristã, na qual encontro profecias; e é o que nem todas podem fazer.

*694 — ...e o que coroa tudo isso é a predição, para que não se diga que foi feita por acaso.

Todo aquele que, tendo apenas oito dias de vida, não achar que a solução é acreditar que tudo isso não se deve a um golpe do acaso... Ora, se as paixões não nos dominassem, oito dias e cem anos seriam a mesma coisa.

695 — *Profecias* — O grande Pã morreu[179].

[179] Plutarco, no seu tratado de *Cessação dos Oráculos*, relata que um certo Tamus, que viveu no tempo de Tibério, teria ouvido gritar: "O grande Pã morreu!" Pã, em virtude de uma etimologia errônea, simbolizava o Grande Todo; era, pois, a morte do paganismo que a voz anunciava.

696 — *Susceperunt verbum cum omni aviditate, scrutantes Scripturas, si ita se haberent*[180].

697 — *Prodita lege. — Impleta cerne. — Implenda collige*[181].

698 — Só entendemos as profecias quando vemos acontecerem as coisas; assim, as provas do retiro e da discrição, do silêncio, etc... só se provam àqueles que as sabem e nelas crêem.

José tão interior numa lei tão exterior.

As penitências exteriores preparam para as interiores, como a humilhação dispõe para a humildade. Assim as...

699 — A Sinagoga precedeu a Igreja; os judeus precederam os cristãos; os profetas predisseram os cristãos, São João, Jesus Cristo.

700 — É belo ver, com os olhos da fé, a história de Herodes, de César.

*701 — O zelo dos judeus pelo rei e pelo templo *(Josefo* e *Filon judeu, ad Caium)*. Que outro povo teve igual zelo? Era preciso que o tivessem...[182]

Jesus Cristo predito quanto ao tempo e ao estado do mundo: o duque extraído da coxa e a quarta monarquia. Como se é feliz por ter essa luz em tal obscuridade!

Como é belo ver, com os olhos da fé, Dario e Ciro, Alexandre, os romanos, Pompeu e Herodes, todos agindo, sem o saber, em prol da glória do Evangelho[183].

702 — Zelo do povo judeu pela sua lei, principalmente depois que não houve mais profetas.

703 — Enquanto os profetas mantiveram a lei, o povo foi negligente; mas, depois que não tiveram mais profetas, tornaram-se zelosos.

704 — O diabo perturbou o zelo dos judeus antes de Jesus Cristo, porque ele lhes seria salutar, mas não depois.

O povo judeu, zombado pelo gentio; os cristãos perseguidos.

705 — *Prova* — Profecias com sua realização; o que precedeu Jesus Cristo e o que se lhe seguiu.

*706 — A maior das provas de Jesus Cristo são as profecias. É também aquela para a qual Deus mais atentou. Com efeito, o acontecimento que as cumpriu é um milagre subsistente desde o

[180] Examinaram a palavra com toda a avidez, escrutando as Escrituras para verificar se era assim *(Atos dos Apóstolos*, 17, 11).

[181] Lê o que foi anunciado. — Vê o que foi cumprido. — Recolhe o que está por se cumprir.

[182] Filon, o judeu, filósofo, 30 a.C. a 40 d.C., deixou numerosos tratados em que mistura as doutrinas da Escritura Santa com as da filosofia grega e oriental.

[183] Esta reflexão constitui, até certo ponto, o tema desenvolvido por Bossuet na terceira parte do *Discurso sobre a História Universal*. Mas se cabe elogiar o movimento e a energia da frase, é exagerado dizer que Bossuet se inspirou em Pascal: a idéia, bem anterior a um e outro, está na tradição cristã.

nascimento da Igreja até o fim. Deus suscitou profecias durante mil e seiscentos anos; e, durante quatrocentos anos depois, dispersou todas essas profecias, com todos os judeus que as carregavam, em todos os lugares do mundo. Eis qual foi a preparação do nascimento de Jesus Cristo: como o seu Evangelho devia ser acreditado por toda gente, foi preciso não só que houvesse profecias para que nele acreditassem mas, ainda, que as profecias se espalhassem pelo mundo para que todo o mundo o abraçasse.

707 — Mas não bastava que houvesse as profecias; era preciso que se distribuíssem por toda parte e se conservassem tempos afora. E, para que não se encarasse isso como efeito do acaso, precisava ter sido predito.

Há maior glória para o Messias em que eles sejam os espectadores e mesmo os instrumentos da sua glória, além do que Deus os reservou.

708 — *Profecias* — O tempo, predito pelo estado do povo judeu, pelo estado do povo pagão, pelo estado do templo, pelo número dos anos.

*709 — É preciso ser ousado para predizer uma mesma coisa de tantas maneiras. Era preciso que as quatro monarquias idólatras ou pagãs, o fim do reino de Judá e as setenta semanas ocorressem ao mesmo tempo, tudo antes que o Segundo Templo fosse destruído.

*710 — *Profecias* — Ainda que um só homem tivesse feito um livro das predições de Jesus Cristo, pelo tempo e pela maneira, e Jesus Cristo viesse de acordo com essas profecias, já seria isso uma força infinita. Mas há bem mais. É uma série de homens, durante quatro mil anos, que, constantemente, e sem variação, vêm, um após outro, predizer esse mesmo acontecimento. É um povo inteiro que o anuncia e que subsiste durante quatro mil anos, para dar de corpo presente testemunho das afirmações que têm dele, e do qual não podem ser desviados por algumas ameaças e perseguições que se lhes façam. Isso é muito mais considerável.

711 — *Predição das coisas particulares* — Eles eram estrangeiros no Egito, sem nenhuma propriedade própria, nem nesse país nem alhures. [Não havia a menor aparência nem da realeza, que aí houve tanto tempo depois, nem desse conselho soberano dos setenta juízes a que chamavam *sinedrim* e que, tendo sido instituído por Moisés, durou até a época de Jesus Cristo: todas essas coisas estavam tão longe do seu estado presente quanto o podiam estar] quando Jacó, agonizante e abençoando seus doze filhos, lhes declara que serão

donos de uma grande terra, e prediz, particularmente à família de Judá, que os reis que os governariam um dia sairiam de sua raça e que todos os seus irmãos seriam súditos [e que o próprio Messias esperado pelas nações nasceria dele e que a realeza não seria tirada de Judá, nem o governador e o legislador de seus descendentes, até que o Messias esperado chegasse à sua família].

Esse mesmo Jacó, dispondo dessa terra futura como se fosse senhor dela, deu uma parte maior a José: "Dou-vos uma parte a mais do que a vossos irmãos". E abençoando os dois filhos, Efraim e Manassés, que José lhe apresentara, o mais velho, Manassés, à direita, e o jovem Efraim à esquerda, pôs os braços em cruz e, pousando a mão direita sobre a cabeça de Efraim e a esquerda sobre a de Manassés, assim os abençoou; e ao dizer-lhe José que prefere o mais jovem, responde-lhe com admirável segurança: "Bem o sei, meu filho, mas Efraim crescerá de outro modo que Manassés". (O que foi, com efeito, tão verdadeiro, que sendo, sozinho, quase tão abundante quanto as duas linhagens inteiras que constituíam todo um reino, foram estas comumente designadas pelo nome de Efraim.)

Esse mesmo José, ao morrer, recomenda a seus filhos que levem seus ossos com eles quando partirem para aquela terra onde só chegaram duzentos anos depois.

Moisés, que escreveu essas coisas muito antes que ocorressem, divide ele próprio a terra entre as diversas famílias antes de nela entrar, como se fosse dono e declara enfim que Deus deverá suscitar de sua nação e de sua raça um profeta, de que foi a imagem, e lhes prediz exatamente tudo o que devia acontecer na terra onde iam entrar depois de sua morte, as vitórias que Deus lhes daria, sua ingratidão, os castigos que receberiam e suas demais aventuras . Dá-lhes os árbitros que farão a divisão, prescreve-lhes a forma de governo político a que obedecerão, as cidades-refúgio que construirão e. . .

712 — Profecias misturadas com coisas particulares, e as do Messias, a fim de que as profecias do Messias não ficassem sem provas e as particulares sem fruto.

713 — *Cativeiro dos judeus sem retorno. Jeremias,* 11, 11: "Farei que caiam sobre Judá males de que nunca se livrarão".

Figuras — Isaías, 5: "O Senhor teve uma vinha de que esperava uvas e ela só produziu agraço. Dissipá-la-ei, pois, e a destruirei; somente espinhos dará a terra e eu proibirei ao céu que

nela [chova]. A vinha do Senhor é a casa de Israel e os homens seu germe deleitável. Esperei que cometessem ações justas, mas só perpetram iniqüidades".

Isaías, 8: "Santificai o Senhor, com respeito e temor; não temais senão a ele e ele será para vós motivo de santificação; mas ele será pedra de escândalo e de tropeço para as duas casas de Israel, de armadilha e ruína para o povo de Jerusalém; e muitos hão de se chocar contra essa pedra e cairão, e serão quebrantados, e presos a essa armadilha virão a falecer. Ponde um véu em minhas palavras, cobri a lei para meus discípulos. Esperarei, pois, com paciência o Senhor que se vela e se esconde na casa de Jacó".

Isaías, 29: "Pasmai e admirai-vos, povo de Israel, flutuai e vacilai; embriagai-vos, mas não de vinho; cambaleai, mas não de embriaguez, porque Deus vos preparou um espírito de adormecimento; ele vos vendará os olhos e obscurecerá vossos príncipes e profetas que têm visões. *(Daniel,* 12: "Os maus não o entenderão, mas os que estiverem instruídos entendê-lo-ão". Oséias, último capítulo, último versículo, após muitas bençãos temporais, diz: "Onde está o sábio? E ele entenderá essas coisas", etc.) E as visões de todos os profetas serão para vós como um livro selado, do qual o homem sábio e que possa ler dirá: Não o posso ler porque está selado; e os que não sabem ler dirão: Não conheço as letras.

"E o Senhor disse-me: Porque esse povo me honra com os lábios mas com o coração longe de mim (eis a razão e a causa, pois se adorassem com o coração entenderiam as profecias) e só me serviu por vias humanas; por essa razão acrescentarei ao resto uma coisa maravilhosa e um grande e terrível prodígio; e perecerá a sabedoria de seus sábios e sua inteligência ficará obscurecida."

Profecias. Provas de divindade — *Isaías,* 41: "Se sois deuses, aproximai-vos, anunciai as coisas futuras e pôr-nos-emos a escutá-las de todo coração. Ensinai-nos as coisas que foram no princípio e profetizai-nos as que devem vir. Assim saberemos que sois deuses. Fazei-o bem ou mal, se puderdes. Vejamos, pois, e raciocinemos juntamente. Mas vós não sois nada, sois apenas abominações", etc. Quem dentre vós nos instrui (por autores contemporâneos) das coisas feitas desde o princípio e a origem? A fim de que lhe digamos: Sois o justo. Não existe quem nos ensine, ou nos prediga o futuro.

Isaías, 42: "Eu, que sou o Senhor, não comunico minha glória a outros. Fui eu que mandei predizer as coisas ocorridas e

que predisse ainda as que virão. Cantai-as em um novo cântico a Deus pela terra toda.

"Trazei-me aqui esse povo que tem olhos e não vê, que tem ouvidos e é surdo. Que as nações se juntem todas. Qual delas — e seus deuses — vos instruirá acerca das coisas passadas e futuras? Que apresentem suas testemunhas para sua justificação; ou que me escutem e confessem que a verdade está aqui. Sois minhas testemunhas, disse o Senhor, vós e o servo que escolhi, a fim de que me conheçais e que acrediteis que sou o que sou.

"Predisse, salvei e fiz sozinho essas maravilhas que vedes; sois as minhas testemunhas da minha divindade, disse o Senhor. Fui eu quem, por amor a vós, quebrou as forças dos babilônios; fui quem vos santificou e vos criou; fui eu quem vos fez passar através das águas e do mar e das torrentes, e quem submergiu e destruiu para sempre os inimigos poderosos que vos resistiram. Mas esquecei essa proteção e não deiteis mais os olhos sobre as coisas do passado.

"Eis que preparo novas coisas que em breve hão de aparecer; vós as vereis: tornarei os desertos habitáveis e deliciosos. Eu formei esse povo, estabeleci-o para que cantasse em meu louvor", etc.

"Mas é para mim mesmo que apagarei vossos pecados e esquecerei vossos crimes: pois, para vós, rememorai vossas ingratidões e vede se tendes com que vos justificar. Vosso primeiro pai pecou e vossos doutores foram todos prevaricadores".

Isaías, 44: "Eu sou o primeiro e o último, disse o Senhor, quem se igualará a mim? Que conte a ordem das coisas desde que eu formei os primeiros povos e anuncie o que deve acontecer. Não temais nada; não vos fiz entender todas essas coisas? Vós sois minhas testemunhas".

Predição de Ciro — Isaías 45, 4: "Por causa de Jacó que escolhi, chamei-te pelo teu nome".

Isaías, 45, 21: "Vinde e discutamos. Quem fez ouvir isto desde o princípio? Quem o predisse? Não sou eu o Senhor?"

Isaías, 46: "Lembrai-vos dos primeiros séculos; nada existe semelhante a mim. Eu sou o que anuncia desde o começo as coisas que devem chegar no fim, dizendo a origem do mundo. Meus decretos subsistirão e todas as minhas vontades serão cumpridas".

Isaías, 42: "As primeiras coisas cumpriram-se como tinham sido preditas e eis que agora predigo outras e vo-las anuncio antes que ocorram".

Isaías, 48, 3: "Fiz predizerem as primeiras e as cumpri em seguida; e elas aconteceram da maneira que eu disse, pois sei que

sois duros, que vosso espírito é rebelde e vossa fronte impudente; eis por que quis anunciá-las antes do acontecimento, a fim de que não possais dizer que foi obra de vossos deuses e efeito da vontade deles.

"Vêde ocorrer o que foi predito. Não o contareis? Agora anuncio-vos coisas novas que conservo em meu poder e que não vistes ainda; só agora as preparo e não de há muito; eu vo-las escondi com receio de que vos vangloriásseis de tê-las previsto vós mesmos. Pois não tendes nenhum conhecimento disso, e ninguém vos falou disso, e vossos ouvidos nada ouviram. Eu vos conheço; sei que sois cheios de prevaricação, que vos dei o nome de prevaricadores desde os primeiros tempos de vossa origem".

Reprovação dos judeus e conservação dos gentios — Isaías, 65: "Buscaram-me os que antes não perguntavam por mim; acharam-me os que não me buscavam. E eu disse: eis-me aqui, eis-me aqui para o povo que não invocava o meu nome. Estendi minhas mãos um dia inteiro a um povo incrédulo, que segue seus desejos e anda por mau caminho, um povo que me provoca sem cessar com os crimes que comete em minha presença, que imola vítima aos ídolos, etc. Esse será dissipado em fumaça no dia de minha cólera, etc. Juntarei as vossas iniqüidades e as de vossos pais e vos retribuirei segundo as vossas obras.

"O Senhor disse assim: por amor de meus servos, não destruirei todo Israel; preservarei alguns assim como se guarda um bago de um cacho, dizendo: não o arranquei porque é bênção [e promessa de fruto]. Assim os escolherei de Jacó e Judá para possuírem minhas montanhas, que meus eleitos e servos receberam de herança, e meus campos férteis e admiravelmente abundantes; mas exterminarei todos os outros, porque esquecestes vosso Deus para servir a deuses estrangeiros. Chamei-vos e não me respondestes; falei e não ouvistes e escolhestes o que eu proibira.

"É por isso que o Senhor diz estas coisas. Eis: meus servos comerão e vós tereis fome; meus servos exultarão de alegria e vós ficareis na confusão; meus servos cantarão cânticos de louvores pela alegria de seu coração e vós dareis gritos de dor pela aflição de vosso espírito.

"E deixareis vosso nome em abominação a meus eleitos. O Senhor vos exterminará e nomeará seus servos por outro nome no qual quem for abençoado sobre a terra o será em Deus, etc., porque as primeiras dores terão sido esquecidas. Crio novos céus e uma nova terra e as coisas passa-

das não serão mais lembradas e não virão mais à mente.

"Mas exultareis para sempre nas coisas novas que eu crio, pois crio Jerusalém que não é senão alegria, e seu povo, exultação. E hei de comprazer-me em Jerusalém e em meu povo e não se ouvirão mais aí gritos de dor.

"E eu os escutarei antes que brademe; eu os ouvirei, mal tiverem começado. O lobo e o cordeiro apascentarão juntos, o leão e o boi comerão a mesma palha, a serpente só comerá pó e não haverá homicídio ou violência em todo o meu santo monte".

Isaías, 56, 3: "Eis aqui, disse o Senhor: guardai o direito e fazei justiça, porque perto está a minha salvação e minha justiça vai ser revelada. Bem-aventurado quem assim faz, observa o meu sábado e guarda as mãos para não obrar mal nenhum.

"E que os estrangeiros que a mim se unam não digam: Deus me separará de seu povo, pois o Senhor diz isto: a quem quer que guarde o sábado e eleja o que eu quis e abrace minha aliança, darei lugar em minha casa e um nome melhor do que o que dei a meus filhos: será um nome eterno, que não perecerá".

Isaías, 159, 9: "Foi por causa de nossos crimes que a justiça se afastou de nós. Esperamos a luz e só achamos trevas; esperamos a claridade e andamos na obscuridade; andamos como cegos apalpando as paredes; tropeçamos em pleno meio-dia como na noite e como mortos em lugares tenebrosos.

"Rugiremos todos como ursos, gemeremos como pombas. Aguardamos a justiça e ela não vem; esperamos a salvação e ela se afasta de nós".

Isaías, 66, 18: "Mas virei recolher as obras deles e seus pensamentos quando os juntar com todas as nações e povos e eles verão minha glória. E eu lhes imporei um sinal, e dos que se salvarem mandarei alguns às nações da África, da Lídia e da Itália, da Grécia e aos povos que não ouviram falar de mim e que não viram minha glória. E eles trarão vossos irmãos".

Jeremias, 7: *Reprovação do templo:* "Ide ao meu lugar em Silo, onde habitou o meu nome desde o princípio, e vede o que aí fiz por causa dos pecados do meu povo. E agora, diz o Senhor, porque cometestes os mesmos crimes, farei deste templo em que meu nome é invocado, e no qual confiais e que eu mesmo dei a vossos sacerdotes, a mesma coisa que fiz em Silo (pois eu o rejeitei e fiz templo alhures). E eu vos lançarei longe de minha face, como lancei a vossos irmãos, filhos de Efraim (sem retorno). Não oreis por esse povo".

Jeremias 7, 22: "Para que jun-

tar sacrifício ao sacrifício? No dia em que tirei vossos pais do Egito, não lhes falei de sacrifícios nem de holocaustos; não lhes dei ordem nenhuma e o preceito que lhes propus foi desta ordem: sede obedientes e fiéis aos meus mandamentos, e eu serei vosso Deus e vós sereis o meu povo". (Foi somente depois que sacrificaram ao bezerro de ouro que me ofereci sacrifícios, para fazer de um mau costume um bem.)

Jeremias, 7, 4: "Não ponhais vossa confiança nas palavras de mentira dos que vos dizem: o templo do Senhor, o templo do Senhor, este templo é do Senhor".

714 — Judeus testemunhas de Deus. *Isaías*, 43, 9; 44, 8. *Profecias cumpridas*. 2 *Reis*, 13, 2. 4 *Reis*, 23, 16. — *Josué*, 6, 26. — 3 *Reis*, 16, 34. *Deuteronômio*, 23 — *Malaquias*, 1, 11. O sacrifício dos judeus reprovado e o sacrifício dos pagãos (mesmo fora de Jerusalém) e em todos os lugares.

Moisés prediz a vocação dos gentios antes de morrer, *Deuteronômio*, 32, 21, e a reprovação dos judeus.

Moisés prediz o que deve acontecer a cada tribo.

Profecias — "Vosso nome será execrado pelos meus eleitos e eu lhes darei outro nome."

"Endurece-lhes o coração", mas como? Louvando-lhes a concupiscência e dando-lhes a esperança de realizá-la.

715 — *Profecias* — Amós e Zacarias: Venderam o justo e por isso nunca mais serão chamados. Jesus Cristo traído.

Não se recordará mais o Egito; vide *Isaías*, 43, 16-17-18-19; *Jeremias*, 23, 6-7.

Profecias — Os judeus serão espalhados por toda parte. *Isaías*, 27, 6. — Nova lei. *Jeremias*, 31, 32.

Malaquias, *Grotius* — O segundo templo glorioso. Jesus Cristo virá. *Ageu*, 2 7-8-9-10.

Vocação dos gentios. *Joel*, 2, 28. *Oséias*, 2, 24. *Deuteronômio*, 32, 21. *Malaquias*, 1, 11.

716 — *Oséias*, 3. — *Isaías*, 42; 48; 54; 60; 61 e último: "Eu o predisse há muito tempo a fim de que saibam quem sou eu". Jaddus a Alexandre.

717 — [*Profecias* — Juramento que Davi terá sempre sucessores, *Jeremias*.]

718 — O reinado eterno da raça de Davi, 2 *Crônicas*, por todas as profecias e com juramento. E não é cumprido temporalmente: *Jeremias*, 23, 20.

719 — Poder-se-ia talvez pensar que, quando os profetas predisseram que o cetro não sairia de Judá até o rei eterno, teriam falado para adular o povo e

que sua profecia se acharia desmentida com Herodes. Mas para mostrar que não é esse o sentido delas (profecias), e que bem sabiam ao contrário que esse reino temporal devia cessar, dizem que eles (os judeus) ficariam sem rei e sem príncipe, e durante longo tempo *(Oséias,* 3, 4).

*720 — *Non habemus regem nisi Caesarem.* Logo, Jesus Cristo era o Messias, posto que só tinham um rei estrangeiro e não queriam outro.

721 — Não temos outro rei senão César.

722 — *Daniel,* 2: "Todos os vossos adivinhos e sábios não podem descobrir o mistério do que perguntais. Mas há um Deus no céu, que o pode e vos revelou em vosso sonho as coisas que devem acontecer ultimamente. (Era preciso que esse sonho o interessasse de verdade.)

"Não foi por minha própria ciência que tive conhecimento desse segredo, mas pela revelação desse mesmo Deus, que ma descobriu a fim de torná-la manifesta em vossa presença.

"Eis, pois, vosso sonho. Vistes uma grande estátua, alta e terrível, de pé diante de vós: a cabeça era de ouro, o busto e os braços de prata, o ventre e as coxas de cobre. As pernas eram de ferro — mas os pés feitos de uma mistura de ferro e barro (argila). Vós a contempláveis atentamente quando uma pedra foi arrancada de um monte sem intervirem mãos de homem, a qual feriu a estátua nos seus pés de ferro e barro e os fez em pedaços.

"E, então, desfizeram-se em pó o ferro, a terra, o bronze, a prata e o ouro, e dissiparam-se no ar; mas esta pedra, que atingiu a estátua, transformou-se numa grande montanha e encheu toda a terra; eis qual foi o vosso sonho, e agora vos darei a interpretação.

"Vós, que sois o maior dos reis e a quem Deus deu um poder tão extenso que sois temido de todos os povos, vós sois representado pela cabeça de ouro que vistes. Mas outro império sucederá ao vosso e não será tão poderoso; e outro virá a seguir, de cobre, que se estenderá pelo mundo inteiro.

"Mas o quarto será forte como o ferro, e, assim como o ferro quebra e traspassa todas as coisas, esse império tudo quebrará e esmagará. E o fato, que vistes, de serem os pés e as extremidades dos pés formados de ferro e barro, significa que esse império será dividido e participará em parte da fortaleza do ferro e em parte da fragilidade do barro. Mas como o ferro não pode aliar-se solidamente ao barro, assim os que são representados pelo ferro e pelo barro não poderão ter aliança duradoura embora unidos por matrimônios.

"Ora, será nos dias desses

monarcas que Deus suscitará um reino que nunca será destruído, nem passará a outro povo. Antes dissipará e consumirá todos os outros reinos e ele mesmo subsistirá para sempre, como se revela por essa pedra que, não tocada por mão de homem, rolou da montanha e quebrou o ferro, o barro, a prata e o ouro. Eis o que Deus vos revelou das coisas por acontecerem nos tempos futuros. Esse sonho é verdadeiro e fiel é sua interpretação.

"Então Nabucodonosor prostrou o rosto em terra", etc.

Daniel, 8, 8: "Daniel tendo visto o combate do carneiro e do bode que o venceu, e dominou a terra, e tendo caído seu grande corno, quatro outros dele saíram voltados para os quatro ventos do céu; e de um desses cornos saiu outro pequenino corno que cresceu em direção ao sul, ao oriente e às terras de Israel, e se ergueu contra o exército do céu, derrubou as estrelas e as pisou aos pés, abateu o Príncipe e fez cessar o sacrifício perpétuo e deixou desolado o Santuário.

"Eis o que viu Daniel. Buscava a explicação quando uma voz se elevou: 'Gabriel, faze-lhe entender essa visão'. E Gabriel disse: 'O carneiro que vistes é o rei dos medos e dos persas; o bode, o rei dos gregos, e o grande corno que trazia entre os olhos, o primeiro rei desta monarquia. E o fato de saírem desse corno partido quatro outros significa que quatro reis desta nação lhe sucederão, mas não de igual poder. Ora, no declínio desses reinados, quando as iniqüidades tiverem crescido, surgirá um rei, insolente e forte, mas de força exterior a ele, e que fará o que quiser; espalhará a desolação no meio do povo santo e, tendo êxito em seus empreendimentos, graças a um espírito dúbio e enganador, matará muitos e se erguerá afinal contra o príncipe dos príncipes, e morrerá desgraçado sem a intervenção, no entanto, de mão violenta' ".

Daniel, 9, 20: "Como orasse de todo coração e, tendo confessado meu pecado e o do meu povo, me prosternasse diante de Deus, eis que Gabriel, que eu vira em visão desde o início, veio a mim, tocou-me na hora do sacrifício das vésperas e, dando-me inteligência, disse-me: 'Daniel, eu vim para tornar-vos acessível o conhecimento das coisas. Desde o início de vossas preces eu vim para descobrir-vos o que desejais, porque sois o homem dos desejos. Ouvi, pois, a palavra e entrai na inteligência da visão. Setenta semanas são prescritas e determinadas a vosso povo e a vossa cidade santa para expiarem o crime, porem fim aos pecados, abolirem a iniqüidade, introduzirem a justiça eterna, realizarem as visões e as profecias e ungirem

o Santo dos santos. (Depois do que esse povo não será mais o vosso povo, nem essa a cidade santa. O tempo da ira terá passado, os anos de graça virão para sempre.)

'Ouvi, pois, e entendei. Desde o momento em que for proferida a palavra para restabelecer e reedificar Jerusalém, até o príncipe Messias, decorrerão sete semanas e sessenta e duas semanas. (Os hebreus estavam acostumados a dividir os números e a apresentar o pequeno em primeiro lugar; esses sete e sessenta e dois fazem, portanto, sessenta e nove; das setenta resta, pois, a septuagésima, isto é, os sete últimos anos de que falará a seguir.)

'Depois que a praça e os muros forem edificados em um tempo de perturbações e aflições e depois dessas sessenta e duas semanas (que terão seguido as sete primeiras. Cristo será morto, pois, após as sessenta e nove semanas, isto é, na última semana), Cristo será morto e um povo virá, com seu príncipe, que destruirá a cidade e o santuário, e inundará tudo; e o fim dessa guerra consumará a desolação.

'Ora, uma semana (que é a septuagésima restante) estabelecerá a aliança com muitos, e mesmo a metade da semana (os últimos três anos e meio) abolirá o sacrifício e a hóstia, tornará espantosa a extensão da abominação, a qual se espalhará e durará sobre esses mesmos que se espantarão até a consumação' ".

Daniel, 11: "O anjo disse a Daniel: Haverá, ainda (depois de Ciro, sob o qual isto ainda se passa), três reis da Pérsia (Cambises, Smerdis, Dario) e o quarto, que virá em seguida (Xerxes), será mais poderoso em riquezas e forças e erguerá todos os seus povos contra os gregos.

"Mas surgirá um poderoso rei (Alexandre) cujo império terá enorme extensão e que terá êxito em todos os seus empreendimentos. Mas, quando a monarquia estiver estabelecida, perecerá e será dividida em quatro partes voltadas para os quatro ventos do céu (como fora dito antes, 6, 6; 8, 8), não porém com gente de sua raça; e seus sucessores não o igualarão em poder, porque esse mesmo reino será dispersado e entregue a outros que não esses (os quatro principais).

"E o sucessor que reinar no sul (Egito, Ptolomeu, filho de Lagos) será poderoso; mas outro o dominará e seu Estado será um grande Estado (Seleuco, rei da Síria. Apiano diz-nos que é o mais poderoso dos sucessores de Alexandre).

"E com o correr dos anos aliar-se-ão; e a filha do rei do sul (Berenice, filha de Ptolomeu Fila-

delfo, filho do outro Ptolomeu) virá ao rei do Aquilão (Antíoco II, rei da Síria e da Ásia, sobrinho de Seleuco Lagidas) para estabelecer a paz entre os príncipes.

"Mas nem ela nem seus descendentes terão autoridade duradoura; porque ela, e os que a tinham enviado, e seus filhos e seus amigos serão mortos (Berenice e seu filho foram assassinados por Seleuco Calinico).

"Mas nascerá uma vergôntea dessas raízes (Ptolomeu Evérgete, filho do mesmo pai que Berenice), a qual virá com poderoso exército às terras do rei do Aquilão onde terá tudo sob seu domínio e de onde levará para o Egito seus deuses, seus príncipes, seu ouro e sua prata e seus mais preciosos bens (se não tivesse sido chamado ao Egito por motivos de ordem doméstica, teria inteiramente despojado Seleuco, diz Justino); e passarão anos e anos sem que o rei do Aquilão possa alguma coisa contra ele.

"E assim ele voltará a seu reino; mas os filhos do outro, irritados, reunirão grandes forças (Seleuco, Cerauno, Antíoco Magno). E seus exércitos chegarão e tudo devastarão. E o rei do sul, irritado com isso, formará igualmente um grande exército e lhes dará combate (Ptolomeu Filópator contra Antíoco Magno em Rafia) e vencerá; vencerá milhares de homens, mas a vitória não será decisiva, porque o rei do Aquilão (Antíoco Magno) voltará com forças, maiores ainda que da primeira vez, e então grande número de inimigos se erguerá contra o rei do sul (o jovem Ptolomeu Epifânio) e até os apóstatas e os violentos de teu povo se sublevarão para que as visões sejam cumpridas, e morrerão (os que haviam abandonado sua religião para agradar a Evérgete quando enviou tropas a Escopas, pois Antíoco retomará Escopas e os vencerá). E o rei do Aquilão destruirá as fortificações e tomará as cidades mais bem defendidas e toda a força do sul não poderá resistir-lhe, e tudo cederá diante de sua vontade; ele se deterá em terras de Israel e este cederá. E assim ele pensará em se tornar senhor de todo o império do Egito (desprezando a juventude de Epifânio, diz Justino). E, nesse intuito, fará aliança com ele e lhe dará sua filha (Cleópatra, para que traísse o marido; a respeito disso, diz Apiano que, não confiando em poder dominar o Egito pela força, quis atingi-lo pela finura). Tentará corrompê-la, mas ela não lhe obedecerá; e ele se entregará a outros desígnios e pensará tornar-se senhor de algumas ilhas (isto é, lugares marítimos) e tomará várias (como diz Apiano).

"Mas um grande chefe opor-

se-á a essas conquistas (Cipião, o Africano, que sustará os progressos de Antíoco Magno porque ofendia os romanos na pessoa de seus aliados), evitando a vergonha que lhe caberia. Voltará, pois, a seu reino e aí perecerá (foi assassinado pelos seus) e não mais existirá.

"E quem lhe suceder (Seleuco Filópator ou Sotero, filho de Antíoco Magno) será um tirano que sobrecarregará de impostos a glória do reino (o povo); mas dentro em pouco morrerá, e não por sedição ou guerra. E suceder-lhe-á um homem desprezível e indigno das honras da realeza, o qual a tanto se elevará por sua habilidade e lisonja. Todos os exércitos fraquejarão diante dele e ele os vencerá, inclusive o príncipe com o qual se aliara; porque, tendo renovado a aliança, o enganará, e, chegando com reduzida tropa às suas calmas e destemerosas províncias, tomará as melhores terras e fará o que seus pais nunca tinham feito, e, devastando por toda parte, conceberá grandes desígnios em seu tempo".

*723 — *Profecias* — As setenta semanas de Daniel são equívocas quanto ao termo do começo, por causa dos termos da profecia; e quanto ao termo do fim, por causa da diversidade dos cronologistas. Mas toda essa diferença não vai além de duzentos anos.

*724 — *Predições* — Que, na quarta monarquia, antes da destruição do Segundo Templo, antes que a dominação dos judeus fosse abolida, na septuagésima semana de Daniel, durante a duração do Segundo Templo, os pagãos fossem instruídos e conduzidos ao conhecimento do Deus adorado pelos judeus; que os que o amam fossem livrados dos seus inimigos e cumulados com o seu temor e com o seu amor.

E acontece que, na quarta monarquia, antes da destruição do Segundo Templo, etc., os pagãos em multidão adoram Deus e levam uma vida angélica; as raparigas consagram a Deus a sua virgindade e a sua vida, os homens renunciam a todos os prazeres. Aquilo que Platão não pôde incutir no espírito de uns poucos homens escolhidos e instruídos, uma força secreta consegue-o, no espírito de milhares de homens ignorantes, pela virtude de poucas palavras.

Os ricos abandonam seus bens, os filhos abandonam a casa confortável de seus pais pela austeridade de um deserto. (Vide Filon, o judeu.) Que significa tudo isso? O que foi predito muito tempo antes. Há dois mil anos que nenhum pagão adorava o Deus dos judeus; e no tempo predito a multidão dos pagãos adora esse Deus único. Os templos são destruídos, os reis

mesmo submetem-se à cruz. Que significa tudo isso? Que o espírito de Deus se expandiu pelo mundo.

Nenhum pagão, de Moisés a Jesus Cristo, segundo os próprios rabinos. A multidão dos pagãos, depois de Jesus Cristo, acredita nos livros de Moisés e observa-lhes a essência e o espírito, rejeitando tão-somente o inútil.

725 — *Profecias* — A conversão dos egípcios *(Isaías,* 19, 19); um altar no Egito para o Deus verdadeiro.

726 — *Profecias* — [No Egito, o *Pugio Fidei*], p. 659, *Talmude:* "Estabelece nossa tradição que, quando chegar o Messias, a casa de Deus, destinada à divulgação de sua palavra, estará cheia de lixo e impurezas e que a sabedoria dos escribas será corrupta e podre. Os que temerem pecar serão reprovados pelo povo e tratados de loucos e insensatos".

Isaías, 49: "Escutai, povos longínquos, e vós, habitantes das ilhas do mar: o Senhor chamou-me por meu nome desde o ventre de minha mãe, ele me protege sob a sombra de sua mão, ele fez de minhas palavras um gládio afiado e disse-me: Tu és meu servo; e através de ti farei brilhar minha glória. E eu disse: Senhor, terei trabalhado em vão? Terei inutilmente consumido toda a minha força? Julgai-o, Senhor, meu trabalho está diante de vós. Então o Senhor, que me formou ele próprio desde o ventre de minha mãe para que lhe pertencesse inteiramente, a fim de trazer de volta Jacó e Israel, disse: Serás glorioso em minha presença e eu próprio serei tua força; é pouco converteres as tribos de Jacó; eu te suscitei para seres a luz dos gentios e minha salvação até os confins da terra. São as coisas que o Senhor disse a quem humilhou sua alma, que foi desprezada e abominada pelos gentios e se submeteu aos poderosos da terra. Os príncipes e os reis te adorarão, porque o Senhor que te elegeu é fiel.

"O Senhor disse ainda: Eu te atendi nos dias da salvação e misericórdia e te estabeleci para seres a aliança do povo e te colocares na posse das nações mais abandonadas, a fim de dizeres aos que estão acorrentados: Ide, em liberdade. E aos que estão nas trevas: Vinde à luz e possuí as terras abundantes e férteis. Não serão mais atormentados pela fome e a sede e o ardor do sol, porque aquele que teve compaixão deles será seu condutor; ele os conduzirá às nascentes vivas das águas e aplainará as montanhas diante deles. E os povos virão de toda parte, do oriente, do ocidente, do aquilão e do sul. Que o céu renda glórias a Deus; que a terra se alegre, porque agradou ao Senhor consolar seu povo e porque, enfim, ele terá

piedade dos pobres que esperam nele.

"E, no entanto, Sião ousou dizer: O Senhor abandonou-me e não mais me guarda em sua memória. Pode a mãe esquecer o filho, e perder a ternura por aquele a quem teve no seio? Mas, ainda que o pudesse, eu não te esquecerei nunca, Sião; carrego-te sempre nas mãos e teus muros estão diante de meus olhos. Os que devem restabelecer-te acorrem e teus destruidores serão afastados. Ergue os olhos e considera toda essa multidão que se reúne para vir a ti. Juro que todos esses povos te serão dados como ornamento de que te vestirás para sempre; teus desertos e tuas solidões, e todas as tuas terras, ora desoladas, serão estreitas demais para o número grande de habitantes, e os filhos que nascerem nos anos de esterilidade dirão: O lugar é pequeno, alarga as fronteiras para que possamos viver. Então dirás em ti mesmo: Quem me deu essa abundância de filhos, eu que não os concebia mais, que era estéril e cativa? E quem mos nutriu, pois eu estava abandonada e sem ajuda? De onde vieram todos estes? E o Senhor dirá: Revelei meu poder aos gentios e ergui meu estandarte sobre todos os povos e eles te trarão crianças nos braços e nos seios; os reis e as rainhas te nutrirão e te adorarão com o rosto prostrado por terra e beijarão o pó de teus pés; e tu saberás que sou o Senhor e que os que esperam em mim nunca serão confundidos; pois, quem pode arrancar a presa a quem é forte e poderoso? Mas, mesmo que alguém o pudesse, nada me impediria de salvar teus filhos, nem de destruir teus inimigos e todo mundo reconhecerá que eu sou o Senhor teu salvador e o poderoso redentor de Jacó.

"O Senhor disse estas coisas: Que é esse libelo de divórcio pelo qual repudiei a sinagoga? E por que a entreguei nas mãos de nossos inimigos? Não foi por sua impiedade e seus crimes que a repudiei?

"Porque eu cheguei e ninguém me recebeu; chamei e ninguém ouviu. Terá meu braço encurtado e não terei o poder de salvar?

"É por isso que farei aparecerem as marcas de minha ira; cobrirei os céus de trevas e os esconderei sob véus.

"O Senhor deu-me uma língua bem instruída, a fim de que eu saiba consolar com minha palavra quem está na tristeza. Ele tornou-me atento a seus discursos e eu o ouvi como a um mestre.

"O Senhor revelou-me suas vontades e eu não me mostrei rebelde.

"Ofereci meu corpo aos golpes e meu rosto aos insultos; expus minhas faces às ignomínias e aos

escarros; mas o Senhor me amparou e por isso não me confundi.

"Quem me justifica está comigo; quem ousará acusar-me de pecado, sendo Deus ele próprio meu protetor?

"Todos os homens passarão e serão consumidos pelo tempo; que os que temem a Deus escutem, pois, as palavras de seu servo; que os que enlanguescem nas trevas ponham sua confiança no Senhor. Mas vós, vós não fazeis senão incendiar a cólera de Deus sobre vós, marchais sobre fogueiras entre as chamas que vós mesmos acendeis. Foi minha mão que vos impôs esses males; perecereis na dor.

"Escutai, vós que seguis a justiça e buscais o Senhor. Olhai a pedra de onde fostes talhado e a cisterna de onde fostes tirado. Olhai Abraão vosso pai e Sara que vos concebeu. Sabei que estava só e sem filhos quando o chamei e lhe dei tão abundante posteridade; vede quantas bênçãos expandi sobre Sião e como a cumulei de graças e consolações.

"Considerai todas essas coisas, meu povo, e atentai para minhas palavras porque uma lei sairá de mim, e um julgamento que será a luz dos gentios".

Amós, 8: "Tendo o profeta enumerado os pecados de Israel, disse que Deus jurara vingança.

"Disse assim: Nesse dia, disse o Senhor, eu farei o sol deitar-se ao meio-dia e cobrirei a terra de trevas no dia de luzes, transformarei vossas festas solenes em lágrimas e vossos cânticos em lamentos.

"Estareis todos na tristeza e no sofrimento e eu porei essa nação numa desolação semelhante à da morte de um filho único; e esses últimos tempos serão tempos de amargura. Eis que se aproximam os dias em que enviarei à terra a fome, não fome de pão e sede de água, mas a fome e a sede de palavras do Senhor. Errarão de um mar a outro e do aquilão ao oriente; e ficarão a girar por toda parte à procura de quem anuncie a palavra do Senhor, mas não encontrarão ninguém.

"E suas virgens e seus jovens perecerão nessa sede, eles que seguiram os ídolos de Samaria, juraram pelo Deus adorado em Dan, dedicaram-se ao culto de Bersabé; e eles cairão e não mais se levantarão".

Amós, 3, 2: "De todas as nações da terra, só a vossa escolhi para ser meu povo".

Daniel, 12, 7, descrevendo a extensão do reino do Messias, diz: "Todas essas coisas se cumprirão quando a dispersão do povo de Israel tiver ocorrido".

Ageu, 2, 4: "Vós que, comparando esta segunda casa à glória da primeira, a desprezais, tende coragem, disse o Senhor, a vós

Zorobabel, e a vós Jesus sumo-sacerdote, e a vós todo o povo da terra, e não deixeis de trabalhar para isso. Porque eu estou convosco, disse o Senhor dos Exércitos; subsiste a promessa que fiz, quando vos retirei do Egito: Meu espírito está convosco. Não percais a esperança, porque o Senhor dos Exércitos assin falou: Mais algum tempo ainda e eu abalarei o céu e a terra, e o mar e a terra firme (maneira de dizer para assinalar uma transformação grande e extraordinária); e abalarei todas as nações. Então virá aquele que é desejado por todos os gentios e eu encherei esta casa de glória, disse o Senhor.

"A prata e o ouro estão em mim, disse o Senhor (isto é, não é por isso que quero ser adorado, como está dito alhures: todos os animais do campo são meus; de que serve mos oferecerem como sacrifício?). A glória deste novo templo será bem maior que a do primeiro, disse o Senhor dos Exércitos; e edificarei minha casa aqui neste lugar, disse o Senhor.

"No Horeb, quando aí estáveis reunidos, e que dissestes: Que o Senhor não fale mais ele próprio e que não vejamos mais esse fogo, de medo de morrermos. E o Senhor me disse: Seu pedido é justo; eu suscitarei um profeta como vós, entre seus irmãos, e em sua boca porei minhas palavras, ele lhes dirá as coisas que eu lhe ordenar; e acontecerá que quem não obedecer às palavras ditas em meu nome será por mim julgado".

Gênese, 49: "Vós, Judá, vós sereis louvado por vossos irmãos; os filhos de vosso pai vos adorarão. Judá, filhote de leão, andastes à presa, meu filho, e vos deitastes como um leão, ou uma leoa; quem ousará acordar-vos?[184]

"O cetro não será tirado de Judá, nem o legislador de seus pés, até que chegue Silo; e as nações se juntarão a ele para obedecer-lhe".

*727 — *Durante o tempo do Messias — Aenigmatis. Ezequiel*, 18.

Ele terá seu precursor. *Malaquias*, 3.

Ele nascerá criança. *Isaías*, 9.

Ele nascerá na cidade de Belém. *Miquéias*, 5. Sairá da família de Judá e de Davi, aparecerá principalmente em Jerusalém.

Ele deve cegar os sábios e os doutos, *Isaías*, 6; 8; 29, etc., e anunciar aos pobres e aos pequenos, *Isaías*, 29, abrir os olhos dos cegos e dar saúde aos enfermos; e levar à luz os que languescem nas trevas. *Isaías*, 61.

Deve ensinar a via perfeita e

[184] Como a redação é confusa, aproveitou-se o próprio trecho original da Bíblia. (N. do T.)

ser o preceptor dos gentios. *Isaías*, 55; 42, 1-7.

As profecias devem ser ininteligíveis aos ímpios. *Daniel*, 12; *Oséias*, 14, 9, mas inteligíveis aos bem instruídos.

As profecias que o apresentam pobre representam-no senhor das nações. *Isaías*, 52, 14; 53, etc. *Zacarias*, 9, 9.

As profecias que predizem o tempo só o predizem senhor dos gentios e sofrendo, não nas nuvens, nem juiz. E as que o representam glorioso e julgando não predizem o tempo.

Deve ser a vítima pelos pecados do mundo. *Isaías*, 39; 53, etc.

Deve ser a pedra fundamental e preciosa. *Isaías*, 28, 16.

Deve ser a pedra de toque e de escândalo. *Isaías*, 8. Jerusalém deve chocar-se contra essa pedra.

Os edificantes devem reprovar essa pedra. *Salmos*, 117, 22.

Deus deve fazer dessa pedra a pedra angular.

E essa pedra deve crescer numa montanha imensa e encher toda a terra. *Daniel*, 2.

Que assim deve ser repelido, desconhecido, traído, *Salmos*, 108, 8, vendido, *Zacarias*, 11, 12, cuspido, esbofeteado, escarnecido, afligido de uma infinidade de maneiras, dessedentado com fel, *Salmo* 68, traspassado, os pés e as mãos transpassados, *Zacarias*, 12, que seria morto e suas vestes jogadas aos dados.

Que ressuscitaria, *Salmo* 15, no terceiro dia. *Oséias*, 6, 3.

Que subiria ao céu, para sentar-se à direita (de Deus), *Salmo* 110.

Que os reis se armariam contra ele. *Salmo* 2.

Que, estando à direita do Pai, seria vitorioso dos seus inimigos.

Que os reis da terra e todos os povos o adorariam. *Isaías*, 60.

Que os judeus subsistirão como nação. *Jeremias*.

Que serão errantes, sem rei, etc. *Oséias*, 3, sem profetas, *Amós*, esperando a salvação e não a encontrando. *Isaías*.

Vocação dos gentios por intermédio de Jesus Cristo. *Isaías*, 52, 15; 55, 5; 60, etc. — *Salmo* 81.

Oséias, 1, 9: "Não sereis mais o meu povo e eu não serei mais vosso Deus depois que fordes multiplicados pela dispersão. Lá onde não vos chamam meu povo, eu vos chamarei meu povo".

*728 — Não era permitido sacrificar fora de Jerusalém, que era o lugar que o Senhor escolhera, nem mesmo comer alhures as décimas. *Deuteronômio*, 12, 5, etc. *Deuteronômio*, 14, 23, etc.; 15, 20; 16, 2-7-11-15.

Oséias predisse que eles ficariam sem rei, sem príncipe, sem sacrifícios e sem ídolo; o que se acha cumprido hoje, não sendo possível sacrificar fora de Jerusalém.

*729 — *Predições* — Foi

predito que, no tempo do Messias, ele viria estabelecer uma nova aliança que faria esquecer a saída do Egito, *Jeremias*, 23, 6; *Isaías*, 43, 16; que poria sua lei não no exterior mas nos corações; que Jesus Cristo poria seu temor, que fora apenas aparente, no meio do coração. Quem não vê a lei cristã nisso?

*730 — . . . Que então a idolatria seria derrubada; que o Messias abateria todos os ídolos e faria com que os homens voltassem ao culto do verdadeiro Deus.

Que os templos dos ídolos seriam abatidos e que, entre todas as nações e em todos os lugares do mundo, ser-lhe-ia oferecida uma hóstia pura, e não animais.

Que ele seria o rei dos judeus e dos gentios. E eis esse rei dos judeus e dos gentios, oprimido por uns e outros que conspiram para a sua morte, dominando uns e outros, e destruindo não só o culto de Moisés em Jerusalém, que era o seu centro e onde teve sua primeira Igreja, mas também o culto dos ídolos em Roma, que era o seu centro e onde teve a sua principal Igreja.

731 — *Profecias* — Que Jesus Cristo estará à direita, enquanto Deus lhe submeterá seus inimigos.

Logo, não os submeterá ele próprio.

732 — "... Que então não se ensinará mais o próximo dizendo: Eis o Senhor, *pois Deus se fará sentir a todos.*" — "*Vossos filhos profetizarão.*" — "Porei meu espírito e temor a mim em *vosso coração.*"

Tudo isso é a mesma coisa. Profetizar é falar de Deus, não com provas de fora, mas com sentimento interior e *imediato*.

*733 — Que ensinaria aos homens o caminho perfeito.

E nunca veio, nem antes, nem depois, nenhum homem que tenha ensinado nada de divino aproximando-se disso.

734 — . . . Que Jesus Cristo seria pequeno no começo e cresceria em seguida. A pedrinha de Daniel.

Se nunca tivesse ouvido falar do Messias, após as predições tão admiráveis da ordem do mundo que vejo realizadas, perceberia que isso é divino. E se eu soubesse que esses mesmos livros predizem um Messias, eu teria a certeza de que ele chegou. E, vendo que apontam seu tempo antes da destruição do Segundo Templo, diria que chegou.

*735 — *Profecias* — Que os judeus reprovariam Jesus Cristo e por isso seriam reprovados por Deus. Que a vinha eleita só daria agraço. Que o povo escolhido seria infiel, ingrato e incrédulo, *populum non credentem et contradicentem*. Que Deus os puniria com a cegueira e como cegos eles

andariam às apalpadelas em pleno dia. Que um precursor viria antes dele.

*736 — *Transfixerunt, Zacarias*, 12, 10.

Que um libertador viria para esmagar a cabeça do demônio e livrar seu povo de seus pecados, *ex omnibus iniquitatibus;* que haveria um Novo Testamento, que seria eterno; que devia haver outro sacerdócio, segundo a ordem de Melquisedec; que este seria eterno; que Cristo seria glorioso, poderoso, forte e, no entanto, tão miserável que não seria reconhecido; que não o tomariam pelo que é; que o rejeitariam e o matariam; que seu povo, renegando-o, não mais seria seu povo; que os idólatras o receberiam e recorreriam a ele; que ele abandonaria Sião para reinar no centro da idolatria; que, entretanto, os judeus subsistiriam sempre; que ele seria de Judá, quando aí não houvesse mais rei.

ARTIGO XII

As provas de Jesus Cristo

*737 — . . . Daí eu recusar as demais religiões. Por aí acho resposta a todas as objeções. É justo que um Deus tão puro só se revele a quem tenha o coração purificado. Assim, pois, essa religião me é amável e acho-a dotada de bastante autoridade pela sua divina moral; nela, porém, encontro mais.

Eis um povo mais antigo do que os outros e que subsiste desde sempre; é constantemente anunciado aos homens que ele se acha em um estado de corrupção universal, mas que virá um Reparador: um povo inteiro o prediz antes de sua vinda, um povo inteiro o adora depois de sua vinda. Não é um homem que o diz, mas uma infinidade de homens e um povo inteiro profetizando, e feito de propósito durante quatro mil anos. . . Seus livros dispersados durante quatrocentos anos.

Quanto mais os examino, tanto mais descubro verdades neles; e o que precedeu e o que seguiu; enfim, eles, sem ídolos nem rei, e essa sinagoga que foi predita e esses miseráveis que a seguem e que, sendo nossos inimigos, são admiráveis testemunhos da verdade dessas profecias em que a sua miséria e até a sua cegueira foram preditas.

Descubro esse encadeamento, essa religião tão divina em sua autoridade, em sua duração, em sua perpetuidade, em sua moral, em sua conduta, em sua doutrina, em seus efeitos, e as trevas dos judeus, medonhas e preditas: *Eris palpans in meridie. Dabitur liber scienti litteras et dicet: "Non possum legere"*[185]. O cetro estando ainda nas mãos do primeiro usurpador estrangeiro, o rumor da vinda de Jesus Cristo.

Estendo, assim, os braços ao meu *Libertador,* que, tendo sido predito durante quatro mil anos, veio sofrer e morrer por mim sobre a terra, no tempo e em todas as circunstâncias que

[185] Andarás às apalpadelas em pleno dia *(Deuteronômio,* 28,29). Um livro será dado a alguém que sabe ler e ele dirá: Não posso ler. *(Isaías,* 29, 12.)

foram preditas, e, por sua graça, espero a morte em paz, na esperança de lhe ser eternamente unido; e vivo com alegria, quer nos bens que lhe apraz conceder-me, quer nos males que me envia para o meu bem, e que me ensinou a sofrer com seu exemplo.

738 — Tendo as profecias dado diversos sinais que deveriam ocorrer à chegada do Messias, era preciso que todos esses sinais se verificassem ao mesmo tempo. Assim, era necessário que a quarta monarquia surgisse quando as setenta semanas de Daniel houvessem terminado e que o cetro tivesse saído de Judá, e tudo aconteceu sem dificuldade. E então chegou o Messias, e tudo isso não comporta dificuldade e marca bem a verdade das profecias.

*739 — Os profetas predisseram, e não foram preditos. Os santos, a seguir, preditos mas não predizentes. Jesus Cristo, predito e predizente.

*740 — Jesus Cristo, objeto central dos dois Testamentos, no Antigo como esperança, no Novo como modelo, nos dois como centro.

741 — Os dois livros mais antigos do mundo são os de Moisés e Jó, um judeu, outro ímpio, ambos encarando Jesus Cristo como centro e objeto comum. Moisés, ao relacionar com Abraão, Jacó, etc., as promessas de Deus e as suas profecias. E Jó: *Quis mihi det ut*, etc. *Scio enim quod redemptor meus vivit*[186], etc.

*742 — O Evangelho só fala da virgindade da Virgem até o nascimento de Jesus Cristo. Tudo em relação a Jesus.

743 — *Provas de Jesus Cristo.*

Por que se conservou o livro de Rute?

Por que a história de Tamar?

*744 — "Orai, de medo de cairdes em tentação." É perigoso ser tentado; e os que o são, são-no porque não oram.

Et tu conversus confirma fratres tuos. Mas antes, *conversus Jesus respexit Petrum*[187].

São Pedro pede permissão para golpear Marcos e o golpeia antes de ouvir a resposta, e Jesus Cristo responde a seguir.

A palavra *Galileu*, que a multidão dos judeus pronunciou como por acaso, acusando Jesus Cristo perante Pilatos, deu motivo a Pilatos para enviar Jesus Cristo a Herodes; graças a isto foi realizado o mistério, segundo o qual ele deveria ser julgado pelos judeus e pelos gentios. O acaso em aparência foi a causa da realização do mistério.

[186] Quem me dará (a possibilidade de fixar em um livro minhas palavras?) Sei, quanto a mim, que existe um Redentor. (*Jó*, 19, 23-25.)

[187] Tendo-te voltado para mim, anima teus irmãos. Mas antes: tendo-se voltado para Pedro, Jesus o fixara. (*São Lucas*, 22, 32-61.)

*745 — Os que acham difícil crer buscam a razão disso no fato de os judeus não crerem. "Se isso fosse claro", diz-se, "por que eles não creriam?" E desejariam quase que eles cressem, a fim de não serem detidos pelo exemplo de sua recusa. Mas é justamente a sua recusa o fundamento da nossa crença. Nós estaríamos menos dispostos a isso, se eles fossem dos nossos. Teríamos, então, um pretexto mais amplo. É admirável que isso tenha tornado os judeus grandes amadores das coisas preditas e grandes inimigos do seu cumprimento.

*746 — Os judeus estavam habituados aos grandes e estrondosos milagres e, tendo tido os grandes golpes do mar Vermelho e da terra de Canaã como um resumo dos grandes feitos do Messias, deste esperavam mistérios mais fulgurantes ainda. Os de Moisés seriam apenas amostras.

747 — Os judeus carnais e os pagãos têm misérias, e os cristãos também. Não há Redentor para os pagãos, nem mesmo eles o esperam. Não há Redentor para os judeus, eles o esperam em vão. Só há Redentor para os cristãos. (Vide perpetuidade.)

*748 — No tempo do Messias, o povo divide-se. Os espirituais seguiram o Messias; os grosseiros ficaram para servir de testemunhas.

*749 — "Se isso está claramente predito aos judeus, por que não acreditariam? Ou como não foram exterminados por terem resistido a uma coisa tão evidente?"

— Respondo: antes de mais nada, foi predito que eles não acreditariam em coisa tão clara e que não seriam exterminados. E nada mais glorioso para o Messias; pois não bastava que houvesse profetas: era preciso que se conservassem insuspeitos. Ora, etc.

*750 — Se os judeus tivessem sido todos convertidos por Jesus Cristo, só teríamos testemunhas suspeitas. E, se tivessem sido todos exterminados, não teríamos testemunhas.

*751 — Que dizem os profetas de Jesus Cristo? Que ele será evidentemente Deus? Não: mas que ele é um Deus verdadeiramente oculto; que será desconhecido, que não se pensará que seja ele; que será uma pedra de escândalo contra a qual muitos se chocarão, etc. Que não nos censurem mais, portanto, a falta de clareza, pois fazemos profissão dela.

— Mas, dizem, há obscuridades. — E sem isso não se teriam chocado contra Jesus Cristo e trata-se de um desígnio formal dos profetas: *Excaeca*...[188]

752 — Moisés ensina pri-

[188] Endurece o coração do povo e tapa-lhe os ouvidos, e veda-lhe os olhos. (*Isaías*, 6, 10.)

meiramente a trindade, o pecado original, o Messias.

Davi, grande testemunho: rei, bom, perdoando; bela alma, bom espírito, poderoso; profetiza e seu milagre se realiza; isso é infinito.

Bastara-lhe dizer que era o Messias, se tivesse tido vaidade: pois as profecias são mais claras em relação a ele do que a Jesus. E São João também.

*753 — Herodes acreditou no Messias. Ele tirara o cetro de Judá, mas não era de Judá. Isso formou uma seita considerável. E Barcosba e um outro aceito pelos judeus. E o que por toda parte se dizia então. Suetônio. Tácito. Josefo.

Maldição dos gregos contra os que contam três períodos dos tempos.

Como devia ser o Messias, se com ele o cetro devia continuar eternamente em Judá e com sua chegada o cetro seria tirado de Judá?

Para que, vendo, não vissem e, ouvindo, não ouvissem, nada podia ser mais bem feito.

754 — *Homo existens te Deum facit.*

Scriptum est "Dii estis" et non potest solvi Scriptura.

Haec infirmitas non est ad vitam et est ad mortem.

"Lazarus dormit", et deinde dixit: Lazarus mortuus est[189].

[189] O homem que existe te faz Deus. — Está escrito: "Sois deuses" e a Escritura não pode ser aniquilada. — Esta enfermidade não é para a vida, é para a morte. — "Lázaro dorme", e em seguida ele diz: "Lázaro está morto". *(São João,* 11, 11,14.)

755 — A discordância aparente dos Evangelhos.

756 — Que se pode ter, senão veneração, por um homem que prediz claramente coisas que acontecem e que declara sua intenção de cegar e iluminar, e mistura obscuridade às coisas claras que ocorrem?

*757 — O tempo do primeiro advento foi predito; o tempo do segundo não o foi, porque o primeiro devia ser oculto; o segundo devia ser brilhante e de tal modo manifesto que os seus próprios inimigos o devessem reconhecer. Mas, como só devesse vir obscuramente, para ser reconhecido apenas pelos que sondassem as Escrituras...

*758 — Deus, para tornar o Messias cognoscível aos bons e incognoscível aos maus, fê-lo predizer dessa maneira. Se a maneira do Messias fosse predita claramente, não teria havido obscuridade, mesmo para os maus. Se o tempo tivesse sido predito obscuramente, teria havido obscuridade, mesmo para os bons; pois a [bondade do seu coração] não lhes teria feito entender que, por exemplo, o *men* fechado significa seiscentos anos. Mas o tempo foi predito claramente, e a maneira, em figuras.

Por esse meio, os maus, tomando os bens prometidos por materiais, se desviam, apesar do tempo predito claramente; e os bons não se desviam: porque a

inteligência dos bens prometidos depende do coração, que chama "bem" àquilo que ama; mas a inteligência do tempo prometido não depende do coração; e, assim, a predição clara do tempo, e obscura dos bens, só ilude os maus.

759 — É preciso que ou os judeus ou os cristãos sejam maus.

*760 — Os judeus o recusam, mas não todos. Os santos o recebem, e não os carnais. E tanto isso não é contra a sua glória, que é o último traço que a arremata. A razão que apresentam, e a única que se acha nos seus escritos, no *Talmude* e nos rabinos, consiste apenas em que Jesus Cristo não dominou as nações a mão armada, *gladium tuum, potentissime.* [Só têm isso a dizer? Jesus Cristo foi morto, dizem eles; sucumbiu; não dominou os pagãos pela força; não nos deu seus despojos; não dá riquezas. Só isso terão a dizer? É nisso que ele me é amável. Eu não desejaria o que eles imaginam]. É visível que somente sua vida os impediu de recebê-lo; e, com essa recusa, são testemunhas insuspeitas e, o que é mais, com ela cumprem as profecias.

[Por não o ter aceito esse povo, aconteceu a seguinte maravilha: as profecias são os únicos milagres subsistentes, mas estão sujeitas a ser contraditas.]

*761 — Matando-o, para não o aceitar como Messias, os judeus deram-lhe a última marca de Messias. Continuando a desconhecê-lo, tornaram-se testemunhas incensuráveis; matando-o e continuando a renegá-lo, cumpriram as profecias. *Isaías,* 60, *Salmo* 70.

*762 — Que podiam fazer os judeus, seu inimigos? Aceitando-o, provam-no com sua recepção, pois os depositários da espera do Messias o recebem; negando-o, provam-no pela sua renúncia.

763 — Os judeus, querendo verificar se ele era Deus, mostraram que ele era homem.

*764 — A Igreja teve tanta dificuldade em mostrar que Jesus Cristo era homem aos que o negavam quanto em mostrar que era Deus; e as aparências eram igualmente grandes.

*765 — *Fontes das contradições* — Um Deus humilhado até a morte na cruz, um Messias triunfando da morte por sua morte. Duas naturezas em Jesus Cristo, duas manifestações, dois estados da natureza do homem.

*766 — *Figuras* — Salvador, pai, sacrificador, hóstia, alimento, rei, sábio, legislador, aflito, pobre, devendo criar um povo que lhe caberia guiar e alimentar, e introduzir na sua terra...

Jesus Cristo. Ofícios — Só o Messias devia produzir um grande povo, eleito santo e escolhido; conduzi-lo, nutri-lo, introduzi-lo

no lugar de repouso e de santidade, torná-lo santo em Deus, fazer dele o templo de Deus, livrá-lo da servidão do pecado, que reina visivelmente no homem; dar leis a esse povo, gravar essas leis no seu coração, oferecer-se a Deus por eles; sacrificar-se por eles, ser uma hóstia sem mancha, e ele próprio sacrificador; devendo oferecer ele próprio seu corpo e seu sangue, e, entretanto, oferecer pão e vinho a Deus. . .

Ingrediens mundum.

"Pedra sobre pedra"[190]

O que precedeu e o que se seguiu. Todos os judeus subsistentes e vagabundos.

767 — De tudo o que existe na terra, ele só toma parte nos desprazeres, não nos prazeres. Ama seus próximos, mas sua caridade não se encerra dentro desses marcos e se expande sobre seus inimigos e sobre os de Deus.

*768 — Jesus Cristo, figurado por José, bem-amado de seu pai, enviado pelo pai para ver seus irmãos, etc., inocente, vendido por seus irmãos por vinte dinheiros, e com isso feito seu senhor, seu salvador e salvador dos estrangeiros, e salvador do mundo, o que não teria sido sem o desígnio de o perder, sem a venda e a reprovação que o condenou.

Na prisão, José inocente entre dois criminosos: Jesus Cristo na cruz entre dois ladrões; José predisse a salvação de um e a morte de outro, sobre as mesmas aparências: Jesus Cristo salva os eleitos e dana os réprobos pelos mesmos crimes. José apenas prediz: Jesus Cristo faz. José pede ao que será salvo que se lembre dele quando chegar à sua glória; e aquele que Jesus Cristo salva pede-lhe que se lembre dele quando em seu reino.

*769 — A conversão dos pagãos estava reservada exclusivamente à graça do Messias. Os judeus levaram tanto tempo a combatê-los sem êxito; tudo o que a respeito disseram Salomão e os profetas foi inútil. Os sábios, como Platão e Sócrates, não puderam persuadi-lo.

*770 — Depois de muita gente ter vindo, chegou, enfim, Jesus Cristo e disse: "Eis-me, eis o tempo. O que os profetas disseram que deveria ser no decurso do tempo, eu vos digo que meus apóstolos vão fazê-lo. Os judeus serão renegados, Jerusalém será em breve destruída; e os pagãos vão entrar no conhecimento de Deus. Meus apóstolos vão fazê-lo depois que tiverdes matado o herdeiro da vinha".

E depois os apóstolos disseram aos judeus: "Sereis amaldiçoados" *(Celso zombou disso);* e aos pagãos: "Entrareis no conheci-

[190] Jesus disse a um de seus discípulos que lhe apontava o templo: "Vês todas estas grandes construções? Não ficará pedra sobre pedra!" *(São Marcos,* 13, 2).

mento de Deus". È isso acontece então.

*771 — Jesus Cristo veio cegar os que viam claro e dar vista aos cegos; curar os doentes e deixar morrer os sãos; chamar à penitência e justificar os pecadores, e deixar os justos em seus pecados; encher os indigentes e deixar os ricos vazios.

*772 — *Santidade — Effundam spiritum meum*[191]. Todos os povos viviam na infidelidade e na concupiscência e toda a terra se fez ardente de caridade, os príncipes, abandonando suas grandezas, e as mulheres, sofrendo martírios. De onde vem uma tal força? É que o Messias chegou; eis o efeito e sinais de sua chegada.

773 — Ruína dos judeus e dos pagãos por Jesus Cristo: *omnes gentes venient et adorabunt eum. Parum est ut*, etc. *Postula a me. Adorabunt eum omnes reges. Testes iniqui. Dabit maxillam percutienti. Dederunt fel in escam*[192].

*774 — Jesus Cristo por todos. Moisés por um povo. Os judeus abençoados em Abraão: "Abençoarei todos os que te abençoarem". Mas, falando de Jesus Cristo, é preciso dizer: "Todas as nações abençoadas em sua semente". *Parum est ut*, etc.

Lumen ad revelationem gentium[193].

Non fecit taliter omni nationi, dizia Davi falando da lei. Mas falando de Jesus Cristo é preciso dizer: *Fecit taliter omni nationi*[194]. *Parum est ut*[195], etc., *Isaías*. Por isso cabe a Jesus Cristo ser universal. A própria Igreja só oferece o sacrifício aos fiéis: Jesus ofereceu o da cruz a todos.

775 — Há heresia ao explicar sempre *omnes* por todos, e há heresia em assim não o explicar às vezes. *Bibite ex hoc omnes*[196]: os huguenotes, os heréticos, explicando por todos. *In quo omnes peccaverunt*[197]; os huguenotes, heréticos, à exceção dos filhos dos fiéis. Cumpre, pois, seguir os padres da Igreja e a tradição para saber quando, posto que há heresia a temer de ambos os lados.

776 — *Ne timeas pusillus grex*[198]. *Timore et tremore*[199]. — Quid ergo? *Ne timeas*, |modo| *timeas:* se temeis, não temais; mas se não temeis, temei.

[191] *Joel*, 2, 28.

[192] Indicação dos textos cujos títulos indicam a matéria de que tratam: *Salmo* 21, 28; *Isaías*, 49, 6; *Salmo* 2, 8; *Salmo* 71, 11; *Lamentações*, 3, 30; *Salmo* 68, 22.

[193] Luz para iluminar os gentios *(São Lucas*, 2, 32).

[194] Não procedeu assim para toda a nação *(Salmo* 147, 20). Procedeu assim para toda a nação.

[195] *Isaías*, 49, 6: É pouco que |me sirvas para levantar as tribos de Jacó e purificar a lama de Israel|.

[196] *São Mateus*, 26, 27: Bebam-no todos.

[197] São Paulo, *Romanos*, 5, 12: No que todos pecaram.

[8] *São Lucas*, 12, 32: Não receeis, frágil rebanho.

[199] Com temor e tremor.

Qui me recipit, non me recipit, sed eum qui me misit[200].

Nemo scit, neque Filius[201].

Nubes lucida obumbravit[202].

São João devia converter os corações dos pais aos filhos e Jesus Cristo dividi-los. Sem contradição.

777 — Os efeitos, *in communi* e *in particulari*. Os semipelagianos erram dizendo *in communi*, o que só é verdadeiro *in particulari;* e os calvinistas, dizendo *in particulari* o que é verdadeiro *in communi* (parece-me).

778 — *Omnis Judaea regio, et Jerosolomytae universi, et baptizabantur*[203]. Por causa de todas as condições de homem que aí vinham.

Pedras podem ser filhos de Abraão.

779 — Se nos conhecêssemos, Deus curaria e perdoaria. *Ne convertantur et sanem eos, et dimittantur eis peccata*[204]

780 — Jesus Cristo não condenou nunca sem ouvir. A Judas: *Amice, ad quid venisti?* E igualmente ao que não tinha a vestimenta nupcial.

781 — As figuras da totalidade da redenção, assim como o sol a tudo ilumina, só assinalam uma totalidade; mas [*as figuras*] das exclusões, assim como os judeus eleitos com exclusão dos gentios, assinalam a exclusão.

"Jesus Cristo, redentor de todos." Sim, porque ele ofereceu, como um homem que resgatou todos os que queriam ir a ele. Os que morrerem no caminho terão sido infelizes; mas ele lhes oferece a redenção. Isso está certo neste exemplo, onde o que resgata e o que impede de morrer são dois, mas não em Jesus Cristo, que faz uma e outra coisa. — Não porque Jesus Cristo, na qualidade de redentor, não seja talvez senhor de tudo; mas, na medida em que o é, torna-se redentor de todos.

Quando dizeis que Jesus Cristo não morreu por todos, abusais do vício dos homens que aplicam a si próprios essa exceção, o que significa favorecer o desespero; em lugar de obviar a questão, a fim de favorecer a esperança. Porque nós nos acostumamos assim às virtudes interiores por meio desses hábitos exteriores.

782 — A vitória sobre a morte. Que adianta ao homem tudo ganhar, se perde a alma? Quem quiser guardar a alma, perdê-la-á.

"Não vim destruir a lei, mas cumpri-la."

"Os cordeiros não tiravam os

[200] *São Mateus*, 9, 48: O que me recebe, não recebe a mim, mas ao que me enviou.
[201] Ninguém o sabe nem o Filho.
[202] Uma nuvem cobriu a luz de sombra.
[203] *São Marcos*, 1, 5: Toda a região da Judéia e todos os jerosolimitas eram batizados.
[204] *São Marcos*, 4, 12; *Isaías*, 6, 10: Para que não sejam convertidos, para que eu não os cure e lhes conceda a remissão dos pecados.

pecados do mundo, mas eu sou o cordeiro que os tira."

"Moisés não vos deu o pão do céu. Moisés não vos tirou do cativeiro e não vos tornou inteiramente livres."

*783 — . . . Então Jesus Cristo vem dizer aos homens que eles não têm outros inimigos senão eles mesmos; que são suas paixões que os separam de Deus; que ele vem para destruí-las e para dar-lhes sua graça, a fim de fazer com todos eles uma Igreja santa; que vem reconduzir a essa Igreja os pagãos e os judeus; que vem destruir os ídolos de uns e a superstição de outros. A isso se opõem todos os homens, e não apenas pela oposição natural da concupiscência; mas, acima de todos, os reis da terra se unem para abolir essa religião nascente, como fora predito *(Prof.: Quare fremerunt gentes . . . reges terrae . . . adversus Christum)*[205].

Tudo o que há de grande sobre a terra se une, os eruditos, os sábios, os reis. Uns escrevem, outros condenam, outros matam. E, não obstante todas as oposições, essa gente simples e sem força resiste a todas as potências, submete mesmo esses reis eruditos e sábios e arranca a idolatria do mundo terrestre. E tudo isso se faz pela força que o predissera.

[205] *Salmo* 2, 1.2: Por isso as nações trem eram . . . os reis da terra . . . contra Cristo.

*784 — Jesus Cristo não quis o testemunho dos demônios, nem dos que não tinham vocação; mas de Deus e João Batista.

785 — Considero Jesus Cristo em todas as pessoas e em nós mesmos: Jesus como pai em seu Pai, Jesus como irmão em seus irmãos, Jesus como pobre nos pobres, Jesus como rico nos ricos, Jesus como doutor e sacerdote nos sacerdotes, Jesus como soberano nos príncipes, etc. Porque, pela sua glória, ele é tudo o que há de grande, sendo Deus, e pela sua vida mortal, tudo o que existe de frágil e miserável. Por isso assumiu essa infeliz condição, para poder estar em todas as pessoas, ser modelo de todas as condições.

*786 — Jesus Cristo em uma tal obscuridade (segundo o que o mundo chama obscuridade) que os historiadores, escrevendo sobre as coisas importantes do Estado, mal o perceberam.

787 — *De que nem Josefo, nem Tácito, nem os demais historiadores falaram de Jesus Cristo* — Não significa isso um argumento contra, e sim, ao contrário, a favor. Pois é certo que Jesus Cristo existiu e sua religião teve grande repercussão, e essa gente não o ignorava, e é visível que só calou intencionalmente; ou falou, e o que disse foi suprimido ou alterado.

788 — "Reservei-me sete

mil." Gosto dos adoradores desconhecidos do mundo e dos próprios profetas.

*789 — Assim como Jesus Cristo permaneceu ignorado entre os homens, sua verdade apresenta-se sem diferença exterior entre as opiniões comuns. Da mesma forma a Eucaristia entre o pão comum.

790 — Jesus Cristo não quis ser morto sem as formalidades da justiça, porque é mais ignominioso ser morto pela justiça do que por sedição injusta.

791 — A falsa justiça de Pilatos serve somente para fazer Jesus Cristo sofrer; ele o manda vergastar por sua falsa justiça e mata-o em seguida. Melhor fora tê-lo matado antes. Assim os falsos justos: praticam boas e más obras para agradar ao mundo e mostrar que não são completamente de Jesus, pois se envergonham disso. E, finalmente, nas grandes tentações e ocasiões, matam-no.

*792 — Que homem teve alguma vez maior brilho? O povo judeu inteiro o predisse antes de sua vinda. O povo gentio o adora depois de sua vinda. Os dois povos, gentio e judeu, o observam como seu centro. No entanto, que homem jamais gozou menos de todo esse brilho? De trinta e três anos, ele viveu trinta sem aparecer. Em três anos, passa por um impostor; os sacerdotes e os principais (de sua nação) o rejeitam; os seus amigos e os seus mais próximos desprezam-no. Enfim, morre, traído por um dos seus, renegado por outro e abandonado por todos. Que parte tem ele, pois, nesse esplendor? Nunca homem algum teve tanto esplendor; nunca homem algum teve tanta ignomínia. Todo esse esplendor só serviu para nós, para no-lo tornar reconhecível; e não houve nada para ele.

*793 — A distância infinita dos corpos aos espíritos figura a distância infinitamente mais infinita dos espíritos à caridade, pois ela é sobrenatural.

Todo o brilho das grandezas não tem lustro para as pessoas que se entregam às pesquisas do espírito. A grandeza das pessoas de espírito é invisível aos reis, aos ricos, aos capitães, a todos esses grandes da carne. A grandeza da sabedoria, que não existe em nenhuma parte a não ser em Deus, é invisível aos carnais e às pessoas de espírito. São três ordens diferentes em gêneros.

Os grandes gênios possuem o seu império, o seu brilho, a sua grandeza, a sua vitória e o seu lustro, e não precisam das grandezas carnais com as quais não têm relações. São vistos não pelos olhos, mas pelos espíritos; e é o bastante. Os santos possuem o seu império, o seu brilho,

as suas vitórias, o seu lustro, e não precisam das grandezas carnais ou espirituais com as quais não têm qualquer relação, pois não lhes acrescentam nem retiram nada. São vistos por Deus e pelos anjos, e não pelos corpos nem pelos espíritos curiosos: Deus lhes basta.

Arquimedes, sem brilho, teria a mesma veneração. Ele não deu batalhas para os olhos, mas forneceu a todos os espíritos as suas invenções. Oh! Como brilhou aos espíritos!

Jesus Cristo, sem bens e sem qualquer produção fora da ciência, está na sua ordem de santidade. Não fez invenção, não reinou; mas foi humilde, paciente, santo, santo em Deus, terrível para os demônios, sem nenhum pecado. Oh! Como chegou em grande pompa e numa prodigiosa magnificência aos olhos do coração, que vêem a sabedoria.

Teria sido inútil a Arquimedes apresentar-se como príncipe nos seus livros de geometria, embora o fosse.

Teria sido inútil a Nosso Senhor Jesus Cristo, para brilhar no seu reino de santidade, vir como rei: mas chegou realmente com o brilho de sua ordem!

É muito ridículo escandalizar-se da baixeza de Jesus Cristo, como se essa baixeza fosse da mesma ordem que a grandeza que ele vinha suscitar. Considere-se essa grandeza, em sua vida, em sua paixão, em sua obscuridade, em sua morte, na eleição dos seus, no abandono, em sua secreta ressurreição, e no resto; e vê-la-emos tão grandiosa que não haverá razão para nos escandalizarmos com uma baixeza que não existe.

Mas há os que só podem admirar as grandezas carnais, como se não existissem as espirituais; e outros que só admiram as espirituais como se não existissem infinitamente mais altas na sabedoria.

Todos os corpos, o firmamento, as estrelas, a terra e os seus reinos, não valem o menor dos espíritos; de fato, ele conhece tudo isso e a si; e os corpos, nada. Todos os corpos juntos, e todos os espíritos juntos, e todas as suas produções, não valem o menor movimento de caridade; de fato, ela é de uma ordem infinitamente mais elevada.

De todos os corpos juntos não poderíamos extrair um pequeno pensamento; isso é impossível, e de outra ordem. De todos os corpos e espíritos não poderíamos tirar um movimento de verdadeira caridade; isso é impossível, e de outra ordem, sobrenatural.

794 — Por que Jesus Cristo não veio de uma maneira visível, em lugar de tirar suas provas das profecias precedentes? Por que se fez predizer por figuras?

*795 — Se Jesus Cristo viesse apenas para santificar, toda a Escritura e todas as coisas a isso tenderiam, e seria muito fácil convencer os infiéis. Se Jesus Cristo viesse apenas para cegar, toda a sua conduta seria confusa, e não teríamos qualquer meio de convencer os infiéis. Mas como ele veio *in sanctificationem et in scandalum*, como diz Isaías, não podemos convencer os infiéis, e eles não podem convencer-nos; mas, por isso mesmo, convencemo-los, porque dizemos que não há convicção em toda a sua conduta, de parte a parte.

*796 — Jesus Cristo não disse que não é de Nazaré, para deixar os maus na cegueira, nem que não é filho de José.

*797 — *Provas de Jesus Cristo* — Jesus Cristo disse as coisas grandes tão simplesmente que parece que não as pensou; e, contudo, tão nitidamente, que se vê bem o que pensava delas. Essa claridade, junta a essa ingenuidade, é admirável.

*798 — O estilo do Evangelho é admirável de muitas maneiras e, entre outras, por nunca invectivar os carrascos e inimigos de Jesus Cristo. Com efeito, não há qualquer invectiva dos historiadores contra Judas, Pilatos, ou algum dos judeus.

Se essa modéstia dos historiadores evangélicos fosse afetada, assim como tantos outros traços de um tão belo caráter, e se afetassem apenas para fazê-la notar, se eles próprios não ousassem observá-la, não deixariam de angariar amigos que a teriam observado em seu proveito. Mas, como agiram dessa forma sem afetação, e por um movimento todo desinteressado, não o fizeram notar a ninguém; e creio que várias dessas coisas não foram notadas até aqui, e é o que testemunha a frieza com que a coisa tem sido feita.

799 — Um artesão fala de riquezas, um procurador fala de guerra, de realeza, etc.; mas o rico fala bem das riquezas, o rei fala friamente de um grande donativo que acaba de fazer, e Deus fala de Deus com conhecimento.

*800 — Quem ensinou aos evangelistas as qualidades de uma alma perfeitamente heróica, para pintá-la tão perfeitamente em Jesus Cristo? Por que o mostram fraco em sua agonia? Não sabem pintar uma morte corajosa[206]? Sim, pois o próprio São Lucas pinta a de Santo Estêvão mais forte do que a de Jesus Cristo. Mostram-no, pois, capaz de medo antes de chegar a necessidade de morrer, e em seguida tão forte. Mas, quando o mostram tão perturbado, é quando ele pró-

[206] No original: *constante*, no sentido arcaico de serenamente firme, forte, sem falha. (N. do T.)

prio se perturba; e, quando os homens o perturbam, ele se mostra bastante forte.

*801 — *Prova de Jesus Cristo* — A hipótese dos apóstolos impostores é assaz absurda. Sigam-na cuidadosamente; imaginem esses doze homens reunidos após a morte de Jesus Cristo, combinando dizer que ele ressuscitou. Atacam, assim, todas as potências. O coração do homem tende estranhamente para a leviandade, a mudança, as promessas, os bens. Por pouco que um deles se desmentisse ante tantas seduções e, demais, pela prisão, pelas torturas e pela morte, todos estariam perdidos. Examine-se isso de perto.

*802 — Os apóstolos foram enganados ou enganadores. É difícil admitir uma ou outra hipótese, pois não é possível pegar um homem para ser ressuscitado...

Enquanto Jesus Cristo estava com eles, podia apoiá-los; mas depois, se não apareceu diante deles, quem os fez agir?

Artigo XIII

Os milagres

*803 — *Começo* — Os milagres discernem a doutrina e a doutrina discerne os milagres.

Há os falsos e os verdadeiros. É preciso uma marca para conhecê-los; do contrário, seriam inúteis. Ora, não são inúteis, e são, ao contrário, fundamentos. É preciso que a regra, que nos é dada, seja tal que destrua a prova que os verdadeiros milagres dão da verdade, que é o fim principal dos milagres.

Moisés deu duas regras: que a predição não acontece, *Deuteronômio*, 18, e que não levam à idolatria, *Deuteronômio*, 13. E Jesus Cristo deu uma.

Se a doutrina regula os milagres, estes são inúteis à doutrina. Se os milagres regulam...

Objeção à regra — O discernimento dos tempos. Outra regra com Moisés, outra regra presentemente.

804 — *Milagre* — O milagre é um efeito que excede a força natural dos meios, que nele se emprega, e o não-milagre é um efeito que não excede a força natural dos meios, que nele se emprega. Assim, os que curam por invocação do diabo não fazem um milagre, pois isso não excede a força natural do diabo. Mas...

805 — Dois fundamentos, um interior, outro exterior: a graça, os milagres; ambos sobrenaturais.

806 — Os milagres e a verdade são necessários porque é preciso convencer o homem inteiro, corpo e alma.

807 — Ou os homens falaram do Deus verdadeiro ou o verdadeiro Deus falou aos homens.

*808 — Jesus Cristo verificou que era Messias, não por verificar sua doutrina pela Escritura e as profecias, mas sempre pelos seus milagres.

Prova que redime os pecados por um milagre.

Não vos regozijeis com vossos milagres, diz Jesus, mas com o fato de vossos nomes estarem escritos nos céus.

Se não acreditam em Moisés, não acreditarão num ressuscitado.

Nicodemo reconhece por seus milagres que sua doutrina é de Deus: *Scimus quia venisti a Deo*

magister; nemo enim potest haec signa facere quae tu facis nisi Deus fuerit cum eo[207]. Ele não julga os milagres pela doutrina, mas a doutrina pelos milagres.

Os judeus tinham uma doutrina de Deus, como nós temos uma de Jesus Cristo, confirmada por milagres e que proíbe que se creia em todo fazedor de milagres, assim como ordena que se recorra aos grandes sacerdotes e que se fique com eles. E, assim, todas as razões que temos para recusar crédito aos fazedores de milagres, eles as tinham em relação aos seus profetas.

No entanto, eles eram bem culpados quando recusavam os profetas, por causa dos seus milagres, e Jesus Cristo; e não teriam sido culpados se não tivessem visto os milagres: *Nisi fecissem... peccatum non haberent.* Logo, toda crença está nos milagres.

A profecia não é chamada milagre. São João fala do primeiro milagre em Caná, e depois do que Jesus Cristo disse à samaritana que descobre toda a sua vida ignorada, e em seguida cura o filho de um funcionário, e a isso São João chama "o segundo sinal".

809 — As combinações de milagres.

810 — O segundo milagre pode pressupor o primeiro; mas o primeiro não leva a supor o segundo.

811 — Sem os milagres não se poderia pecar por não crer em Jesus Cristo.

812 — Sem os milagres eu não seria cristão, diz Santo Agostinho.

813 — *Milagres* — Abomino os que dizem duvidar dos milagres! Montaigne se expressa a propósito com acerto, em dois trechos. Em um deles, vê-se como é prudente; no entanto crê, no outro, e zomba dos incrédulos.

Como quer que seja, a Igreja estaria sem provas, se eles tivessem razão.

814 — Montaigne contra os milagres.

Montaigne pelos milagrés.

815 — Não é possível ser razoavelmente contra os milagres.

816 — Incrédulos, os mais crédulos. Acreditam nos milagres de Vespasiano para não acreditar nos de Moisés.

*817 — Título: *De onde vem que acreditemos em tantos mentirosos que dizem ter visto milagres e não acreditemos em nenhum dos que dizem que possuem o segredo de tornar os homens imortais ou rejuvenescê-los.* — Tendo considerado que se dá tanta fé a tantos impostores que dizem que têm remédios, a ponto de muitas vezes pôr a vida entre suas mãos, pareceu-me que

[207] Sabemos que vieste de Deus, Mestre; pois ninguém pode fazer os milagres que fazes sem Deus a seu lado *(São João,* 3, 2).

a verdadeira causa é que os há verdadeiros; pois não seria possível que houvesse tantos falsos e que se lhes prestasse tanta fé, se não os houvesse verdadeiros. Se nunca houvesse remédio a nenhum mal, e se todos os males fossem incuráveis, seria impossível que os homens imaginassem que poderiam dar-lhes crédito; e ainda mais que tantos outros tivessem dado crédito aos que se gabavam de os ter feito; assim como, se um homem se gabasse de impedir a morte, ninguém acreditaria nele, porque não há nenhum exemplo disso. Mas, como há uma porção de remédios que se acharam verdadeiros pelo conhecimento mesmo dos maiores homens, a crença dos homens se dobrou com isso, e, sendo isso conhecido como possível, concluiu-se daí que o era. De fato, o povo raciocina ordinariamente assim: "Uma coisa é possível, logo existe"; como a coisa não pode ser negada em geral, por haver efeitos particulares que são verdadeiros, o povo, que não pode discernir quais, dentre esses efeitos particulares, são os verdadeiros, acredita em todos eles. Assim também, o que faz que se creia em tantos falsos efeitos da lua é que os há verdadeiros, como o fluxo do mar.

Assim ocorre com as profecias, os milagres, as adivinhações pelos sonhos, os sortilégios, etc. Pois se, nisso tudo, nada jamais tivesse havido de verdadeiro, jamais teríamos acreditado em nada. E assim, em lugar de concluir que não há verdadeiros milagres porque os há falsos, cumpre dizer, ao contrário, que há certamente verdadeiros milagres, porquanto os há falsos, e que só os há falsos porque os há verdadeiros. É preciso raciocinar de igual modo com a religião, pois não seria possível que os homens imaginassem tantas falsas religiões se não houvesse uma verdadeira. A objeção é que os selvagens têm uma religião, mas a isso se responde que dela[208] ouviram falar, como se deduz pelo dilúvio, a circuncisão, a cruz de Santo André, etc.

818 — Tendo considerado como se explica que haja tantos falsos milagres, falsas revelações, sortilégios, pareceu-me que a verdadeira causa é que há verdadeiros milagres; pois não seria possível que houvesse tantos falsos milagres se não os houvesse verdadeiros, nem tantas falsas religiões se não houvesse uma verdadeira. Pois, se nunca tivesse havido tudo isso, é quase impossível que os homens o tivessem imaginado, e ainda mais impossível que tantos outros lhe tivessem dado crédito. Mas como houve grandíssimas coisas verdadeiras, e que assim foram julga-

[208] Da verdadeira. (N. do T.)

das por grandes homens, essa impressão levou quase todos a tornarem-se capazes de crer também nas falsas. E assim, em lugar de concluir que não há verdadeiros milagres, uma vez que há tantos falsos, é preciso dizer, ao contrário, que há verdadeiros milagres, uma vez que há tantos falsos; e que os há falsos, por isso que os há verdadeiros; e que não há mesmo falsas religiões senão porque há uma verdadeira. Objeção a este fato: que os selvagens têm uma religião. Mas é que ouviram falar da verdadeira, como se vê pela cruz de Santo André, o dilúvio, a circuncisão, etc. Provém isso do fato de que o espírito do homem, achando-se dobrado desse lado pela verdade, se torna por isso suscetível a todas as falsidades desta...

819 — *Jeremias,* 23,32, os *milagres* dos falsos profetas. Em hebraico e em Vatable, há as *leviandades.*

Milagre nem sempre significa milagre. 1 *Reis,* 15[209], *milagre* significa *temor,* e é assim em hebraico. Do mesmo modo, em *Jó* manifestamente, 38, 7. E também *Isaías,* 21, 4; *Jeremias,* 44, 12. *Portentum* significa *simulacrum, Jeremias,* 50, 38; do mesmo modo em hebraico e em Vatable, *Isaías,* 8, 18: Jesus Cristo diz que ele e os seus serão *milagres.*

[209] Nas edições modernas, veja-se 1 *Samuel.* *(N. desta edição.)*

820 — Se o diabo favorecesse a doutrina que o destrói, seria dividido, como dizia Jesus Cristo. Se Deus favorecesse a doutrina que destrói a Igreja, seria dividido: *Omne regnum divisum.* Porque Jesus Cristo agia contra o diabo e destruía seu império sobre os corações, cujo exorcismo é a figuração, a fim de estabelecer o reino de Deus. E ele acrescenta: *In digito Dei... regnum Dei ad vos.*

*821 — Há muita diferença entre tentar e induzir em erro. Deus tenta, mas não induz em erro. Tentar é proporcionar as ocasiões que não impõem necessidade; se não se ama a Deus, far-se-á certa coisa. Induzir em erro é colocar o homem na necessidade de concluir e seguir uma falsidade.

822 — Abraão, Gedeão: *(sinais)* acima da revelação. Cegavam-se os judeus julgando os milagres pela Escritura. Deus nunca abandonou seus verdadeiros adoradores.

Prefiro seguir Jesus Cristo a seguir qualquer outro porque ele tem o milagre, as profecias, a doutrina, a perpetuidade, etc.

Donatistas: nada de milagre, que obriga a dizer que é o diabo.

Quanto mais se particulariza, Deus, Jesus Cristo, a Igreja...

*823 — Se não houvesse falsos milagres, haveria certeza. Se não houvesse regras para discerni-los, os milagres seriam inúteis, e não haveria razão para crer.

Ora, não há humanamente certeza humana, mas razão.

*824 — Ou Deus confundiu os falsos milagres, ou os predisse; de um modo ou de outro, ergueu-se acima do que é sobrenatural a nosso respeito e ergueu-nos com ele.

825 — Os milagres não servem para converter, mas para condenar (Q. 113, A. 10, Ad. 2).

826 — *Razões por que não se crê.*

João, 12, 37. *Cum autem tanta signa fecisset, non credebant in eum, ut sermo Isaiae impleretur. Excaecavit*, etc.

Haec dixit Isaias, quando vidit gloriam ejus et locutus est de eo.

"Judaei signa petunt et Graeci sapientiam quaerunt, nos autem Jesum crucifixum." Sed plenum signis, sed plenum sapientia; vos autem Christum non crucifixum et religionem sine miraculis et sine sapientia[210].

O que faz que não se creia nos verdadeiros milagres é a falta de caridade. João: *Sed vos non creditis, quia non estis ex ovibus*[211].

O que faz crer nos falsos é a falta de caridade. 1 *Tessalonicenses*, 2.

Fundamento da religião: os milagres. Por quê? Deus falará contra os milagres, contra os fundamentos da fé que temos nele?

Se há um Deus, era preciso que a fé em Deus existisse sobre a terra. Os milagres de Jesus Cristo não são preditos pelo Anticristo, mas os milagres do Anticristo são preditos por Jesus Cristo. E assim, se Jesus Cristo não fosse o Messias, teria induzido ao erro; mas o Anticristo não pode induzir ao erro.

Quando Jesus Cristo predisse os milagres do Anticristo, julgou destruir a fé nos seus próprios milagres?

Moisés predisse Jesus Cristo e ordenou que o seguissem; Jesus Cristo predisse o Anticristo e proibiu segui-lo.

Era impossível que, ao tempo de Moisés, as pessoas reservassem a crença ao Anticristo, que lhes era desconhecido; mas é bem fácil, no tempo do Anticristo, acreditar em Jesus Cristo já conhecido.

Não há razões para crer no Anticristo que não sejam para crer em Jesus Cristo, mas as há em Jesus Cristo que não existem no outro.

*827 — *Juízes*, 13, 23: "Se o Senhor houvesse querido nos fazer morrer, não nos teria mostrado todas essas coisas".

[210] Depois que fez todos esses milagres, eles não acreditaram nele, a fim de que se cumprisse a palavra de Isaías: (Deus) cegou *(São João* 12, 37). Dizendo essas coisas, Isaías viu sua glória e falou dele *(São João*, 12, 41). "Os judeus pedem sinais, e os gregos buscam a sabedoria, nós, Jesus crucificado." Mas cheio de sinais e de sabedoria; vós o que desejais é um Cristo não crucificado, uma religião sem milagres, sem sabedoria. A primeira parte desta última citação é de São Paulo (1 *Coríntios*, 1, 22); a segunda é do próprio Pascal e parece dirigida aos jesuítas.

[211] Mas vós não acreditais, porque não pertenceis ao rebanho.

Ezequias. Senaquerib.

Jeremias. Ananias, falso profeta, morre no sétimo mês.

2 *Macabeus,* 3: O templo prestes a ser pilhado, socorrido milagrosamente. 2 *Macabeus,* 15.

3 *Reis,* 17[212]: A viúva disse a Elias, que ressuscitara a criança: "Por isto vejo que tuas palavras são verdadeiras".

3 *Reis,* 18: Elias com os profetas de Baal.

Jamais, na contenção do verdadeiro Deus, da verdade da religião, aconteceu milagre do lado do erro e não da verdade.

*828 — *Contestação* — Abel, Caim; Moisés, mágicos; Elias, falsos profetas; Jeremias, Ananias, Miquéias, falsos profetas; Jesus Cristo, fariseus; São Paulo, Barjesu; apóstolos, exorcistas; os cristãos e os infiéis; os católicos e os heréticos; Elias, Enoc; Anticristo.

Sempre o verdadeiro prevalece nos milagres. As duas cruzes.

*829 — Jesus Cristo diz que as Escrituras são seus testemunhos, mas não diz em quê. As profecias não podiam provar Jesus Cristo durante sua vida, e assim não se teria tido culpa de não crer nele antes de sua morte, se os milagres não tivessem bastado sem a doutrina. Ora, os que não criam nele ainda vivo eram pecadores como ele próprio diz, e sem escusa. Portanto, era preciso que tivessem uma demonstração à qual resistissem. Ora, não tinham a nossa, mas só os milagres; portanto, bastam estes quando a doutrina cristã não é contrária, e se deve crer neles.

São João, 7, 40. *Contestação entre os judeus, como entre os cristãos de hoje.* Uns acreditavam em Jesus Cristo, outros não acreditavam, por causa das profecias que diziam que ele devia nascer em Belém. Deviam tomar mais cuidado para ver se não era ele; pois como os seus milagres eram convincentes, deviam certificar-se dessas pretensas contradições de sua doutrina com as Escrituras, e essa obscuridade não os escusava, mas os cegava. Assim, os que hoje recusam acreditar nos milagres, em virtude de uma pretensa contradição quimérica, não são desculpáveis.

O povo acreditava nele por causa dos milagres. Os fariseus diziam-lhe: "Este povo é maldito, não conhece a lei; mas haverá um príncipe ou um fariseu que tenha acreditado nele? Sabemos que nenhum profeta sai da Galiléia". Nicodemo respondeu: "Julga a nossa lei um homem antes de o ter ouvido [e em particular um homem que faz tais milagres]?"

830 — As profecias eram equívocas: não o são mais.

831 — As cinco proposições

[212] Veja-se 1 *Reis,* nas edições modernas da Bíblia. (N. desta edição.)

eram equívocas; não o são mais[213].

832 — Os milagres não são mais necessários, por isso que já os temos. Mas, quando já não escutamos a tradição, quando só propomos o Papa, quando o surpreendemos, e quando, tendo excluído a verdadeira fonte da verdade, que é a tradição, e tendo prevenido o Papa, que é o seu depositário, a verdade já não tem liberdade de aparecer, então, como os homens já não falam da verdade, é a própria verdade que deve falar aos homens. Foi o que aconteceu no tempo de Ario. (Milagres sob Diocleciano e Ario.)

*833 — *Milagre* — O povo tira sozinho essa conclusão; mas se for necessário dar-vos a razão...

É lamentável figurar na exceção à regra. É preciso mesmo ser severo e contrário à exceção. Entretanto, como é certo que há exceções à regra, cumpre julgá-las com severidade e justiça.

834 — *São João*, 6, 26: *Non quia vidistis signa, sed quia saturati estis*[214].

Os que seguem Jesus Cristo por causa dos seus milagres honram seu poder em todos os milagres que ele produz; mas, os que, fazendo profissão de o seguir por seus milagres, só o seguem efetivamente porque ele os consola e os sacia dos bens do mundo, desonram seus milagres quando são contrários às suas comodidades.

São João, 9, 16: *Non est hic homo a Deo, qui sabbatum non custodit. Alii: Quomodo potest homo peccator haec signa facere?*[215]

Qual o mais claro?

Esta casa não é de Deus; pois nela não crêem que as cinco proposições estejam em Jansênio. — Os outros: esta casa é de Deus, porque nela ele faz estranhos milagres.

Qual o mais claro?

Tu quid dicis? Dico quia propheta est. Nisi esset hic a Deo, non poterat facere quidquam[216].

*835 — No Velho Testamento, quando vos desviarem de Deus. No Novo, quando vos desviarem de Jesus Cristo. Eis, assinaladas, as oportunidades de exclusão da fé nos milagres. É preciso não oferecer outras exclusões.

Deduzir-se-á disto que eles teriam o direito de excluir todos os profetas que conheceram? Não. Teriam pecado não excluindo os

213 Trata-se das cinco proposições extraídas do *Augustinus* de Jansênio e condenadas pela Sorbonne. Toda esta parte de Pascal é mais polêmica do que apologética.

214 Não porque vistes milagres, mas porque estais fartos.

215 Este homem não é de Deus, pois não observa o sábado. Outros: como pode esse pecador fazer milagres?

216 Tu, que dizes? Digo que ele é profeta. Se não fosse de Deus, nada poderia fazer (*São João*, 9, 17, 33).

que negavam Deus e teriam pecado excluindo os que não negavam Deus.

Desde que se vê um milagre, é preciso, pois, ou submeter-se ou ter estranhos sinais do contrário. É preciso ver se negamos um Deus, Jesus Cristo ou a Igreja.

*836 — Há muita diferença entre não ser por Jesus Cristo e o dizer, ou não ser por Jesus Cristo e fingir que se é. Uns podem fazer milagres, não os outros; pois é claro que uns são contra a verdade, não os outros; e assim os milagres são mais claros.

837 — É tão visível que cumpre amar a um só Deus que não há necessidade de milagres para prová-lo.

*838 — Jesus Cristo fez milagres e os apóstolos em seguida, e os primeiros santos em grande número; porque, como as profecias não estavam ainda realizadas, realizando-se por eles, nada testemunhava senão milagres. Estava predito que o Messias converteria as nações. Como se teria realizado essa profecia sem a conversão das nações? E como as nações se teriam convertido ao Messias se não vissem este último efeito das profecias que o provam? Antes, pois, de ter sido morto, ressuscitado, e de ter convertido as nações, nem tudo estava realizado; e, assim, foram necessários milagres durante todo esse tempo. Agora já não são necessários contra os judeus; pois as profecias realizadas são um milagre subsistente.

839 — "Se não acreditais em mim, acreditai ao menos nos milagres *(São João,* 10, 38). Ele os manda ao mais forte.

Fora dito aos judeus, assim como aos cristãos, que nem sempre acreditassem nos profetas. No entanto, os fariseus e os escribas referem-se aos milagres de Jesus Cristo tentando mostrar que eles são falsos ou feitos pelo diabo: porque estariam necessariamente convencidos, se reconhecessem que são de Deus.

Não nos damos, hoje, ao trabalho de fazer esse discernimento; contudo, é bem fácil fazê-lo. Os que não negam Deus ou Jesus Cristo não fazem milagres que não sejam seguros. *Nemo facit virtutem in nomine meo, et cito possit de me male loqui*[217].

Mas nós não precisamos fazer esse discernimento. Eis uma relíquia sagrada. Eis um espinho da coroa do Salvador do mundo, sobre o qual o príncipe deste mundo não tem poder, que faz milagres pelo próprio poder desse sangue espalhado por nós. Deus escolheu, ele próprio, essa casa para nela fazer brilhar o seu poder.

Não são homens que fazem esses milagres, por uma virtude

[217] Ninguém poderia fazer milagres em meu nome e falar mal de mim *(São Marcos, 9, 38).*

desconhecida e duvidosa que nos obriga a um difícil discernimento. É o próprio Deus; é o instrumento da Paixão do seu Filho único que, estando em vários lugares, escolheu esse, e mandou vir os homens de todos os lados para nele receberem esses alívios milagrosos em seus langores.

840 — A Igreja tem três espécies de inimigos: os judeus, que nunca foram do seu corpo; os heréticos, que dele se retiraram; e os maus cristãos, que a dilaceram por dentro.

Essas três espécies de diferentes adversários a combatem, de ordinário, diversamente; mas aqui a combatem da mesma maneira. Como são todos sem milagres, e como a Igreja teve sempre milagres contra eles, tiveram todos o mesmo interesse em omiti-los e se serviram todos desta desculpa: que é preciso não julgar a doutrina pelos milagres, mas os milagres pela doutrina. Havia dois partidos entre os que escutavam Jesus Cristo: uns que seguiam sua doutrina por seus milagres; outros que diziam... Havia dois partidos ao tempo de Calvino... Há agora os jesuítas, etc.

*841 — Os milagres discernem nas coisas duvidosas: entre os povos judeu e pagão, judeu e cristão; católico e herético; caluniados e caluniadores; entre as duas cruzes.

Mas aos heréticos os milagres seriam inúteis, pois a Igreja, autorizada pelos milagres que já ocupavam a crença, nos diz que eles não têm a verdadeira fé. Não há dúvida de que eles não a têm, desde que os primeiros milagres da Igreja excluem a fé dos seus. Há, assim, milagres contra milagres, e primeiros e maiores do lado da Igreja.

Essas jovens[218] admiradas de que se diga que elas estão no caminho da perdição, de que os seus confessores as ponham em Genebra, de que eles lhes inspirem que Jesus Cristo não está na Eucaristia, nem à direita do Pai: sabem elas que tudo isso é falso; oferecem-se, pois, a Deus nesse estado: *Vide si via iniquitatis in me est.* Que acontece então? Esse lugar, que se diz ser o templo do diabo, Deus faz dele seu templo. Diz-se que é preciso tirar dele as crianças: Deus as cura nele. Diz-se que é o arsenal do inferno: Deus faz dele o santuário de suas graças. Enfim, ameaçam-nas de todos os furores e de todas as vinganças do céu, e Deus as cumula com seus favores. Seria preciso ter perdido o senso para concluir que elas se acham no caminho da perdição.

(Temos sem dúvida os mesmos sinais que Santo Atanásio.)

842 — *Si tu es Christus, dic nobis.*

218 As religiosas de Port-Royal, acusadas de calvinismo. (N. do E.)

Opera quae ego facio in nomine patris mei, haec testimonium perhibent de me. Sed vos non creditis quia non estis ex ovibus meis. Oves meae vocem meam audiunt.

São João, 6, 30: *Quod ergo tu facis signum ut videamus et credamus tibi? — Non dicunt: Quam doctrinam praedicas?*

Nemo potest facere signa quae tu facis nisi Deus fuerit cum eo. 2 Macabeus, 14, 15. *Deus qui signis evidentibus suam portionem protegit.*

Volumus signum videre de coelo, tentantes eum. São Lucas, 11, 16.

Generatio prava signum quaerit; et non dabitur.

Et ingemiscens ait: Quid generatio ista signum quaerit? (São Marcos, 8, 12.) Pedia sinal com má intenção.

Et non poterat facere. E, no entanto, promete-lhes o sinal de Jonas, de sua ressurreição, o grande e o incomparável.

Nisi videritis signa, non creditis. Não os censura por não acreditarem em milagres; mas sem que eles sejam eles próprios espectadores.

O Anticristo *in signis mendacibus*, diz São Paulo, 2 *Tessalonicenses*, 2.

Secundum operationem Satanae, in seductione iis qui pereunt eo quod charitatem veritatis non receperunt ut salvi fierent, ideo mittet illis Deus optationes erroris ut credant mendacio.

Como no trecho de Moisés: *tentat enim vos Deus, utrum diligatis eum.*

Ecce praedixi vobis: vos ergo videte[219].

*843 — Não é este o país da verdade: esta terra, desconhecida, entre os homens. Deus cobriu-a de um véu que a mantém desconhecida dos que não lhe ouvem a voz. O lugar fica aberto às blasfêmias, e mesmo a verdades ao menos bem aparentes. Se se publicam as verdades do Evangelho, publicam-se contrárias, e se obscurecem as questões, de forma que o povo não possa discernir. E pergunta-se:

[219] Diz-nos se és o Cristo *(São Lucas*, 22, 66); As obras que faço em nome do meu pai dão testemunho de mim *(São João*, 5, 36); Mas vós não acreditais, porque não pertenceis às minhas ovelhas. As minhas ovelhas ouvem a minha voz *(São João*, 10, 26, 27); Que milagres fazes, para que o vejamos e acreditemos em ti? Eles não dizem: que doutrina pregas? (comentário de Pascal); Ninguém pode fazer os milagres que fazes se Deus não estiver com ele *(São João*, 3, 2); Deus, que protege a parte que lhe é reservada por meio de milagres evidentes; Queremos um sinal do Céu (diziam eles) para o tentar; Esta geração má procura um milagre; e ele não será feito *(São Mateus*, 12, 39); E ele disse, gemendo: Por que razão esta geração pede um milagre? E ele não podia fazê-lo *(São Marcos*, 6, 3); Se não virdes milagres, não acreditais *(São João*, 4, 48); Segundo a operação de Satanás, para seduzir os que morrem, porque estes não receberam para a sua salvação o amor da caridade, Deus enviar-lhes-á as tentações do erro para que eles acreditem nas mentiras *(São Paulo, 2 Tessalomicenses*, 2, 29); Deus vos tenta para ver se o amais *(Penteromônio*, 13, 3); Eis o que eu predisse: vêde, pois, vós próprios *(São Mateus*, 24, 25-26).

"Que tendes para vos fazerdes crer mais do que os outros? Que prodígio fazeis? Tendes apenas palavras, e nós também. Se tivésseis milagres, bem". Da verdade de que a doutrina deve ser sustentada pelos milagres se abusa para blasfemar a doutrina. E, se os milagres ocorrem, diz-se que os milagres não bastam sem a doutrina, o que é outra verdade para blasfemar os milagres.

Jesus Cristo curou o cego de nascença e fez uma porção de milagres no dia do sabá, pelos quais cegava os fariseus. que diziam que era preciso julgar os milagres pela doutrina.

"Temos Moisés, mas não sabemos de onde é." É o que é admirável, que não saibas de onde é; entretanto, faz tais milagres.

Jesus Cristo não falava contra Deus nem contra Moisés. O Anticristo e os falsos profetas, preditos por um e outro Testamento, falarão abertamente contra Deus e contra Jesus Cristo. Que não está escondido... Quem fosse inimigo coberto, Deus não permitiria que fizesse milagres abertamente. Jamais em uma discussão pública, em que as duas partes se dizem de Deus, de Jesus Cristo, da Igreja, os milagres se encontram do lado dos falsos cristãos, sem milagres do outro lado.

"Há o diabo." *São João*, 10, 21. E os outros diziam: "Pode o diabo abrir os olhos dos cegos?"

As provas que Jesus Cristo e os apóstolos tiram das Escrituras não são demonstrativas: dizem somente que Moisés disse que um profeta viria, mas não provam desse modo que seja aquele, e toda a questão estava nisso. Esses trechos servem, pois, tão-somente para mostrar que não se é contrário às Escrituras, e que nestas não aparece algo que repugne; não mostram que existe acordo. Ora, isso basta, exclusão de repugnância, com milagres.

Há um dever recíproco entre Deus e os homens, para fazer e para dar. *Venite. Quid debui?*[220] "Acusai-me", diz Deus, em Isaías.

Deus deve cumprir suas promessas, etc.

Os homens devem receber de Deus a religião que ele lhes envia. Deus deve não induzir os homens ao erro. Ora, seriam induzidos ao erro se os fazedores de milagres anunciassem uma doutrina que não parecesse visivelmente falsa à luz do senso comum, e se um maior fazedor de milagres já não tivesse advertido que não acreditassem.

Assim, se houvesse divisão na Igreja e se os arianos, por exemplo, que se diziam baseados nas

[220] Citação completa: *Quid est quod debui ultra facere vinae meae et non feci ei?* O que devia ter feito à minha vinha que não fiz? *(Isaías*, 5, 4).

Escrituras como os católicos, tivessem feito milagres e não os católicos, seríamos induzidos ao erro. Pois, assim como um homem que nos anuncia os segredos de Deus não é digno de ser crido pela sua autoridade privada, e é por isso que os ímpios dele duvidam, um homem que, como sinal da comunicação que tem com Deus, ressuscita os mortos, prediz o futuro, transporta os mares e cura os enfermos, não há ímpio que não se lhe renda e a incredulidade do faraó e dos fariseus resulta de um endurecimento sobrenatural.

Quando vemos os milagres e a doutrina não suspeita reunidos de um mesmo lado, não há dificuldade. Mas, quando vemos os milagres e a doutrina [*suspeita*] do mesmo lado, então cumpre verificar o que é mais claro. Jesus Cristo era suspeito.

Barjesu cego. A força de Deus domina a de seus inimigos.

Os exorcistas judeus vencidos pelo diabo dizendo: "Conheço Jesus e Paulo, mas quem sois vós?"

Os milagres existem para a doutrina e não a doutrina para os milagres.

Se os milagres são verdadeiros, poder-se-á dar crédito a qualquer doutrina? Não, porque isso não acontecerá. *Si angelus* . . .[221]

[221] Se existir um anjo [que vos pregue outro Evangelho diferente do nosso, que seja anátema] (São Paulo, *Gálatas*, 1,8).

Regra: é preciso julgar a doutrina pelos milagres e julgar os milagres pela doutrina. Tudo isso é verdadeiro, não se contradiz, porque é preciso distinguir os tempos.

Como vos alegrais com saberdes as regras gerais pensando com isso perturbar e tudo tornar inútil! Não vo-lo permitirão, meu Pai: a verdade é uma e certa.

É impossível, pelo dever de Deus, que um homem, escondendo sua má doutrina, e só deixando aparecer uma boa, e dizendo-se obediente a Deus e à Igreja, faça milagres a fim de introduzir insensivelmente uma doutrina falsa e sutil. Isso não é possível.

E menos ainda que Deus, que conhece os corações, faça milagres em benefício de um indivíduo desses.

844 — As três marcas da religião: a perpetuidade, a vida edificante, os milagres. Eles destroem a perpetuidade, pela probabilidade; a vida edificante, pela sua moral; os milagres, destruindo sua verdade ou sua conseqüência.

Se neles acreditarmos, a Igreja não saberá que fazer da perpetuidade, da santidade, dos milagres. Os heréticos os negam, ou lhes negam as conseqüências; eles também. Mas fora preciso não ter sinceridade para negá-los, ou perder o senso para lhes negar a conseqüência.

Nunca ninguém se deixou

martirizar por milagres que dizem ter sido vistos, pois [*por*] aqueles em que os turcos acreditam por tradição, a loucura dos homens vai talvez até o martírio, mas não por aqueles que foram vistos.

845 — Os heréticos sempre combateram essas três marcas que eles não têm.

846 — *Primeira objeção:* "Anjo do céu. Não se deve julgar a verdade pelos milagres, mas os milagres pela verdade. Logo, os milagres são inúteis".

Ora, eles são úteis, e não se deve ir contra a verdade. O padre Lingendes disse que "Deus não permitirá que um milagre possa induzir em erro" . . .

Quando houver contestação na mesma Igreja, o milagre decidirá.

Segunda objeção: "Mas o Anticristo fará sinais".

Os mágicos do faraó não induziam em erro. Assim não se poderá dizer a Jesus Cristo, acerca do Anticristo: "Vós me induzistes em erro". Porque o Anticristo os fará contra Jesus e eles não podem induzir em erro. Ou Deus não permitirá falsos milagres ou fará outros maiores.

[Desde o princípio do mundo, Jesus Cristo subsiste: isso é mais importante do que todos os milagres do Anticristo.]

Se na mesma Igreja ocorresse um milagre do lado dos errados, seríamos induzidos em erro. O cisma é visível, o milagre é visível. Mas o cisma é mais marcado pelo erro que o milagre pela verdade: logo, o milagre não pode induzir a erro.

Mas, fora do cisma, o erro não é tão visível quanto o milagre; logo, o milagre induziria em erro.

Ubi est Deus tuus? Mostram-no os milagres e são um relâmpago.

847 — Uma das antífonas das vésperas de Natal: *Exortum est in tenebris lumen rectis corde*[222].

*848 — Se a misericórdia de Deus é tão grande que ele nos instrui salutarmente mesmo quando se esconde, que luz não poderemos esperar quando se descobre?

849 — *Est et non est* será aceito na fé assim como os milagres? E se é inseparável nos outros . . .

Quando São Xavier faz milagres. — [Santo Hilário — Miseráveis que nos forçais a falar dos milagres.]

Juízes injustos, não improviseis leis, julgai pelas que estão estabelecidas e por vós mesmos: *Vae qui conditis leges iniquas*[223].

Milagres contínuos, falsos.

A fim de enfraquecer vossos adversários, vós desarmais toda a Igreja.

[222] Uma luz surgiu nas trevas para os que têm puro o coração (*Salmo* 111, 4).

[223] Desgraçados sejais vós que criais leis injustas (Isaías, 10, 1).

Se dizem que nossa salvação depende de Deus, são "heréticos". Se dizem que se submetem ao Papa, são "hipócritas". Se estão resolvidos a assinar todas as constituições, isso não basta. Se dizem que não se deve matar por uma maçã, "combatem a moral católica". Se ocorrem milagres entre eles, não é sinal de santidade e sim de possível heresia.

Se a Igreja subsistiu, foi porque a verdade não se viu contestada, e, se o foi, houve o Papa, se não, a Igreja.

*850 — As cinco proposições condenadas. Nada de milagre, porque a verdade não era atacada. Mas a Sorbonne... mas a bula...

É impossível que os que amam a Deus de todo o coração desconheçam a Igreja, tão evidente é ela. — É impossível que os que não amam a Deus acreditem na Igreja.

Os milagres têm tal força que Deus precisou advertir que não pensassem neles contra ele, conquanto seja claro que há um Deus. Sem o que eles teriam sido capazes de exercer perturbações.

Assim esses trechos *(Deuteronômio,* 13) estão longe de ser contra a autoridade dos milagres; nada mostra melhor sua força. Da mesma forma quanto ao Anticristo: "Até a sedução dos eleitos, se possível".

851 — A história do cego de nascença. Que diz São Paulo? Relata as profecias de todas as horas? Não, mas seu milagre. Que diz Jesus Cristo? As profecias? Não: sua morte não as havia cumprido; mas ele diz: *si non fecissem.* Crede nas obras.

Dois fundamentos sobrenaturais da nossa religião toda sobrenatural: um visível, outro invisível. Milagres com a graça e milagres sem a graça.

A sinagoga, que foi tratada com amor como figura de Igreja, e com ódio, porque era apenas a figura, foi reerguida, estando no ponto de sucumbir quando estava bem com Deus e por isso era figura.

Os milagres provam o poder que Deus tem sobre os corações pelo que exerce sobre os corpos.

Nunca a Igreja aprovou um milagre entre os heréticos.

Milagres, apoio da religião: discerniam os judeus, discerniram os cristãos, os santos, os inocentes, os verdadeiros crentes.

Um milagre entre os cismáticos não é de temer tanto, porque o cisma, que é mais visível que o milagre, assinala visivelmente o erro. Mas, quando não há cisma e que o erro está em discussão, o milagre discerne.

Si non fecissem quae alius non fecit[224]. Esses infelizes que nos obrigaram a falar dos milagres.

[224] Se eu não tivesse feito o que outro não fez *(São João,* 15, 24).

Abraão, Gideão confirmam a fé pelos milagres.

Judite. Enfim, Deus fala nas últimas opressões.

Se a tibieza da caridade deixa a Igreja quase sem verdadeiros adoradores, os milagres os excitam. É um dos últimos efeitos da graça.

Se ocorresse um milagre com os jesuítas!

Quando o milagre desilude a expectativa daqueles em cuja presença acontece, e que há desproporção entre o estado de sua fé e o instrumento do milagre, ele deve induzi-los a mudar. Mas a vós, não. Teríamos idênticas razões para dizer que, se a Eucaristia ressuscitasse um morto, seria preferível tornar-se calvinista a permanecer católico. Mas quando satisfaz a espera, e que os que esperavam que Deus abençoaria os remédios se vêem curados sem remédios...

Ímpios — Nunca houve sinais do diabo sem um sinal mais forte de Deus, ou pelo menos sem que ele predissesse que isso aconteceria.

*852 — Injustos perseguidores dos que Deus protege visivelmente: se vos censuram vossos excessos, "falam como os heréticos"; se dizem que a graça de Jesus nos discerne, "são heréticos"; se há milagres, "trata-se da marca de sua heresia".

Está dito: "Crede na Igreja", mas não está dito: "Crede nos milagres", porque o último é natural e não o primeiro. Um precisa de preceito, o outro não.

Ezequiel — Diz-se: eis o povo de Deus que fala assim. — Ezequias.

A sinagoga não perecia porque era a figura [da Igreja]; mas, porque era apenas a figura, caiu na servidão. Era uma figura que continha a verdade e, assim, subsistiu até que não mais contivesse a verdade.

Meu Reverendo Pai, tudo isso acontecia em imagens. As outras religiões perecem: essa, não.

Os milagres são mais importantes do que julgais: serviram à fundação e servirão à continuação da Igreja até o Anticristo, até o fim.

As duas testemunhas.

No Antigo Testamento e no Novo, os milagres se fazem pela ligação das figuras. Salvação, ou coisa inútil, senão para mostrar que é preciso submeter-se às Escrituras[225]: figura dos sacramentos.

853 — [Cabe julgar com sobriedade as ordenações divinas, meu Pai. São Paulo na ilha de Malta.]

854 — A dureza dos jesuítas ultrapassa, pois, a dos judeus, uma vez que estes só recusavam crer em Jesus Cristo inocente porque duvidavam que os seus milagres eram de Deus. Ao passo

[225] A edição Jacques Chevalier prefere *criaturas*. (N. do E.)

que os jesuítas, não podendo duvidar que os milagres de Port-Royal sejam de Deus, não deixam de duvidar, ainda, da inocência desta casa.

855 — Suponho que se acredite em milagres. Corrompeis a religião a favor de vossos amigos ou contra vossos inimigos. Dela dispondes a vosso talante.

856 — *Sobre o milagre* — Assim como Deus não tornou nenhuma família mais feliz, faça que não se encontre outra mais reconhecida[226].

[226] Trata-se do milagre do Santo Espinho. A cura de Marguerite Périer no convento de Port-Royal de Paris é considerada por Pascal como um sinal de Deus em favor de sua família e da causa jansenista. Talvez até seja esse milagre que decidiu Pascal a empreender sua *Apologia*.

Artigo XIV

Fragmentos polêmicos[227]

857 — *Clareza, obscuridade* — Haveria obscuridade demais se a verdade não tivesse marcas visíveis. É admirável a de se ter conservado sempre numa Igreja e numa assembléia [de homens] visível. Haveria claridade demais se só houvesse um sentimento nessa Igreja; mas, para reconhecer o que é verdadeiro, basta ver o que sempre existiu: com efeito, é certo que o verdadeiro sempre existiu e que nenhuma falsidade existiu sempre.

*858 — A história da Igreja deve propriamente chamar-se a história da verdade.

*859 — Há prazer em estar num barco batido pela tempestade, quando estamos certos de que ele não perecerá. As perseguições à Igreja são dessa natureza.

860 — Depois de tantas marcas de devoção, eles têm ainda a perseguição, a melhor das marcas de devoção.

861 — Belo estado da Igreja, quando somente Deus a sustenta.

*862 — A Igreja sempre foi combatida por erros contrários, mas talvez nunca ao mesmo tempo, como hoje. E, se ela sofre mais por causa da multiplicidade dos erros, tem a vantagem de que tais erros se destroem mutuamente.

Ela se queixa dos dois, porém mais dos calvinistas, por causa do cisma.

É certo que muitos desses dois contrários estão enganados; é preciso esclarecê-los.

A fé abarca muitas verdades que parecem contradizer-se. *Tempo de rir, de chorar,* etc. *Responde. Ne respondeas,* etc.

A sua fonte é a união das duas naturezas em Jesus Cristo; e também os dois mundos (a criação de um novo céu e de uma nova terra; nova vida, nova morte; tudo coisas duplas, guardando os mesmos nomes); e finalmente os dois homens que estão nos justos (porque são os dois mundos e um membro e imagem de Jesus Cris-

227 Neste artigo, Brunschvicg reuniu os fragmentos que, segundo parece, foram escritos por Pascal no momento em que compunha *As Provinciais* e não se incluem na preparação da *Apologia*.

to). Assim todos os nomes lhes convêm: justos, pecadores; vivo, morto, morto-vivo; eleito, reprovado, etc.

Há um grande número de verdades, de fé como de moral, que parecem repugnantes e que subsistem todas numa ordem admirável. A fonte de todas as heresias é a exclusão de algumas dessas verdades; e a fonte de todas as objeções, que nos fazem os heréticos, é a ignorância de algumas de nossas verdades. E, normalmente, acontece que, não podendo conceber a relação de duas verdades opostas, e crendo que a confissão de uma resulta na exclusão da outra, eles se apegam a uma e excluem a outra, pensando que tomamos posição contrária. Ora, a exclusão é a causa da heresia deles; e a ignorância de que sustentamos a outra verdade causa suas objeções.

1.º exemplo: Jesus Cristo é Deus e homem. Os arianos, não podendo aliar essas coisas que crêem incompatíveis, dizem que ele é homem: nisso são católicos. Mas negam que seja Deus: nisso são heréticos. Pretendem que negamos sua humanidade: nisso são ignorantes.

2.º exemplo: A propósito do Santíssimo Sacramento. Cremos que, sendo a substância do pão transformada consubstancialmente na do corpo de Nosso Senhor, Jesus Cristo está realmente presente. Eis uma verdade. A outra é que esse Sacramento é também uma das figuras da cruz e da glória e uma comemoração de ambas.

Eis a fé católica, que compreende essas duas verdades que parecem opostas.

A heresia de hoje, não concebendo que esse Sacramento contenha ao mesmo tempo a presença de Jesus Cristo e a sua figura, que seja sacrifício e comemoração do sacrifício, acredita que não se pode admitir uma dessas verdades sem excluir a outra.

Apega-se, por isso, a um único ponto: de que esse Sacramento é figurado; e nisso não são heréticos. Pensam que excluímos essa verdade, e eis por que nos fazem tantas objeções sobre os textos dos padres que o dizem. Enfim, negam a presença; e nisso são heréticos.

3.º exemplo: As indulgências.

Eis por que o mais curto meio para impedir as heresias é instruir de todas as verdades, e o mais seguro meio de refutá-las é declará-las todas. Que dirão os heréticos?

Para saber se um sentimento é de um padre . . .[228]

*863 — Todos erram tanto mais perigosamente quanto cada qual busca uma verdade. Seu erro não consiste em seguir uma falsidade, mas em não seguir outra verdade.

[228] *. . . é preciso achar o sentido que concilia todas as passagens contrárias.*

864 — A verdade está tão obscurecida nesta época e a mentira tão assentada que, não amando a verdade, não se pode conhecê-la.

865 — Se há jamais um momento em que se deve fazer profissão dos dois contrários, é aquele em que se censura a omissão de um. Logo, os jesuítas e os jansenistas fazem mal em escondê-lo; os jansenistas mais, porém, porque os jesuítas fizeram melhor profissão dos dois.

866 — Duas espécies de gente igualam as coisas, como as festas aos dias de trabalho, os cristãos aos padres, todos os pecados entre si, etc. Daí concluírem uns que o que é nefasto aos padres é-o também aos cristãos; e outros, que o que não é proibido aos cristãos é permitido aos padres.

867 — Se a antiga Igreja laborava em erro, a Igreja caiu. Se ainda laborasse hoje, não seria a mesma coisa, pois recebe sempre a máxima superior da tradição, da mão da antiga Igreja; assim, essa submissão à antiga Igreja prevalece e tudo corrige. Mas a antiga Igreja não supunha a Igreja futura e não a encarava, como supomos e encaramos a antiga.

*868 — O que nos indispõe para comparar o que se passou outrora na Igreja com o que se vê agora é que, ordinariamente, se encara Santo Atanásio, Santa Teresa e outros como coroados de glória e julgados antes de nós como deuses[229]. No presente, agora que o tempo esclareceu as coisas, isso parece assim. Mas, ao tempo em que era perseguido, esse santo era um homem que se chamava Atanásio; e Santa Teresa era uma jovem. "Elias era um homem como nós, e sujeito às mesmas paixões que nós", diz o apóstolo Tiago[230] para desenganar os cristãos dessa falsa idéia que nos fez rejeitar o exemplo dos santos como desproporcionado ao nosso estado: "Eram santos", dizemos, "não como nós". Que se passava, pois? Santo Atanásio era um homem chamado Atanásio, acusado de muitos crimes, condenado em tal e tal concílio, por tais e tais crimes; todos os bispos consentiam e o Papa igualmente. Que se diz aos que resistem? Que perturbam a paz, que fazem cisma, etc.

Zelo, luz. Quatro espécies de pessoas: zelo sem ciência; ciência sem zelo; nem ciência nem zelo; zelo e ciência. As três primeiras o condenam, as últimas o absolvem, são excomungadas pela Igreja e, no entanto, salvam a Igreja.

869 — Se Santo Agostinho viesse hoje e tivesse tão pouca autoridade quanto seus defensores, nada faria. Deus conduz bem

[229] Noutras edições: *e agindo conosco como deuses.* (N. do E.)

[230] Pascal escrevera *São Pedro.* No manuscrito, porém, estas palavras estão riscadas. A passagem é de *São Tiago,* 5, 17. (N. do E.)

sua Igreja, tendo-o enviado à frente, com autoridade.

870 — Deus não quis absolver sem Igreja. Como ela participa da ofensa, ele quer que participe do perdão. Ele a associa a esse poder como fazem os reis com os parlamentos; mas, se ela absolve ou prende sem Deus, não é mais a Igreja: como no parlamento, pois, ainda que o rei conceda graça a um homem, deve a graça ser ratificada; mas, se o parlamento ratifica sem o rei ou se recusa à ratificação, apesar da ordem do rei, não se trata mais do parlamento do rei e sim de um corpo revoltado.

871 — *Igreja, Papa, Unidade, Multidão* — Considerando a Igreja como unidade, o Papa, quem quer que seja ele, é o chefe, é como tudo. Considerando-a como multidão, o Papa é apenas uma parte dela. Os padres consideram-na ora de um modo, ora de outro; falaram diversamente do Papa. (São Cipriano: *Sacerdos Dei.)* Mas, estabelecendo uma dessas duas verdades, não excluíram a outra. A multidão que não se reduz à unidade é confusa; a unidade que não depende da multidão é tirania. Só resta quase a França, onde seja permitido dizer que o concílio está acima do Papa.

872 — O Papa é o primeiro. Quem mais é conhecido por todos? Quem mais é reconhecido por todos como tendo poder de insinuar em todo o corpo, porque detém o ramo principal que se insinua por toda parte? Como fora fácil fazer degenerar isso em tirania! Eis por que Jesus Cristo lhes deu este preceito: *Vos autem non sic.*

873 — O Papa odeia e teme os sábios que a ele não estão submetidos pelo voto.

874 — É preciso não julgar o que é o Papa por algumas palavras dos padres, como diziam os gregos num concílio (regra importante), mas pelas ações da Igreja e dos padres, e pelos cânones.

Duo aut tres. In unum — A unidade e a multidão: é erro excluir uma das duas, como fazem os papistas que excluem a multidão, ou os huguenotes que excluem a unidade.

875 — Seria desonroso para o Papa receber de Deus e da tradição suas luzes? Não seria desonra para ele separá-lo dessa santa união?

876 — Deus não faz milagres na conduta ordinária da Igreja. Seria um milagre estranho se a infalibilidade estivesse em um; mas, estando na multidão, isso parece natural, pois a conduta de Deus se esconde na natureza, como em todas as suas obras.

877 — Os reis dispõem de seu império; mas os papas não podem dispor do seu.

878 — *Summum jus, summa injuria*[231].

A pluralidade é a melhor via, porque é visível e porque tem força para se fazer obedecer; no entanto, é a opinião dos menos hábeis.

Se fosse possível, ter-se-ia posto a força nas mãos da justiça: mas, como a força não se deixa manejar como se quer, porque é uma qualidade palpável, ao passo que a justiça é uma qualidade espiritual de que se dispõe como se quer, a justiça foi posta entre as mãos da força; e, assim, se chama justo ao que se é forçado a observar.

Vem daí o direito da espada, pois a espada dá um verdadeiro direito. De outro modo, ver-se-ia a violência de um lado e a justiça do outro. (Fim da décima segunda *Provincial.)* Vem daí a injustiça da Fronda, que eleva a sua pretensa justiça contra a força. Não acontece o mesmo na Igreja; pois há uma justiça verdadeira e nenhuma violência.

879 — *Injustiça* — A jurisdição não é dada ao administrador e sim ao administrado. É perigoso dizê-lo ao povo; mas o povo tem demasiada fé em vós; isso não o prejudicará e pode ser-vos útil. É preciso, pois, torná-lo público. *Pasce oves meas,* não *tuas.* Deveis-me alimento.

880 — Ama-se a segurança. Quer-se que o Papa seja infalível em matéria de fé e que os doutores graves o sejam em matéria de costumes, a fim de se ter segurança.

881 — A Igreja ensina e Deus inspira. Um e outro infalivelmente. A operação da Igreja serve apenas para preparar a graça ou a condenação. O que ela faz basta para condenar, não para inspirar.

882 — Todas as vezes que os jesuítas induzirem o Papa em erro, tornarão a cristandade perjura. O Papa é facilmente induzido em erro por causa de suas ocupações e da confiança que deposita nos jesuítas; e os jesuítas são muito capazes de induzir em erro por causa da calúnia.

883 — Os infelizes que me obrigaram a falar do fundo da religião.

884 — Pecadores purificados sem penitência, justos justificados sem caridade, todos os cristãos sem a graça de Jesus Cristo, Deus sem poder sobre a vontade dos homens, uma predestinação sem mistério, uma redenção sem certeza!

*885 — Faz-se padre quem quer, como sob Jeroboão. É horrível que nos apresentem a disciplina atual da Igreja como excelente e considerem um crime

[231] O direito extremo é a extrema injustiça (citado por Charron, que se refere a Terêncio, *Heautontimorumenos,* IV, e a Cícero, *De Officiis,* I, 10).

querer mudá-la. Outrora ela era boa infalivelmente, e verifica-se que puderam mudá-la sem pecado; e agora, tal qual é, não se pode desejá-la mudada! Foi permitido mudar o hábito de fazer padres com tamanha circunspecção que bem poucos eram dignos de sê-lo, e não será permitido queixar-se do costume, que faz tantos padres indignos!

*886 — *Heréticos* — Ezequiel. Todos os pagãos falavam mal de Israel, e o profeta também; nem por isso tinham os israelitas direito de dizer-lhe: "Falais como os pagãos", pois tirava sua maior força do fato de os pagãos falarem como ele.

887 — Os jansenistas assemelham-se aos heréticos pela reforma dos costumes; mas vós vos assemelhais a eles pelo mal.

888 — Ignorais as profecias, se não sabeis que tudo isso deve acontecer: príncipes, profetas, papas e mesmo os padres; e, no entanto, a Igreja deve subsistir. Graças a Deus, não chegamos a tanto. Desgraçados sejam esses padres!, mas esperamos que Deus nos concederá a misericórdia de não sermos desses.

São Pedro, cap. 2: falsos profetas do passado, imagem dos futuros.

889 — . . . De maneira que, se é verdade, por um lado, que alguns religiosos relaxados e alguns casuístas corrompidos, que não são membros da hierarquia, participaram dessas corrupções, é certo, por outro lado, que os verdadeiros pastores da Igreja, que são os verdadeiros depositários da palavra divina, conservaram-na imutavelmente contra os esforços dos que empreenderam arruiná-la.

Assim, não têm os fiéis nenhum pretexto para seguir esses relaxamentos, que só lhes são oferecidos pelas mãos estrangeiras desses casuístas, em lugar da sã doutrina, que lhes é apresentada pelas mãos paternais de seus próprios pastores. E os ímpios e os heréticos não têm nenhum pretexto para apresentar esses abusos como marcas da falta de providência de Deus em relação à sua Igreja, porque, como a Igreja está propriamente no corpo da hierarquia, decorre daí que não podemos concluir do estado presente das coisas que Deus a tenha abandonado à corrupção, mas que, nunca mais do que hoje, ele parece tê-la defendido visivelmente contra a corrupção.

Pois, se alguns desses homens que, por uma vocação extraordinária, fizeram voto de sair do mundo e envergar o hábito religioso para viver em um estado mais perfeito que o comum dos cristãos, caíram em relaxamentos que causam horror aos cristãos comuns e se tornaram entre nós o

que eram os falsos profetas entre os judeus, trata-se de uma desgraça pessoal e particular que se deve, em verdade, lamentar, mas da qual não há como tirar qualquer conclusão acerca do cuidado que Deus tem com sua Igreja. Tanto mais quanto todas essas coisas estão tão claramente preditas, e que foi anunciado de há muito que essas tentações se evidenciariam da parte dessa espécie de gente; e que, quando se está bem instruído, vê-se antes nisso as marcas da conduta de Deus do que seu esquecimento a nosso respeito.

890 — Tertuliano: *nunquam Ecclesia reformabitur*[232].

891 — É preciso mostrar aos heréticos, que se prevalecem da doutrina dos jesuítas, que não é a da Igreja... a doutrina da Igreja; e que nossas dissensões não nos afastam do altar.

892 — Se, divergindo, condenássemos, teríeis razão. A uniformidade sem diversidade é inútil aos outros, a diversidade sem uniformidade é ruinosa para nós. Uma nociva exteriormente, outra interiormente.

893 — Mostrando a verdade, faz-se que nela acreditem; mas, mostrando a injustiça dos ministros, não se faz que se corrija. Garante-se a consciência mostrando essa falsidade; não se garante a bolsa mostrando essa injustiça.

894 — Os que amam a Igreja queixam-se de ver corromperem-se os costumes; mas, ao menos, subsistem as leis. Os outros, porém, corrompem as leis: estragam o modelo.

*895 — Nunca se faz o mal tão plena e alegremente como quando se faz com consciência.

896 — Foi em vão que a Igreja adotou estes vocábulos: heresia, anátema, etc... Servem-se deles contra ela.

897 — O servo não sabe o que faz o senhor porque este lhe apresenta tão-somente a ação e não o objetivo; e é por isso que ele se submete tão servilmente e peca muitas vezes contra o objetivo. Mas Jesus disse-nos o fim. E vós destruís esse fim.

898 — Não podem ter a perpetuidade e buscam a universalidade; e por isso dizem que toda a Igreja está corrompida, a fim de que eles sejam sãos.

899 — *Contra aqueles que abusam dos trechos das Escrituras e se prevalecem do fato de encontrarem algum que parece favorecer seu erro.*

O capítulo das Vésperas, o domingo da Paixão, a oração pelo rei.

Explicação destas palavras: "Quem não é por mim é contra mim". E estas outras: "Quem não é contra vós, é por vós". —

232 A Igreja nunca será reformada.

Uma pessoa que diz: "Não sou nem a favor nem contra". Devemos responder-lhe...

900 — Quem quer dar o sentido das Escrituras e não o toma nas Escrituras é inimigo das Escrituras. (Agostinho, *d. d. c.*) [233].

901 — *"Humilibus dat gratiam"; an ideo non dedit humilitatem?* [234]

"Sui eum non receperunt; quotquot autem non receperunt" an non erant sui? [235]

902 — "É preciso", diz Feuillant, "que isso não seja certo, porque a contestação marca a incerteza" (Santo Atanásio, São Crisóstomo; a moral, os infiéis).

Os jesuítas não tornaram a verdade incerta, mas tornaram a impiedade certa.

A contradição sempre foi deixada para cegar os maus; pois tudo o que choca a verdade ou a caridade é ruim; eis o verdadeiro princípio.

*903 — Todas as religiões e todas as seitas do mundo têm tido a razão natural por guia. Só os cristãos têm sido obrigados a tomar suas regras fora de si mesmos e a se informarem das que Jesus Cristo deixou aos antigos para serem transmitidas aos fiéis.

[233] *De Doctrina Christiana.*

[234] "Aos humildes dá a graça": não lhes teria dado a humildade? *(São Tiago,* 4, 6).

[235] "Os seus não o receberam; todos os que não o receberam" não seriam dos seus? *(São João,* 1, 11-12).

Há pessoas que se aborrecem com esse constrangimento. Querem ter, como os outros povos, a liberdade de seguir as suas imaginações. É em vão que lhes gritamos, como os profetas faziam outrora aos judeus: "Ide à Igreja; informai-vos das leis que os antigos lhe deixaram e segui esses caminhos". Respondem como os judeus: "Não iremos; queremos seguir os pensamentos do nosso coração, e ser como os outros povos".

904 — Fazem da exceção a regra.

Os antigos deram a absolvição antes da penitência? Fazei-o com o espírito de exceção. Mas, da exceção, vós fazeis uma regra sem exceção, de maneira que não quereis sequer que a regra seja exceção.

905 — *Acerca das confissões e absolvições sem sinais de arrependimento.*

Deus só observa o interior: a Igreja só julga pelo exterior. Deus absolve logo que vê a penitência no coração; a Igreja, quando a vê nas obras. Deus fará uma Igreja pura por dentro, que confunda, por sua santidade interior e toda espiritual, a impiedade interior dos sábios soberbos e dos fariseus; e a Igreja fará uma assembléia de homens cujos costumes exteriores sejam tão puros que confundam os costumes dos pagãos. Se há hipócritas tão bem

disfarçados que ela não conhece o seu veneno, tolera-os; com efeito, ainda que não sejam recebidos por Deus, que não podem enganar, o são pelos homens, que enganam. Assim, ela não é desonrada por sua conduta, que parece santa.

Mas quereis que a Igreja não julgue nem o interior porque isso só compete a Deus, nem o exterior, porque Deus só se detém no interior, e assim, tirando-lhe toda a possibilidade de escolha dos homens, retendes na Igreja os mais depravados e os que a desonram tanto que as sinagogas dos judeus e as seitas dos filósofos os teriam exilado como indignos e os teriam abominado como ímpios.

*906 — As condições mais fáceis de viver segundo o mundo são as mais difíceis de viver segundo Deus; e, ao contrário, nada é tão difícil segundo o mundo do que a vida religiosa; nada é mais fácil do que viver sem Deus. Nada é mais fácil do que ter um grande cargo e grandes bens segundo o mundo; nada é mais difícil do que nele viver segundo Deus, e sem nele tomar parte e gosto.

907 — Os casuístas submetem a decisão à razão corrupta e a escolha das decisões à vontade corrupta, a fim de que tudo o que há de corrupto na natureza do homem participe da sua conduta.

*908 — Será *provável* que a *probabilidade* garanta? Diferença entre o repouso e a firmeza de consciência. Só a verdade dá segurança; só a busca sincera da verdade dá repouso.

909 — Toda a sociedade de seus casuístas não pode dar segurança à consciência no erro, eis por que é importante escolher bons guias.

Assim serão eles duplamente culpados: tanto por terem seguido caminhos que não deviam seguir como por terem ouvido doutores que não deviam ouvir.

910 — Talvez não seja a complacência do mundo que vos leve a achar as coisas prováveis. Buscareis fazer-nos crer que seja a verdade, e que, se não houvesse a moda do duelo, acharíeis provável que se possa duelar, encarando a coisa em si mesma?

911 — Dever-se-á matar para impedir que haja maus? Isso é fazer dois maus em lugar de um: *Vince in bono malum.*

912 — *Universal* — Moral e linguagem são ciências particulares, mas universais.

913 — *Probabilidade* — Todos podem pôr, ninguém pode tirar.

914 — Eles deixam agir a concupiscência e retêm o escrúpulo, quando se deveria fazer o contrário.

915 — *Montalte* — As opiniões relaxadas agradam tanto

aos homens que é estranho que as deles lhes desagradem. É que eles excederam todos os limites. E, além disso, há muita gente que vê a verdade e não pode atingi-la. Mas há pouca que não saiba que a pureza da religião é contrária às nossas corrupções. Ridículo é dizer que uma recompensa eterna é oferecida a costumes duvidosos.

916 — *Probabilidade* — Eles têm alguns princípios verdadeiros; mas abusam deles. Ora, o abuso das verdades deve ser punido da mesma maneira que a introdução à mentira.

Como se houvesse dois infernos, um para os pecados contra a caridade, outro para os pecados contra a justiça!

917 — *Probabilidade* — O ardor dos santos em procurar a verdade seria inútil se a probabilidade fosse certa. Medo dos santos que sempre tinham seguido o mais seguro (Santa Teresa tendo sempre seguido seu confessor).

918 — Tirai a *probabilidade,* não se pode mais agradar ao mundo: ponde a *probabilidade,* não se pode mais desagradar-lhe.

919 — São os efeitos dos pecados dos povos e dos jesuítas: os grandes aspiravam a ser adulados; os jesuítas desejaram ser amados pelos grandes. Todos foram dignos de ser abandonados ao espírito da mentira, uns, para enganar, ambiciosos, voluptuosos: *Coacervabunt sibi magistros.* Dignos discípulos de tais mestres, *digni sunt,* procuraram aduladores e os encontraram.

920 — Se renunciarem à probabilidade, suas boas máximas serão tão pouco santas quanto as más, porque assentam na autoridade humana; assim, se forem mais justas, serão mais razoáveis, porém não mais santas. Eles se prendem ao tronco selvagem em que se enxertam.

Se o que digo não serve para vos esclarecer, servirá ao povo.

Se aqueles se calarem, falarão as pedras.

O silêncio é a maior perseguição. Nunca os santos se calaram. É verdade que é preciso vocação, mas não são as sentenças do Conselho que é preciso conhecer quando se é chamado; e sim a necessidade de falar. Ora, depois que Roma falou e que se pensa que esse Conselho condenou a verdade e que eles o escreveram, e que os livros que disseram o contrário foram censurados, cabe gritar tanto mais alto quanto mais injustamente somos censurados e tentam abafar-nos a palavra mais violentamente, até que surja um Papa que ouça ambas as partes e consulte a antiguidade para render justiça. Por isso, os bons papas ainda encontrarão a Igreja cheia de clamores.

A Inquisição e a Sociedade, dois flagelos da verdade.

Por que não os acusais de arianismo? Pois disseram que Jesus

Cristo era Deus. Talvez eles o entendam, não pela sua natureza, mas como está dito, *Dii estis*.

Se minhas cartas forem condenadas em Roma, o que nelas eu condeno está condenado no céu: *Ad tuum, Domine Jesu, tribunal appello*.

Vós mesmos sois corruptíveis.

Receio que tenha escrito mal, vendo-me condenado; mas o exemplo de escritos tão piedosos me faz acreditar no contrário. Não é mais permitido escrever bem, de tal maneira a Inquisição é corrompida e ignorante!

"É melhor obedecer a Deus do que aos homens." Nada receio; nada espero; os bispos não são assim. O Port-Royal receia, e é má política separá-los; pois não recearão mais e se farão recear mais. Não temo sequer vossas censuras particulares, se não se baseiam na tradição. Censurais tudo? Mesmo o meu respeito? Não. Dizei, portanto, o que, ou não fareis nada, se não apontardes o mal e por que é o mal. E é o que terão dificuldade em fazer.

Probabilidade — De bom grado explicaram a segurança; pois, após terem estabelecido que todos os seus caminhos são seguros, não mais se referiram ao que leva ao céu, sem perigo de lá não chegar, e sim ao que leva ao céu, sem perigo de sair desse caminho.

Que ganhastes, acusando-me de zombar das coisas santas? Não ganhareis mais acusando-me de impostura.

Não disse tudo, vós o vereis...

921 — ...Os santos sutilizam para se achar criminosos e acusam suas melhores ações. E esses sutilizam para desculpar as piores.

Um edifício igualmente belo por fora, mas sobre maus alicerces. Os pagãos avisados construíam-no. E o diabo engana os homens por essa semelhança aparente, assentada no fundamento mais diferente.

Jamais alguém teve causa tão boa como eu. E nunca ninguém foi tão bom alvo como vós.

Quanto mais marcam com fraqueza a minha pessoa, mais autoridade dão à minha causa.

Dizeis que sou herético. É isso permitido?

E, se não temeis que os homens façam justiça, não temeis que Deus a faça?

Sentireis a força da verdade e cedereis...

Há algo sobrenatural em tamanha cegueira. *Digna necessitas*.

Falsa devoção, duplo pecado.

Estou só contra trinta mil? Ficai com a corte, com a impostura; eu, com a verdade, é toda a minha força; se a perco, estou perdido. Não me faltarão acusações e perseguições. Mas tenho a verdade, e veremos quem ganhará.

Não sou digno de defender a religião, mas vós não mereceis defender o erro e a injustiça. Que Deus, em sua misericórdia, não atentando para o mal que está em mim e atentando para o bem que está em vós, nos conceda a todos a graça de a verdade não sucumbir em minhas mãos, e a mentira...

922 — *Provável* — Que se verifique se procuramos sinceramente Deus pela comparação das coisas que amamos; é *provável* que essa carne não me envenene; é *provável* que não perca meu processo não solicitando...

923 — Não é somente a absolvição que redime os pecados pelo sacramento da penitência, mas a contrição, a qual não é verdadeira se não busca o sacramento.

924 — Gente sem palavra, sem fé, sem honra, sem verdade, dúbia de coração e de língua, e semelhante, como vos foi outrora censurado, a esse animal anfíbio da fábula, que se mantém em um estado ambíguo, entre o peixe e o pássaro...

Importa aos reis, aos príncipes, serem estimados pela devoção: e, para tanto, é preciso que se confessem a vós.

ÍNDICE

PASCAL — Vida e obra V
Cronologia XXI
Bibliografia XXII

INTRODUÇÃO 3
A VIDA DE PASCAL, escrita por Mme Périer, sua irmã 9

PENSAMENTOS

ART. I — Pensamentos sobre o espírito e sobre o estilo 37
ART. II — Miséria do homem sem Deus 49
ART. III — Da necessidade da aposta 83
ART. IV — Dos meios de crer 101
ART. V — A justiça e a razão dos efeitos 111
ART. VI — Os filósofos 123
ART. VII — A moral e a doutrina 137
ART. VIII — Os fundamentos da religião cristã 173
ART. IX — A perpetuidade 183
ART. X — Os figurativos 199
ART. XI — As profecias 213
ART. XII — As provas de Jesus Cristo 235
ART. XIII — Os milagres 249
ART. XIV — Fragmentos polêmicos 265

Composto na Divisão Gráfica da Editora Abril S/A.
Impresso e acabado na Editora Parma Ltda.
São Paulo — Guarulhos

FAZEM PARTE
DESTA SÉRIE:

VOLTAIRE
MARX
ARISTÓTELES
SARTRE
ROUSSEAU
NIETZSCHE
KEYNES
ADORNO
SAUSSURE
PRÉ-SOCRÁTICOS
GALILEU
PIAGET
KANT
BACHELARD
DURKHEIM
LOCKE
PLATÃO
DESCARTES
MERLEAU-PONTY
WITTGENSTEIN
HEIDEGGER
BERGSON
STO TOMÁS DE AQUINO
HOBBES
ESPINOSA
ADAM SMITH
SCHOPENHAUER
VICO
KIERKEGAARD
PASCAL
MAQUIAVEL
HEGEL

E OUTROS

Neste volume

PENSAMENTOS (1670)
Editados depois da morte de Pascal, os *Pensamentos* revelam as idéias da fase final do filósofo. Trata-se de um Pascal que, após a condenação do jansenismo pelo papa Alexandre VI, troca a militância religiosa e a apologética pelo recolhimento. Um Pascal marcado pela consciência trágica da vida e da condição humana, apavorada diante "dos silêncios eternos dos espaços infinitos" Um Pascal que medita sobre a miséria e a grandeza do homem — "um caniço, mas um caniço pensante" — e que vê na fé, entendida embora como aposta e risco, uma conquista salvadora do coração, não da razão. Um Pascal que encontra em toda parte a sombra do paradoxo, a tensão entre o tudo e o nada.

Introdução e notas: *Ch.-M. des Granges*
Tradução: *Sérgio Milliet*
Consultor da Introdução Geral: *Marilena de Souza Chauí*